

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

CAIO HENRIQUE ARALHE COVO

Os protestos anti-Guerra do Vietnã nas páginas do jornal *Berkeley Barb* (1965-1969)

São Paulo
2020

CAIO HENRIQUE ARALHE COVO

Os protestos anti-Guerra do Vietnã nas páginas do jornal *Berkeley Barb* (1965-1969)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Robert Sean Purdy

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

C873p Covo, Caio Henrique Aralhe
Os protestos anti-Guerra do Vietnã nas páginas do
jornal Berkeley Barb (1965-1969) / Caio Henrique
Aralhe Covo ; orientador Robert Sean Purdy. - São
Paulo, 2020.
177 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de História. Área de concentração:
História Social.

1. História dos Estados Unidos. 2. História da
Imprensa. 3. Berkeley Barb. 4. Década de 1960. 5.
Guerra do Vietnã. I. Purdy, Robert Sean, orient. II.
Título.

COVO, Caio Henrique Aralhe. **Os protestos anti-Guerra do Vietnã nas páginas do jornal *Berkeley Barb* (1965-1969)**. Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em História.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

AGRADECIMENTOS

À minha família e aos meus amigos, por todo apoio, carinho, ajuda e paciência durante o tempo em que me dediquei à pesquisa e à escrita dessa dissertação.

Ao professor Robert Sean Purdy pela inestimável e precisa orientação, sendo ela essencial para que eu pudesse concretizar o desejo de pesquisar o jornal *Berkeley Barb*.

Aos professores do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, pelo exemplo de dedicação e obstinação no fazer historiográfico, mesmo em tempos difíceis.

E especialmente ao meu avô, José Roberto Aralhe (*in memoriam*), por ter me mostrado o quanto a História poderia ser fascinante e instigante.

RESUMO

COVO, Caio Henrique Aralhe. **Os protestos anti-Guerra do Vietnã nas páginas do jornal *Berkeley Barb* (1965-1969)**. 2020. 177 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Essa pesquisa tem como objetivo analisar a cobertura dos protestos anti-Guerra do Vietnã realizada pelo jornal *underground Berkeley Barb*, durante a segunda metade da década de 1960. O jornal *Berkeley Barb* fez parte da primeira geração de jornais *underground* surgida da década de 1960 dos Estados Unidos, em um momento em que crescia um pensamento dissidente dentro daquele país, principalmente entre jovens. Esses jovens passaram a contestar o *establishment* estadunidense, propondo mudanças sociais, políticas, econômicas, além de questionar diversas práticas que estavam arraigadas dentro da cultura da nação. É nesse momento que Max Scherr, antigo ativista e defensor de pautas progressistas, resolveu criar um jornal visando à veiculação de notícias ligadas aos grupos e às mobilizações que ocorriam dentro desse contexto. Ao mesmo tempo, os estadunidenses testemunhavam um escalonamento de seu envolvimento militar no Vietnã. A Guerra do Vietnã e seus desdobramentos, compunham um dos assuntos mais relevantes dentro desse pensamento dissidente. A confluência de opositores ao conflito militar no Sudeste asiático junto ao movimento antiguerra pacifista que já existia anteriormente no país, acabou criando um movimento específico anti-Guerra do Vietnã.

A partir de uma caracterização da imprensa *underground* dos anos 1960 nos Estados Unidos e de uma análise das edições do jornal *Berkeley Barb*, dentro do período em que circunscrevemos a nossa pesquisa, iremos examinar a forma como o jornal cobriu especificamente os protestos desse movimento anti-Guerra do Vietnã, analisando o *Berkeley Barb* como um participante dos acontecimentos, através da divulgação e da veiculação das notícias relacionadas aos protestos, sendo um agente ativo que buscava colaborar com as mudanças que eram propostas para aquela realidade social.

Palavras-chave: Estados Unidos, *Berkeley Barb*, Guerra do Vietnã, imprensa alternativa, contracultura.

ABSTRACT

COVO, Caio Henrique Aralhe. **Anti-Vietnam war protests on the pages of the Berkeley Barb newspaper (1965-1969)**. 2020. 177 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

This research aims to analyze the coverage of the anti-Vietnam War protests by the underground newspaper *Berkeley Barb*, during the second half of the 1960s. The *Berkeley Barb* newspaper was part of the first generation of underground newspapers that emerged in the 1960s in the United States, at a time when dissident thought was growing within that country, especially among young people. These young people began to challenge the American establishment, proposing social, political and economic changes, in addition to questioning various practices that were ingrained within the culture of the nation. It was at this moment that Max Scherr, a former activist and defender of progressive agendas, decided to create a newspaper aimed at the dissemination of news related to the groups and the mobilizations that occurred within this context. At the same time, Americans were witnessing a staggering military involvement in Vietnam. The Vietnam War and its aftermath made up one of the most relevant issues within this dissident thinking. The confluence of opponents of the military conflict in Southeast Asia together with the anti-war movement that previously existed in the country, ended up creating a specific anti-Vietnam War movement.

Based on a characterization of the 1960s underground press in the United States and an analysis of the *Berkeley Barb* editions, within the period in which I circumscribed our research, I will examine how the newspaper specifically covered the protests of this anti-Vietnam War movement, analyzing *Berkeley Barb* as a participant in the events, through the dissemination and transmission of news related to the protests, being an active agent that sought to collaborate with the changes that were proposed for that social reality.

Keywords: United States, *Berkeley Barb*, Vietnam War, underground press, contracultura.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 – A IMPRENSA <i>UNDERGROUND</i> DOS ESTADOS UNIDOS NOS ANOS 1960 E O SURGIMENTO DO <i>BERKELEY BARB</i>	17
1.1 – Antecedentes	18
1.2 – O advento da imprensa <i>underground</i> dos anos 1960	21
1.2.1 – <i>O surgimento da primeira geração de jornais underground dos anos 1960.</i>	22
1.2.1.1 – Los Angeles Free Press	24
1.2.1.2 – East Village Other	26
1.2.1.3 – San Francisco Oracle	27
1.3 – O caráter político, cultural e a oposição à guerra do Vietnã nos jornais <i>underground</i>	28
1.4 – <i>Berkeley Barb</i>	29
1.4.1 – <i>O ativismo em Berkeley</i>	29
1.4.2 – <i>Origens do Berkeley Barb</i>	34
1.4.2.1 – <i>A criação do Berkeley Barb</i>	38
1.4.2.2 – <i>Características e conteúdo</i>	40
1.5 – A criação do <i>Underground Press Syndicate</i> e do <i>Liberation News Service</i>	43
2 – AS EDIÇÕES DO <i>BERKELEY BARB</i> DE 1965 À 1969	48
2.1 – 1965 – Os primeiros meses do Barb	48
2.2 – 1966 – Crescimento e consolidação do Berkeley Barb na região da Baía de São Francisco	50
2.3 – 1967 – O radicalismo cultural sob os holofotes	57
2.4 – 1968 – O radicalismo político toma a dianteira	65
2.5 – 1969 – O ocaso da utopia dos anos 1960.	71
2.5.1 – <i>A greve e a venda do Barb</i>	77
2.6 – Um breve balanço	89
3 – OS PROTESTOS ANTI-GUERRA DO VIETNÃ: A COBERTURA DO <i>BERKELEY BARB</i> NA FRENTE DOMÉSTICA DA GUERRA	91
3.1 – As origens do movimento pacifista e antiguerra nos Estados Unidos	91
3.2 – O envolvimento dos Estados Unidos no Vietnã	97
3.3 – A formação do movimento anti-Guerra do Vietnã	99

3.4 – A cobertura do movimento anti-Guerra do Vietnã realizada pelo <i>Berkeley Barb</i>	107
3.4.1 – <i>1965 e 1966: Berkeley Barb e o Vietnam Day Committee</i>	112
3.4.2 – <i>1967 – A articulação dos grandes protestos nacionais, as campanhas anti- recrutamento e o crescimento contracultural</i>	129
3.4.3 – <i>Dos protestos de Chicago ao Vietnam Moratorium Committee: a persistência da Guerra do Vietnã e a transformação do movimento antiguerra</i>	146
CONSIDERAÇÕES FINAIS	163
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	170

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar e compreender o papel que o jornal *underground* estadunidense *Berkeley Barb* desempenhou nas manifestações políticas e culturais dos anos 1960 nos Estados Unidos, tendo como principal foco as coberturas dos protestos anti-Guerra do Vietnã realizadas entre agosto de 1965 e dezembro de 1969. Em nossa análise, partiremos da contextualização e caracterização dos jornais *underground* dos Estados Unidos na década de 1960 e a inserção do *Berkeley Barb* no conjunto de jornais assim designados, destacando a importância da cidade de Berkeley, Califórnia e da região da Baía de São Francisco¹ no movimento anti-Guerra do Vietnã, bem como as ligações entre o contexto sócio-político efervescente na cidade e a emergência de Max Scherr em criar o jornal em 1965. O *Berkeley Barb* teve sua primeira edição publicada no dia 13 de agosto de 1965 e a última publicada no dia 3 de julho de 1980.

Em relação a delimitação temporal, escolhemos o período iniciado a partir da primeira edição do *Berkeley Barb*, publicada no dia 13 de agosto de 1965, pois, a partir dela e dos antecedentes de sua publicação, poderíamos entrar em contato com as questões relacionadas ao contexto histórico da criação do jornal, estendendo essa compreensão também à gênese dos outros jornais *underground* desse período, que também foram publicados pela primeira vez em meados da década de 1960.

A escolha do *Berkeley Barb* como fonte e objeto para essa pesquisa está intimamente relacionada ao jornal ser constantemente mencionado na literatura que versa sobre os movimentos políticos e contraculturais da época. Esse fato ocorria, muitas vezes, graças a ele ter sido um meio de difusão dos acontecimentos relacionados ao Movimento² a partir de uma

¹ A região da Baía de São Francisco a que nos referimos em diversos momentos de nossa dissertação, corresponde à cidade de São Francisco e aos nove condados ao redor dela. De maneira geral, ao citarmos a expressão, consideraremos o eixo principal compreendido por São Francisco, Oakland e Berkeley.

² Usamos o nome “Movimento” (*Movement*) para referir-nos ao conjunto formado pelos grupos organizados, ativistas independentes e simpatizantes das pautas progressistas em geral que, de alguma forma, se sentiam representados pelas novas formas de pensar e organizar o mundo que surgiam naquele período. Conforme citada por Terry Anderson, Sara Evans, uma ativista da época, definiu:

“Acima de tudo, o termo ‘movimento’ era auto descritivo. Não havia como se juntar a ele; você simplesmente declarava ou se sentia parte do movimento - geralmente através de algum ato, como se juntar a uma marcha de protesto. Quase um termo místico ‘o movimento’ implicava uma experiência, um senso de comunidade e um objetivo comum.” ANDERSON, Terry H. **The Movement and the Sixties: Protest in America from Greensboro to Wounded Knee**. New York: Oxford University Press, 1995, pp. XVII-XVIII. Ressaltamos que o termo Movimento é uma abstração, usada para facilitar o entendimento a partir da generalização daquilo que esses grupos e organizações tinham em comum. Usamos esse termo prevenidos dos perigos que as generalizações trazem consigo, conscientes da multiplicidade de facetas distintas, e muitas vezes não alinhadas, que são colocadas agrupadas, sob esse mesmo termo. A definição abstrata citada por Terry Anderson mostra um certo sentido de unicidade aos que pertenceriam ao movimento, ao mesmo tempo que não define exatamente quem eram essas

abordagem distinta daquela que ocorria por parte da grande imprensa e dos veículos de comunicação tradicionais. Assim sendo, o *Berkeley Barb* foi usado como fonte de consulta para diversas obras que, de alguma maneira, tratavam de questões concernentes à década de 1960 nos Estados Unidos e ao Movimento em específico. Dentre os jornais *underground*, ele se situava numa posição privilegiada, pois não só surgiu em uma cidade considerada como um dos principais epicentros do Movimento, como também se encontrava incluído no que se considera a primeira geração desses jornais – além de ter sido o mais longo –, o que nos auxilia, também, na tarefa de traçarmos a trajetória de surgimento e declínio desses periódicos *underground*. Outro aspecto de destaque do *Berkeley Barb*, corresponde ao trânsito que ele tinha tanto pelo meio político quanto pelo ambiente cultural, bem como também mantinha, desde o seu início, uma íntima ligação com grupos dedicados especificamente ao ativismo anti-Guerra do Vietnã que, como apontamos, é o principal foco da análise aqui proposta.

Assim sendo, conseguimos, a partir das definições metodológicas a respeito do uso de publicações periódicas como fonte e objeto de pesquisas historiográficas, construir uma análise de alguns aspectos socioculturais da sociedade estadunidense da época e a participação do *Berkeley Barb* dentro do cenário de transformações propostas pelo Movimento naquele período. Buscamos identificar o *Berkeley Barb* como um documento que se constitui em um suporte de prática social e que se expressa a partir de um lugar social e de um determinado tempo, “sendo articulado pela/na intencionalidade histórica que o constituiu”³.

Contextualização da época

A década de 1960 nos Estados Unidos foi marcada por um conjunto de manifestações político-culturais, nas quais os costumes, as crenças e os dogmas sociais – que até então pareciam estar muito bem consolidados naquela sociedade – passaram a ser questionados e subvertidos por uma parte da população composta em sua grande maioria por jovens, que haviam vivenciado, até aquele momento, um período de relativa estabilidade econômica advinda dos anos pós-Segunda Guerra Mundial. Esses jovens atuaram como propagadores de novas ideias sócio-políticas, econômicas e culturais, em que se pautava a contestação do

pessoas e o que defendiam, o que nos fornece uma generalização adequada para os fins que buscamos nessa dissertação.

³ CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na Oficina Do Historiador: Conversas Sobre História e Imprensa. **Projeto História**, São Paulo, nº 35, dez. 2007, p. 258.

“tradicional” e dos padrões antes estabelecidos, que tiveram os espaços universitários estadunidenses como principais locais de construção e desenvolvimento.

Essas novas e diversas dimensões e formas de compreensão da sociedade, bem como os novos projetos que eram propostos a partir das ideias que surgiam, tinham como característica comum o vigoroso rompimento com boa parte dos valores, princípios e padrões tradicionais, trazidos pelas gerações anteriores, o que acabou tendo como consequência a criação de um enorme abismo geracional desses jovens em relação a de seus ascendentes mais próximos. Assim sendo, grande parte das relações familiares consideradas “tradicionais” – aí inclusa a estrutura que mantinha imobilizados os papéis sociais atribuídos aos gêneros masculino e feminino – passaram a ser relativizadas e desvalorizadas por essa geração que despontava.

Os novos pensamentos estavam contidos nas obras de artistas, de escritores e de intelectuais de diversas áreas do pensamento, que colaboravam para a propagação desses novos elementos culturais através dos meios de comunicação de massa, que haviam experimentado um crescimento expressivo em seu alcance e relevância na década de 1950. Durante os anos 1960, o desenvolvimento de uma cultura midiática foi marcado por representar a expressão de uma juventude que era valorizada e inserida dentro da “indústria cultural”, ao mesmo tempo em que era vista como um novo nicho de mercado inexplorado, trazendo com ela um grande potencial de consumo. O jovem ganhava autonomia e espaço, sendo esse estágio da vida não mais considerado como um momento preparatório para se atingir a plenitude de sua existência, no caso, a vida adulta. Os papéis geracionais se inverteram. O avanço tecnológico colocava essa juventude, que possuía uma capacidade de compreensão maior daquilo que seria novidade, em uma posição de vantagem nesse novo mundo que se estabelecia.⁴

A contracultura dos anos 1960 não foi concebida de uma maneira inesperada, ela herdou uma consciência de mudança que já havia sido expressa na década anterior pela geração *Beat* que, ainda na chamada “época de ouro”⁵ dos Estados Unidos, produzia artisticamente, na literatura e na música principalmente, obras que questionavam o otimismo da sociedade americana e o consumismo excessivo, expresso no ideal do “*American way of life*” que crescia e se consolidava. Dentro da confluência de eventos e movimentos organizados que defendiam bandeiras progressistas, juntamente ao crescimento de um ativismo político radical,

⁴ HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.320.

⁵ Podemos considerar como “época de ouro” o período correspondente, *grosso modo*, à década de 1950, em que, após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos experimentaram “um período de crescimento econômico e estabilidade política, no qual a vida das pessoas comuns se tornou mais fácil do que nunca na história do mundo.” Cf. ISSERMAN, Maurice; KAZIN, Michael. **America Divided: the civil war of the 1960s**. New York: Oxford University Press, 2000, p. 8.

destacavam-se alguns grupos, que conseguiam uma maior visibilidade no período. Os principais deles estavam ligados ao movimento negro que buscava a igualdade dos direitos civis, frente à persistência de leis segregacionistas, tendo suas pautas e demandas cada vez mais discutidas, além de conseguirem ampliar a organização e a mobilização de um número crescente de pessoas em torno delas. Outros movimentos estavam sendo concebidos ou começavam a ser mais bem divulgados nessa década, como o movimento feminista e os grupos que lutavam pela igualdade de direitos dos homossexuais.

Essas novas ideias político-culturais que compunham o Movimento surgiam ao mesmo tempo em que os Estados Unidos pautavam sua política interna e externa na disputa econômico-ideológica com a União Soviética, dentro da lógica da Guerra Fria. Em busca de exercer uma maior influência sobre outras regiões do globo, o governo dos Estados Unidos defendia seu modelo como padrão a ser seguido pelos outros países capitalistas. Ao se opor ao *establishment* social estadunidense, esses novos movimentos político-culturais acabavam por criar um pensamento dissidente interno que questionava direta ou indiretamente esse modelo político ideal que era conduzido pelo governo do país e difundido pelo mundo. Esse fato levou à organização de uma oposição do Estado ao Movimento, que ocorria algumas vezes de maneira clara e outras vezes dissimuladamente. O combate dissimulado ao Movimento ocorreu muitas vezes devido a um paradoxo interno em que se encontravam as instituições estatais. Uma das principais características do modelo norte-americano de sociedade difundido pelo mundo – e que se opunha aos modelos ditos não democráticos – era a garantia da liberdade plena de pensamento presente na tradição da própria criação dos Estados Unidos como nação independente. Essa liberdade que, ao menos em tese, era garantida pela Constituição do país, acabava se tornando, para o poder governamental instituído, uma via de mão dupla, pois era ela que também proporcionava a possibilidade daqueles que contestavam o *establishment* social e poderem expressar aquilo que defendiam. Eric Hobsbawm, levando em conta também a velocidade em que essas transformações sociais ocorriam nessa década, chegou a considerar esse movimento de mudança de mentalidades e de comportamento como uma “revolução cultural”, devido ao curto espaço de tempo em que ocorreu e à abrangência que atingiu.⁶

Da mesma maneira que aumentava o número de pessoas engajadas nessas mudanças, surgiam também vozes de oposição dentro da sociedade civil que rechaçavam essas novas concepções e que atuavam de forma a minar os esforços do Movimento. Essa disputa ideológica acabou iniciando uma “guerra cultural” – conforme denominação utilizada pelos historiadores

⁶ HOBBSAWM, op. cit., p. 314.

Maurice Isserman e Michael Kazin – que avançaria pelas décadas seguintes nos Estados Unidos, e que retrataria um país dividido entre o chamado pensamento liberal⁷ e o conservador.⁸

A década de 1960 possui mais um elemento significativo que, de certa maneira e de uma forma incômoda, chocava-se com as ideias, os planos e projetos que propunham mudanças progressistas no período e que, por essa razão, tornou-se um dos principais assuntos tratados e discutidos pelos movimentos político-contraculturais: o escalonamento da disputa bélica da Guerra Fria, simbolizado mais especificamente pela ação dos Estados Unidos no Vietnã. Dentro do conjunto de grupos ativistas que formavam o Movimento, a oposição à Guerra do Vietnã era uma das principais pautas que, direta e indiretamente, com muita ou pouca ênfase, acabava sendo comum a praticamente todos eles.

A importância da mídia

Estabelecida uma nova juventude, uma nova boemia, um novo humor iconoclasta, uma nova sexualidade, um novo som, uma nova excitação, um novo abolicionismo, uma nova esquerda, uma nova esperança e um novo cinismo, uma nova imprensa era inevitável.⁹

As décadas de 1950 e 1960 foram marcadas pelo paulatino crescimento da importância da mídia dentro do cotidiano do cidadão estadunidense, tendo a televisão se consolidado como importante meio de difusão de informação. Uma das características da teledifusão era que o acesso a ela era restrito. Dentro das formas midiáticas existentes, a imprensa escrita ainda conservava um espaço de influência considerável na sociedade dos Estados Unidos, e, dentro de suas características próprias, possuía *per se* um acesso mais fácil a sua produção e difusão, ao compararmos com a televisão. “Eu só estou na imprensa *underground* porque não tenho dinheiro para estar na televisão”, afirmou Jeff Shero, editor do jornal *Rat*.¹⁰ Nesse cenário, a publicação de mídias escritas era uma das soluções possíveis para a comunicação e expressão de ideias dissidentes.

A produção de periódicos e panfletos para a divulgação de opiniões já estava tradicionalmente presente na história dos Estados Unidos antes mesmo de sua independência. Sendo assim, o *Berkeley Barb* e os demais jornais *underground* que destacamos em nossa

⁷ Os termos “liberal e “liberalismo”, quando usados ou citados em nossa dissertação, se referem à designação tradicional característica da linguagem política estadunidense.

⁸ Cf. ISSERMAN; KAZIN, op.cit., p. 4.

⁹ RUVINSKY, Maxine. **The Underground Press of the Sixties**. 1995. 350 f. Tese (Doutorado) – Philosophy – Comparative Literature Program, McGill University, Montreal, 1995, p. 114.

¹⁰ ARMSTRONG, David. **A Trumpet to Arms**. Los Angeles: J. P. Tarcher, 1981, p.81.

pesquisa, surgiram na segunda metade da década de 1960 como herdeiros desse legado. Apesar dessa tradição, os jornais *underground* dos Estados Unidos da década de 1960 formaram um fenômeno único. O *Berkeley Barb*, por exemplo, foi criado porque os movimentos e manifestações organizados existiam e estavam em ação, havendo uma necessidade de noticiar os acontecimentos a partir de uma visão diferente da hegemônica expressa pela grande mídia. Estendendo aos outros jornais *underground*, podemos afirmar que, assim como ocorria com o *Barb*, o próprio sentido de existência desses periódicos era definido pela urgência de comunicação de fatos específicos que estavam ocorrendo dentro daquele contexto histórico.

A primeira geração de jornais *underground* teve início em maio de 1964 com a criação do jornal *Los Angeles Free Press*. Vários jornais em diferentes pontos dos Estados Unidos foram concebidos na segunda metade da década de 1960, sendo que poucos sobreviveram ao início da década de 1970. O *Berkeley Barb* passou por diversas transformações até sua derradeira edição. Uma dessas transformações, foi a venda e a recompra do jornal pelo seu criador, Max Scherr, em 1969, que se constituiu em um dos eventos sobre o qual nos debruçamos em examiná-lo com mais atenção. Outro ponto a que nos atentamos durante a análise do fenômeno dos jornais *underground* e que nos ajudou a compreendê-los de uma forma mais abrangente, se relaciona aos grupos e vertentes de pensamento com os quais eles se alinhavam, principalmente dentro da oposição entre o ativismo político e o cultural.

A necessidade de uma imprensa ideologicamente alinhada ao Movimento, não vinha só da urgência de cobertura e comunicação dos fatos, mas também da necessidade de divulgação de eventos, num momento em que o acesso a outras formas de comunicação era restrito. A comunicação através dos jornais era uma das poucas formas de alcance que os grupos ativistas tinham para comunicar os eventos planejados com antecedência suficiente para conseguir alcançar seu público. A importância dos jornais é atestada também a partir da existência de registros oficiais sobre ações governamentais que tinham o intuito de barrar a atuação da imprensa *underground*, sendo que, devido aos inúmeros processos judiciais que foram custosos e desgastantes para os responsáveis pelos jornais, em alguns casos, o governo alcançava o êxito pretendido.

Buscamos então, por meio do exame das edições do *Berkeley Barb*, identificar o cotidiano da atuação do Movimento em alguns eventos e as ideias que eram difundidas a partir de seus projetos editoriais e o público que buscavam alcançar durante essa segunda metade dos anos 1960. Dessa maneira, alinhamo-nos às perspectivas teóricas defendidas pela historiadora Maria Helena Capelato, que afirma:

A leitura dos discursos expressos nos jornais permite acompanhar o movimento das ideias que circulam na época. A análise do ideário e da prática política dos representantes da imprensa revela a complexidade da luta social. Grupos se aproximam e se distanciam segundo as conveniências do momento; seus projetos se interpenetram, se mesclam e são matizados. Os conflitos desencadeados para a efetivação dos diferentes projetos se inserem numa luta mais ampla que perpassa a sociedade por inteiro. O confronto das falas, que exprimem ideias e práticas, permite ao pesquisador captar, com riqueza de detalhes, o significado da atuação de diferentes grupos que se orientam por interesses específicos.¹¹

Ao nos voltarmos ao *Barb*, conseguimos analisar suas formas de representação da realidade e sua ligação com as práticas sociais desses grupos específicos. Procuramos então, conforme afirmado por Heloísa Cruz e Maria Peixoto, avaliar como o *Berkeley Barb* se constituiu naquele momento, como força histórica, como sujeito e também de qual maneira se colocou e atuou em relação à correlação de forças naquela conjuntura; quem eram seus aliados, quais grupos ou forças sociais eram identificados como inimigos, adversários ou forças de oposição.¹² Sem a intenção de estudar um jornal “que se basta em si mesmo”, buscamos a conexão do periódico com os “movimentos políticos e sociais, as conjunturas e processos econômicos e os movimentos e formações culturais”¹³.

Abordagem teórico-metodológica

Manancial dos mais férteis para o conhecimento do passado, a imprensa possibilita ao historiador acompanhar o percurso dos homens através dos tempos. O periódico, antes considerado fonte suspeita de pouca importância, já é reconhecido como material de pesquisa valioso para o estudo de uma época.¹⁴

O uso de periódicos impressos como fonte e objeto de pesquisa advém do alargamento do campo de documentação histórica proposto pela Escola dos Annales. Até o início do século XX predominava a tradição, muito presente na produção histórica positivista do século XIX, de considerar como documentos relevantes para o estudo historiográfico somente os textos escritos produzidos por autoridades oficiais ou por representantes dos governos, pois eles, por sua natureza, reproduziriam informações envoltas em objetividade, próximas daquilo que havia factualmente acontecido, dando um caráter “científico” ao documento e, por consequência garantindo uma pretensa imparcialidade. A subjetividade que envolvia a produção jornalística,

¹¹ CAPELATO, Maria Helena. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994, p. 34.

¹² Cf. CRUZ; PEIXOTO, op. cit., p.260.

¹³ Ibid, p. 258.

¹⁴ CAPELATO, op. cit., p.13.

as influências políticas, econômicas, de anunciantes, de grupos que teriam interesses diversos naquilo que era reproduzido pela imprensa escrita, tornariam os periódicos em geral pouco confiáveis para serem considerados como fontes e objetos voltados à produção historiográfica, uma vez que as imagens do passado contidas neles distorceriam a realidade, reproduzindo uma falsa imagem dos fatos.

A primeira geração da Escola dos Annales, em princípios do século XX, contestou esse tipo de pensamento, ampliando a noção de documento histórico, o que, de alguma forma, alcançaria a produção jornalística:

...Tudo o que é vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho, é considerado como documento ou “fonte”. (...) Pode tratar-se de textos escritos, mas também de documentos de natureza iconográfica, ou de qualquer outro tipo de testemunho registrado, objetos do cotidiano, elementos folclóricos, etc.¹⁵

Mesmo assim, a utilização da imprensa para a pesquisa histórica acabou ficando “relegada a uma espécie de limbo”, conforme afirmou a historiadora Tânia Regina de Luca. O reconhecimento de publicações jornalísticas como fontes e objetos válidos para a produção historiográfica haveria de ser popularizada a partir da terceira geração dos Annales, que “propunha ‘novos objetos, problemas e abordagens.’” A interdisciplinaridade com outros ramos das humanidades criava uma renovação temática perceptível através dos diversos assuntos abordados pelas pesquisas historiográficas que surgiam a partir de então.¹⁶

Mais do que um documento dentro desse cenário que propiciou um alargamento dos tipos de fontes que poderiam ser usadas dentro da historiografia, o periódico em si nos dá a possibilidade de verificar e conhecer as transformações das práticas culturais, comportamentos sociais e manifestações ideológicas de certos grupos em determinada época, conforme afirma Marcia Gomes Fernandes¹⁷:

...os jornais podem ser considerados uma testemunha da história e um agente participativo na configuração da própria história. Legam, desse modo, uma relevante contribuição à historiografia, uma vez que promovem a ampliação do campo temático, contribuindo para o desenvolvimento de diferentes abordagens, e beneficiam o alargamento do conhecimento histórico.¹⁸

¹⁵ CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 296.

¹⁶ LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p.112.

¹⁷ FERNANDES, Márcia Gomes. O esquadrão da Morte de São Paulo e a Imprensa paulista: um estudo sobre o Jornal da Tarde, O Estado de São Paulo e a Folha de São Paulo (1968 - 1978). 2018. 209 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018, p.26.

¹⁸ Ibid., p. 27.

Esse alargamento do campo da documentação histórica e a consideração da imprensa escrita como importante fonte documental ocorreu na medida em que se aceitou que a imprensa “enuncia discursos e expressões como agente histórico que intervém nos processos e episódios”.¹⁹ Nosso estudo sobre a forma como o *Berkeley Barb* atuava na cobertura das manifestações anti-Guerra do Vietnã, e qual era o seu papel naquele contexto, partiu da consideração do periódico como objeto e como “fonte de investigação e análise crítica”:

A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero “veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere.²⁰

Um dos pressupostos geralmente citado por aqueles que se debruçaram na discussão sobre a utilização da imprensa como fonte e objeto historiográfico é a impossibilidade da existência de qualquer publicação que seja neutra ou imparcial em relação ao conteúdo que publica. A própria existência de um jornal denotaria também a presença de interesses que pautariam a sua criação e a sua contínua publicação e que, por consequência, determinariam também o tipo de cobertura que a publicação realizaria dos fatos que escolhia como notícias. As publicações se disfarçariam sob um pretensa imparcialidade e isenção na cobertura dos fatos, o que verdadeiramente não existe. Dessa forma, afirma Capelato:

Todos os jornais procuram atrair o público e conquistar seus corações e mentes. A meta é sempre conseguir adeptos para uma causa, seja ela empresarial ou política, e os artifícios utilizados para esse fim são múltiplos.²¹

No caso do *Berkeley Barb*, a razão que levou à criação e à existência do periódico está intimamente ligada a uma tomada de posição a partir da defesa partidária de certos preceitos ligados diretamente ao ativismo advindo dos grupos pertencentes ao Movimento como um todo. Em geral, não havia por parte do *Berkeley Barb* um cuidado maior em tentar transparecer uma isenção ou imparcialidade na forma como cobria os fatos ou na maneira como seus artigos e colunas eram escritos. O que fica claro ao analisarmos o *Berkeley Barb* – e que também podemos estender à grande maioria dos jornais *underground* a que tivemos acesso –, é que

¹⁹ CALONGA, Maurilio Dantielly. O jornal e suas representações: Objeto ou fonte da história. **Comunicação & Mercado/UNIGRAN** - Dourados - MS, vol. 01, n. 02 – edição especial, p. 79-87, nov 2012, p.82.

²⁰ PRADO, Maria Lígia; CAPELATO, Maria Helena. **O bravo matutino: Imprensa e ideologia no jornal 'O Estado de São Paulo'**. São Paulo: Alfa-ômega, 1980. p. XIX.

²¹ CAPELATO, op. cit., p. 15.

havia sim um proselitismo explícito em suas páginas a fim de defender as posições adotadas pelos grupos políticos progressistas e contraculturais da época.

A análise do jornal e, mais especificamente, da cobertura que realizou das manifestações anti-Guerra do Vietnã, foi feita considerando a postura ideológica por ele adotada, pois sabíamos de antemão que o *Berkeley Barb* possuía como linha editorial um posicionamento claro de alinhamento ao Movimento. A partir disso, fizemos um exame e análise daquilo que era publicado, como ordenavam, estruturavam e narravam, o que haviam elegido como fato digno de chegar ao público²², uma vez que, de acordo com Heloisa Cruz e Maria Peixoto:

... em diferentes conjunturas a imprensa não só assimila interesses e projetos de diferentes forças sociais, mas muito frequentemente é, ela mesma, espaço privilegiado da articulação desses projetos.²³

Contamos também com entrevistas e depoimentos de pessoas que participaram diretamente das edições do *Berkeley Barb*. Esses depoimentos, principalmente os de Max Scherr, acabaram se tornando fontes primordiais para que pudéssemos compreender a forma como ocorreu a criação do jornal. Ao termos contato com as declarações de Scherr percebemos o quão elucidativas elas eram para podermos entender algumas particularidades do nosso objeto de pesquisa. Mesmo assim, não relevamos o fato de que, ao conceder entrevistas falando sobre o *Berkeley Barb*, Scherr também buscava, de alguma maneira, fomentar um discurso a fim de perpetuar uma memória positiva de si mesmo em relação às suas realizações à frente do *Barb*. Assim sendo, nos atentamos a não fazer uma análise ingênua dos depoimentos, trabalhando-os, sempre que possível, não só como uma fonte, mas sim cotejando os diversos relatos a que tivemos acesso, a fim de abranger um maior número de visões sobre determinados acontecimentos ligados ao *Berkeley Barb*. Fizemos também uma atenta consideração sobre os textos que usamos como fontes secundárias para esse trabalho. Muitos dos autores trabalhados – alguns deles considerados como referência nos assuntos concernentes à década de 1960 –, foram ativos participantes e/ou observadores dos eventos, conforme eles aconteciam. Percebemos visões diferentes a partir do ponto de vista de observação dos eventos que aconteceram durante aquele período. Alguns deles eram ativos participantes de determinados grupos de ativistas, outros, não participantes de grupos organizados, mas aderiam a eventos e manifestações organizados por alguns grupos de ativistas e defensores de causas diversas, incluindo a pacifista e a antiguerra.

²² Cf: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2006, p. 11.

²³ CRUZ; PEIXOTO, op. cit., pp.258-9.

A análise das representações e a sua consideração dentro da produção historiográfica é um instrumento teórico-metodológico que utilizamos ao analisar o conteúdo das edições do *Berkeley Barb*. Partimos dos estudos de Roger Chartier

...cujas análises inauguram a preocupação de uma história cultural a partir da compreensão das práticas produzidas por aqueles que partilham um mundo também cultural. Um mundo que é desvendado não só nas práticas, mas nas representações que são produzidas a partir das apropriações que cada ator cultural pode realizar ao reconstruir, pelas práticas, os textos que fazem parte de seu mundo.²⁴

As representações em geral não são somente resultados da percepção dos indivíduos acerca de seu mundo social, e sim, são produtoras desse mundo social, pois “definem, em cada momento da experiência social, limites, fronteiras, classificações, identificações.”²⁵ Assim sendo, consideramos as representações contidas cotidianamente nas edições publicadas do *Berkeley Barb*, não como simples reproduções passivas de uma realidade, e sim como formadoras da própria realidade daquele contexto social específico. Por meio da análise do que era publicado no jornal, podemos encontrar o conjunto das representações e práticas que aqueles grupos e pessoas envolvidas na construção do Movimento pensavam e construíam como projeto de reformulação daquela sociedade. As visões que alguns dos grupos possuíam eram representadas dentro das páginas do *Berkeley Barb*, ao mesmo tempo em que eram fomentadas também a partir do conteúdo do jornal.

Nossa pesquisa, ao analisar a forma como o *Berkeley Barb* procedia a cobertura das manifestações anti-Guerra do Vietnã, buscou determinar em que condições sócio-históricas puderam ser produzidos os textos contidos nas publicações.²⁶ A observação daquilo que havia sido publicado no periódico semana após semana nos oferece a possibilidade de observarmos as mudanças que ocorriam tanto nos fatos em si, como na forma como eles eram noticiados e interpretados pelo jornal, em um curto intervalo de tempo. Buscamos então, perceber quais eram as intenções de Max Scherr e daqueles que escreviam e editavam o *Barb*, levando em conta o papel social do periódico naquele contexto histórico e, principalmente, dentro das parcelas da sociedade para as quais o jornal se dirigia diretamente e que, conseqüentemente, se constituíam na maior parte de seus leitores

²⁴ CITELLI, Adilson (et al.) (org.). **Dicionário de Comunicação: escolas, teorias e autores**. São Paulo: Contexto, 2014. pp.197-198.

²⁵ CAMPOS, Raquel; SALOMON, Marlon. Do mundo como representação à multiplicidade das formas de representação do passado: uma conversa com Roger Chartier. **História da Historiografia**, v. 22, p. 296-319, 2016, p.302.

²⁶ Cf. CARDOSO, Ciro Flamarion. **Uma introdução à História**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, p.54.

Dentro da produção de conteúdo do *Berkeley Barb*, observamos também a questão da riqueza de produção de formas simbólicas em que havia uma distensão dentro das construções sociais daquele momento. Conforme definido por John B. Thompson, as formas simbólicas são fenômenos sociais que podem ser difundidas a partir do que ele chamou de “modalidades específicas de transmissão cultural”, sendo o jornal uma dessas modalidades. Os veículos de comunicação foram responsáveis pela produção, reprodução e circulação das formas simbólicas em grande escala.²⁷ A análise da forma como o *Barb* reproduzia as notícias vinculadas às ações do Movimento, mais especificamente às manifestações anti-Guerra do Vietnã, está intimamente ligada às figuras simbólicas produzidas naquele contexto social, naquela cultura específica. A mídia acaba agindo como uma mediadora dessas formas simbólicas e a identificação do leitor com o jornal e com a abordagem que ele propunha, a partir da sua linha editorial, está ligada à identificação e possibilidade de leitura e aceitação dessas formas simbólicas, estabelecendo uma relação de mão-dupla entre o meio de comunicação e o leitor. Nossa pesquisa e análise do *Berkeley Barb* parte de um exame do periódico a partir da sua interação com os leitores e não dele como reprodutor de notícias, voltado a um público receptor passivo, conforme afirmou Robert Darnton sobre a imprensa:

é preciso pensar sua inserção histórica enquanto força ativa da vida moderna, muito mais ingrediente do processo do que registro dos acontecimentos, atuando na constituição de nossos modos de vida, perspectivas e consciência histórica.²⁸

De uma forma geral, entendemos o *Barb* como ingrediente desse “processo” histórico de atuação do Movimento, além de mapearmos a sua influência dentro de organizações específicas das diversas manifestações ativistas, principalmente as anti-Guerra do Vietnã, através dos mecanismos de interlocução com seus leitores.

Considerando os tipos de representações e de construções simbólicas contidas no *Berkeley Barb*, destacamos também a comunicação realizada pelas imagens, sejam elas fotografias, gravuras ou fotomontagens. A facilidade de assimilação e de interpretação da comunicação realizada através de imagens, estimulava a sua ampla utilização pelo jornal, seja através da demonstração de atos vistos como transgressores, como por exemplo a publicação de pessoas nuas, de manifestações políticas, ou mesmo os protestos antiguerra e a repressão violenta por parte das autoridades governamentais que geralmente fazia parte desses protestos. Assim, além do leitor que havia comprado o jornal, as mensagens expressas pelas imagens no

²⁷ THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, pp.9-10.

²⁸ Robert Darnton citado em: CRUZ; PEIXOTO, op. cit., p.257.

Berkeley Barb acabavam atingindo indiretamente um outro público, pois, pelo teor que continham, a leitura do jornal em público, atraía os olhares de pessoas que estavam próximas ao leitor. Ao mesmo tempo, com a venda do periódico sendo predominantemente realizada por vendedores na rua, que expunham e anunciavam a manchete do jornal em público, a imagem na capa acabava também atingindo pessoas que não pretendiam comprar o jornal, bem como também chamavam a atenção de possíveis compradores que poderiam adquirir a edição, a partir do interesse despertado através da imagem da capa.

Observar o uso das imagens, o conteúdo expresso nelas e as mudanças na sua utilização através do transcorrer do período ao qual nos dedicamos a examinar o *Berkeley Barb*, nos ajudou a interpretar as modificações internas na linha editorial do jornal, bem como projetar as mudanças que ocorriam dentro do Movimento naquele contexto social. Dessa forma, alinhamo-nos ao dito por Burke:

...as imagens não são nem um reflexo da realidade social nem um sistema de signos sem relação com realidade social, mas ocupam uma variedade de posições entre estes extremos. Elas são testemunhas dos estereótipos, mas também das mudanças graduais, pelas quais indivíduos ou grupos vêm o mundo social incluindo o mundo de sua imaginação.²⁹

Estruturação dos capítulos

Primeiramente, cabe ressaltarmos que a pesquisa de nossa fonte primária foi realizada a partir do acesso às edições digitalizadas do *Berkeley Barb* disponíveis através do sítio da internet *Independent Voices*.³⁰ O *Independent Voices* constitui um acervo digital com acesso livre composto por diversos jornais alternativos digitalizados. Ele foi criado com o apoio financeiro de bibliotecas e através de doações individuais vindas dos Estados Unidos, Canadá e Reino Unido visando à disponibilização desses acervos de maneira aberta e gratuita.

Outra questão que gostaríamos de elucidar é a opção pela utilização do termo em inglês “*underground*”³¹ ao nos referirmos ao *Berkeley Barb* e aos outros jornais da mesma categoria. Esses jornais, no geral, se encaixam naquilo que Márcia Silva e Gilmar Franco definem como jornais de temática específica que seriam os que “ora permitidos oficialmente ora clandestinos, podendo abarcar aquilo que conhecemos como imprensa alternativa ou ‘imprensa nanica’”. Ela [a imprensa alternativa] “se afasta do complexo da indústria cultural, representando a possibilidade de construção de discurso oposto ao hegemônico”. Esses periódicos seriam de

²⁹ BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: História e imagem. Bauru: EDUSC, 2004, p.232.

³⁰ Disponível em: <<http://voices.revealdigital.com>> Acesso em: 22 de novembro de 2019.

³¹ Traduzindo literalmente ao português: “subterrâneo”.

menor porte, “voltados para a pretensão política de grupos minoritários”. Citando Francisco Bicudo Pereira Filho, as autoras explicitam que a caracterização dessa imprensa como alternativa carregaria:

quatro elementos e significados: 1) algo que não está ligado às políticas dominantes; 2) uma opção entre dois projetos opostos e excludentes; 3) uma saída para uma situação complicada; 4) desejo de protagonizar transformações sociais.³²

No Brasil, se popularizaram, principalmente durante o regime militar as expressões como imprensa “nanica” ou “alternativa”, para a designação de jornais dissidentes que poderiam ser, quando não análogos, pelo menos comparáveis aos jornais *underground* dos Estados Unidos do final da década de 1960. Segundo Bernardo Kucinski:

Durante os quinze anos de ditadura militar no Brasil, entre 1964 e 1980, nasceram e morreram cerca de 150 periódicos que tinham como traço comum a oposição intransigente ao regime militar. Ficaram conhecidos como imprensa alternativa ou imprensa nanica. A palavra nanica, inspirada no formato tabloide adotado pela maioria dos jornais alternativos, foi disseminada principalmente por publicitários, num curto período em que eles se deixaram cativar por esses jornais. Enfatizava uma pequenez atribuída pelo sistema a partir de sua escala de valores e não dos valores intrínsecos à imprensa alternativa. Ainda sugeria imaturidade e promessas de tratamento paternal. Já o radical de alternativa contém quatro dos significados essenciais dessa imprensa: o de algo que não está ligado a políticas dominantes; o de uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; o de única saída para uma situação difícil e, finalmente, o do desejo das gerações dos anos de 1960 e 1970, de protagonizar as transformações sociais que pregavam.³³

Apesar de considerarmos como “imprensa alternativa” toda a publicação que possua uma orientação editorial que não necessariamente sirva aos sistemas de influência vigentes como o governo, grandes empresas, partidos, entre outros, o termo em inglês *alternative* é uma alcunha que os jornais *underground* que sobreviveram à virada da década de 1960 para 1970, passaram a usar, como maneira de se desgrudar do radicalismo da década anterior, principalmente da Nova Esquerda, que estava muito presente nessas publicações. O outro termo que pensamos em usar seria o de “imprensa independente”. O problema que encontramos foi a imprecisão do termo, pois, afirmando de antemão que o jornal é “independente”, acabamos por esvaziar às análises relacionadas a momentos do *Barb*, em que o jornal abraçou abertamente a causa de pessoas e grupos políticos específicos.

³² SILVA, Márcia P. da; FRANCO, Gilmar Y. Imprensa e política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica. **Revista História em Reflexão**. v. 4. n. 8. UFGD. Dourados, MG, jul/dez. 2010, p.8.

³³ KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: EDUSP, 2003, p. 5.

Estruturamos a nossa dissertação em três capítulos, além das considerações finais. No primeiro capítulo, buscamos contemplar o advento da criação dos jornais *underground*, enfatizando aqueles que compuseram a primeira geração, lançados em meados da década de 1960. Ainda nesse capítulo iremos explorar o início da publicação de nosso objeto principal, o jornal *Berkeley Barb* e algumas das suas características, contextualizando a cidade de Berkeley, focando na presença do *campus* da Universidade da Califórnia, explicando o porquê dela ter se tornado um local de aglutinação do ativismo do período, principalmente com o advento do SLATE, ainda na década de 1950 e do *Free Speech Movement* nos anos 1960. Enfocamos alguns assuntos também relevantes para a imprensa *underground*, como a criação do *Underground Press Syndicate* e a do *Liberation News Service*.

Após a caracterização e a construção do contexto histórico que levou a criação do *Berkeley Barb*, no segundo capítulo nos debruçando mais especificamente na análise do conteúdo do jornal ano a ano, de todas as edições que estavam disponíveis para a nossa consulta, dentro do período que estávamos circunscritos. O exame do conteúdo dos artigos e reportagens e a percepção dos assuntos que eram tratados foi realizado pela leitura, bem como a observação dos títulos e identificação dos conteúdos. A partir de uma análise quantitativa, verificamos o espaço que os principais assuntos tinham no jornal e destacamos as mudanças de enfoque que o jornal dava em relação ao seu conteúdo no transcorrer das edições. Nesse capítulo também contemplamos outras questões importantes no estudo do *Berkeley Barb*, como por exemplo o espaço reservado aos anunciantes e aos classificados pessoais, além de um dos fatos mais marcantes do período que foi a greve dos funcionários do *Berkeley Barb*, a venda e a recompra do jornal por Max Scherr no final de 1969.

No terceiro capítulo analisaremos especificamente a cobertura dos protestos anti-Guerra do Vietnã realizada pelo *Berkeley Barb*. Primeiramente, contextualizaremos os antecedentes do movimento antiguerra nos Estados Unidos, desde finais do século XIX, passando pelas duas grandes guerras mundiais, citando os principais grupos e figuras representativas que atuavam em defesa das pautas antibelicistas até às vésperas do aumento do envolvimento militar dos Estados Unidos no Sudeste asiático. Para podermos compreender as especificidades do movimento anti-Guerra do Vietnã, faremos uma breve explicação das origens e da sequência de fatos que levou ao escalonamento do conflito militar no Vietnã. A partir desse momento, mostraremos como ocorreu a formação do movimento anti-Guerra do Vietnã propriamente dito. Explicaremos também o significado simbólico da Guerra do Vietnã para os Estados Unidos e como os eventos da guerra durante a segunda metade da década de 1960 reverberaram internamente no país. Demonstraremos então, como os protestos, no contexto interno dos

Estados Unidos, retrataram um processo de mudança do posicionamento da população e da opinião pública em relação ao apoio aos esforços de guerra estadunidenses no Sudeste asiático.

O ponto principal desse capítulo, que sintetiza nossa pesquisa, é a descrição, de forma abrangente, da cobertura realizada pelo *Berkeley Barb* dos protestos antiguerra no período delimitado. Mostraremos como o *Berkeley Barb* buscava, em tal cobertura, retratar as facetas das mobilizações de um modo diferente da maneira como eram relatadas pela grande mídia. Apontaremos e caracterizaremos os grupos que foram criados com o intuito de organizar os protestos em oposição à Guerra do Vietnã, dando enfoque àqueles que tiveram origem na região da Baía de São Francisco e que, de certa maneira, teriam ligações diretas ou indiretas com o *Berkeley Barb*. Também verificaremos o modo como alguns dos grupos que participavam dos protestos estavam sendo retratados dentro do *Berkeley Barb*, quais eram os que tinham mais espaço, quais estavam ideologicamente mais alinhados ao jornal e à sua linha editorial e quais eram os grupos que protagonizavam as reportagens durante os diferentes momentos dos quase quatro anos e meio correspondentes ao período de publicação que pesquisamos. Após a realização dos protestos, mostraremos o *Berkeley Barb* como um instrumento de denúncia dos casos de abusos policiais em manifestações, ou de descumprimento dos direitos constitucionais dos manifestantes.

Nota de esclarecimento: Todas as citações do *Berkeley Barb* e os trechos de livros em inglês foram traduzidos por mim. Os trechos originais das reproduções do jornal estão nas notas de rodapé.

1 – A IMPRENSA *UNDERGROUND* DOS ESTADOS UNIDOS NOS ANOS 1960 E O SURGIMENTO DO *BERKELEY BARB*

Não é de admirar que muitos participantes da Nova Esquerda nunca se preocupassem em ler os jornais tradicionais diários, pelo menos não quando quisessem saber o que estava acontecendo em seu próprio meio. Em vez disso, a partir de meados da década de 1960, nas cidades e *campi* de todo o país, começaram a criar e distribuir seus próprios jornais radicais, com os quais pretendiam promover uma sensibilidade para vanguarda e inspirar agitações políticas. A amplitude e a convicção foram características da imprensa *underground*: foi aqui que eles estabeleceram seus princípios orientadores sobre a injustiça do racismo, a tragédia moral e política da Guerra do Vietnã, a necessidade de tornar líderes e instituições democraticamente responsáveis e as recompensas existenciais de uma vida comprometida a causas. E o sucesso deles foi surpreendente. Segundo o crítico cultural Louis Menand, os jornais *underground* "tiveram um dos crescimentos mais espontâneos e agressivos da história editorial"³⁴

Indubitavelmente a imprensa é parte presente do cotidiano de diversas sociedades, sendo responsável pela criação de uma narrativa que, através de seus diversos meios, irá atingir as pessoas e, a partir daquilo que elas assimilam dessa narrativa, irão ser formadas as suas opiniões sobre variados assuntos relacionados à sociedade em que estão inseridas. Os discursos expressos pela mídia então, colaborariam de maneira fundamental para a definição da forma de interpretação que cada um dos cidadãos tem da sua realidade social. O modo como cada um dos indivíduos particularmente observa e assimila os acontecimentos gerais de sua sociedade, passaria preliminarmente pelo prisma da imprensa e, por suposto, estaria vinculado à visão do jornalista – ou de um conjunto de jornalistas – que está captando o acontecimento e o reproduzindo através de seu veículo de comunicação que, por sua vez, pauta essa reprodução do acontecimento a partir dos parâmetros definidos por sua linha editorial. Segundo Patrick Charaudeau: “a informação é, numa definição empírica mínima, a transmissão de um saber, com a ajuda de uma determinada linguagem, por alguém que o possui a alguém que se presume não possuí-lo”.³⁵

A imprensa *underground* dos Estados Unidos na década de 1960 surgiu a partir da percepção por um certo grupo social da existência de um saber jornalístico que, segundo esse grupo, não era transmitido – ou era transmitido a partir de um ponto de vista limitado – impedindo que todas as interpretações possíveis de determinado fato pudessem ser alcançadas por aquele que receberia a informação. O anseio desse grupo social para que um certo tipo de

³⁴ MCMILLIAN, John. **SMOKING TYPEWRITERS: The Sixties Underground Press and the Rise of Alternative Media in America.** New York: Oxford University Press, 2011, p. 4.

³⁵ CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias.** São Paulo: Contexto, 2015, p. 33.

informação alcance um público alvo que se acredita não estar recebendo-o de maneira satisfatória, geralmente surge a partir da verificação de que essa não-comunicação ocorreu devido a falhas – na maior parte das vezes deliberadas – dos veículos já estabelecidos. Daí surge a necessidade da criação desses novos veículos como recurso para corrigir esse fato. A existência de meios de comunicação alternativos, como ocorreu durante os anos 1960 nos Estados Unidos, aparece durante diferentes momentos da história e em diversos locais do globo.

1.1 – Antecedentes

Dentro da história dos Estados Unidos especificamente, há uma tradição de participação política expressa pelos veículos midiáticos e dentro do legado deixado pelos primeiros jornais estadunidenses, há a questão da liberdade de expressão intimamente ligada a ele. Um dos casos mais evocados pela mídia *underground* é o de Thomas Paine, ativista político que, inspirado nas ideias iluministas em finais do século XVIII, publicou e distribuiu o panfleto “*Common Sense*” em 1776, durante o contexto da Revolução Americana, defendendo a independência das Treze Colônias em relação à Grã-Bretanha. A própria imprensa *underground* da década de 1960 evoca Paine como predecessor e inspirador de suas publicações. Uma característica presente tanto em Thomas Paine quanto nos editores dos jornais *underground* da segunda metade da década de 1960, é a de utilizarem a mídia como um canal promoção de mudanças políticas e sociais.

Assim como a publicação de mídias alternativas pode ser encontrada no princípio da formação dos Estados Unidos como nação independente, a questão de perseguição à imprensa e a defesa da liberdade de expressão também fazem parte tradicionalmente da história do país. Ainda como territórios coloniais ingleses, no século XVII, já conseguimos localizar casos de prisões e perseguições causados por opiniões expressas em diversos tipos de materiais impressos dentro dos Estados Unidos. Mas, apesar disso, é somente durante o século XVIII, inserido no contexto da ilustração intelectual que estava em ebulição na Europa e, por consequência, nas colônias europeias no continente americano, que podemos identificar os primeiros casos em que a questão da defesa da liberdade de expressão e de imprensa nos Estados Unidos eram discutidos. Benjamin Franklin, por exemplo, considerado um dos pais fundadores dos Estados Unidos, era um conhecido apologista da liberdade de expressão da imprensa. Contemporâneo de Franklin, o caso mais notório e conhecido de defesa da liberdade de

imprensa nos Estados Unidos foi o de John Peter Zegler que em 1735 foi julgado e declarado inocente de crime de sedição pelas críticas contra a Coroa inglesa que publicava em seu jornal.³⁶

Essa tradição histórica de defesa da liberdade de imprensa nos Estados Unidos anda *pari passu* à também tradição do país quanto ao desenvolvimento de formas de imprensa dissidente durante os últimos três séculos de sua história. Observamos a existência de muitos impressos periódicos considerados radicais ou subversivos que, de certa maneira, acabaram por pavimentar a tradição da edição de publicações alternativas à grande imprensa nos Estados Unidos, onde se encontram os jornais *underground* dos anos 1960 que serão parte de nosso estudo. Dentre essas publicações precursoras, podemos citar como exemplo algumas que foram publicadas entre os séculos XIX até princípios do século XX, seriam elas: o jornal antiescravagista *The Liberator*, que tinha como intuito divulgar a causa abolicionista e durou de 1831 até 1865;³⁷ os periódicos *Appeal to Reason* e *Masses*, ambos de viés socialista, sendo o primeiro publicado entre 1895 e 1922 e o segundo publicado entre 1911 e 1917;³⁸ o *Masses* que, diferentemente das outras publicações socialistas citadas, acabou sendo a primeira a unir em suas páginas um conteúdo que expressava o radicalismo tanto político quanto cultural,³⁹ fazendo com que possamos identificá-la diretamente a alguns dos jornais *underground* dos anos 1960, que acabavam no seu conjunto, constituindo amálgamas dos caracteres político e cultural do Movimento.⁴⁰

Além dessas publicações citadas, podemos localizar na década de 1950, dentro do incipiente levantar de vozes de contestação contra o *establishment* da sociedade norte-americana desse período, duas publicações que influenciaram sobremaneira os jornais *underground* dos anos 1960: *The Village Voice*, criado em 1955 e a revista *Liberation*, publicada pela primeira vez em 1956. O *Village Voice* não era um jornal com ideias radicais ou voltado a um proselitismo político engajado, não tendo ligação a movimentos políticos que antecederiam a formação da Nova Esquerda estadunidense, que já eram incipientes na década de 1950. Ed Fancher, editor do *Village Voice*, definia que o jornal tinha seu foco voltado ao que ele chamou de “*revolt of the urbs*” (revolta urbana) – a luta para preservar parques e espaços públicos – e, dentro desse contexto, a publicação seria a principal personagem, atuando contra

³⁶ INGELHART, L. E. **Press and speech freedoms in America, 1619-1995: a chronology**. Westport: Greenwood Publishing Group, 1997, pp.18-19.

³⁷ Cf. Verbetes da Enciclopédia Britânica <<https://www.britannica.com/topic/The-Liberator-American-newspaper>> Acesso em: 26 de junho de 2018.

³⁸ PECK, Abe. **Uncovering the Sixties: The Life and Times of The Underground Press**. New York: Citadel Press, 1991, p.5.

³⁹ LEAMER, Laurence. **The Paper Revolutionaries**. New York: Simon and Schuster, 1972, p. 17

⁴⁰ O *Berkeley Barb* e o *Los Angeles Free Press* se constituiriam em jornais que buscariam ter esse duplo caráter político e cultural, conforme iremos analisar mais adiante.

os interesses daqueles que planejavam a cidade através de critérios que tinham como único intuito beneficiar o ramo de negócios imobiliários.⁴¹

O *Voice* ganhou maior popularidade ao passar a retratar, a partir do bairro de Greenwich Village em Nova York, um novo espectro cultural que estava surgindo, primariamente, a partir de um tipo de literatura que ascendia no país na década de 1950 e que se encontrava à margem da zona de interesse da cobertura da grande mídia. De maneira geral, aqueles que faziam parte desse novo movimento ficaram conhecidos como “*The Beat Generation*” (a geração *beat*) e o bairro passou a ser um reduto de vários artistas que seriam enquadrados dentro do movimento “*beat*”. Dentre os redatores do *Village Voice*, estava por exemplo o autor Norman Mailer que, dentro da publicação, popularizou o termo “*hip*” – em oposição ao chamado “*square*”, aquele que estava fora da moda, ultrapassado, retrógado –, de onde derivaria posteriormente a designação *hippie* e o seu predecessor *hipster*, criado em seu ensaio, *The White Negro*. Mais do que pelo seu conteúdo, os jornais *underground* da década de 1960, tomaram do *Voice* a sua forma de fazer jornalismo, principalmente em relação ao espaço que ele disponibilizava para que novos jornalistas ou redatores pudessem publicar artigos, colunas ou reportagens em troca de um parco pagamento ou mesmo sem nenhuma remuneração, considerando a própria divulgação de seus textos no periódico a contrapartida de seu trabalho.⁴² Também foram heranças diretas do *Village Voice* a escolha dos jornais *underground* por “uma concepção editorial leve; um interesse no que estava à margem culturalmente falando; um relacionamento próximo com os leitores”.⁴³

Outra publicação que podemos considerar como uma antecessora imediata da imprensa *underground* dos anos 1960 foi a revista *Liberation*, publicada entre 1956 e 1977. Fundada por pacifistas – muitos deles objetores de consciência da Segunda Guerra Mundial que se conheceram enquanto faziam trabalhos forçados durante o conflito –, teve um importante papel no desenvolvimento da Nova Esquerda. Um de seus fundadores, Bayard Rustin, havia trabalhado como conselheiro de Martin Luther King Jr., motivo pelo qual diversos artigos de Luther King foram publicados nas suas primeiras edições⁴⁴, o que acabou por ajudar na divulgação da revista. Na primeira edição da revista *Liberation*, um manifesto escrito por seus editores demonstrava qual era o intuito deles ao publicá-la e o que buscavam ao criar a revista:

⁴¹ LEAMER, op. cit., p.21.

⁴² MENAND, Louis. “It Took a Village: How the Voice changed journalism”. *The New Yorker*, New York, 05 jan. 2009. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/magazine/2009/01/05/it-took-a-village>>. Acesso em: 09 de julho 2018.

⁴³ MCMILLIAN, op. cit., p.34

⁴⁴ PECK, op. cit., p. 7.

A *Liberation* procurará inspirar seus leitores não apenas a terem novas formas de pensar, mas também a agir agora - recusando a fugir ou a conformar-se, com uma resistência determinada nas comunidades em que vivemos, a todas as maneiras pelas quais os seres humanos são regimentados e corrompidos, desumanizados e privados de sua liberdade; novas experiências na vida criativa dos indivíduos, famílias e grupos; apoio diário aos movimentos que buscam abolir o colonialismo e o racismo ou que lutam pela liberdade de todos os indivíduos da dominação, seja militar, econômica, política ou cultural.⁴⁵

Além dessas publicações podemos citar também outras duas revistas que influenciaram a imprensa *underground*, principalmente em relação ao conteúdo satírico e a produção de tiras cômicas, imagens e colagens: a revista *Mad*, de 1952, e o *Realist*, criado em 1958 por Paul Krassner, que anteriormente escrevia na *Mad*. Laurence Leamer afirma ter sido o *Village Voice* o “avô” da imprensa *underground* dos anos 1960, mas imputa ao *Realist* ter prefigurado o tipo de conteúdo e o modo como ele seria veiculado pelos jornais *underground*, devido a sua irreverência e tendência à iconoclastia, envolto por uma grande ironia em seus artigos satíricos que deixavam os leitores em dúvida se o que a revista dizia era real ou não.⁴⁶

1.2 – O advento da imprensa *underground* dos anos 1960

O descompasso entre os acontecimentos que o Movimento produzia durante os anos 1960 e o desejo da grande imprensa de relatá-los, foi um dos principais fatores que levou à criação da imprensa *underground*. Martin A. Lee – ativista da época e escritor – ressaltou a forma irônica como a grande mídia transmitia e noticiava as manifestações dos diversos grupos organizados da época. Os grandes veículos de comunicação parodiavam as mobilizações, trivializando o *modus operandi* de seus participantes, sem dar nenhuma ênfase nas questões presentes na sociedade americana que eram a razão daquelas manifestações acontecerem. Para Lee, a grande imprensa deixou, naquela década, de atuar como um “quarto poder” combativo, passando a agir como um braço do governo. A imprensa *underground*, por sua vez, passou a cobrir essa lacuna, publicando aquilo que a grande mídia não publicava, cobrindo os protestos a partir da perspectiva daqueles que deles participavam.⁴⁷ Podemos concluir que a imprensa *underground* então surge de uma negativa, a partir da existência de uma realidade que está sendo negada de forma deliberada ou sendo noticiada de uma maneira que desagradava as

⁴⁵ GOSSE, Van. *The Movements of the New Left, 1950-1975: A Brief History with Documents*. Boston: Bedford/St. Martin's, 2005, pp. 49-51.

⁴⁶ LEAMER, op. cit., p.24.

⁴⁷ PECK, op. cit., pp. III-IV.

pessoas envolvidas no Movimento. Nesse cenário, ressaltamos duas características presentes dentro da cobertura jornalística realizada pela imprensa *underground*: a primeira seria que entre aqueles que escreviam na imprensa *underground*, era comum participarem dos eventos que cobriam, muitas vezes com um considerável fervor⁴⁸, e a segunda seria que “as pessoas envolvidas nos jornais do Movimento, viam a si mesmas em primeiro lugar como ativistas ou mobilizadoras e, em segundo lugar como jornalistas”⁴⁹

Independentemente da linha editorial e da região que os jornais pertenciam, havia uma circulação desses periódicos a nível nacional que, em seu conjunto, davam um senso de pertencimento e unidade à juventude que os consumia, principalmente no ambiente universitário que servia como núcleo de circulação de ideias. A sensação de pertencimento a algo maior por parte dessa juventude, foi criada, em grande parte, pela veiculação nacional dos assuntos relacionados ao Movimento:

...os jornais *undergrounds*, atuando em associação, podiam transformar cenários locais ou regionais em tendências nacionais, trazendo assim, um senso de coesão e de comunidade à crescente rebelião juvenil. Nesse caso, as excentricidades dos *hippies* da Costa Oeste eram exportadas, em poucos meses, para redutos boêmios espalhados por todo o país. Vivendo em grandes cidades, subúrbios ou no interior, os jovens forjavam conexões com as cenas *underground* em lugares distantes, através dos jornais radicais. Como comentou um analista de mídia em 1966, os jornais identificados com essa juventude da década de 1960 eram “de certa forma, jornais de comunidades locais, mas essas comunidades eram sociopolíticas e não geográficas”.⁵⁰

1.2.1 – O surgimento da primeira geração de jornais *underground* dos anos 1960

Para poder compor uma narrativa que fornecesse os principais elementos que estruturaram o nascimento da imprensa *underground*, utilizamos a estruturação metódica e cronológica feita por Abe Peck em seu livro *Uncovering The Sixties - The Life and Times of The Underground Press*. A obra, que foi editada pela primeira vez em 1985, configura-se em um estudo bem abrangente sobre a imprensa *underground* dos anos 1960 nos Estados Unidos.

Tom Forcade, coordenador da *Underground Press Syndicate*⁵¹, afirmou que muitos conseguem ver as raízes da imprensa *underground* nos jornais socialistas do início do século XX, enquanto outros veem a origem nos jornais e revistas dos anos 1950, mais voltados à cultura *beatnik*, como por exemplo o *Village Voice*, conforme citamos anteriormente. A questão

⁴⁸ MCMILLIAN, op. cit., p.8.

⁴⁹ Ibid., p.9.

⁵⁰ Ibid., p.80.

⁵¹ O *Underground Press Syndicate* foi uma associação de publicações *underground* criada em 1966. Trataremos melhor de sua criação e sua importância mais à frente neste capítulo.

é que, para Forcade, apesar das similaridades entre essas influências, a imprensa *underground* dos anos 1960 foi um fenômeno único, com uma história própria.⁵² O contexto histórico contracultural e politicamente dissidente que se apresentava como uma “novidade” na época moldaram a unicidade desse fenômeno. Esse discernimento faz com que possamos deslocar a imprensa *underground* dos anos 1960 de uma simples continuidade de uma tradição que existia nos Estados Unidos, para um fenômeno destacado dentro da história da imprensa estadunidense.

O uso do termo *underground* para esses periódicos da década de 1960, também é um fato importante para podermos entender seu papel nesse período. Conforme problematizado por Laurence Leamer, o caráter “subterrâneo” de publicações que são ou foram consideradas como um tipo de “imprensa *underground*” em outros países ou em outros momentos históricos, muitas vezes eram acompanhadas de situações de real perigo aos seus leitores, fato que os americanos da década de 1960, que liam os jornais *underground*, não vivenciavam:

Essa imprensa radical contemporânea [a dos anos 1960] não é, obviamente, “subterrânea” no sentido tradicional. Os californianos não arriscam a vida lendo a *Los Angeles Free Press*, como os italianos se arriscavam lendo as edições da antifascista *L'Italia Libera* durante a Segunda Guerra Mundial. Nem os membros da redação do jornal *Kalendoscope* de Milwaukee serão presos por imprimir seus jornais, assim como aqueles que ousavam mimeografar e distribuir os jornais clandestinos da União Soviética. Esses jornais americanos contemporâneos, então, são *underground* apenas no sentido de fazerem parte da subcultura radical e política dos jovens.⁵³

Portanto, dentro dessa consideração, o termo *underground* está se referindo especificamente a esse conjunto de jornais da década de 1960 nos Estados Unidos, ligados a essa “subcultura radical e política dos jovens” citada por Leamer, que em seu conjunto chamamos de Movimento.

O termo *underground* teria começado a ser usado a partir do uso do termo para designar a venda de drogas ilícitas que era, de uma forma depreciativa, vinculada aos jornais *underground* pois pretensamente, seria através desse tipo de venda que eles se sustentariam⁵⁴, uma vez que, teoricamente, esses jornais eram empreendimentos anti-*establishment* e não buscariam arrecadar dinheiro ou ter lucro. Alguns jornais, preferiam o termo “revolucionários” para designá-los, outros, usavam o termo “alternativo”, Tom Forcade rejeitava o uso do termo *underground*:

⁵² PECK, op. cit., p.22.

⁵³ LEAMER, op. cit., p.19.

⁵⁴ Em alguns casos, a venda de drogas ilícitas foi usada como forma de arrecadar dinheiro para a edição de jornais *underground*, mas essa forma de financiamento estava longe de ser a regra entre esses periódicos.

Underground é uma palavra descuidada e muitos de nós lamentamos termos ficado presos nela. "*Underground*" é sem sentido, ambígua, irrelevante, amplamente imprecisa, indefinida, secundária, sem direitos autorais, incontrolável e desgastada.⁵⁵

Apesar de tudo, o termo *underground* acabou sendo consagrado como forma de identificação desses jornais dissidentes da década de 1960, sendo basicamente a única forma de designação usada para esses jornais de maneira ampla.

1.2.1.1 – *Los Angeles Free Press*

O primeiro jornal considerado como pertencente a imprensa *underground* nos anos 1960 foi o *Los Angeles Free Press*. Sua primeira edição foi publicada no dia 24 de maio de 1964. Para Laurence Leamer, o *Los Angeles Free Press* estaria junto ao *East Village Other*, ao *Berkeley Barb* e ao *San Francisco Oracle* como os “iniciadores” dos jornais *underground*⁵⁶, ou como Abe Peck chamou, a “primeira onda” de jornais *underground*.⁵⁷

O *Los Angeles Free Press* foi criado por Art Kunkin, um intelectual que havia trabalhado para publicações socialistas de alcance nacional como a *Corresponde* e a *News and Letters*, além de ter sido gerente de negócios do jornal *Militant*, publicação do Partido Socialista dos Trabalhadores dos Estados Unidos. O jornal teve sua primeira edição nomeada como *Faire Free Press*, sendo distribuída gratuitamente na Feira Renascentista de Los Angeles (*Los Angeles Renaissance Faire*), um evento patrocinado pela rádio local KPFK-FM. Na edição seguinte, o jornal já seria nomeado como *Los Angeles Free Press*, vendendo 1200 exemplares dos 5 mil que haviam sido impressos.⁵⁸

Ao criar o jornal, Art Kunkin buscava desvinculá-lo das publicações da velha esquerda que ele já tinha feito parte. Segundo Kunkin, naquele momento, ele já identificava tanto a publicação que havia criado, como as antecessoras, e as que estavam sendo criadas em seguida ao *Los Angeles Free Press*, como pertencentes a um movimento novo, diferente do velho radicalismo. A linha editorial do “*Freep*” – nome pelo qual era conhecido o *Los Angeles Free Press* – mesclava artigos sobre cultura, cinema e música, com uma linha mais política, conforme Art Kunkin afirmou ter sido essa sua intenção:

Eu queria um jornal que reunisse todos os diversos elementos da comunidade e que não fosse apenas político, mas também cultural. Eu circulava pelos

⁵⁵ RUVINSKY, op. cit., pp.45-6.

⁵⁶ LEAMER, op. cit., p.27.

⁵⁷ PECK, op. cit., p. 19.

⁵⁸ Ibid. pp. 20-21.

cafés, pelos grupos de poesia, pelos pequenos teatros e assim por diante, então sabia que havia vida nesses ambientes culturais.⁵⁹

O crescimento do Movimento não necessariamente significava uma aglutinação de diferentes visões de mundo que estavam postas, mas sabia-se que mesmo não articulados entre si, esses diferentes tipos de pessoas que possuíam distintas pautas, em seu conjunto, constituíam o público alvo da imprensa *underground*, conforme afirmou Laurence Leamer, ao tentar representar aqueles que liam o *Los Angeles Free Press*:

.. a colcha de retalhos que representava o seu padrão de leitores englobava todos os elementos da classe média branca que tentavam escapar dos padrões tradicionais da vida americana. Os leitores eram: burgueses locais que gostavam do estilo boêmio, radicais, homossexuais, jovens, estudantes, turistas e esquerdistas que estavam no armário. Nenhum teórico de esquerda jamais sugeriu que esse público fosse o material humano para o qual uma revolução poderia ser forjada, mas o fato surpreendente foi que, em meados da década de 1960, em Los Angeles e em todo o país, esse massa heterogênea representava o elemento mais radical da América branca.⁶⁰

Não só em relação ao *Freep*, mas podemos afirmar que, inicialmente, o público leitor dessa primeira geração de jornais *underground* era constituído por pessoas do recorte social afirmado por Leamer no trecho anterior. Era uma classe média branca, que incorporava o estilo de vida contracultural que se consolidava naquele momento, dentro da geração *baby boomer* que emergia. Conforme atingiam uma idade adulta, esses indivíduos acabavam formando os representantes dessa nova radicalidade, que se opunham àquela pertencente ao “antigo movimento radical” citado por Art Kunkin. O próprio Kunkin opõe o velho ao novo ao considerar-se, segundo suas próprias palavras, o único líder da velha radicalidade a estar também presente na nova, o que atestaria a ausência dos antigos dentro do novo: “Eu era a única pessoa que ocupava uma posição de liderança na velha radicalidade a aderir ao movimento da imprensa *underground*”.⁶¹

Isserman e Kazin, atestam que a sedição ocorrida na sociedade dos Estados Unidos nos anos 1960, e que provocou o que eles chama de “guerra civil cultural”, era toda fundamentada em um conflito de gerações,⁶² o que também serve para explicar a pouca presença dos veteranos participantes da antiga radicalidade, representantes de uma geração anterior, no Movimento que se construía naquele momento. Art Kunkin e também Max Scherr – fundador do *Berkeley Barb*

⁵⁹ PECK, op. cit., p. 21.

⁶⁰ LEAMER, op. cit., p.28.

⁶¹ PECK, op. cit., p.21. Verificamos certa imprecisão nessa fala de Art Kunkin, uma vez que, como veremos mais adiante, o próprio Max Scherr, fundador do *Berkeley Barb*, também possuía anteriormente uma posição de liderança na antiga esquerda americana, inclusive com uma atuação sindical.

⁶² ISSERMAN; KAZIN, op.cit., p.4.

–, seriam alguns dos poucos representantes da antiga esquerda que se consolidariam dentro desse movimento de jornais *underground*, conseguindo, pelo menos inicialmente, superar a barreira geracional que se impunha naquele contexto histórico.

1.2.1.2 – *East Village Other*

Outro jornal *underground* criado nos anos 1960 considerado como parte da primeira geração dos jornais *underground* foi o *East Village Other*. Assim como o *Los Angeles Free Press*, a criação do *Other* (ou EVO, como ele também ficou conhecido) está intimamente vinculada aos esforços individuais de seu editor, nesse caso, Walter Bowart. Ele havia passado sua infância e juventude no estado de Oklahoma, mudando-se para Nova York assim que se formou no curso de jornalismo na Universidade de Oklahoma. Recém chegado, após tentar uma carreira artística como pintor, Bowart partiu de um sentimento de insatisfação com o conteúdo que era publicado no *Village Voice*, para se empenhar na criação de um novo jornal. Em outubro de 1965, era publicada por ele a primeira edição do *East Village Other*.

Percebemos que o EVO dedicava uma boa parte de suas edições à cobertura da produção artístico-cultural da época, uma vez que era o assunto pelo qual Bowart tinha um grande interesse particular. O *East Village Other* chamava a atenção pelo uso de uma estética psicodélica criada a partir de conceitos modernos de arte. Questões sobre o consumo de drogas no período, principalmente a utilização do LSD – muito pela ligação que Bowart tinha com Timothy Leary (professor da Universidade de Harvard e um dos ícones da defesa da utilização do LSD para fins terapêuticos), estavam constantemente presentes nas páginas do *EVO*. Leary, com o transcorrer das edições, tornou-se assíduo colunista da publicação.

Para conseguirmos caracterizar mais precisamente a linha editorial do *East Village Other*, podemos tomar como exemplo a cobertura que ele se propunha realizar sobre as questões relacionadas à Guerra do Vietnã. Ao observarmos algumas edições que possuíam artigos sobre o tema, de maneira geral, podemos verificar um conteúdo mais voltado às questões morais relacionadas a crueldade das mortes causadas pelas forças dos Estados Unidos, ao invés de análises geopolíticas que questionavam a presença das forças norte-americanas no sudeste asiático, como ocorria em muito dos jornais que priorizavam um viés político em suas edições. Outro visível diferencial do jornal em relação aos seus congêneres, era o intenso uso artístico de desenhos, colagens e fotomontagens, conforme afirmou Harry Jackson, jornalista da revista de rock *Zygote*:

quando eles cobriam um protesto, eles publicavam uma incrível colagem de fotos. Eles alcançavam o que talvez fosse o ponto alto do jornalismo americano – capturavam algo de fantasia assim como o também os fatos.⁶³

De maneira geral, as pautas artístico-culturais e o uso de ironia ao tratar de certos temas, fugindo de uma abordagem direta a respeito de questões políticas, definiam a identidade do EVO. Como afirmou Abe Peck: “O EVO era o primeiro jornal *underground* a ser mais Groucho Marx do que Karl.”⁶⁴

1.2.1.3 – *San Francisco Oracle*

O *San Francisco Oracle*, juntamente ao *Berkeley Barb*, foram os dois principais jornais *underground* da área da Baía de São Francisco. Nascido no distrito de Haight-Ashbury, na cidade de São Francisco, o *San Francisco Oracle* teve sua primeira edição publicada no dia 20 de setembro de 1966. A região de Haight-Ashbury, naquele período, diferentemente do que ocorria em *Berkeley*, não possuía uma influência direta dos movimentos organizados que existiam dentro da comunidade universitária. O fenômeno que se formou naquele distrito estava inicialmente ligado a uma cultura boêmia lá estabelecida, graças ao baixo custo dos imóveis daquela região no período pós-Segunda Guerra Mundial.⁶⁵ Na década de 1960 o bairro acabou se tornando não só o epicentro do que ficaria conhecido posteriormente como o movimento *hippie*, mas também um local de convergência de pessoas pertencentes a grupos socioculturais diversos. Em 5 de setembro de 1965, o jornalista Michael Fallon do jornal *San Francisco Examiner*, caracterizou o Haight-Ashbury dessa maneira:

Haight-Ashbury é o novo bairro boêmio da cidade para escritores, pintores e músicos, trabalhadores pró-direitos civis, ativistas de todo o tipo de causas, homossexuais, lésbicas, usuários de maconha, jovens casais com inclinações artísticas e aqueles que estão à margem da margem da boêmia - os “*hippies*”, os “cabeças”, os “beatniks”.⁶⁶

Haight-Ashbury foi palco em 1967 de um dos momentos mais emblemáticos do movimento *hippie*: o “Verão do Amor” (*Summer of Love*), que correspondeu a um conjunto de

⁶³ LEAMER, op. cit., p.40.

⁶⁴ PECK, op. cit., p. 33.

⁶⁵ WHITE, Dan. In **San Francisco, Where Flower Power Still Blooms**. New York, 9 de fevereiro de 2009. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2009/01/09/travel/escapes/09american.html>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

⁶⁶ ASHBOLT, Anthony. **A Cultural History of the Radical Sixties in the San Francisco Bay Area**. New York: Routledge, 2013, p. 88.

eventos que ocorreu a partir de janeiro daquele ano, reunindo milhares de pessoas. O *San Francisco Oracle* foi um dos organizadores do Verão do Amor.⁶⁷

O *Oracle* teve doze edições, sendo a última delas publicada em fevereiro de 1968. Diferentemente de seus contemporâneos, a criação do jornal não estava fundamentada em um único indivíduo, e sim várias pessoas participavam de sua organização. Assim como o *EVO*, o *Oracle* era mais direcionado às artes, principalmente à estética psicodélica, tentando reproduzir em suas páginas, através das reportagens, artigos e poemas, o espírito do bairro onde ele foi criado. O jornal acabou sendo muito reconhecido por seus artigos que abordavam a questão da defesa do uso do LSD. Abe Peck chegou a afirmar que o *Oracle* oferecia: “... notícias sobre drogas para usuários de drogas, além de ter virado um *souvenir* para turistas que ficavam espantados com o Haight.” Peck complementou, sintetizando o que seria o objetivo do jornal: “... definir um novo tipo de ativismo [...] voltado para a liberdade do corpo e à busca da alegria e expansão da consciência.”⁶⁸

1.3 – O caráter político, cultural e a oposição à guerra do Vietnã nos jornais *underground*

A principal questão que distinguia os jornais *underground* no período se referia à linha editorial das publicações, sendo que umas assumiam uma linha editorial com um caráter predominantemente político e outras predominantemente cultural. O conjunto de jornais *underground* conseguia englobar ambas as vertentes. A partir da análise da origem desses jornais e da apreciação de suas primeiras edições, podemos visualizar algumas características comuns e outras distintas, que identificam as origens dessa primeira onda dos jornais *underground*. Em ambos os casos, essas formas políticas e culturais eram apresentadas de uma maneira nova, a partir da cultura jovem que emergia e que, naquele momento, ainda não podia ser plenamente caracterizada.

Os jornais de viés predominantemente político, mostravam um claro rompimento com a velha esquerda e com a ideia de revolução marxista. Eles flertavam, ainda que de maneira cuidadosa, com a Nova Esquerda que estava em processo de formação e consolidação. Considerando os aspectos socioculturais em ambas as vertentes, os jornais *underground* dessa primeira geração, em sua gênese, vão expressar os anseios *anti-establishment* de uma juventude de classe média que surgia como portadora de novas demandas que estavam em construção e

⁶⁷ COHEN, Allen. “A New Look at The Summer of Love”, 1995. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20030301191305/http://www.net.info.nl/cohen/>> Acesso em: 25 de julho de 2018.

⁶⁸ PECK, op. cit., p. 37

que clamariam por mudanças estruturais dentro da sociedade estadunidense, sendo que essa questão será o enfoque principais dos jornais que tinham uma linha editorial mais voltada a questão cultural.

Outra questão a ser considerada, dentro do conjunto de jornais *underground*, é que em momentos logo posteriores às suas criações, eles irão se transformar em espaços para que grupos organizados pudessem manifestar suas pautas individuais, mesmo que o jornal não fosse ligado diretamente àquele grupo ou àquela pauta específica. Um grande exemplo é o movimento negro pró-direitos civis que, nas suas diversas expressões, tinha a sua atuação coberta pelos jornais *underground*, mesmo que nenhum deles, na sua concepção, estivesse *a priori* vinculado diretamente a esse movimento.

Considerando o momento em que foram concebidos, podemos enxergar a sincronicidade da criação dos jornais *underground* dessa primeira onda, com o crescimento exponencial dos protestos anti-Guerra do Vietnã o que, por suposto, acabou gerando a cobertura desses protestos por essas publicações. Assim como a rejeição à Guerra do Vietnã conseguiu unir diversos grupos do Movimento, que tinham distintas bandeiras, em torno de uma pauta comum, a oposição à guerra também acabou por configurar um assunto que será unanimidade nas publicações *underground* da segunda metade da década de 1960, por mais distintas que fossem as linhas editoriais que cada uma delas adotava.

1.4 – Berkeley Barb

1.4.1 – O ativismo em Berkeley

“Estar em Berkeley era sentir-se no centro da história sendo construída.”⁶⁹ Assim Tom Hayden⁷⁰ definiu a sensação que tinha ao estar em Berkeley nos anos 1960. A cidade de Berkeley nessa década, configurou-se em um dos principais polos aglutinadores do Movimento em todas as suas vertentes de atuação. O fator central que conduziu a cidade a ser caracterizada

⁶⁹ ASHBOLT, op. cit., p.5

⁷⁰ Tom Hayden foi uma das figuras proeminentes do ativismo político nos anos 1960 nos Estados Unidos. Ativo participante do SDS, foi um dos autores do *Port Huron Statement*. Criado em 1960, o *Students for a Democratic Society*, SDS, era a maior e mais conhecida organização da Nova Esquerda dos Estados Unidos. Escrito em 1962 e apresentado na primeira convenção do grupo, em junho do mesmo ano na cidade de Port Huron, Estado de Michigan, o *Port Huron Statement* foi um manifesto político do SDS, onde eram apresentadas suas principais pautas e intenções. Para saber mais sobre o SDS: < <https://www.smithsonianmag.com/history/what-was-protest-group-students-democratic-society-five-questions-answered-180963138>> Acesso em 12 de março de 2019. Para acessar o texto completo do *Port Huron Statement*, ver: <http://www.progressivefox.com/misc_documents/PortHuronStatement.pdf> Acesso em: 22 de março de 2020.

dessa maneira, se relaciona à presença do *campus* da Universidade da Califórnia na cidade, trazendo para lá um grande número de estudantes que ingressavam em uma das principais e mais renomadas universidades públicas dos Estados Unidos todos os anos. A presença do espaço universitário, por si só, não justificaria a primazia de *Berkeley*, mas somente com a existência desse espaço, que pode ocorrer a criação de grupos que atuaram política e culturalmente de forma ativa durante essa década, e que acabaram tornando-se um tipo de vanguarda, servindo como referência para o Movimento em todo o país. Dentre esses grupos, destacamos o SLATE e o *Free Speech Movement*, que acabaram sendo essenciais para a construção de um cenário de engajamento e de florescimento do pensamento de dissenso em Berkeley, e que está intimamente ligado à gênese do *Berkeley Barb*.

Os *campi* universitários espalhados pelos Estados Unidos acabaram sendo aglutinadores de novas ideias dissidentes e polos formadores de grupos atuantes dentro do Movimento. A boa conjuntura econômica do pós-guerra e o chamado *baby-boom*, em que os Estados Unidos experimentou um aumento exponencial de sua população, impulsionava o estadunidense médio a colocar, entre as realizações do “sonho americano”, conseguir garantir o ingresso dos filhos na universidade. Sendo assim, houve um aumento enorme no número de estudantes universitários nos Estados Unidos durante as décadas de 1950 e 1960, tendo um crescimento de 49% na década de 1950 e de 120% na década de 1960 (figura 1).⁷¹

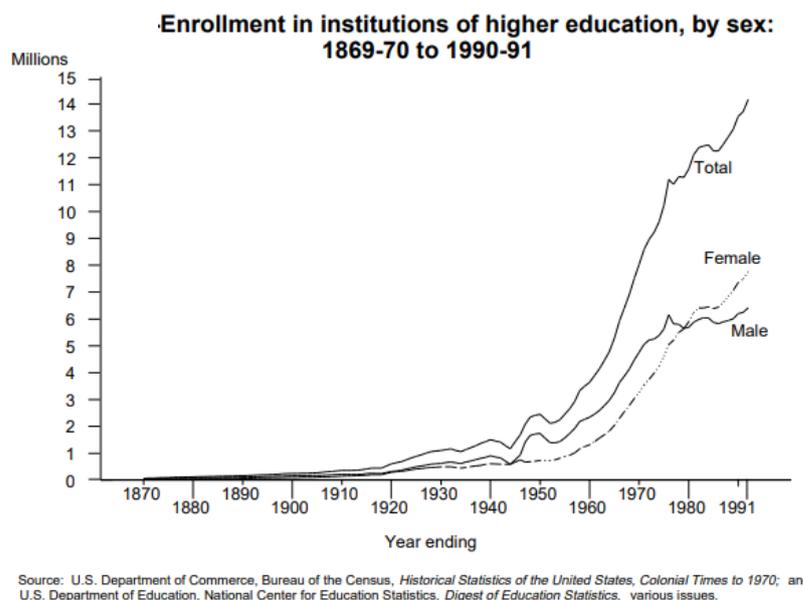


Figura 1: Gráfico com o número de matrículas em instituições de ensino superior nos Estados Unidos de 1869-70 até 1990-1991. **120 Years of American Educational:** A Statistical Portrait. U.S. Department of Education. Jan/1993, p.65.

⁷¹ **120 Years of American Educational:** A Statistical Portrait. U.S. Department of Education. Jan/1993, p.66.

Ainda padecendo das agruras do Macartismo, dentro da lógica da Guerra Fria, o ambiente universitário acabou se transformando em polos de expressão da insatisfação dos jovens com o *establishment* da sociedade estadunidense da época. Esse aumento exponencial dos números de jovens ingressantes nas universidades potencializava a probabilidade de que diferentes pessoas de diferentes regiões, que compartilhavam interesses semelhantes, como por exemplo em relação à política, se encontrassem e, a partir daí, pudessem atuar e prol daquilo que acreditavam, podendo chegar à constituição de grupos ou comitês organizados.

O jornalista Milton Viorst, descreveu, a partir de uma entrevista feita com Tom Hayden nos anos 1970, a impressão sobre Berkeley no início da década de 1960:

“Cheguei a Berkeley”, disse Hayden, “e imediatamente fui à primeira pessoa que vi que estava distribuindo panfletos. Eu nunca tinha visto algo assim antes. Eu disse a ela quem eu era e no que estava interessado e, sendo políticos, eles me levaram para casa e me deram um quarto para ficar por algumas semanas, e tentaram me educar politicamente.” Com seus quinze mil estudantes de graduação e oito mil estudantes de pós-graduação, Berkeley parecia um frenesi quando Hayden chegou em junho de 1960. Como os *campi* de outros lugares, a Universidade da Califórnia em Berkeley sofreu durante o longo inverno que foi o Macartismo, mas as demandas por conformidade política lá tinham sido particularmente severas, e as batalhas daquele período particularmente amargas. Naquele momento, Berkeley estava acordando um pouco mais cedo do que outros *campi* e com mais entusiasmo. A contracultura, atravessando a baía a partir de São Francisco, havia estabelecido colônias na comunidade de Berkeley, e o cenário das ruas já era bastante animado. A política estudantil, há tanto tempo entediante e sem graça, estava começando a se preocupar com os sérios problemas sociais.⁷²

Podemos considerar que uma soma de fatores levou a Universidade da Califórnia em Berkeley a ser um nascedouro de grupos organizados e alunos ativamente engajados em determinadas pautas que acabavam por expressar um pensamento de dissenso em relação ao sendo comum e ao *establishment* da sociedade estadunidense da época. Um dos fatos que geradores do florescimento das mobilizações de dissenso na Universidade da Califórnia em Berkeley, foi a vitória em 1959 nas eleições no conselho estudantil⁷³ – ASUC (*Associated Students of the University of California*) – do candidato David Armour do recém formado grupo de esquerda SLATE.⁷⁴ O posicionamento do SLATE, no final da década de 1950, a favor da luta pró-direitos civis, pela liberdade acadêmica e, ao mesmo tempo, o fato dele não ter assinado um ato de repúdio ao comunismo, preocupava a administração da universidade. O presidente

⁷² VIORST, Milton. **Fire in the streets: America in the 1960s**. New York: Touchstone, 1981, pp.167-8.

⁷³ Os conselhos estudantis universitários nos Estados Unidos seriam análogos aos diretórios acadêmicos nas universidades brasileiras.

⁷⁴ A sigla SLATE não possuía nenhum significado específico.

da universidade, Clark Kerr, havia publicado algumas diretivas que impediam as organizações de estudantes de tomar posições em questões de fora do campus. A oposição entre a SLATE, agora no comando do conselho estudantil, e a administração da universidade, serviu como estopim de um conflito que acabaria sendo um ponto de convergência de diversos estudantes que tinham latente um descontentamento geral com inúmeras pautas, mas que não possuíam modos de expressar seu pensamento de dissenso. O batismo de fogo do SLATE ocorreu em maio de 1960, quando o Comitê de Atividades Antiamericanas (HUAC⁷⁵) esteve em São Francisco para proceder alguns interrogatórios a respeito de acusações de deslealdade e subversão. Ao chegarem em São Francisco, no dia 12 de maio de 1960, os membros do comitê seguiram à prefeitura da cidade para serem recebidos por autoridades locais. Na prefeitura, eles se depararam com centenas de estudantes que organizaram um piquete, protestando contra o HUAC. No dia seguinte, mais estudantes estiveram presentes no local e, após diversas discussões e momentos de tensão entre os estudantes que queriam assistir os depoimentos e a polícia, o choque entre eles acabou sendo inevitável. O confronto entre policiais e manifestantes, ocorrido no dia 13 de maio de 1960, ficou conhecido como a “sexta-feira negra” e acabou sendo o primeiro conflito violento naquela década entre estudantes brancos que protestavam e a polícia.

Algumas semanas antes da visita do HUAC a São Francisco, estudantes associados ao SLATE, juntamente à boemia de Berkeley, haviam organizado protestos contra a pena de morte, motivados pela condenação de Caryl Chessman, que seria executado em breve na prisão de San Quentin. Havia uma movimentação na cidade de *Berkeley*, dentro e fora do *campus*, voltada à organização de protestos e manifestações. Mas as diretivas de Clark Kerr ainda se constituíam em impeditivos para o envolvimento de alunos em pautas político-sociais fora do *campus*, uma vez que os alunos que se envolvessem politicamente em movimentos fora da universidade, poderiam sofrer graves represálias.

Já em 1964, a relação entre o SLATE e o movimento pró-direitos civis deu origem ao *Free Speech Movement*. Mario Savio, foi uma das principais figuras que se destacou no FSM. Savio buscava levantar fundos e recrutar pessoas para o SNCC⁷⁶, a fim de ajudar o movimento pró-direitos civis de Berkeley. Ele acabou tendo dificuldades em seus esforços devido a política de proibição do engajamento político de alunos em organizações e movimentos de fora do

⁷⁵ House Un-American Activities Committee.

⁷⁶ O *Student Nonviolent Coordinating Committee* (SNCC) foi um dos maiores e mais proeminentes movimentos a favor dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos nos anos 1960. Fundado no ano de 1960, teve crucial importância na organização das principais mobilizações pró-direitos civis na primeira metade daquela década.

campus. Por manter mesas de divulgação de material de organizações, em setembro de 1964, Savio e mais outros sete estudantes haviam sido suspensos pela universidade. No dia 1º de outubro daquele ano, um ex-estudante da Universidade da Califórnia, Jack Weinberg, que comandava uma mesa de divulgação no Sproul Plaza, dentro do *campus*, se recusou a se identificar à polícia universitária. A polícia, então, resolveu prender Weinberg. Com o estudante dentro do carro de polícia, diversos outros estudantes, liderados por Savio organizaram um “*sit-in*” em torno do carro de polícia, a fim de impedir a prisão do aluno (figura 2).

A partir desse fato, com o intuito de protestar a favor do direito constitucional de livre manifestação dos alunos, que estava sendo tolhido pelas regras universitárias, surgiu o *Free Speech Movement* que, apesar da pouca duração (o FSM acabou sendo dissolvido em 1965), acabou se tornando amplamente conhecido pelo seu modo de atuação. Inspirado no movimento pró-direitos civis, o grupo inicialmente focou na organização de *sit-ins* não-violentos e comícios em que Savio era um dos principais oradores. Posteriormente, a organização comandou greves estudantis e a ocupação de prédios no *campus* da Universidade da Califórnia em Berkeley, além de marchas nos centros de recrutamento militar - prática que depois será retomada também pelo *Vietnam Day Committee* e durante a *Stop the Draft Week* - que trataremos no terceiro capítulo. A ação violenta da polícia contra os protestos organizados pelo FSM também era recorrente.



Figura 2: Mario Savio em cima do carro da polícia universitária em frente ao Sproul Plaza, discursando para estudantes a fim de evitar a prisão de Jack Weinberg. Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2014/10/02/us/free-thought-subdued-speech-50-years-later.html>> Acesso em: 19 de fevereiro de 2020.

O FSM acabou sendo um exemplo de organização estudantil de meados da década de 1960, que foi seguido por grupos organizado em diversas outras universidades dos Estados Unidos, o que acabou colocando os estudantes da Universidade da Califórnia em Berkeley, como modelos de atuação e organização do ativismo estudantil na época, elevando o nome da cidade de Berkeley tanto nos Estados Unidos como internacionalmente. A partir de então, os movimentos iniciados em *Berkeley*, como o *Vietnam Day Committee* por exemplo, acabavam sendo admirados e respeitados pelo país:

Durante os anos sessenta, os eventos na região [da Baía de São Francisco] reverberaram nacionalmente, muitas vezes promovendo mudanças na vida e nas percepções das pessoas. Sara Davidson lembra Berkeley no início dos anos 60 como sendo “o lugar entre todos os lugares para se estar. Era um enclave onde as coisas aconteciam primeiro, onde as regras sociais da classe média não se aplicavam.” Em um influente livro de memórias dos anos sessenta, Elinor Langer rememorou: “A mudança na minha vida veio com o *Free Speech Movement*.” Um boletim do SDS observou, em 1966, que o *Vietnam Day Committee* de Berkeley “é visto por eles (radicais de Berkeley) e pela maior parte do país como a vanguarda do movimento antiguerra – a própria cidade de Berkeley, como vanguarda de quase qualquer movimento político.” Em 1967, uma representante estudantil de Berkeley ficou impressionada com sua recepção nos *campi* universitários da Costa Leste: “Eles procuram sobre Berkeley para saber o que está acontecendo.” O jornal *New Left Notes* do SDS, no final do mesmo ano, sugeriu que “as bases foram estabelecidas” na área da Baía de São Francisco “para tornar possível a revolução.” Lewis Feuer observou que “Berkeley liderava o caminho” em “incitar a violência” que caracterizava os protestos da Nova Esquerda em fins dos anos 1960. Da mesma forma, Irving Louis Horowitz sugeriu que o nível de violência no movimento antiguerra era “maior na Costa Oeste, particularmente na região da Baía de São Francisco.”⁷⁷

1.4.2 – Origens do Berkeley Barb

A história dos anos sessenta foi escrita tanto no *Berkeley Barb* como foi no *New York Times*.⁷⁸

Conforme a ordem de nascimento dos jornais *underground*, definida por Laurence Leamer, o *Berkeley Barb* – também conhecido simplesmente como *Barb* – fazia parte da primeira onda de periódicos *underground*, tendo a sua primeira edição publicada no dia 13 de agosto de 1965, sendo considerado o segundo jornal *underground* dos anos 1960, após o surgimento do *Los Angeles Free Press*, tido como o primeiro deles.

⁷⁷ ASHBOLT, op. cit., p.48.

⁷⁸ MCMILLIAN, op. cit., p.XIV.

A criação e o estabelecimento do *Berkeley Barb* como um jornal relevante na cidade de Berkeley e o seu posterior reconhecimento nacional, durante o período que estamos tratando, estão intimamente ligados à figura de seu criador e editor Max Scherr. Na data de publicação da primeira edição do *Berkeley Barb*, Scherr tinha 49 anos. Descendente de judeus russos, ele nasceu no dia 12 de março de 1916 na cidade de Baltimore, estado de Maryland, nos Estados Unidos. Seus pais haviam chegado ao país no ano de 1898. Não encontramos fontes que continham algum registro relevante sobre a infância de Max.

Em 1938, Max Scherr formou-se em Direito na Universidade de Maryland, e viveu atuando como advogado em sua cidade natal. Em 1940, ajudou a organizar o sindicato dos trabalhadores de transporte da cidade, sendo a primeira organização sindical sem segregação racial com um viés político à esquerda na cidade de Baltimore. Seu empenho para convencer os motoristas a se sindicalizarem fez com que recebesse ameaças de morte. Scherr acabou sendo expulso da cidade por capangas que agiam em nome daqueles que eram contra a organização sindical em Baltimore. Devido a essas circunstâncias, Max resolveu ir para a Califórnia e, através de caronas, acabou chegando ao México, onde, em 1942, casou-se com uma estudante de medicina mexicana chamada Juana Estela Salgado.

Em 1943, ao tomar conhecimento do tratamento pelo qual os judeus estavam passando na Europa, resolveu se alistar ao exército dos Estados Unidos, sendo enviado para combater na Normandia em 1944, durante a Segunda Guerra Mundial. Pouco tempo depois de ter ido à guerra, sua esposa deu à luz a seu primeiro filho, Sérgio. Após o fim do conflito, Max retornou ao México. Lá, trabalhava como jornalista *freelancer* para a *United Press International*, além de escrever para a revista *The Mexican Review*. Em 1946, nasceu seu segundo filho, Kolynos, que acabou falecendo alguns meses depois. Após esse traumático acontecimento, Scherr decidiu mudar-se, juntamente com sua família, para a região da Baía de São Francisco, onde nasceu sua filha Raquel. Max passava por dificuldades em conseguir emprego, o que fez com que se mudasse novamente, agora para a cidade de Miami, onde viviam seus irmãos e irmãs, e onde nasceu seu quarto filho, Martin David. Em 1948, ele ajudou a organizar uma marcha contra as chamadas “*anti-dark*” laws, que proibiam os negros de andarem na rua após o anoitecer em algumas cidades praianas da região. No ano de 1949, Max resolveu mudar com sua família para Berkeley, onde ele voltou a estudar, completando seu mestrado em Sociologia na Universidade da Califórnia em Berkeley.⁷⁹

⁷⁹ Grande parte das informações sobre a vida de Max Scherr foram retiradas do site: <<http://www.berkeleybarb.net/aboutmax.html>> Acesso em: 16 de junho de 2018.

Max Scherr entra na década de 1950 trabalhando como editor de publicações relacionadas ao Direito, passando parte de seu tempo livre com estudantes e intelectuais que viviam na cidade. Raquel Scherr, sua filha, em uma crônica que escreveu sobre o período, mas especificamente sobre a questão do convívio de pessoas de diversos países e etnias que presenciou durante sua infância em Berkeley, lembrou algo que acontecia quando era criança: seu pai a levava habitualmente a um café chamado *Piccolo*, perto do *campus* da Universidade da Califórnia, onde ele encontrava seus amigos que, segundo ela, eram geralmente judeus ou negros.⁸⁰ O café *Il Piccolo*, rebatizado como *Caffè Mediterraneum* em 1957, era conhecido simplesmente como *Med*. Ele estava localizado próximo ao *campus* da Universidade da Califórnia, mais especificamente na *Telegraph Avenue*, rua que se transformou em um dos marcos simbólicos da contracultura e dos movimentos políticos da década de 1960 em Berkeley (figura 3), muito graças ao afluxo de estudantes, uma vez que nela encontravam-se estabelecimentos como livrarias e bares que acabavam sendo utilizados como pontos de encontro desses estudantes.⁸¹ Durante a época em que Scherr frequentava o lugar, ele socializava com os estudantes que vieram a formar o já citado SLATE, uma das pioneiras organizações estudantis que estruturariam a base da Nova Esquerda americana.

Esse ambiente de Berkeley também existia, analogamente em diversas outras cidades do país e chegou, posteriormente a serem definidos como “zonas *hip*” ou “territórios liberados”, conforme definiu John McMillian:

... surgiam ao lado dos *campi* de universidades, que também podiam ser um ambiente propício para jovens brilhantes e curiosos que não eram necessariamente estudantes. A estrutura desses locais nada mais eram do que lugares onde as pessoas podiam sair e se misturar - áreas públicas como parques ou quadras, ou estabelecimentos comerciais, como livrarias, tabernas, auditórios e cafeterias. Muitos dos mais importantes escritores e ativistas da Nova Esquerda pressentiram pela primeira vez que a sociedade estava caminhando para um período de maior vitalidade emocional e intelectual quando começaram a frequentar essas “zonas *Hip*”.⁸²

⁸⁰ SCHERR, Raquel. “La Japonesa”. In: LAFRANCE, Daniele; MERGOLIN, Malcolm (Ed.). **Berkeley!**: a literary tribute. Berkeley: Heyday Books, 1997. pp. 74-76.

⁸¹ Rezava a lenda que Allen Ginsberg, um dos principais representantes da contracultura dos Estados Unidos – fazendo parte tanto da geração *Beat*, quanto do Movimento dos anos 1960 – havia escrito seu icônico poema *Howl*, uma das obras mais famosas e representativas da geração *Beat*, em uma das mesas do *Med*, haja vista ter sido ele um assíduo frequentador do local. Cf. SHERIEF, Semira. “Berkeley’s historic Caffè Mediterraneum changing ownership”. **The Daily Californian**, Berkeley, 13 de novembro de 2016. Disponível em: <<http://www.dailycal.org/2016/11/13/berkeley-historic-caffe-mediterraneum-changing-ownership/>> Acesso em: 10 de julho de 2018.

⁸² MCMILLIAN, op. cit., p.36.

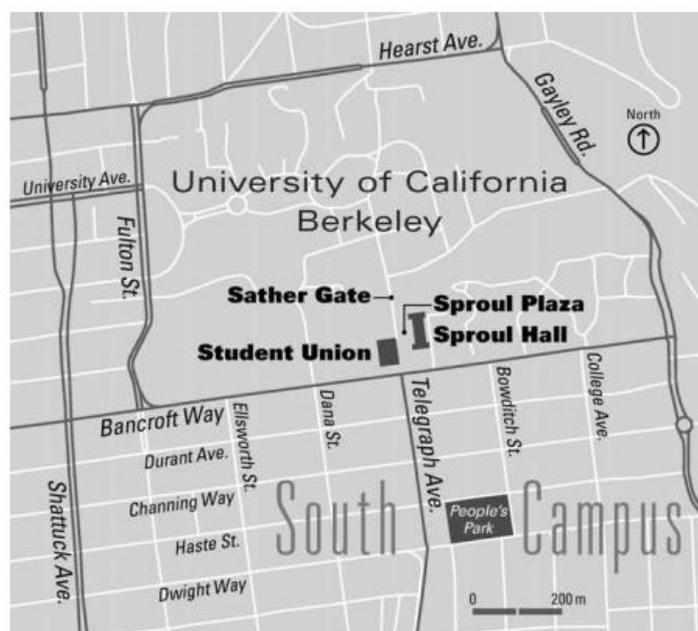


Figura 3: Mapa dos arredores da Universidade da Califórnia em Berkeley. Destacamos a localização do Sproul Plaza e Sproul Hall, onde ocorriam muitos dos protestos dentro do *campus*, da *Telegraph Avenue* e do *People's Park*, que seriam palcos de diversos protestos nessa segunda metade da década de 1960. ASHBOLT, op. cit., p. XIV.

Em 1958, Max comprou um bar na *San Pablo Avenue* (avenida também próxima ao campus da Universidade da Califórnia em Berkeley) chamado *Steppenwolf*, um dos lugares favoritos que os radicais de Berkeley se reuniam. Scherr testemunhava em seu bar as conversas e discussões a respeito da organização dos dois movimentos mais ativos nos protestos estudantis da época naquela região, o *Free Speech Movement* e o *Vietnam Day Committee*⁸³. Segundo as próprias palavras de Scherr, ele também participava ativamente dos protestos, sendo que esse seu envolvimento o levou a perceber a urgência de uma publicação que alcançasse aquele grupo de pessoas:

Eu não somente ouvia, eu participava dos meus próprios protestos. [...] Eu organizei piquetes na Comissão de Energia Atômica. Infelizmente, a comunidade que não fazia parte da universidade, só ficava sabendo das ações que ocorriam no lado de dentro do

⁸³ O *Vietnam Day Committee* (VDC) foi organizado em maio de 1965, a partir de um *teach-in* realizado na Universidade da Califórnia em Berkeley que tinha como nome *Vietnam Day*. Com grande proeminência entre os anos 1965 e 1967, organizou diversas marchas e protestos. Um de seus fundadores, Jerry Rubin, teve participação assídua no *Berkeley Barb*, escrevendo colunas e artigos em diversas edições. Anthony Ashbolt analisou o VDC como uma continuidade do *Free Speech Movement*. Sobre o grupo, ele escreveu: “Em maio de 1965, o campus de Berkeley sediou um enorme “*teach-in*” chamado *Vietnam Day*. Seus organizadores estavam determinados a seguir o espírito do FSM, portanto não haveria restrições a participantes de grupos de esquerda ou partidos políticos. Como Fred Halstead comentou, eles “recusaram-se a permitir que o governo ou a universidade, ou mesmo as figuras do movimento, definissem os termos do debate”. Consequentemente, uma ampla gama de opiniões dissidentes foi apresentada. Portanto, o *Vietnam Day* foi, em certo sentido, uma extensão lógica da luta pela ‘liberdade de expressão’. Pelas palavras de James Petras: ‘O *Free Speech Movement* conquistou o direito de ter espaço político. O *Vietnam Day* foi a aplicação concreta desse direito’.” Cf. ASHBOLT, op. cit., p.65.

campus. Os fatos só apareciam nos jornais muito tempo depois, e todos nós sentíamos a necessidade de um jornal que representasse de verdade a comunidade.⁸⁴

A comunidade a qual se referia Scherr, se configurava em um núcleo radical de uma juventude que não necessariamente possuía laços com a universidade, mas que estava crescendo em Berkeley devido ao ambiente contracultural e político que lá havia se formado nos últimos anos.

1.4.2.1 – A criação do Berkeley Barb

Há diversas fontes que narram a criação do *Berkeley Barb* de maneiras distintas. Uma delas, a importante revista *Time*, em 1969, chegou a relatar, de uma forma caricata, como Max Scherr teve a ideia de criar o jornal:

... a privada no banheiro masculino quebrou um dia em 1965 e, em vez de gastar o dinheiro para consertá-la, Max simplesmente vendeu o local e abriu um jornal *underground*.⁸⁵

A criação do *Berkeley Barb* descrita pela *Time*, é um dos claros exemplos da maneira irônica que muitas vezes a grande imprensa tratava os assuntos relacionados ao Movimento.

Já a versão relatada por Abe Peck, parte de um fato ocorrido no dia 2 de agosto de 1965, quando um jornal progressista que deveria ser lançado pela Cooperativa de Consumo de Berkeley, chamado *Citizen*, acabou não sendo publicado. No bar *Med*, Scherr discutia então com um dos frequentadores dizendo que não era necessário uma quantia de 43 mil dólares (quantia alta, que, supostamente, segundo o seu interlocutor, seria necessária para iniciar a publicação de um periódico) para produzir um jornal. Seu interlocutor respondeu: “Se é tão fácil, porque você mesmo não faz?”. Scherr teria respondido: “Ok, eu terei o jornal publicado na próxima semana e, se não conseguir, podem rir da minha cara”.⁸⁶ Para publicar o *Barb*, Max usou cerca de 10 mil dólares que tinha recebido na ocasião da venda do bar *Steppenwolf*. Ele afirmou que não sabia nada a respeito da publicação de um jornal, o que o levou a trabalhar incessantemente. Ele declarou que chegou a ir à biblioteca, mas não conseguiu encontrar os dois jornais que o haviam dito que poderiam ser modelo para ele, justamente o *Village Voice* e o *Los Angeles Free Press*. Sobre o nome do jornal, Max disse que não tinha um nome, mas, durante uma conversa com seu amigo Reggie Tolbert, ele tinha dito que seu objetivo seria “enfiar uma farpa (*barb*, em inglês) ‘neles’”, sendo que Tolbert respondeu: nomeie-o assim.⁸⁷

⁸⁴ LEAMER, op. cit., p.30.

⁸⁵ “Newspapers: The Tribe Is Restless”. *Time*, New York, 18 jul. 1969. Disponível em: <<http://content.time.com/time/magazine/article/0,9171,901061,00.html>> Acesso em: 8 de agosto 2018.

⁸⁶ Cf. PECK, op. cit., p.30.

⁸⁷ **The San Francisco Bay Guardian**, August 9 – August 22, 1975, Nº 21, p.8.

Tanto a própria palavra *Barb*, como cada um dos elementos que compunha a composição que formava o logotipo do jornal que ilustrava sua primeira página, davam ao leitor, conforme expressou Heloísa Cruz e Maria da Cunha Peixoto, os “primeiros enunciados por meio dos quais uma publicação procura anunciar a natureza de sua intervenção e suas pretensões editoriais.”⁸⁸

Na primeira edição do *Barb*, conseguimos enxergar a influência da não publicação do jornal *Citizen* na criação do *Berkeley Barb*, conforme citado por Peck. Max Scherr, no editorial da primeira edição, relatou que, ao comentar para as pessoas que iria lançar um jornal, muitos o indagavam: Mas e o *Citizen*? Max usou esse editorial para responder a esse questionamento dizendo, de uma maneira diplomática, que haveria em *Berkeley* espaço para ambas as publicações. Nesse mesmo editorial Scherr manifesta quais eram as pretensões que tinha ao publicar o *Berkeley Barb*:

Este jornal não tem pretensões de grandeza. Ele não pode pagar uma equipe profissional ou quaisquer *newswires*. Ele não tentará ir muito além das fronteiras em preto e branco de Berkeley. Mas, dentro dessas fronteiras, tentará dar todas as notícias que puder sobre movimentos, questões e até tendências endêmicas e emergentes nesta cidade. E teremos comentários, resenhas e críticas. Escândalos, relatos de crimes e notícias da alta sociedade, deixaremos para os outros jornais. Se fizermos bem o nosso trabalho, esperamos desafiar esse *establishment* amorfo, mas estúpido, que tantas vezes nos incomoda.⁸⁹

Ao analisarmos as intenções que levaram à criação do *Barb*, é imprescindível circunscrevermos o contexto específico em que o jornal foi criado, uma vez que ele corresponde a um breve período de transição em que o SLATE e o *Free Speech Movement* se desmobilizavam, enquanto o *Vietnam Day Committee* crescia, a partir das manifestações anti-Guerra do Vietnã ocorridas nos dias 21 e 22 de maio de 1965, ganhando importância como um movimento estudantil de massas na Universidade da Califórnia em Berkeley. Verificamos também, que, naquele momento, Max demonstrava insatisfação em relação a forma como os jornais *Berkeley Gazette* e o *Oakland Tribune* lidavam com as mudanças que ocorriam em Berkeley, além do histórico de coberturas enviesadas que ambos os jornais tinham sobre fatos relacionados ao *Free Speech Movement* na primeira metade da década de 1960.

⁸⁸ CRUZ; PEIXOTO, op. cit., p. 261

⁸⁹ **Berkeley Barb**, Berkeley, 13 de agosto de 1965.

1.4.2.2 – Características e conteúdo

Conseguimos acesso a 204 das 228 edições do *Berkeley Barb* publicadas no período entre a veiculação da primeira edição do jornal, em 13 de agosto de 1965, até a última edição do ano de 1969, publicada no dia 26 de dezembro daquele ano. Das 19 edições publicadas em 1965, tivemos acesso a 17 delas. Das 52 edições publicadas em 1966, conseguimos acesso ao total de 42 edições, mais a edição extra publicada no dia 5 de dezembro, especial sobre a greve na Universidade da Califórnia em Berkeley, escrita por estudantes e por pessoas participantes do movimento grevista. Em 1967, tivemos acesso a 43 edições das 52 publicadas no ano. Já em 1968, examinamos 50 edições das 53 publicadas e em 1969 conseguimos acessar todas as 52 edições publicadas, bem como a edição *Barb on Strike*, publicada em julho, dentro do movimento de greve dos funcionários do jornal.

O logotipo do *Berkeley Barb* foi desenhado por Oscar Zavala.⁹⁰ Conforme podemos perceber pela figura, ele era formado por um desenho das caveiras de Dom Quixote e de seu cavalo, idêntico a charge “*La calavera de Don Quijote*” feita pelo cartunista mexicano José Guadalupe Posada por volta de 1910 e 1913 (figura 4), assemelhando-se às artes mexicanas relacionadas à comemoração nacional do “*dia de los muertos*”. A principal diferença entre a gravura original e o logotipo era que, no logotipo do jornal, a ponta da lança do Dom Quixote representava o campanário do *campus* da Universidade da Califórnia em Berkeley, conhecido como “*Sather Tower*”, que era o símbolo mais reconhecido da universidade. A gravura de Dom Quixote e seu cavalo ficava no meio do logotipo, entre as palavras “Berkeley” à esquerda e “*Barb*” à direita, sendo o *Barb* escrito com a própria letra de Max, reproduzida em um tamanho maior do que o da palavra Berkeley.

Nas 14 primeiras edições do jornal que tivemos acesso (da edição do dia 13 de agosto de 1965 até a edição de 19 de novembro 1965), a representação do Dom Quixote e de seu cavalo eram desenhados em preto (figura 5) e da edição publicada no dia 26 de dezembro de 1965 até a última edição de dezembro de 1969, o logotipo que predominou na maior parte das edições era desenhado em um fundo preto com a imagem de Dom Quixote e seu cavalo vazada ao fundo (figura 6).

⁹⁰ Cf: informação disponível em: <<http://www.berkeleybarb.net/aboutmax.html>: Acesso em 15 de agosto de 2018.



Figura 4: “*La calavera de Don Quijote*”, desenho original de José Guadalupe Posada. Disponível em: <http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=703808&partId=1>. Acesso em 19 de julho de 2018.



Figura 5: Logotipo da primeira edição do *Berkeley Barb*. **Berkeley Barb**, Berkeley, 13 de agosto de 1965.



Figura 6: Logotipo da edição de 26 de novembro de 1965. **Berkeley Barb**, Berkeley, 26 de novembro de 1965.

Segundo Abe Peck, Dom Quixote de la Mancha era um dos romances favoritos de Max, por isso a utilização da figura.⁹¹ Além dessa constatação, podemos inferir que havia – considerando o idealismo de Scherr, a motivação que o levou a criar o jornal e os assuntos abordados pela publicação –, uma clara referência à quimera, a utopia e a loucura de Dom Quixote em lutar batalhas que não poderiam ser vencidas, sendo ele um cavaleiro medieval

⁹¹ PECK, op. cit., p.30.

inserido na Época Moderna, em que sua existência era deveras anacrônica. Segundo as palavras de Scherr: “Dom Quixote é o principal idealista em toda a literatura ocidental e o companheiro em sua lança era para combinar a ideia de sabedoria e luta”.⁹²

De uma forma auto irônica, podemos considerar a hipótese de que Max se via como um Dom Quixote. Um militante de uma velha esquerda, inserido no olho do furacão de um novo movimento político-cultural que diferia muito dos movimentos que ele tinha participado anteriormente. O companheiro da universidade estando na ponta da lança, demonstra a importância clara da Universidade da Califórnia como fomentadora desse novo movimento, sendo a principal arma de ação e ataque. Além disso, temos que considerar que a escolha da gravura desenhada por um mexicano – com referências a um aspecto da cultura do país – demonstra também a ligação de Max com a cultura do país latino-americano conforme citamos anteriormente.

As oito páginas da primeira edição do *Barb* foram feitas por cerca de doze pessoas⁹³, talvez pela urgência que Max impôs ao seu lançamento, o jornal não estava bem diagramado, tendo uma clara aparência de que essa diagramação havia sido feita de uma maneira improvisada. Scherr chegou a afirmar que essa primeira edição era “lamentável”.⁹⁴ Os anunciantes da primeira edição eram, em sua maioria, comerciantes da *Telegraph Avenue*.

No início, a distribuição do *Berkeley Barb* também ocorria de maneira improvisada, feita de forma independente, sendo que nos primeiros dezoito meses era realizada pelo próprio Scherr:

Não consegui ninguém para vendê-los. Eu era motivo de chacota. Toda semana, para vender 1200 cópias, eu tinha que falar com cerca de 20 mil pessoas. Eles davam apenas uma olhada no cabeçalho e vacilavam: “O que é isso?” Era um jornal tão feio.⁹⁵

Posteriormente os jornais passaram a ser vendidos em alguns comércios da região da *Telegraph Avenue* e também por diversos vendedores de rua.

Conforme atesta Max Scherr, o *Barb* inicialmente tinha uma tiragem de 1200 exemplares. Em 1968, quando supostamente havia atingido o maior índice de vendas, segundo artigo do jornal *The New York Times*, tinha em circulação cerca 90 mil exemplares por edição.⁹⁶

⁹² **The San Francisco Bay Guardian**, August 9 – August 22, 1975, No 21, p.8

⁹³ STEPHENS, Diana. “Berkeley's Own Don Quixote”. Disponível em: <<http://www.berkeleybarb.net/stories-diana.html>> Acesso em: 7 de julho de 2018.

⁹⁴ PECK, op. cit., p.30.

⁹⁵ LEAMER, op. cit., p.30.

⁹⁶ “Max Scherr, Radical Founder of The Berkeley Barb in 60's”. **The New York Times**, New York, 4 de novembro de 1981. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1981/11/04/obituaries/max-scherr-radical-founder-of-the-berkeley-barb-in-60-s.html>> Acesso em: 16 de julho de 2018.

Em julho de 1969, último ano de nossa análise, o jornal tinha uma vendagem de, segundo Todd Gitlin, 85 mil exemplares.⁹⁷ Durante o período que analisamos, o *Berkeley Barb* sempre foi publicado semanalmente.

Em relação ao número de páginas, considerando as edições que tivemos acesso, verificamos que as publicações tiveram uma variação entre no mínimo 8 páginas e no máximo 32. A primeira edição do *Berkeley Barb* do dia 13 de agosto de 1965 tinha oito páginas, número que se manteve até a edição do dia 15 de abril de 1966 que teve doze páginas. Entre 15 de abril de 1966 e junho de 1967, todas as edições tiveram doze páginas, a exceção de quatro delas que tiveram dezesseis páginas. Entre julho de 1967 e março de 1968, as edições tiveram dezesseis páginas, sendo que em três ocasiões, houve edições com vinte páginas. Entre abril de 1968 até setembro do mesmo ano, as edições passaram a ter em algumas ocasiões 20 páginas e em outras 24. Em outubro de 1968, foi publicada a primeira edição com 28 páginas, sendo que em fevereiro de 1969, foi publicada a primeira edição com 32 páginas. Entre novembro de 1968 e junho de 1969, 12 edições tiveram 24 páginas, 14 tiveram 28 páginas e duas tiveram 32 páginas. A partir de julho de 1969 até dezembro do mesmo ano, houve uma diminuição na quantidade de páginas sendo que cinco edições tiveram 16 páginas, quinze com 20 páginas e quatro com 24 páginas.

1.5 – A criação do *Underground Press Syndicate* e do *Liberation News Service*

Juntamente com o *Los Angeles Free Press*, o *Berkeley Barb*, o *East Village Other* e o *San Francisco Oracle*, mais dois jornais do estado de Michigan, o *Paper* e o *Fifth Estate*, fundaram o *Underground Press Syndicate*, também conhecido pela sigla UPS. O *Underground Press Syndicate* foi criado a partir da ideia de Walter Bowart, John Wilcock e Allen Katzman do *East Village Other*, em meados de 1966, para que fosse estabelecido um elo entre os jornais *underground*, uma vez que cada uma das publicações sabia da existência das outras, mas estavam isoladas, fazendo-se necessário alguma forma de associação para que houvesse meios de comunicação entre elas.⁹⁸ Os cinco jornais fundadores concordaram nos seguintes termos: eles trocariam cópias de suas edições, com os direitos cedidos para uma única reimpressão do que haviam publicado; eles contratariam uma agência central de propaganda e dividiriam o

⁹⁷ GITLIN, Todd. **The Sixties: Years of Hope, Days of Rage**. New York: Bantam Book, 1993, p.343.

⁹⁸ *Ibid.* p. 39.

lucro; no ano seguinte incluíam a troca grátis de material e assinatura recíproca de todos os jornais entre os membros da UPS.⁹⁹

A partir da criação da *Underground Press Syndicate*, os jornais passaram a se reconhecerem entre si como *underground*, se colocando sob a designação deste termo, o que dava a essas publicações um sentido de conjunto, por mais distantes que estivessem. Mesmo tendo linhas editoriais distintas, elas tinham um traço em comum: serem *underground*:

[O termo] *Underground* agradava aqueles que, como Wilcock, se consideravam parte de uma vanguarda cultural. (“Sempre existem pessoas cujas ideias são impopulares e proféticas.”) E também o *underground* era uma palavra com *élan* e mística inquestionáveis [...] enfatizava o terreno comum e obscurecia diferenças como a divisão entre radicais culturais e políticos.¹⁰⁰

O *Underground Press Syndicate* não foi a única organização a reunir jornais *underground* durante a década de 1960. Em 1967, dois membros dissidentes da *United States Student Press Association*¹⁰¹, Ray Mungo e Marshall Bloom, fundaram o *Liberation News Service* (LNS), que teria ligações diretas com a Nova Esquerda e com o SDS. O primeiro encontro da organização ocorreu dia 20 de outubro de 1967, em Washington, onde diversos representantes de jornais *underground* estavam reunidos para a Marcha no Pentágono, uma das manifestações anti-Guerra do Vietnã mais importantes do período. O encontro contou com a participação de jornais como o *EVO e o Oracle*, que encabeçavam a UPS. Um representante do *EVO* levantou-se e leu um poema que fazia clara propaganda da UPS. De pronto, outros editores se levantaram cobrando da *EVO* respostas sobre possíveis desfalques que teriam ocorridos na administração dos fundos da UPS. Nas palavras de Ray Mungo, alguns anos depois do encontro:

Os editores dos jornais universitários estavam interessados principalmente na revolucionar os *campi*, os pacifistas na guerra, os doidões, numa pureza cultural... Algumas brigas ocorreram entre facções das forças antiguerra... Nossa gloriosa proposta de unir os editores dos jornais dos *campi* universitários, os comunistas, os trotskistas, os *hippies*, os loucos por astrologia, os pacifistas, as crianças do SDS, os militantes negros, os combatentes da libertação mexicana-americana e todos os seus respectivos jornais, foram reduzida a cinzas. Nossa concepção do LNS como uma “organização democrática” de propriedade daqueles a quem servia era claramente ridícula.¹⁰²

Não se chegou a um consenso naquela reunião e a busca de uma mínima unidade entre os diversos representantes dos jornais *underground* acabou sendo frustrada. Podemos afirmar que,

⁹⁹ RUVINSKY, op. cit., p.49.

¹⁰⁰ LEAMER, op. cit., p.41.

¹⁰¹ A *United States Student Press Association* era uma associação de jornais universitários que atuou durante a década de 1960 nos Estados Unidos

¹⁰² LEAMER, op. cit., p.46.

as diferenças de propostas que havia dentro do Movimento – radicais políticos se opondo aos radicais culturais, e vice-versa – eram reproduzidas dentro do microcosmo dos jornais *underground*.

A diferença entre o UPS e o LNS era basicamente que o UPS se caracterizava por ser uma confederação de jornais que centraliza a troca e a republicação de materiais produzidos por cada um dos jornais membros. Já o LNS era uma agência que produzia coberturas e reportagens, as distribuindo para os jornais que assinavam o seu serviço. O LNS constituiu-se em uma associação muito mais ligada aos grupos políticos do que era o UPS. No início de 1968, o LNS tinha 360 jornais vinculados a ele, sendo que 183 deles eram jornais universitários.¹⁰³ Ele seria uma entidade muito mais “elaborada e visionária, um tipo radical e alternativo de *Associated Press*.” Eles buscavam “compilar e disseminar notícias dentro da mídia *underground*.”¹⁰⁴ O LNS enviava duas vezes por semana diversos artigos, editoriais, fotos, charges, para seus jornais associados que podiam reproduzir o conteúdo que os interessava. Esse conteúdo era produzido por jornalistas, fotógrafos e cartunistas que atuavam no meio da imprensa *underground*. Em 1968, o LNS passou a enviar seu material três vezes por semana, devido a quantidade que era produzida. A Associação chegou a ter 500 assinantes. O mais interessante é que, desses assinantes, somente 150 eram jornais *underground*. Muitos órgãos de imprensa da grande mídia assinavam o LNS. A assinatura custava 15 dólares ao mês, para as publicações *underground*, enquanto para órgãos da grande imprensa, essa assinatura podia chegar a mil dólares mensais. A rede de televisão CBS e a revista *Look* estavam entre os assinantes não-*underground* do LNS.¹⁰⁵ Ao justificar a existência do LNS, Raymond Mungo afirmou:

“Porque há uma guerra no Vietnã, porque há um Stokely Carmichael, porque há uma resistência ativa, também existe uma nova audiência para publicações independentes, que se constituem em contra-instituições que podem ser criadas em qualquer lugar por pessoas de competência elevada e dedicado comprometimento”. “Finalmente”, disse ele triunfantemente, “nossa imprensa radical, por mais distinta e bem difundida que seja, consegue se manter firme por si mesma”.¹⁰⁶

Não só o LNS se propunha a ser uma *Associated Press* alternativa, como também ela assumia o papel de se contrapor à grande imprensa, na disputa de narrativas a respeito dos eventos e ações ligados ao Movimento. Havia entre aqueles que escreviam para a LNS uma

¹⁰³ Ibid.

¹⁰⁴ MCMILLIAN, op. cit., p. 83.

¹⁰⁵ RUVINSKY, op. cit., pp.50-1

¹⁰⁶ MCMILLIAN, op. cit., p.85.

missão de, sempre que possível, questionar o que era publicado pela imprensa tradicional, reivindicando que a sua cobertura era mais precisa e verdadeira, muitas vezes se apresentando como “mais honestos que os jornalistas da grande imprensa” argumentando que “apesar de não haver imparcialidade em nenhum dos lados, somente a imprensa radical era capaz de admitir seus preconceitos. A marcha no Pentágono que ocorreu em outubro de 1967 e configurou-se em um dos mais importantes protestos antiguerra da década de 1960, suscitou-se uma intensa discussão sobre a forma como a grande imprensa pretensamente distorcia os fatos a respeito dos protestos que aconteciam pelos Estados Unidos. O LNS, após o protesto, divulgou um folheto que dizia:

O *Liberation News Service* fornece uma mídia alternativa totalmente diferente para aqueles de nós que estão cansados de ouvir a revista *Time*, AP, UPI, *NY Times*, etc., todos dizendo que havia "de 25 a 40.000 manifestantes" quando nós mesmos vimos pelo menos duas vezes esse número; ouvimos eles dizerem que "a polícia agiu com a devida contenção" quando vimos um homem ao nosso lado sendo arrebatado só porque ele tinha cabelos compridos; ouvimos que "estamos [os Estados Unidos] apenas bombardeando instalações militares", que "estamos sinceramente trabalhando pela paz" e que estamos "apoiando e defendendo um governo democrático no Vietnã" quando vemos nosso governo destruindo aldeias, travando uma guerra não declarada contra mulheres, crianças e agricultores desamparados, em nome de um regime fantoche totalitário, um após outro, sem que haja a perspectiva de um final sensato em vista. SE VOCÊ TAMBÉM ESTÁ MUITO FURIOSO A RESPEITO DE TUDO ISSO, e quer levar a verdade para o maior número de pessoas possível... então queremos ajudá-lo, porque, se houver alguma verdade e humanidade na imprensa americana atual, ela depende de nós, a imprensa universitária e *underground*, continuarmos publicando, até ganharmos ou desistirmos.¹⁰⁷

Dentro do próprio LNS, acabou ocorrendo uma ruptura entre dois grupos: o “*virtuous caucus*” e os “*vulgar marxists*”. Os dois líderes, Ray Mungo e Marshall Bloom, ficaram ao lado do primeiro grupo. A divisão ocorreu a partir da discordância quanto a forma de atuação em relação ao Movimento. O “*virtuous caucus*” defendia a ação cultural, em que o sistema deveria ser mudado a partir de transformações dentro do próprio sistema e os “*vulgar marxists*” defendiam a atuação política direta, sendo a revolução a forma para alcançar o fim do sistema e a mudança desejada. Mungo assim descreveu a divisão entre os dois grupos:

A negócio deles era o socialismo comunal, o nosso era algo como um anarquismo e, embora pudéssemos alegremente manter alguns socialistas por perto, eles não podiam agir como planejavam, mesmo com apenas um anarquista em casa, um Marshall Bloom... O método deles de administrar o serviço de notícias era através de reuniões e votações, o nosso era através da

¹⁰⁷ MCMILLIAN, op. cit., p. 102

mágica. Vivíamos numa mágica, e devo dizer que era melhor do que qualquer método sistemático.¹⁰⁸

A divisão interna e o afastamento dos dois fundadores (Marshall Bloom se suicidaria em novembro de 1969), juntamente com o declínio dos jornais *underground* nos anos seguintes, levou o LNS à decadência mas, apesar da diminuição do número de assinantes e de jornalistas associados, a associação se manteve por toda a década de 1970, somente encerrando suas atividades definitivamente em agosto de 1981.

A importância do LNS para a imprensa *underground* foi tamanha que John McMillian, chega a afirmar, baseado no testemunho de diversos editores de jornais *underground* que se não fosse pela criação do LNS, “a imprensa *underground* não teria prosperado da forma como ocorreu.”¹⁰⁹ Ele complementou dizendo:

O LNS desempenhou o papel mais importante na transformação da incipiente imprensa *underground* na contra-instituição mais significativa da Nova Esquerda. No final da década de 1960, quase todos os jornais radicais do país recebiam exemplares do LNS, e alguns dos jornais menores e mais amadores se escoravam tanto sobre o LNS que, sem o apoio dele, eles não teriam sobrevivido. Não é preciso dizer que o universo das novas mídias que o LNS ajudou a estabelecer foi crucial para o desenvolvimento da Nova Esquerda. Permitiu que os ativistas se mantivessem informados sobre eventos que a imprensa dominante ignorava ou não entendia; ajudou a popularizar e disseminar uma estrutura radical de valores; e por estar singularmente situado no centro da rebelião da Nova Esquerda, forneceu concepções de perspectivas de conhecimento, ou "verdades", que ajudaram a neutralizar a cobertura da grande mídia.¹¹⁰

Estima-se que no final da década de 1960, existiam 400 publicações *underground* nos Estados Unidos, com cerca de 5 milhões de exemplares combinados, num total de 30 milhões de leitores, considerando que cada exemplar era lido em média por seis pessoas.¹¹¹

¹⁰⁸ COTTRELL, Robert C. **Sex, drugs and rock 'n' roll: The rise of America's 1960s counterculture**. New York: Rowman & Littlefield, 2015, p. 271.

¹⁰⁹ MCMILLIAN, op. cit., p.103.

¹¹⁰ Ibid., p. 113.

¹¹¹ ARMSTRONG, op. cit., p. 60.

2 – AS EDIÇÕES DO *BERKELEY BARB* DE 1965 À 1969.

Ao lermos as edições do *Berkeley Barb* respectivas ao período que delimitamos, procuramos mapear os principais tipos de conteúdo publicados, bem como o teor de cada conteúdo, reforçando as tendências que o jornal foi construindo durante o passar das edições. A análise da cobertura dos protestos anti-Guerra do Vietnã, que representa o núcleo de nossa pesquisa, será trabalhada detalhadamente no capítulo 3.

2.1 – 1965 – Os primeiros meses do *Barb*

Considerando as pretensões iniciais de Max Scherr, os poucos recursos e a urgência que ele tinha em publicar o *Barb*, as primeiras edições tinham um certo aspecto de improvisado, com uma diagramação pouco elaborada, com poucos recursos e escassos elementos gráficos. Conseguimos visualizar também alguns erros tipográficos, que algumas vezes eram corrigidos à mão. Havia também poucas fotos – geralmente uma única imagem na capa –, sendo que o restante do jornal era composto basicamente por texto.

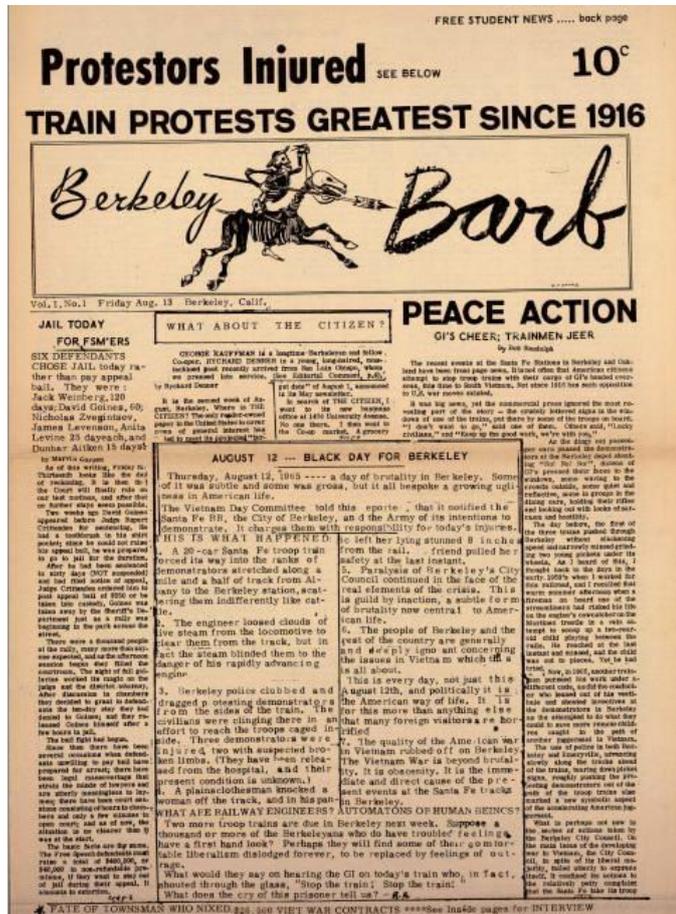


Figura 7: Primeira página da primeira edição do *Berkeley Barb*. *Berkeley Barb*, Berkeley, 13 de agosto de 1965.

Em relação ao conteúdo, percebemos que havia, em todas as edições publicadas em 1965, notícias relacionadas ao *Vietnam Day Committee*, sendo que as manifestações, posicionamentos e desenrolar das ações do grupo acabaram por ter um predomínio dentro das pautas do jornal. Interessante notarmos que na edição publicada no dia 15 de outubro de 1965, há um programa com os eventos e horários do “Dias de Protestos Internacionais”¹¹² que iriam ocorrer no campus da Universidade da Califórnia em Berkeley nos dias 15 e 16 de outubro 1965.¹¹³ A publicação dessa agenda de eventos não se tratava de um anúncio ou propaganda paga, e sim de um serviço que o jornal estava fornecendo aos leitores. Assim sendo, já nessa edição, percebemos a participação do *Barb* como divulgador de eventos ligados ao Movimento. Na programação do evento constava como participantes dois editores de publicações que foram, conforme apontamos anteriormente, precursoras da imprensa *underground*, presentes em algumas mesas e *workshops* dentro do evento: Paul Krassner, editor do *The Realist* e David Dellinger, editor da *Liberation*. A partir da programação das mesas e *workshops*, podemos ter uma ideia dos assuntos tratados na ocasião. Os temas dos *workshops* foram: “A universidade e a Guerra Fria”, “O papel da imprensa radical”, “Trabalho e política externa”, “O afro-americano e a Guerra do Vietnã”, “Os Estados Unidos no Vietnã” e “Ação não-violenta”. Na edição seguinte, publicada no dia 22 de outubro, era veiculada uma reportagem cobrindo o evento.

Em todas as edições desse ano, conseguimos perceber também um espaço grande para resenhas e críticas de filmes, de peças teatrais e shows musicais. Há também muitas notícias relacionadas às questões internas da Universidade da Califórnia em Berkeley. Outro tema bastante presente nas edições desse ano foi a chamada “*grape strike*” iniciada em 5 de setembro de 1965.¹¹⁴ Em duas das edições desse período, podemos verificar artigos que tratam da questão do negro e da luta pró-direitos civis, mas em comparação ao *Vietnam Day Committee*, o movimento negro tinha um espaço consideravelmente menor nas páginas do *Berkeley Barb*. Podemos localizar algumas questões pontuais relacionadas ao movimento negro, como na edição do dia 9 de setembro de 1965 onde verificamos uma notícia que tratava, conforme chamou o jornal, dos mártires da rebelião em Watts.¹¹⁵ Havia também a publicação de poemas,

¹¹² O nome em inglês do evento era “*International Days of Protest*”.

¹¹³ **Berkeley Barb**, 15 de outubro de 1965, Berkeley, p.3.

¹¹⁴ A “*grape strike*” foi um movimento grevista organizado pelo *United Farm Workers* e pelo *United Farm Workers* ocorrida na cidade de Delano, na Califórnia, sendo que todo o movimento durou do dia 8 de setembro de 1965 ao dia 29 de julho de 1970. Formado basicamente por trabalhadores de vinícolas de origens filipinas e mexicanas, que se constituíam em um dos grupos de trabalhadores com os menores salários de Estados Unidos. Cf. KIM, Inga. “The 1965-1970 Delano Grape Strike and Boycott”, 7 de março de 2017. Disponível em: <<https://ufw.org/1965-1970-delano-grape-strike-boycott/>> Acesso em: 5 de agosto de 2018.

¹¹⁵ Watts é um bairro da cidade de Los Angeles onde ocorreu uma das maiores rebeliões urbanas nos Estados Unidos. No dia 11 de agosto de 1965, um jovem negro chamado Marquette Frye foi preso por, segundo a polícia,

sem que tivessem muito destaque na edição. A exceção foi o poema de Allen Ginsberg na edição do dia 19 de novembro, em que é feito um grande perfil do autor, além de noticiar o papel que ele teria em uma manifestação que ocorreria na semana seguinte em Oakland, organizada pelo VDC.

Um outro ponto que é abordado em uma quantidade razoável de artigos, é a oposição do grupo “*Hell’s Angels*” às manifestações. Importante ressaltar que os *Hell’s Angels* tiveram um papel decisivo nos atos de violência que ocorreram em um concerto encabeçado pelos Rolling Stones em Altamont, Califórnia, no dia 6 de dezembro de 1969, considerado por alguns autores com um dos fatos que marcaram o fim do que teria sido a “utopia” contracultural dos anos 1960.

Existia nas edições de 1965 um pequeno espaço para cartas, sendo publicadas uma ou duas delas em cada edição. Eram poucos os anúncios publicados no transcorrer desse ano, ocupando, somando todos eles, o tamanho equivalente a um terço de uma página. A maioria dos anúncios era de estabelecimentos comerciais da cidade, sendo muitos bares, cafés e livrarias (um dos bares que anunciavam era o Steppenwolf, que Max Scherr havia sido o dono). Havia também anúncios de shows de bandas de *rock ‘n’ roll*, bem como, a partir da segunda edição, um espaço chamado “*what to do and where to go*”, que mostrava uma agenda de eventos – a maior parte deles, culturais – que aconteceriam na cidade.

2.2 – 1966 – Crescimento e consolidação do *Berkeley Barb* na região da Baía de São Francisco

Podemos perceber que no transcorrer dos meses de 1966, o *Barb* passou a chegar mais perto de alcançar o intuito de ser um jornal híbrido com pautas políticas, comportamentais e socioculturais, principalmente a partir da publicação de artigos de outros jornais participantes da UPS, no caso, predominantemente, do *East Village Other*. Os artigos do EVO que eram publicados pelo *Barb* tratavam basicamente da questão das drogas, especificamente do LSD, e tinham em Timothy Leary o principal colaborador e articulista do assunto.

estar conduzindo o seu veículo de maneira imprudente. Após ser realizado um teste de sobriedade, o jovem foi preso. Seu irmão, que também estava no carro, dirigiu-se até a sua casa, perto do local, e trouxe sua mãe, a dona do veículo. A discussão entre os policiais e a família do jovem logo se intensificou, e após sua mãe ser golpeada, iniciou-se um confronto físico entre os presentes. Reforços policiais foram chamados ao local, e moradores começaram a se aglomerar e se voltaram contra os policiais. Após a prisão de Marquette, de seu irmão e de sua mãe, a multidão que se aglomerava começou a lançar objetos contra os policiais. A partir de então, a discussão que estava circunscrita aos policiais e a família, se transformou em um confronto de uma multidão de moradores do bairro contra a polícia. Os confrontos duraram seis dias, somando a participação de 35 mil revoltosos, causando a morte de 34 pessoas e de cerca de mil pessoas feridas, além de 4000 prisões efetuadas. Cf. “Watts Rebellion (Los Angeles)”. Disponível em: <<https://kinginstitute.stanford.edu/encyclopedia/watts-rebellion-los-angeles>> Acesso em: 5 de agosto de 2018.

O ano de 1966 foi o ano da consolidação da presença do *Barb* como um periódico de relevância na região da Baía de São Francisco. O jornal se mostrou presente em algumas frentes da luta política, bem como estreou certos espaços que, a partir de então, estariam presentes durante todas as edições que analisamos. Neste ano verificamos um crescimento muito grande da sessão de classificados com anúncios pessoais e comerciais.

Um dos assuntos que esteve presente constantemente em nas edições do *Barb*, no ano de 1966 foi a continuação da *grape strike* na cidade de Delano. Apesar de não ter sido o principal destaque em nenhuma das edições, em grande parte delas havia alguma notícia ou artigo relatando os avanços e os acontecimentos ligados ao movimento grevista. Talvez mais até do que o transcorrer da greve em si, o jornal deu um bom destaque às listas de produtos e estabelecimentos que deveriam ser boicotados por usar produtos advindos de vinícolas que usavam mão de obra não sindicalizada e que não estavam aderindo ao movimento paredista. Na primeira edição de 1966, referente à semana do dia 07 de janeiro daquele ano, há uma reportagem sobre prisões realizadas durante os piquetes dos grevistas, e, pela primeira vez, o *Barb* publicou muitas fotos de uma ação policial que havia ocorrido contra as manifestações relacionadas à greve.

Assuntos referentes ao *Vietnam Day Committee* continuaram a ser publicados em praticamente todas as edições analisadas assim como ocorreu em 1965. Apesar disso, conseguimos notar que, principalmente a partir do segundo semestre de 1966, o VDC perdeu espaços de destaque na primeira página. Além disso, o tamanho das notícias ligadas às questões relacionadas ao grupo era menor. Ao mesmo tempo, a ênfase na oposição à guerra de diversos grupos, bem como os protestos por eles organizados passaram a ter grande espaço no *Barb*. Outro movimento que passou a ter uma grande exposição no jornal foram os *Diggers*¹¹⁶, uma das organizações atuantes dentro da multiplicidade de grupos que orbitavam a área da Baía de São Francisco naquele momento.

Notamos também que o jornal passou a publicar muitas notícias sobre o que acontecia no Vietnã durante a guerra, principalmente os relatos das atrocidades ligadas ao uso do Napalm em combate. Em diversas edições foram escritos artigos que propunham a organização de campanhas a favor do banimento do uso da nociva substância. O aumento de matérias contra à guerra ocorreu de maneira gradual, bem como o engajamento direto do periódico na campanha antiguerra. Na semana do dia 11 de fevereiro, por exemplo, foi publicada uma notícia de um

¹¹⁶ Os *Diggers* formavam um grupo que se auto denominava anarquista, surgido a partir de um grupo de teatro da região de Haight-Ashbury. Eles organizavam apresentações musicais e artísticas se posicionando contra o consumismo e a propriedade privada. Cf. ASHBOLT, op. cit., pp.108-110.

protesto antiguerra que havia sido violentamente combatido pela polícia de Berkeley, onde inúmeras pessoas presas, inclusive um dos principais jornalistas do *Barb*, George Kaufmann. As prisões foram denunciadas por Max Scherr e, a partir de então, o jornal passou a travar uma cruzada contra a violência policial na maioria das edições desse ano. Dentro desse contexto, aumentou uma espécie de campanha para que fossem denunciados os casos de brutalidade policial, sendo publicada uma coluna na edição do dia 19 de agosto de 1966, em que o jornal trazia à tona as ações da polícia julgadas pelo *Barb* como ilegais.



Figura 8: Detalhe da primeira página da edição do *Barb*, onde um policial queima um exemplar do jornal. *Berkeley Barb*, 19 de agosto de 1966, Berkeley.

A violência contra os diversos grupos que faziam parte do Movimento não ocorria somente por parte da polícia, mas também acontecia a partir da ação de grupos organizados, como por exemplo neonazistas, sendo denunciadas pelo *Barb* na edição do dia 29 de abril de 1966. A partir de então, o jornal passou a dar espaço à cobertura da ação do grupo recém organizado *Better Berkeley Committee*, que constituía uma força desarmada voluntária, formada por ativistas ligados ao Movimento e que buscavam se defender – através de patrulhas – da ação desses grupos organizados e, principalmente, da brutalidade policial que já começava a se tornar corriqueira.¹¹⁷

¹¹⁷ Cf. RORABAUGH, W. J.. *Berkeley at war: the 1960s*. New York: Oxford University Press, 1989, p.147.

No dia 28 de janeiro, foi publicada a primeira edição contendo os dois primeiros anúncios pessoais com conteúdo sexual na coluna de classificados. Ambos anúncios se referiam à *Sexual Freedom League*¹¹⁸, movimento que se tornava conhecido na região e que passaria, a partir de então, a ter algum destaque no jornal. Na edição correspondente à semana do dia 8 de julho, tendo a questão das “*nude parties*” como manchete, a capa do jornal publicou uma foto de meia página com duas pessoas nuas, sendo uma mulher nua, mas de costas, e o homem que estava de frente, também totalmente nu, mas com sua genitália coberta pelo corpo da mulher. A repercussão da foto foi relatada na edição seguinte. Um dos vendedores de rua do jornal declarou que declamava em voz alta, como chamariz, para tentar obter a atenção de possíveis compradores: “Tenha a verdade sobre o *underground* de Berkeley! Descubra o que está acontecendo! Banho nu na praia!”¹¹⁹ Segundo ele, 92% dos compradores do jornal eram homens. Graças a sua fala, ele era indagado por pessoas que o acusavam de dizer obscenidades, mas, apesar de olhares de recriminação de um policial, ele conseguiu vender rapidamente os exemplares. Segundo o vendedor, ele foi interpelado por um jornalista que vendia publicações em uma banca perto de onde ele estava:

O jornalista ficou nervoso e me perguntou: "Por que você não vai vender na outra esquina?" Minha competição é demais para eles. Eu vendo 20 jornais em uma hora na rua 13ª com a Broadway, enquanto ninguém compra os *Tribunes*, *Chronicles* e *Examiners* na banca de jornal ao lado.¹²⁰

Interessante verificarmos que a publicação desse relato atesta que era um fato notório o impacto que a publicação de imagens com algum cunho sexual tinha para as vendas. As fotos com integrantes da *Sexual Freedom League* acabaram sendo publicadas em outras edições daquele ano. Apesar da recorrência da publicação de pessoas nuas, podemos afirmar que, de alguma maneira, o *Barb*, buscava contextualizar as fotos, tendo em todas as edições com nu,

¹¹⁸ A *Sexual Freedom League* (SFL) surgiu dentro do *campus* da Universidade da Califórnia em Berkeley em 1966, buscando discutir os tabus ligados ao sexo que estavam na pauta do dia dentro do movimento contracultural daquela década, além de também de terem organizado cerca de quarenta “festas sexuais”, tendo grande cobertura por parte do *Berkeley Barb*. A liga buscou, com protestos e com as festas sexuais, combater a repressão sexual que havia tradicionalmente na sociedade dos Estados Unidos, além também de defender pautas progressistas que estavam ligadas diretamente às questões sexuais como por exemplo a descriminalização e legalização do direito ao aborto. Uma breve caracterização do que foi a *Sexual Freedom League* se encontra nesse artigo: PITCHER, Michelle. “A brief history of sexual liberation, orgies at UC Berkeley” **The Daily Californian**, Berkeley, 13 de fevereiro de 2015. Disponível em: <<http://www.dailycal.org/2015/02/13/brief-history-sexual-liberation-orgies-uc-berkeley/>> Acesso em: 29 de julho de 2018.

¹¹⁹ “*Get the truth about the Berkeley underground! Find out what's happening! Nude bathing on the beach!*” **Berkeley Barb**, 15 de julho de 1966, Berkeley.

¹²⁰ “The news vendors get nervous and ask me, “Why don't you try selling down at the next corner?” My competition is too much for them. I sell 20 papers in an hour on 13th & Broadway, while no one buys the *Tribunes*, *Chronicles* and *Examiners* at the newsstand next to me.” *Ibid.*

alguma reportagem ou artigo que davam algum pretexto para a presença das fotos. A nudez não aparentava ser publicada de forma gratuita.

Comparado ao ano de 1965, vemos em 1966 uma maior presença, mesmo ainda tímida, de notícias e artigos referentes ao movimento negro. Em algumas edições foram retomados alguns desdobramentos dos acontecimentos de *Watts* e o crescimento do movimento *Black Power*¹²¹– e das ideias de Stokely Carmichael¹²²– que ganhavam notoriedade naquele momento. Em um dos espaços dados ao movimento negro no jornal, era anunciado um protesto antiguerra que iria ocorrer e que contaria com a participação do *SNCC*. O anúncio do protesto ressaltava o posicionamento tanto de Martin Luther King Jr., quanto de Malcom X contrários à Guerra do Vietnã.

A partir das edições de outubro, o movimento *Black Power* passou a ganhar maior exposição dentro das páginas do *Barb*. Nesse mesmo mês há uma nota em que é exposta uma crítica do ativista do movimento negro, Ben Lusk, sobre uma conferência que seria realizada tendo o movimento *Black Power* como tema. Organizada por Jerry Rubin e pelo SDS, segundo ele, essa conferência iria contar com a participação basicamente de brancos. Na edição do dia 22 de julho de 1966, houve uma grande reportagem sobre um piquete realizado pelo movimento negro em frente ao Hotel Hilton na cidade de São Francisco, devido à demissão de funcionários negros do hotel e das más condições de trabalho no local. O jornal destacava que dezenove funcionários seriam reintegrados ao corpo de funcionários, mas, mesmo assim, o piquete continuaria até que outras reivindicações fossem atendidas. Sendo assim, verificamos um

¹²¹ O termo “*black power*” foi usado pela primeira vez por Stokely Carmichael em um discurso em junho de 1966: “This is the twenty-seventh time I have been arrested and I ain't going to jail no more! The only way we gonna stop them white men from whuppin' us is to take over. What we gonna start sayin' now is Black Power!” O movimento “Black Power” surgido em 1966 era definido por um novo modo de pensar o movimento negro nos Estados Unidos. O Black Power surge a partir de um sentimento de frustração com as formas de mobilização adotadas pelos movimentos a favor da igualdade dos direitos civis. Enfatizando o orgulho negro, o *Black Power* buscava a desconstrução das estruturas de poder estabelecidas no país e que historicamente oprimiam a população negra. Segundo Joyce M. Bell: “Black Power quickly moved from a extemporaneous rallying cry to a prominent, identifiable political and ideological force in American life. Following on the heels of the Watts Rebellion of 1965, Black Power gave voice to a generation of black young people who wanted more—more than the civil rights movement was asking for and certainly more than the “establishment” was giving. Indeed, Black Power provided a framework for many in the black community to express a wide range of reaction to the dismal situation in poor black communities. The Black Power movement soon developed as a loosely organized network of organizations and individuals committed to radical social change and independence in black economic, political, social, and aesthetic life. The movement challenged the wholesale acceptance of integration as the appropriate strategy for black people in the U.S., advocating instead for various forms and levels of separation from the white mainstream.” Cf. BEEL, Joyce Marie. **The Black Power movement and American social work**. New York: Columbia University Press, 2014, pp. 34-35.

¹²² Stokely Carmichael foi um ativista do movimento negro dos Estados Unidos líder do *Student Nonviolent Coordinating Committee*, o *SNCC*, que, posteriormente, estabeleceu o *Black Power* como um novo movimento dentro do espectro de lutas dos afro-americanos estadunidenses.

gradativo aumento de espaço ao movimento negro na publicação, a partir de meados daquele ano.

Na mesma edição do dia 22 de julho, foi publicado mais um relato de um vendedor de rua do *Barb*, mas dessa vez o vendedor usava o termo “antiguerra” em voz alta para tentar atrair compradores: “Tenha as notícias antiguerra que o *Oakland Tribune* não publicará! Descubra o que está acontecendo no *underground* de Berkeley! Compre o Berkeley Barb!”¹²³ Ao proferir essas palavras, o vendedor percebeu que várias pessoas diziam para ele ir embora de lá. Conforme ele pontuou, a maioria era composta por motoristas de taxi e marinheiros que estavam no local. Mas, por outro lado, muitos negros eram amistosos, correspondendo a 75% dos compradores do jornal naquele espaço, tanto homens quanto mulheres negras. As mulheres brancas correspondiam ao restante das vendas, segundo ele: “Homens brancos são quase todos antagônicos ou desinteressados.”¹²⁴ Ele relatou que um jovem branco comprou um jornal, jogou no chão e cuspiu na publicação. Um marinheiro acompanhado de um amigo pegaram uma edição do vendedor, amassaram e jogaram no chão, ameaçando agredi-lo caso ele não fosse embora. Coincidentemente ou não, a simpatia da população negra com o *Berkeley Barb* – conforme o relato do vendedor –, ocorreu ao mesmo tempo em que o espaço do movimento negro nas páginas do periódico estava crescendo.

Interessante notarmos que na edição da semana do dia 8 de julho, em que um vendedor anunciava o jornal enfatizando o conteúdo sexual, segundo esse vendedor, os compradores eram compostos por cerca de 92% de homens, enquanto que na edição em que havia uma grande reportagem sobre o movimento negro e um dos vendedores anunciava o jornal usando a palavra “antiguerra”, o jornal acabava sendo comprado por 75% de homens e mulheres negros, enquanto que os outros 25% eram comprados por mulheres brancas. Podemos conjecturar que tanto o conteúdo do jornal, quanto a forma como os vendedores de rua usavam para chamar a atenção para o conteúdo do periódico, acabavam por gerar uma mudança no público que o jornal atingia, ao mesmo tempo que podemos perceber que determinados assuntos tinham um alcance específico para determinado público.

Assim como ocorreu com o movimento negro em princípio, também de maneira tímida, o jornal noticiou em algumas edições ações do movimento pelos direitos das mulheres. Na edição referente à semana do dia 20 de maio de 1966, foi publicada também uma nota de divulgação de uma manifestação a favor dos direitos dos homossexuais.

¹²³ “Get the antiwar news the Oakland Tribune won't print! Find out what's happening in the Berkeley underground! Buy the Berkeley Barb!” **Berkeley Barb**, 22 de julho de 1966, Berkeley.

¹²⁴ “White males are nearly all antagonistic or uninterested.” Ibid.

Verificamos também nesse ano, o envolvimento do *Berkeley Barb* diretamente na questão eleitoral da cidade. A partir da edição da semana do dia 4 de fevereiro de 1966, houve uma ação política direta do jornal em defesa da candidatura do jornalista Robert Scheer¹²⁵ a uma vaga na Câmara dos Deputados dos Estados Unidos. Robert Scheer concorria com o então deputado Jeffery Cohelan nas eleições primárias do Partido Democrata. Scheer foi um dos primeiros pleiteantes a uma vaga no partido a fazer campanha abertamente contra à guerra, enquanto seu adversário democrata era a favor da continuidade dos esforços militares norte-americanos no Vietnã. A campanha a favor de Scheer foi feita de maneira intensiva a fim de convencer os eleitores que se alinhavam à questão antiguerra a se inscreverem e votarem a favor do candidato. Foi também publicada a declaração de apoio de líderes do movimento negro da região a favor da candidatura.

Robert Scheer passou a atuar também no combate ao escalonamento da violência policial durante as manifestações na região da Baía de São Francisco. Interessante que, duas semanas após o jornal relatar em suas páginas o posicionamento de Scheer recriminando às ações policiais nas manifestações que ocorriam na região, o local onde estava estabelecido o seu comitê de campanha sofreu um atentado, sendo alvejado por tiros que destruíram os vidros do lugar. A edição do dia 20 de maio de 1966 publicou as fotos de tiros que atingiram os vidros da entrada do comitê de Scheer. Não foi determinado quem havia feito os disparos. A defesa da candidatura de Scheer pelo *Barb* durou até meados do mês de junho, quando ocorreu as eleições primárias do partido, sendo Robert Scheer derrotado. Na edição da semana do dia 17 de junho, foi publicado uma notícia em que era feito um balanço da candidatura de Scheer.

Quanto a estrutura do jornal, houve um notável aumento no número de fotos em comparação às edições de 1965. A coluna “*What to Do & Where to Go*” cresceu em comparação às edições do ano anterior e, na edição publicada no dia 2 de dezembro de 1965 ela passou a se chamar “*Scenedrome*”. Em relação aos anúncios, durante o mês de abril, percebemos um aumento no número de anúncios classificados e nos anúncios de estabelecimentos comerciais, shows e mostras de cinemas.

Podemos concluir que o aumento de páginas testemunhado nas edições de 1966 foi uma consequência do aumento de espaço no jornal ocupado por imagens e por anúncios pagos por empresas ou por estabelecimentos comerciais. O número dos anúncios de classificados pessoais

¹²⁵ Robert Scheer era jornalista, fundador de um dos primeiros jornais independentes no *campus* da Universidade da Califórnia em Berkeley ligado à Nova Esquerda no ano de 1962. Na época de sua candidatura, Scheer era editor da revista *Ramparts* na cidade de São Francisco. Cf.:

<<https://annenbergl.usc.edu/faculty/communication/robert-scheer>> Acesso em: 27 de julho de 2018.

também aumentou chegando em meados do mês de outubro a ocupar o equivalente a cerca de uma página inteira da edição. Em dezembro, o *Barb* chegou a ter três páginas inteiras de classificados empresariais e de anúncios pessoais. Nas edições finais de 1966, a seção “*Scenedrome*” chegava a ocupar uma página inteira, informando a agenda de eventos daquela semana. Além disso, os quadrinhos ocupavam pelo menos uma página inteira, bem como a adição de reportagens advindas dos jornais que faziam parte do UPS também resultava em uma maior necessidade de espaço dentro das edições. Na última edição de 1966, publicada no dia 30 de dezembro, verificamos a presença de uma propaganda de página inteira da gravadora “*Verve Folkways*”, anunciando o lançamento de discos de três novas bandas de *rock and roll*. Na parte de baixo do anúncio, há a menção de que a gravadora fazia parte do grupo *Metro-Goldwyn-Mayer Inc.* Esse anúncio foi o primeiro que identificamos ter sido feito por uma grande gravadora, fato este que se tornaria um dos pilares de sustentação financeira dos jornais *underground*.

Notamos também que em algumas edições daquele ano, no espaço dos anúncios pessoais, havia pedidos de localização de jovens que estavam desaparecidos. Muito deles haviam saído de casa para se juntar ao movimento *hippie* e, pela exposição que o jornal possuía no meio *underground*, as famílias recorriam à publicação para tentar encontrá-los.

2.3 – 1967 – O radicalismo cultural sob os holofotes

A primeira edição de 1967, publicada no dia 6 de janeiro, apresentou na primeira página uma colagem com referências ao “*Golden Gate Be-in*” que iria ocorrer no dia 14 de janeiro, segundo o jornal (figura 9):

Você acreditaria em Timothy Leary e Mario Savio juntos? Allen Ginsberg e Jack Weinberg juntos? Lao-tzu junto a Spartacus? Isso está acontecendo. Os ativistas políticos de Berkeley vão se juntar aos *hippies* de São Francisco em um banquete de amor que, espero, acabará com o pouco que resta de ceticismo e desconfiança mútuas.¹²⁶

¹²⁶ “Would you believe Timothy Leary and Mario Savio? Allen Ginsberg and Jack Weinberg? Lao - tzu and Spartacus? It's happening. Berkeley political activists are going to join San Francisco's hippies in a love feast that will, hopefully, wipe out the last remnants of mutual skepticism and suspicion.” **Berkeley Barb**, 6 de janeiro de 1967, Berkeley.

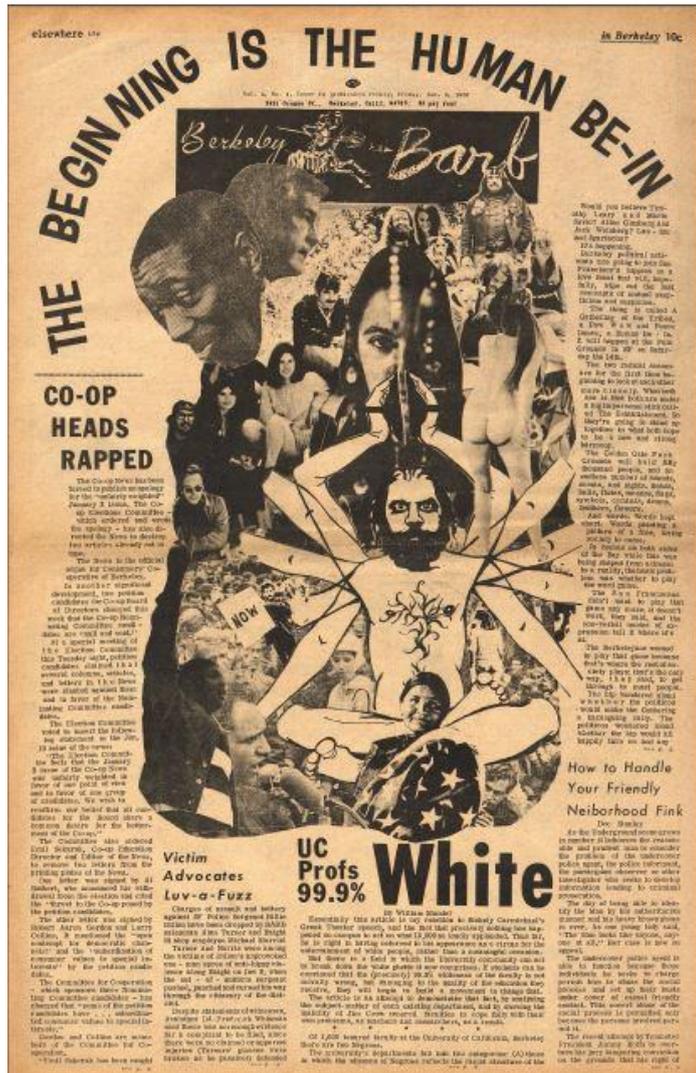


Figura 9: Primeira página da edição. **Berkeley Barb**, 6 de janeiro de 1967, Berkeley.

O evento, também chamado de “Um encontro das tribos” (*A Gathering of the Tribes*), planejava unir em um único local as diversas vertentes do Movimento, sob uma programação que reuniria espetáculos musicais, danças e discursos de líderes de diversos grupos. Michael Rossman, um dos ativistas líderes do *Free Speech Movement* definiu o evento como “o casamento dentro da guerra”, um casamento entre o radicalismo cultural e o político.¹²⁷ Planejado inicialmente pelo *San Francisco Oracle*, o evento ganhou apoio do *Barb*, uma vez que o público do *Oracle* era pouco abrangente, segmentado basicamente à comunidade hippie, o que tornaria a divulgação muito restrita se estivesse unicamente a cargo daquele jornal.¹²⁸ Conforme publicado no *Oracle*, o *Golden Gate Be-in* buscava:

Uma união de amor e ativismo que estavam previamente separados por dogmas categóricos e rótulos maledicentes finalmente ocorrerá de maneira arrebatadora quando os ativistas políticos de Berkeley, a comunidade hip e a

¹²⁷ ASHBOLT, op. cit., p. 162.

¹²⁸ Cf. GITLIN, op. cit., pp. 206-213.

geração espiritual de toda a Califórnia se encontrarem em São Francisco para um encontro das tribos.¹²⁹

Esse conagraçamento entre os radicais culturais e políticos não aconteceu conforme planejado, e o “encontro das tribos” acabou sendo a clara demonstração das diferenças que existiam dentro da multiplicidade de visões dos diversos grupos do Movimento. Durante o evento, o ativista Jerry Rubin, lembrando sua época de atuação no *Free Speech Movement*, fez um discurso inflamado para cerca de dez mil pessoas sobre o que ocorria no Vietnã, mas essas pessoas, de maneira fria, pouco reagiram à fala de Rubin. Sobre isso Max Scherr declarou:

Como o Movimento deixou passar essa oportunidade sem usá-la para propósitos radicais? O evento foi mal organizado. Havia um grande potencial para um protesto. Se eu pudesse ter alcançado um microfone, teria dito o que está em meu coração. Os organizadores deixaram nas entrelinhas que o evento se posicionava contra a guerra, mas não queriam incomodar as pessoas sobre esse assunto naquele momento.¹³⁰

O *Barb*, que chegou até a afirmar que talvez o “encontro das tribos” poderia ser o “prelúdio de uma revolução”, na edição publicada no dia 20 de janeiro, após o evento, mostrou o quanto seu otimismo se esvaiu em meio a alguns episódios de violência policial, além da própria decepção que caiu sobre alguns – incluindo Max Scherr –, uma vez que a expectativa inicial a respeito do evento e de seus desdobramentos acabou sendo frustrada. A cobertura do *be-in* estava na primeira página dessa edição, em que era dada ênfase à violência policial que ocorreu no evento. A cobertura do evento em si estava nas páginas internas. Entre alguns relatos, os radicais de viés político demonstravam o desapontamento com o encontro, principalmente em relação aos *hippies*, aos quais teceram duras críticas. O repórter Ed Danson fez um relato sobre os acontecimentos, narrando alguns fatos, a partir de seu ponto de vista. Ele começa sua narrativa no momento em que eram lidos alguns poemas de cunho sexual:

Os poemas sexuais soavam inúteis e vazios e o sistema de som era cortado muitas vezes, mas um poema parecia ter alguma vida nele. Comecei a percorrer a multidão para ver como eles se sentiam. Eles estavam esperando, impacientes, prontos para o próximo orador. Foi Jerry Rubin quem se prendeu à incoerência, quando falava em relação às cadeias. Não pude pegar o resto da fala porque as pessoas ao meu redor estavam fazendo comentários sarcásticos - não havia naquele local uma tradição política tão grande quanto no *campus*, mas talvez ele apenas soasse incoerente para eles também. [...]

Quando o Dead [a banda Grateful Dead] apareceu e tocou, a maior parte da multidão levantou-se para dançar, mas a dança parecia sem vida e estranha. Logo depois partimos, caminhando por aquele longo vale verdejante contemplando as plantas e as cores. Um jovem negro aproximou-se e disse: "Ei, cara, por que eles fizeram isso?" e eu disse: "Eles pensaram que seria uma boa ideia se todos se reunissem", e ele pareceu confuso e se afastou. É muito

¹²⁹ LEAMER, op. cit., p.43.

¹³⁰ LEAMER, op. cit., p. 44.

desconfortável ir consultar os anciãos e perceber que eles têm muito pouco a dizer a você. Nossa geração ainda não aprendeu a se organizar em uma escala em que 10 mil pessoas, em qualquer lugar, fariam alguma coisa. Irresponsável.¹³¹

Verificamos que o *Golden Gate Be-In* acabou tornando-se o estopim para o *Berkeley Barb* começasse a expressar em seus textos, descrédito em relação à ação dos *hippies*. Em muitas das edições publicadas em 1967 foram cobertos os eventos do que ficou conhecido como “Verão do Amor” (*Summer of love*), ocorridos na região de Haight-Ashbury e intimamente ligados ao movimento *hippie*. Quando não eram relatados casos de violência policial nos eventos do “Verão do Amor”, os articulistas do *Barb* mostravam pouca tolerância com as ideias expressas pelas manifestações organizadas pelos *hippies*. Muito das notícias que eram veiculadas tinham um certo teor de sarcasmo, o que deixava nas entrelinhas a crítica do *Barb* aos *hippies*, mas que, ao mesmo tempo, pelo fato de não ser explícita, desobrigava o jornal a tecer justificativas mais apuradas e embasadas sobre os pontos de discordância do jornal com os rumos do movimento *hippie*. Esse distanciamento do *Barb* em relação aos *hippies* culminou com a primeira página do dia 29 de setembro de 1967 que possuía a manchete: “*Death of hip*”(Morte do *hip*) (, defendendo que o movimento *hippie* deveria chegar ao fim:

Todos os presentes poderiam concordar com a necessidade da “morte do hippy”. A maioria achou que a mídia havia criado os conceitos de “hippie”, cultura hippie, ética e comunidade hippie. Houve um consenso geral de que a imagem da mídia atraiu muitos jovens insatisfeitos para o Haight - pessoas que na maioria dos casos não haviam assumido um compromisso interno de desistir da vida que tinham até então. Esse afluxo de pessoas não comprometidas que precisavam de moradia, comida e outros serviços mudou o ambiente para aqueles que já estão lá. Eles tentaram atender às necessidades dos recém-chegados. “Em vez de pedir que eles façam suas próprias coisas, a comunidade tentou dar a eles o que eles buscavam”. Muitos oradores expressaram preocupação de que a situação destruísse a liberdade tanto dos residentes mais antigos quanto dos recém-chegados. Em vez de “fazer o que deveriam”, as pessoas estavam se tornando a imagem dos “hippies” criada pela mídia.¹³²

¹³¹ “The sex poems sounded futile and empty and the sound system cut out a lot of times, but one poem seemed to have some life in it. I began going through the crowd to see how they felt, and they were waiting and impatient, ready for the next speaker. It was Jerry Rubin who tailed into incoherence about jails, I couldn't catch the rest because the people around me were making sarcastic remarks -- there is not as great a political tradition in the park as on the campus perhaps, maybe he just sounded incoherent to them also.[...]

When the Dead came and played most of the crowd stood up to dance, but the dancing seemed lifeless and just looked weird in the daylight. Shortly afterwards we left, walking down that long, wide green valley digging the plants and colors. A young Negro walked up and said, "Hey man, why did they do it?" and I said, "They thought it would be a good idea if everyone got together," and he looked puzzled and walked off. It is very uncomfortable to go and hear the elders and realize that they have very little to say to you as a group. Our generation has not yet learned how to organize on a scale that has 10, 000 people anywhere doing anything. Irresponsible” *Berkeley Barb*, 20 de janeiro de 1967, Berkeley, p.2.

¹³² “All those present could agree on the necessity for the "Death of Hippy." Most felt that media had created the concepts of "Hippy", hippy culture, ethics, and hippy community. There was a general consensus that the media's

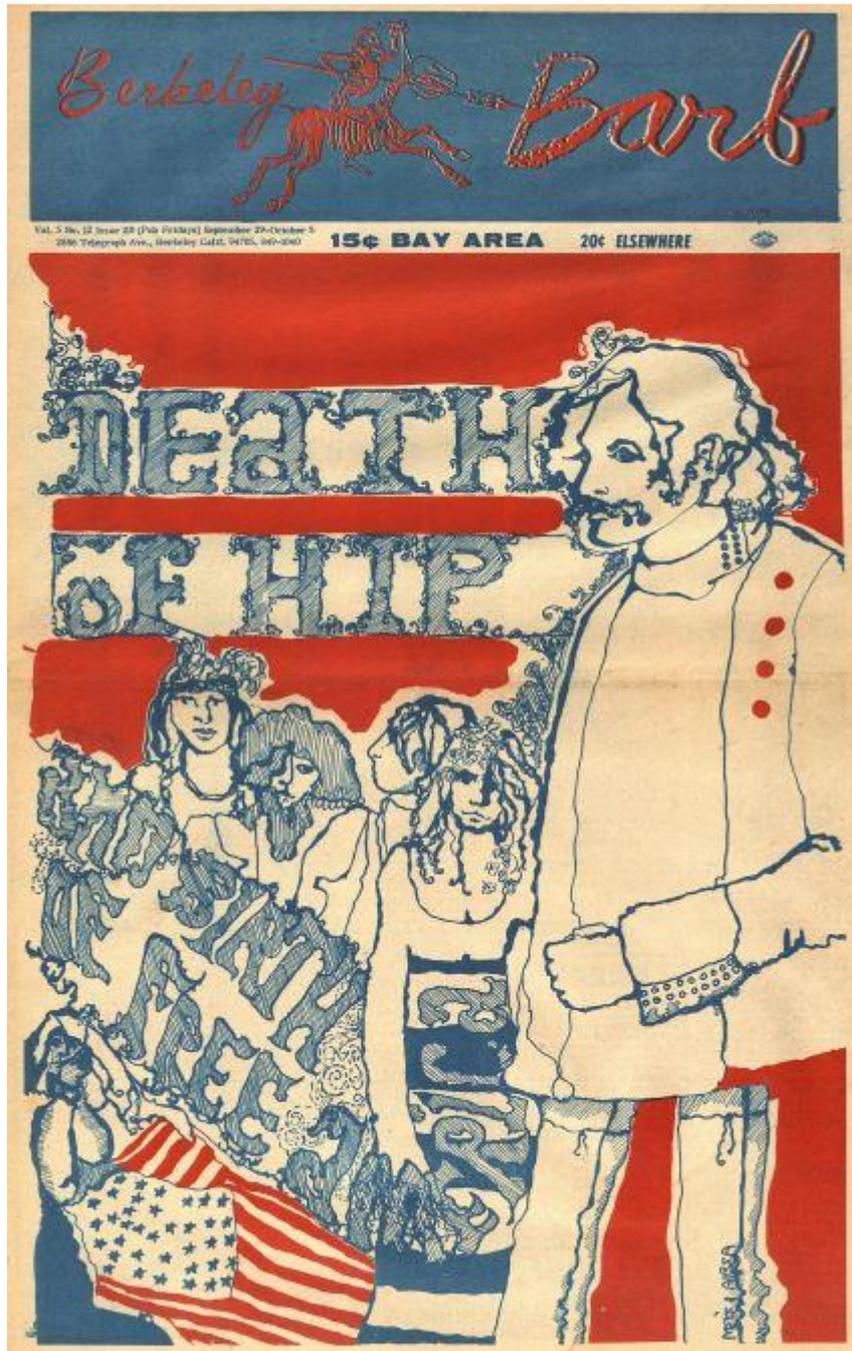


Figura 10: Primeira página da edição. **Berkeley Barb**, 29 de setembro de 1967, Berkeley.

image enticed many dissatisfied young people to the Haight -- people who in most cases had not made an internal commitment to drop out. This influx of uncommitted people in need of housing, food and other services changed the environment for those already there. They tried to fulfill the needs of the newcomers. "Rather than asking them to do their thing, the community tried to give them what they came for," as one person put it. Many speakers expressed concern that the resulting situation destroyed the freedom of both the older residents and the new arrivals. Instead of 'doing their thing' people were becoming media image 'hippies,' they felt." **Berkeley Barb**, 29 de setembro de 1967, Berkeley, p.2.

Como um jornal que desde o princípio se colocava como uma publicação da comunidade da região da *Bay Area*, o *Barb* fazia um balanço nessa edição do que a exposição do conceito *hippie*, a nível nacional, pela grande mídia, tinha feito com a vizinhança de Haight-Ashbury. Muitos jovens de diversos pontos dos Estados Unidos abandonavam suas casas, deixando suas cidades para trás, em busca de uma pretensa utopia e, ao chegarem na região da Baía de São Francisco, enfrentavam uma realidade bem diferente do que imaginavam.

De maneira geral, podemos afirmar que os eventos do “Verão do Amor” em Haight-Ashbury e seus desdobramentos, materializaram a oposição – até então latente – entre os *hippies*, principal grupo representante dos culturalmente radicais, em relação aos engajados politicamente. Os ativistas contraculturais defendiam inicialmente mudanças individuais, que consistiriam em deixar para trás as amarras sociais, como a escola, a universidade, o trabalho, procurando viver dentro de uma sociedade alternativa àquela que existia até então, essa seria a verdadeira revolução. Já os políticos, argumentavam que o poder do Estado capitalista jamais deixaria que qualquer tipo de nova sociedade se desenvolvesse, e que, mesmo se em um microcosmo essa nova sociedade fosse vislumbrada, por si só não teria nenhuma relevância para as lutas realmente relevantes: o fim da guerra, do racismo e da pobreza, sendo assim, eles defendiam uma ação política direta para uma mudança ideológica conjunta e não individual.

Essa oposição acabou por ficar mais clara na primeira convenção do *Underground Press Syndicate* na primavera de 1967 em São Francisco. Talvez pela convenção ter sido organizada em sua cidade, os representantes do *Oracle*, ditaram o tom do encontro. Dentre os vinte e cinco jornais que naquele momento faziam parte do UPS, aqueles que eram pautados pelo engajamento político eram minoria. Assim como ocorreu no “Encontro das Tribos”, muito dos eventos e debates apresentados na convenção estavam ligados às questões culturais e comportamentais, com pouco espaço para a política.

Apesar da atenção dada a Haight-Ashbury e a cidade de São Francisco como um todo, devido aos eventos que lá ocorriam, o *Barb* em 1967 continuou com a cobertura de assuntos concernentes à cidade de Berkeley e à Universidade da Califórnia, e também de outras vertentes do Movimento. Houve um espaço maior, ainda que tímido, ao movimento gay que começava a ter uma maior relevância dentro do Movimento, sendo que na edição publicada no dia 11 de agosto de 1967 o *Barb* cobriu uma marcha pelos direitos dos homossexuais.

Percebemos nesse ano um maior foco às pautas relacionadas ao movimento negro ao compararmos com as edições de 1966. Grande parte dessa maior exposição refere-se às notícias que tratavam do *Black Panther Party*, fundado em outubro do ano anterior e que, em 1967, ganhava espaço dentro do Movimento e também na grande mídia dos Estados Unidos. A

atuação do *Black Panther* na região da Baía de São Francisco nos primeiros meses de sua existência, principalmente em relação aos casos de violência policial contra negros, acabou por gerar uma convergência de interesses com a linha editorial do *Barb*. A identificação do partido com uma ideologia que era consonante à Nova Esquerda também era um fator facilitador do alinhamento ideológico do *Black Panther Party* com o *Barb*. O foco, na maioria das vezes, não eram as pautas do movimento negro relacionadas aos direitos civis, e sim a violência a que eles eram submetidos ao se mobilizarem em defesa de suas demandas. Além disso, ambos também se posicionavam contra a Guerra do Vietnã. Um fato que acabou dando ao *Black Panther Party* uma maior exposição dentro da publicação foi a prisão, em circunstâncias mal explicadas, do ativista Huey Newton. Ele supostamente havia se envolvido em uma confusão que havia escalonado para uma troca de tiros onde um policial acabou morto. Huey acabou sendo ferido por quatro disparos. O *Barb* cobriu todo o desenrolar da prisão do ativista, levantando questionamentos que surgiram a partir dos relatos contraditórios das testemunhas.

A política teve espaço logo no princípio de 1967, tendo diversas reportagens pautadas pela oposição ao recém empossado governador da Califórnia, Ronald Reagan, principalmente devido às possíveis ações que se avizinhavam pela parte do novo governo em relação à Universidade da Califórnia em Berkeley¹³³. Nas edições de meados de março, já conseguimos observar uma diminuição considerável de artigos e reportagens a respeito do governador Reagan. Outro fato relacionado à política que é tratado na primeira edição do ano, se estendendo até a última edição de março de 1967, foi o desenrolar das campanhas eleitorais que ocorreram para a eleição de prefeito e de membros do Conselho Municipal tanto da cidade de Berkeley quanto de Oakland e de São Francisco. Nas primeiras edições de janeiro, o *Barb* publicou artigos de Peter Camejo, que iria concorrer à Prefeitura de Berkeley pelo *Socialist Workers Party*. Na edição da semana do dia 27 de janeiro de 1967, da mesma forma, o *Barb* deu espaço para que o candidato ao Conselho Municipal da cidade de Oakland, Bob Avakian, escrevesse uma coluna a respeito de sua candidatura. Avakian se candidatava pela CNP, *Community for New Politics*, o mesmo grupo que deu suporte à candidatura de Robert Scheer ao Congresso dos Estados Unidos. Assim como Scheer, Avakian era jornalista da revista *Ramparts*. Dentro do cenário das eleições, outro candidato que teve espaço nas páginas do *Barb* foi o fundador do *Vietnam Day Committee* e colaborador contumaz do *Barb*, Jerry Rubin, que concorreria ao cargo de prefeito de Berkeley. Um dos fatos interessantes que notamos foi que na edição publicada no dia 25 de fevereiro o candidato Peter Camejo pode escrever uma coluna em que

¹³³ A Universidade da Califórnia em Berkeley faz parte de um sistema universitário público, sendo mantida pelo Estado da Califórnia.

contrapunha, dentro do espectro da esquerda, às ideias de Jerry Rubin e de Bob Avakian, que haviam sido divulgadas em edições anteriores.

Na edição do dia 31 de março de 1967 houve dois anúncios pagos, sendo que um ocupava o espaço de meia página, divulgando a candidatura de Jerry Rubin, e o outro, ocupando uma página inteira, anunciava os candidatos da CNP para o conselho da cidade, sendo essa a última edição antes da eleição. Na edição seguinte, do dia 7 de abril de 1967, foi publicado um artigo dizendo ter havido uma vitória da direita nas eleições. Todos os candidatos que tiveram espaço no *Barb*, inclusive Jerry Rubin, perderam a eleição aos respectivos cargos que concorriam.

Dentre os protestos que tiveram uma grande cobertura do *Barb* em 1967, podemos destacar aqueles relacionados ao anti-recrutamento, que eram organizados nos locais em que os jovens se apresentavam após receber a carta de recrutamento para a guerra. Em outubro conseguimos verificar uma grande cobertura da “*Stop the Draft Week*”¹³⁴ que foi divulgada pelo jornal no dia 13 desse mês, e que repercutiu na edição do dia 20, com uma intensa cobertura, enfatizando novamente, a questão da violência policial contra o protesto.

O aumento dos anúncios também foi um fator que percebemos ao compararmos as edições de 1967 com as edições do ano anterior. Havia um maior número de anúncios classificados e um maior número de eventos listados na seção “*Scenedorme*”. Vemos também um aumento expressivo do número de anúncios de lojas de discos e uma quantidade muito grande de anúncios de filmes em cartaz nos cinemas, além das exposições em mostras amadoras que já eram publicadas nas edições dos anos anteriores. Dentre os anúncios comerciais, há um aumento muito grande no número de anúncios de gravadoras principalmente a partir do mês de agosto, sendo que a edição do dia 15 de dezembro de 1967 chegou a ter três anúncios de página inteira anunciando artistas contratados de grandes gravadoras.

Podemos afirmar que o *Barb* em 1967 ganhou um maior apelo visual, com mais imagens, sendo que muitas delas eram fotografias capturadas *in loco*, durante os acontecimentos que estava sendo cobertos. Além das fotografias, havia nas edições muitas ilustrações e fotomontagens, sendo algumas coloridas.

¹³⁴ O “*Stop the Draft Week*” foi um grupo formado com o intuito de organizar uma grande mobilização contra o recrutamento de jovens pelas Forças Armadas estadunidenses para serem enviados ao Vietnã, contando com a participação de membros de diversos outros grupos ligados ao Movimento. Cf. RORABAUGH, op. cit., p. 166.

2.4 – 1968 – O radicalismo político toma a dianteira

As edições do ano de 1968 tiveram um viés predominantemente político, seja através da divulgação e cobertura de manifestações e protestos, ou através da participação política direta, haja vista que naquele ano ocorreriam as eleições presidenciais, da câmara de representantes, do senado e também para o governo de alguns estados nos Estados Unidos. Ao examinarmos as edições de 1968, verificamos um personagem político que estava presente na maioria delas: o *Peace and Freedom Party*.¹³⁵ As ações do partido e suas pretensões eleitorais deram tom às publicações. Outro protagonista que já caminhava em um processo de crescimento dentro das páginas do *Barb* – conforme verificamos nas edições de 1967 – foi o movimento negro, principalmente o *Black Panther Party* e o movimento *Black Power* como um todo. Em contrapartida, também seguindo uma tendência que percebemos nas edições do ano interior, o movimento *hippie* perdeu espaço dentro do jornal, assim como as reportagens relacionadas a questão das drogas. Muitas das vezes, assim como ocorreu em 1967, as menções relacionadas às drogas, principalmente à maconha, estavam ligadas com os abusos cometidos por policiais ao abordar pessoas que estavam fazendo uso ou portando as substâncias.

Na edição do dia 16 de fevereiro, Jerry Rubin, publicou um texto chamado “O ano dos *Yippies*” (“*The Year of the Yippies*”). O texto soava como um manifesto, um anúncio de algo importante que estava sendo construído naquele momento. Os *Yippies*¹³⁶, juntamente com o *Peace and Freedom Party*, eram os dois novos grupos que, naquele ano, ganhariam um grande vulto nas páginas do *Barb*. Os *Yippies* passaram a ter projeção nacional principalmente durante a convenção do Partido Democrata em Chicago que ocorreu entre os dias 26 e 29 de agosto de 1968 e se configurou em um dos momentos políticos de maior importância nos Estados Unidos na década de 1960. O *Barb* realizou uma cobertura extensa da convenção, desde a organização (na edição do dia 16 de agosto, o *Barb* postou um mapa com uma agenda listando todas as

¹³⁵ O *Peace and Freedom Party* foi formado a partir de diversas vertentes político-radicalis, com a finalidade de oferecer uma alternativa eleitoral, dentro do cenário das eleições que ocorreriam em 1968. A principal aliança do partido foi com o *Black Panther Party*, a fim de lançar a candidatura de Eldridge Cleaver à presidência da República. Cf. ASHBOLT, op. cit., p. 208.

¹³⁶ O nome *Yippie* era derivado de *Youth International Party*, os principais criadores do grupo foram Abbie Hoffman, proeminente figura dentro do Movimento, sendo ativo militante do SNCC, Paul Krassner, que já citamos anteriormente, criador ainda nos anos 1950 de uma das publicações que influenciaram a imprensa *underground*, o *Realist*, e o próprio Jerry Rubin. Os *Yippies* buscavam, dentro do contexto contracultural dos Estados Unidos, unir certas características dos *hippies*, dos *diggers*, da Nova Esquerda e, dentro dessa diversidade, criar um novo movimento baseado em ações anárquicas e transgressoras, muitas vezes com performances teatralizadas em público. Sempre com doses de humor e sarcasmo, buscavam chocar sem perder o conteúdo político, atraindo a atenção da imprensa através do inusitado. Cf. FARBER, David. *The Sixties: from memory to history*. Chapel Hill: The University Of North Carolina Press, 1994, p. 225; e GITLIN, op. cit., p.235.

atividades que os *Yippies* iriam promover em Chicago) até o transcorrer dos eventos, incluindo a violência cometida pela polícia contra os protestos que ocorreram durante a convenção¹³⁷.

Um dos fatos interessantes que percebemos nesse ano foi a ausência de uma cobertura do assassinato de Martin Luther King Jr. ocorrido no dia 4 de abril de 1968. A edição subsequente ao fato, publicada no dia 5 de abril de 1968, provavelmente não teria tempo hábil para cobrir um fato ocorrido no dia anterior. A edição publicada no 12 de abril de 1968, também não possuía nenhuma reportagem ou artigo sobre o assassinato de Luther King. Essa ausência se seguiu nas próximas seguintes. Acreditamos que, de uma maneira deliberada, o *Barb* escolheu não cobrir o assassinato. A edição do dia 12 de abril de 1968 trazia em sua primeira página, bem como nas páginas internas, um extensa cobertura de um assassinato, mas, nesse caso, de outro integrante do movimento negro: o jovem Bobby Hutton, de dezoito anos de idade, considerado como o primeiro membro do *Black Panther Party* (excetuando os fundadores do partido). Ele foi assassinado no dia 6 de abril de 1968, dois dias após a morte de Luther King, em uma troca de tiros com a polícia de Oakland durante as agitações urbanas que transcorriam por todos Estados Unidos após a notícia do assassinato de Martin Luther King Jr., Bobby Hutton, momentos antes de ser assassinado, estava acompanhado de Eldridge Cleaver e de outros membros do grupo. Segundo Eldridge, eles estavam armados e tentaram preventivamente se adiantar a um possível ataque da polícia. Uma vez que o grupo já era perseguido pelas forças policiais, as agitações que ocorriam na cidade em decorrência do assassinato de Martin Luther King, poderiam servir como pretexto para que os policiais pudessem atacar membros do *Black Panther Party*. Considerando a linha editorial do *Barb*, podemos conjecturar que, haja vista a repercussão nacional do assassinato de Martin Luther King Jr. (graças à projeção que ele tinha dentro da sociedade dos Estados Unidos da época e a penetração que tinha dentro das instituições do país, e, por consequência da grande mídia), em comparação ao preconceito e boicote que a mídia impunha ao *Black Panther Party*, bem como a todo o movimento *Black Power*, principalmente após a saída de Stokely Carmichael do SNCC e o rompimento de parte do movimento com as diretrizes de não-violência do comitê, o *Berkeley Barb* usou a opção de cobrir o assassinato de Bobby Hutton ao de King, como uma maneira de marcar claramente a posição de alinhamento político da publicação com essa vertente do

¹³⁷ Um dos principais posicionamentos cobrado dos candidatos e das delegações estaduais participantes da convenção do Partido Democrata em Chicago era o posicionamento em relação à Guerra do Vietnã. Do lado de fora do *International Amphitheatre*, onde ocorria a convenção, a principal motivação dos protestos era a oposição à guerra. A participação dos *Yippies* e do *National Mobilization Committee to End the War in Vietnam* ajudavam a dar o tom antiguerra às manifestações. Assim sendo, faremos uma análise da cobertura jornalística da convenção e dos protestos no próximo capítulo.

Movimento. O espaço que o movimento negro estava tendo nas páginas do *Barb*, nos faz crer que, muitos leitores buscaram comprar o jornal com o intuito de ver a repercussão que o periódico deu para a morte de Martin Luther King, mas, ao invés disso, viu a repercussão da morte de outro ativista.

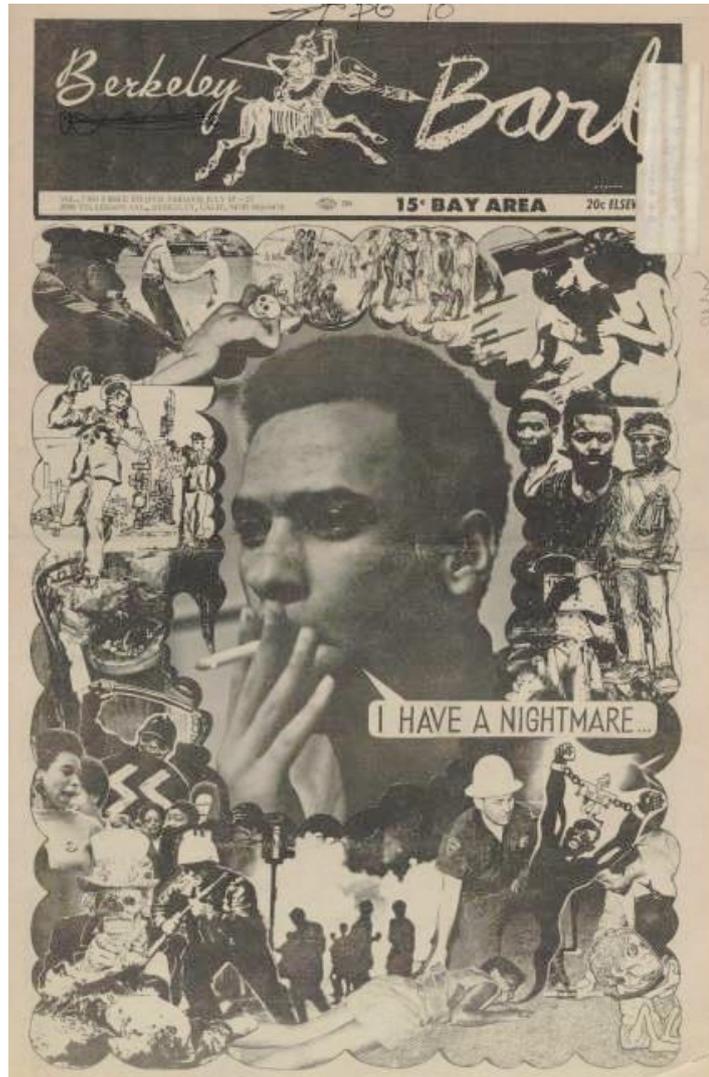


Figura 11: Fotomontagem com cenas de violência aos negros, tendo o ativista Huey Newton ao centro. Primeira página da edição. **Berkeley Barb**, 19 de julho de 1968, Berkeley.

Em 1968, tanto o *Black Panther Party* como o movimento *Black Power*, tiveram grande protagonismo dentro das páginas do *Berkeley Barb*. Ao noticiar fatos e acontecimentos de ambos os grupos, o *Barb* assumia uma clara posição de alinhamento àquilo que os dois grupos defendiam. Uma consequência disso foi que a união entre o *Peace and Freedom Party* e o *Black Panther Party* para lançar a candidatura de Eldridge Cleaver à Presidência da República dos Estados Unidos, que acabou sendo o tema que circunscreveu boa parte das edições do *Barb* daquele ano. A candidatura de Eldridge Cleaver foi levada a cabo, mesmo considerando que

ele não teria a idade mínima constitucional de 35 anos de idade para ser presidente dos Estados Unidos no dia da posse, caso ganhasse as eleições. A campanha a favor de sua candidatura esteve em vários momentos nas páginas do jornal. Na edição do dia 4 de outubro de 1968, era publicada na capa a notícia da aliança entre os *Yippies* e o *Black Panther Party*, em torno da candidatura de Cleaver. A edição do dia 1º de novembro de 1968 divulgou as últimas notícias e os últimos momentos da campanha antes da eleição que ocorreria no dia 5. A eleição foi ganha por Richard Nixon do Partido Republicano. Eldridge Cleaver teve um total de 36.563 votos, totalizando 0,05% dos votos¹³⁸, sendo que desse total, 27.707 votos foram obtidos no Estado da Califórnia.¹³⁹ A opção por pautas políticas pelo *Barb* naquele momento também ficou expressa na série de grandes reportagens realizadas a respeito da prisão e julgamento do filósofo e professor francês Régis Debray, que acompanhava Che Guevara e foi sentenciado ao final de 1967 a 30 anos de prisão na Bolívia, onde havia sido capturado.

Iniciando na edição do dia 26 de abril de 1968, o *Barb* começou a fazer uma cobertura do que acontecia internacionalmente, a partir das manifestações estudantis que começavam a emergir, antecipando o que ocorreria em maio de 1968 em diversos pontos do mundo. Nessa edição de abril, o destaque foi para os protestos que ocorreram na Universidade de Columbia, principalmente as demonstrações do dia 23 de abril. As manifestações na universidade estavam crescendo durante o mês de abril, em consequência da divulgação feita por um aluno de documentos que comprovavam o envolvimento da universidade com pesquisas voltadas à Secretaria da Defesa dos Estados Unidos – o que significava que essas pesquisas realizadas na universidade poderiam estar sendo usadas, por exemplo para fins de guerra – além de acusações de segregação racial no projeto de construção de dependências esportivas em um parque próximo a universidade e próximo também do bairro do Harlem, conhecido por ter uma população predominantemente negra. Segundo o projeto, haveria uma clara segregação nas entradas do parque, sendo uma dirigida aos brancos e outra aos negros.

As ações na Universidade de Columbia eram organizadas principalmente pelo SDS e, dentro do contexto internacional de protestos estudantis que reverberavam também nos Estados Unidos, acabaram ganhando uma grande adesão de outras organizações, extrapolando as pautas iniciais. Os fatos que ocorriam em Columbia ganharam projeção nacional após a decretação de greve na universidade e da ocupação de vários prédios do *campus* pelos estudantes. As próprias

¹³⁸ “United States presidential election of 1968” Disponível em: <<https://www.britannica.com/event/United-States-presidential-election-of-1968>> Acesso em: 27 de julho de 2018.

¹³⁹ Cf. Dados disponíveis em: <<https://uselectionatlas.org/RESULTS/state.php?year=1968&fips=6&f=0&off=0&elect=0>> Acesso em 27 de julho de 2018.

intenções do movimento, bem como o controle e a organização das manifestações por aqueles que supostamente lideravam o movimento grevista acabaram se diluindo e as pautas se tornaram difusas. Nas edições de 24 e de 31 de maio de 1968, há uma enorme cobertura dos protestos estudantis que ocorriam na França. Na edição do dia 31 especificamente, o *Barb* publicou uma grande reportagem, advinda do *Los Angeles Free Press*, chamada “Diário da Revolução Francesa” (“*Diary of French Revolution*”), sobre os protestos franceses.

O *Berkeley Barb*, até então, em nenhuma das edições que tivemos acesso desde agosto de 1965, havia manifestado qualquer posicionamento em relação ao governo soviético. Não só isso, em nenhum momento o jornal publicou qualquer notícia referente à União Soviética, ou aos países pertencentes ao Bloco Socialista. Mesmo ao cobrir a Guerra do Vietnã, dentro do contexto da Guerra Fria, não encontramos nenhuma referência aos soviéticos. Isso mudou na edição do dia 23 de agosto de 1968, com as notícias sobre a Primavera de Praga. A edição comparava a ação dos Estados Unidos no Vietnã, em nome da defesa da democracia, com a ação soviética na Tchecoslováquia. A primeira página dessa edição (figura 12) acaba expressando uma mensagem de que ambas as ações nada mais eram do que lados da mesma moeda, e que talvez o grande problema era a existência de governos, deixando talvez nas entrelinhas uma mensagem de caráter anarquista. Nessa mesma edição há basicamente um manifesto a favor daqueles que protestavam na Primavera de Praga contra a interferência soviética no país. O *Berkeley Barb* tomou clara posição a favor dos manifestantes tchecoslovacos.



Figura 12: Primeira página da edição. *Berkeley Barb*, 23 de agosto de 1968, Berkeley.

Assim como ocorreu em 1966 e 1967, as reportagens do *Barb* deram muita ênfase à questão da violência e da brutalidade policial. Um dos maiores exemplos foi uma reportagem sobre a violência policial enfrentada por manifestantes que participavam de mobilizações em Berkeley, durante o dia 4 de julho, feriado em que se comemora a independência dos Estados Unidos. Publicada na edição no dia 5 de julho, a quantidade de fotos sobrepujava a quantidade de texto sobre o ocorrido – talvez pelos fatos terem acontecidos próximos do limite de fechamento da edição – o que dava um certo teor dramático à cobertura, pois a seleção de imagens, acompanhadas das respectivas legendas, acabava por exemplificar o porquê do jornal continuamente denunciar os casos de brutalidade policial.

Os meses de novembro e dezembro foram marcadas pela cobertura das greves estudantis que ocorreram no *San Francisco State College* e, nesse caso, mais uma vez, a violência policial era o principal assunto. As mobilizações na universidade foram principiadas ainda no mês de março, a partir dos primeiros protestos organizados pelo recém-criado grupo denominado *Third World Liberation Front* (TWL), que defendia pautas relacionadas aos direitos dos grupos que eram minorias dentro do campus universitário, principalmente latinos e asiáticos. Na edição do dia 26 de abril 1968, o *Barb* divulgou o movimento grevista de estudantes usando a manchete: “*Student Strike--Now*”. O movimento buscava paralisar todas as escolas de segundo grau, assim, como faculdades e universidades no dia 26 de abril. O movimento se estendeu durante todo o ano, sendo que no segundo semestre, além das pautas do *Third World Liberation Front*, podemos perceber que se acrescentaram pautas do movimento negro. As ações que se iniciaram no *campus* do *San Francisco State College* se estenderam também a Berkeley e a violência policial recrudesciu.

Em 1968 há um aumento gradual na presença de nudez no jornal. A edição do dia 29 de março trouxe uma foto de um nu frontal de uma mulher na capa. Dessa edição em diante percebemos que em todas edições que examinamos havia algum tipo de nudez, seja nas reportagens ou nos anúncios. O mais interessante é que a nudez em muitas das vezes que era publicada (ao contrário das edições de anos anteriores em que as fotos de nus estavam vinculadas às reportagens), nesse ano não havia um conteúdo que justificasse de uma maneira convincente a inserção dos nus. Podemos perceber que as fotos de nus – na maioria das vezes feminino – acabava por gerar um contraste com a radicalidade da cobertura que o jornal fazia da violência policial testemunhada nas manifestações.

Quanto a questão dos anúncios, podemos notar que na edição de 16 páginas publicada no dia 5 de janeiro, o jornal continha o equivalente a aproximadamente 5 páginas de anúncios e classificados. Na antepenúltima edição de 1968, publicada em 13 de dezembro, verificamos

que de suas 28 páginas, os anúncios ocupavam o equivalente a cerca de 17 páginas. Havia uma grande quantidade de anúncios de diferentes gravadoras divulgando diversos discos de seus artistas contratados. No mês de março, os anúncios de gravadoras acabaram por preencher o maior espaço do periódico até então. Ao mesmo tempo, os anúncios de cunho sexuais cresciam em número dentro do jornal.

Uma curiosidade que descobrimos ao examinar a edição do dia 16 de agosto foi a presença de uma foto icônica da marcha dos cem mil no Brasil, um dos eventos mais marcantes da luta contra o regime militar no país. A foto, feita pelo fotógrafo Evandro Teixeira para o *Jornal do Brasil*, foi publicada no *Barb* como se retratasse uma das manifestações estudantis mexicanas que também ocorreram em 1968.

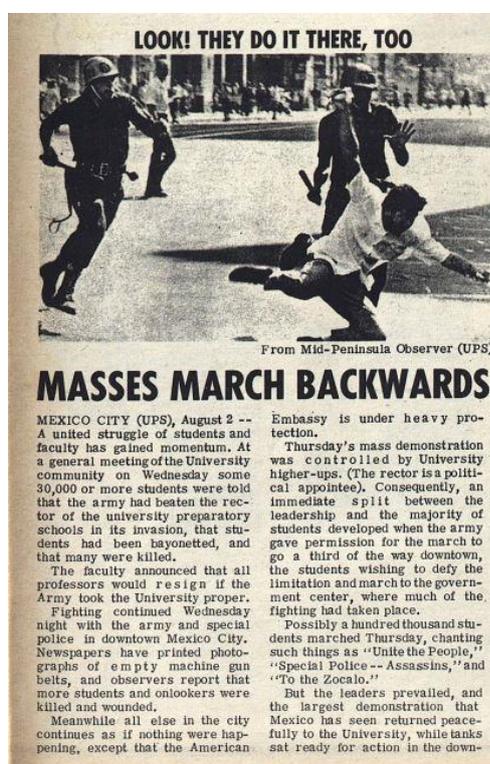


Figura 13: Berkeley Barb, 16 de agosto de 1968, Berkeley, p.11

2.5 – 1969 – O ocaso da utopia dos anos 1960.

Ao analisarmos as edições do ano de 1969, conseguimos perceber uma diminuição no engajamento das reportagens e artigos do *Berkeley Barb*. Notamos uma redução também na cobertura e envolvimento de pessoas nas mobilizações e nos protestos que ainda ocorriam naquele ano. A partir desses fatos, podemos inferir que a esperança das realizações de mudanças radicais que foi construída no transcorrer da década e que foi vislumbrada como possível em 1968, tenha se frustrado. A eleição de Richard Nixon à presidência dos Estados Unidos seria o

símbolo dessa frustração. Percebemos nas reportagens e notícias da época que havia a expressão de um sentimento que havia em algumas pessoas, de que as forças direcionadas às pautas do Movimento não tinham surtido o efeito esperado, uma vez que a segregação e a violência racial persistia nos Estados Unidos, a Guerra do Vietnã continuava e um político republicano, identificado com pautas conservadoras tinha sido eleito presidente do país. Um dos indícios dessa nossa constatação se encontra na carta escrita por Jerry Rubin e publicada na edição do dia 24 de janeiro de 1969. A carta intitulada “Uma carta emergencial aos meus irmão e irmãs no movimento”¹⁴⁰. Podemos tomar essa carta como uma forma de balanço dos fatos que ocorreram na segunda metade da década de 1960 feita por um participante ativo do Movimento, bem como uma constatação do quanto o desânimo estava presente diante dos fatos que eram postos nesse início de ano. Rubin iniciava sua comunicação dizendo:

Da área da Baía de São Francisco a Nova York, estamos sofrendo a maior depressão de nossa história. As pessoas estão bebendo a amargura do café ao invés de colocar açúcar. É um problema coletivo, não individual, e as pessoas não falam mais umas com as outras. Já é 1969, e 1965 parece ser uma memória distante. Naquele momento nós éramos os conquistadores do mundo. Ninguém poderia nos parar. Íamos terminar a guerra. Íamos acabar com o racismo. Nós íamos mobilizar os pobres. Nós íamos assumir as universidades. Leia algumas das primeiras publicações antiguerra. Confira a poesia e os manifestos originais dos *hippies-diggers*: euforia, otimismo transbordante e expectativa de sucesso imediato. Uau, ainda posso ficar doidão nisso. Muita coisa desabou desde então. A guerra continua, a cena de São Francisco se foi, a maconha e o ácido estão sendo ultrapassados pela anfetamina e pela heroína, Nixon substituiu Johnson e o racismo está mais forte do que nunca. A América se mostrou surda e nossos sonhos se mostraram inocentes. Muitos de nossos irmãos se tornaram apáticos e cínicos.¹⁴¹

Ele demonstra um cenário desolado para o movimento, citando o caso do *Oakland Seven*¹⁴², e critica o cenário letárgico que observava, especialmente em *Berkeley*:

¹⁴⁰ “An emergency letter to my brothers and sisters in the movement”. **Berkeley Barb**, 24 de janeiro de 1969, Berkeley, p. 13.

¹⁴¹ “From the Bay Area to New York, we are suffering the greatest depression in our history. People are taking bitterness in their coffee instead of sugar. It’s a common problem, not an individual one, and people don’t talk to one another too much anymore. It is 1969 already, an 1965 seems almost like a childhood memory. Then we were the conquerors of the world. No one could stop us. We were going to end the war. We were going to wipe out the racism. We were going to mobilize the poor. We were going to take over the universities.

Go back and read some of the early anti-war literature. Check out the original hippie-digger poetry and manifestoes: euphoria, overflowing optimism, and expectation of immediate success. Wow, I can still get high on it. A lot has gone down since then. The war roars on, the San Francisco scene is gone, pot and acid are being challenged by speed and smack, Nixon has replaced Johnson, and white racism is stronger than ever. America proved deaf, and our dreams proved innocent. Scores of our brothers have become inactive and cynical. Ibid.

¹⁴² “*Oakland Seven*” foi um grupo de sete jovens participantes dos protestos organizados pela “*Stop the Draft Week*” em outubro de 1967, e que acabaram sendo presos durante os atos, sendo indiciados e julgados pelo crime de “conspiração”. O julgamento, que iniciou-se em janeiro de 1969, teve seu fim no dia 28 de março, sendo os sete acusados declarados inocentes das acusações.

Os “*Oakland Seven*” são acusados de conspiração. O que significa: organize um protesto que desafie efetivamente as autoridades, e os tribunais o prenderão por conspiração, o que o deixará amarrado a advogados e coisas chatas por anos. É por isso que tão poucas pessoas estão planejando mais manifestações em Berkeley? Depois de passar três meses lá no outono, fiquei deprimido ao ver a antiga audácia de Berkeley desaparecer. Merda, três anos atrás, íamos derrubar Washington a partir da *Telegraph Avenue*.

Resultado: sonhos desfeitos para centenas e centenas de pessoas. “Ativistas políticos” tornou-se hoje praticamente um termo de insulto em Berkeley. Enquanto isso, os policiais estão sorrindo.¹⁴³

Ele também teceu críticas ao Movimento como um todo:

Estes são os dias em que fazemos a nós mesmos as perguntas mais básicas sobre o movimento: Ele é real ou puro? Ele se preocupa com algumas pautas ou se caracteriza por um estilo de vida totalmente novo? O governo poderia destruí-lo, ao fazer concessões às suas demandas? Estamos criando um “Novo Homem” ou somos somente um reflexo das merdas que tanto odiamos? Somos uma nova irmandade ou somos apenas um emaranhado de organizações e disputa de egos? O que acontecerá quando atingirmos 30 e 40 anos? Não tenho certeza de mim mesmo, e o que penso frequentemente muda dependendo de como eu me sinto quando acordo de manhã. E esta é uma das diferenças entre os movimentos dos negros e dos brancos. Para os negros, o movimento de libertação é uma luta contra a opressão física e mental. Para os brancos, o movimento é uma escolha existencial. Uma maneira de perceber se temos ou não algo verdadeiro é ver como as pessoas se relacionam com os problemas. No passado, o movimento deixava as baixas das últimas batalhas aos seus próprios destinos individuais, enquanto continuava a caminho da próxima ação pitoresca.

Muitos ativistas foram forçados a pedir ajuda a seus pais e não ao movimento que estava tentando destruir as instituições que seus pais acreditavam. Como podemos pedir às crianças que corram riscos em um movimento que não defende seus membros? Meu irmão tem 20 anos e o seu olhar costuma indagar-me isso.

O movimento está mais preocupado com o debate ideológico, as disputas organizacionais e as brigas internas, do que com a criação de uma família. Mas nosso movimento só é tão forte quanto as amizades dentro dele. Nossa única força real está em nossa identificação mútua.¹⁴⁴

¹⁴³ “Oakland Seven are accused of conspiracy. Which means: organize a demonstration which effectively challenges authority and the courts arrest you for conspiracy and tie you up with lawyers and boring shit for years. Is that why so few people are into planning demonstrations any more in Berkeley? After spending three months there in the fall, I was depressed to see the old Berkeley audaciousness gone. Shit, three years ago we were going to overthrow Washington from Telegraph Avenue. Result: broken dreams for hundreds and hundreds of people. “Politico” has virtually become a term of insult in Berkeley today. Meanwhile, the cops are smiling.” **Berkeley Barb**, 24 de janeiro de 1969, Berkeley, p. 13.

¹⁴⁴ “These are days when one asks himself the most basic questions about the movement: Is it real or transparent? Does it just concern issues, or is it a whole new lifestyle? Could the government break it apart with concessions?” Are we creating a New Man, or are we a reflection ourselves of the bullshit we hate so much? Are we a new brotherhood, or are we just a tangle of organizations and competing egos? What will happen when we reach age 30 and 40? I am not sure myself, and what I think often depends on how I feel when I wake up in the morning. And this is one of the differences between the black and white movements. For blacks the liberation movement is a struggle against physical and mental oppression. For whites, the movement is an existential choice. One way to feel whether or not we have something real is to see how people relate to one another in trouble. In the past the movement has left the casualties of the last battle to their own individual fates as it moved on to the next dramatic action. Many activists have even been forced to turn to their parents for help, rather than to the

Ao mesmo tempo ele expôs um novo momento em que o Movimento sai das ruas partindo às cortes, uma vez que muitos estavam presos ou sendo processados por supostas violações legais:

Se 1968 foi "o ano da guerrilha heroica", 1969 será "o ano dos tribunais". Devemos atacar os mitos que cercam os tribunais tão ferozmente quanto atacamos os mitos americanos da guerra, da torta de maçã, do policial amigável de seu bairro e das "eleições livres". [...]

Uma ofensiva contra os tribunais e as prisões – incluindo a ação direta e a assistência jurídica e financeira às vítimas do sistema – seria a ação mais imediata que um movimento branco poderia fazer para negros e para brancos pobres, considerados as “merdas” do país, os "elementos criminosos".

Como começo, vamos organizar mobilizações maciças para a primavera, coordenadas nacionalmente e bem chamativas, ocorrendo perto de tribunais, prisões e presídios militares.¹⁴⁵

Ao remontar um cenário de desolação, ao mesmo tempo em que assumia um certo fracasso em alguns pontos, Jerry Rubin desenha nessa carta um clamor por uma retomada do ânimo, uma tentativa de reerguer as forças do Movimento. Esse diagnóstico feito por ele sintetiza o sentimento que percebemos ao analisarmos as páginas do *Barb* em 1969.

As primeiras edições de 1969 seguem cobrindo a greve dos estudantes e professores na *San Francisco State College* que se estendeu por 1968 e continuou no ano seguinte. Assim como nas reportagens anteriores, o *Barb* ressaltava a ação violenta dos policiais em relação aos grevistas, inclusive as prisões em massas que eram realizadas durante os atos. A Universidade da Califórnia em Berkeley, semelhantemente ao que ocorria em São Francisco, também entrou em greve. As manifestações dos estudantes foram cobertas pelo *Berkeley Barb*, principalmente após a polícia entrar no campus. O destaque foi, mais uma vez, à violenta ação policial contra os estudantes mobilizados. As manifestações estudantis ocuparam grande parte das páginas das edições de fevereiro e março. A violência policial atingiu níveis imensos, tendo o *Barb* usado o termo “*street war*” para denominar os confrontos entre manifestantes e policiais. A edição da semana do dia 21 ao dia 27 de março de 1969 trazia a cobertura do fim das greves estudantis, assumindo um tom de derrota, declarando o governador Ronald Reagan como vitorioso.

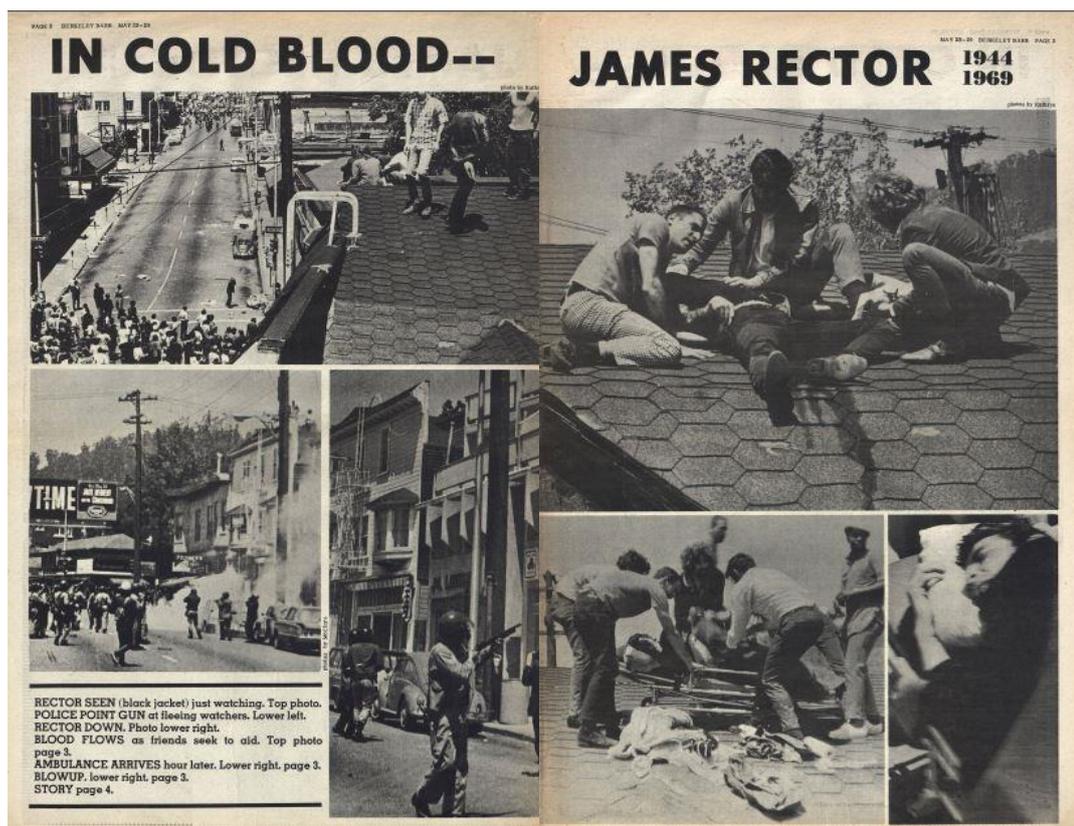
movement which is trying to overthrow their parents' institutions. How can we ask young kids to take risks in a movement which doesn't defend its own? My brother is 20 years old and his eyes often ask me that question. The movement is more concerned with ideological debate, organizational games, and in-fighting than with creatin in a family. But our movement is only as strong as the friendships within it. Our only real strength is in our identification with one another.” Ibid.

¹⁴⁵ “If 1968 was “The Year of the Heroic Guerrilla,” then 1969 will be “The Year of the Courts.” We must attack the myths surrounding the courts as ferociously as we have attacked the American myths of war, apple pie, your friendly neighborhood cop, and “free elections.” [...]

An offensive against the courts and jails—including direct action and direct legal and financial aid to the victims of the system—would be the most immediate link that a white movement could possibly make with blacks and poor whites: the country's shit-on, the “criminal element. As a beginning let's organize massive mobilizations for the spring, nationally coordinated and very theatrical, taking place near courts, jails and military stockades.” Ibid.

Um dos fatos que teve grande cobertura do *Barb* nas primeiras edições daquele ano foi o julgamento dos “*Oakland Seven*”. Durante várias edições foram publicadas reportagens que faziam um balanço do julgamento, ao mesmo tempo que cobriam as manifestações organizadas a favor dos sete acusados. Nas primeiras edições do ano, ainda havia uma cobertura (apesar de menor em comparação ao ano anterior) de alguns fatos relacionados ao *Black Panther Party*. Conforme o passar do ano, a cobertura do movimento negro como um todo, diminuiu cada vez mais. Na medida em que diminuía o espaço dos grupos relacionados ao movimento negro, crescia a cobertura das mobilizações a favor dos direitos dos homossexuais e dos direitos das mulheres. O ano de 1969, dentre os anos que analisamos, foi o ano que teve o maior espaço para as manifestações que defendiam pautas relacionadas aos homossexuais. A edição publicada no dia 28 de março de 1969, fez uma extensa reportagem sobre o crescimento das ações organizadas pelos grupos que defendiam os direitos dos homossexuais.

Nos meses de abril e maio de 1969 houve uma grande cobertura dos confrontos que ocorreram no *People’s Park*, em Berkeley. O parque estava localizado próximo à *Telegraph Avenue* e ao *campus* da Universidade da Califórnia, sendo o terreno pertencente à universidade. O parque era aberto ao público e era palco de diversas manifestações de estudantes e de simpatizantes às pautas do Movimento. Sob a alegação de que havia uma certa tolerância por parte da administração da universidade em relação à livre frequência de pessoas na área, o governador Ronald Reagan interveio diretamente no parque. Dessa ação do governo, decorreu protestos e, conseqüentemente, inúmeros confrontos entre manifestantes e policiais durante o mês de maio. Os protestos organizados, inclusive com uma grande participação e protagonismo do *Berkeley Barb*, pediam que o local fosse transformado em um parque público e gratuito, um verdadeiro “parque do povo”, como o seu nome deixava implícito. Os confrontos entre os manifestantes e as forças policiais durante os protestos fugiram ao controle das autoridades, levando Reagan a declarar a cidade em “estado de emergência”, autorizando o emprego de forças da guarda nacional na região do parque. O confronto entre manifestantes e a guarda nacional terminou com a morte do estudante James Rector, que observava os protestos a partir do telhado de um cinema localizado na *Telegraph Avenue*. Ele foi atingido por um dos tiros que foram disparados pelas forças policiais que lá se encontravam. Podemos considerar que a cobertura dos eventos que ocorreram no *People’s Park*, foi a última grande reportagem de manifestações e denúncias contra a brutalidade policial realizada pelo *Berkeley Barb* no período que examinamos o jornal. A seqüência de eventos entre o disparo do policial que feriu James Rector e o atendimento realizado a ele, ainda em cima do telhado do estabelecimento, foi captado por fotógrafos e publicado no *Barb* (figuras 14 e 15).



Figuras 14 e 15: Sequência da ação policial que levou à morte de James Rector. **Berkeley Barb**, 23 de maio de 1969, Berkeley, pp. 2-3.

No primeiro semestre há também uma clara contestação por parte do jornal às manifestações em que havia pessoas nuas e em relação ao movimento *hippie* como um todo. Algumas manifestações que eram realizadas e contavam com o nu como forma de protesto eram tratadas pelo *Barb* com ironia. Podemos notar uma mudança de posição dentro do jornal que, durante os anos 1965 e 1966, principalmente tratava como legítimos os protestos que usavam a nudez como forma de chamar atenção às suas pautas, principalmente os organizados pela *Sexual Freedom League*, que eram divulgados e cobertos pelo periódico de uma maneira positiva.

Mais do que em qualquer outro ano, os anúncios passaram a ocupar um maior espaço no *Barb* em 1969, chegando a ser, muitas vezes, maior do que o ocupado pelo conteúdo jornalístico propriamente dito. Na edição correspondente à semana iniciada no dia 24 de janeiro de 1969, verificamos que das suas 24 páginas, o equivalente a cerca de 14 páginas continham anúncios, sendo que os conteúdos sexuais predominavam nesses anúncios. Na edição publicada no dia 30 de maio, que foi uma das edições que tivemos acesso com o maior número de páginas no período, verificamos que das 32 páginas, o equivalente a cerca de 24 páginas continham anúncios.

2.5.1 – A greve e a venda do *Barb*

O segundo semestre de 1969 teve um dos eventos mais importantes e marcantes da história do *Berkeley Barb*, sendo citado e comentado por grande parte dos autores que tratam da imprensa *underground*, assim como por pessoas relacionadas ao jornal e que foram entrevistadas ou deram depoimentos anos depois do fim da publicação: a greve dos articulistas e repórteres do *Barb* e, após esse evento, a venda do jornal. Os questionamentos em relação ao modo como o *Berkeley Barb* era financeiramente gerido se remetem ao mês de junho de 1969, quando um jornal satírico chamado *Berkeley Fascist* publicou a informação de que o *Barb* teria um lucro bruto de cerca de 5 mil dólares por semana, sendo que Max Scherr embolsava metade desse valor. Esse fato não foi bem recebido por uma parte dos jornalistas do *Barb*. Eles se reuniram e criaram um grupo que se autodenominava “*The Red Mountain Tribe*”. Eles acusavam Scherr de exploração do trabalho que realizavam e solicitaram a Max o cumprimento de certas demandas, como por exemplo, o aumento do valor que recebiam como pagamento e também que parte do dinheiro arrecadado com as vendas de exemplares e com os anúncios do *Barb* fosse utilizada para o que eles chamaram de “fins revolucionários”, como doações para causas assistenciais, pagamento de fiança de repórteres presos durante protestos, etc. Uma outra reclamação do grupo, diante do crescimento e da popularização das pautas do *Women’s Liberation Movement*, era o caráter sexista dos anúncios de cunho sexual veiculados pelo jornal, além, também, dos anúncios das gravadoras que, por se tratarem de grandes corporações, iriam de encontro com o suposto caráter revolucionário que o *Berkeley Barb* deveria ter. A grande questão que não foi levada em conta é que a maior parte do lucro gerado pelo *Barb*, e que causou a cizânia entre o grupo e Max Scherr, vinha diretamente da publicação de anúncios, incluindo os sexuais e os das grandes gravadoras. Em 1969, acreditava-se que Max Scherr ganhava cerca de 130 mil dólares por ano editando o *Berkeley Barb*.¹⁴⁶

Diante das demandas de seus funcionários, Max ofereceu vender o *Barb* a eles pelo valor de 140 mil, aceitando o pagamento de mil dólares por semana, valor que poderia ser coberto pelo lucro que o jornal geraria semanalmente com suas vendas e anúncios. No acordo proposto e acertado entre os advogados que representavam ambas as partes, os pagamentos deveriam ocorrer mesmo que o jornal não fosse publicado em determinada semana por qualquer que fosse a razão. Um dos exemplos de fatos que impediria a publicação do *Barb* seria o da redação ser fechada pela polícia – o que não era uma hipótese absurda, haja vista a forma como

¹⁴⁶ MCMILLIAN, op. cit., p.122.

o *Barb* cobria e denunciava os abusos policiais. Sendo assim, com medo de não conseguir arcar com os pagamentos a Max, os funcionários não aceitaram esses termos e a venda não ocorreu.¹⁴⁷ No dia 11 de julho, os funcionários em greve lançaram um novo jornal o “*Barb on Strike*” (“*Barb* em Greve”). Eles ocuparam a redação e a gráfica onde o *Berkeley Barb* era impresso. A primeira e única edição do *Barb on Strike* foi publicada com as colunas e artigos típicos do *Barb*, algumas das reportagens veiculadas teriam sido concebidas para estarem na próxima edição regular do *Berkeley Barb*, mas acabaram transferidas para o *Barb on Strike*. Na primeira página da edição, havia uma composição em que era usada uma fotografia do Max Scherr de fundo, dentro de um desenho de um punho cerrado. O tradicional logotipo do esqueleto de Dom Quixote e seu cavalo foi alterado por uma gravura semelhante, mas que tinha Max Scherr montado no cavalo, sendo que a partir de sua cabeça voavam cédulas de dinheiro. (figura 16)

A “*Red Mountain Tribe*” descreveu a sua versão do que estava ocorrendo nos bastidores do *Berkeley Barb*. Segundo os grevistas:

O porco capitalista Max Scherr nos trancou, cerca de 40 membros da equipe do *Berkeley Barb*, para fora de nosso escritório e nos demitiu por tentar transformar o *Barb* em um exemplo de revolução popular.

Seis semanas atrás, vários membros da equipe, alguns dos quais estavam no *Barb* desde o seu início há quatro anos atrás, se encontraram com Max e pediram salários justos e respeito mútuo. Também pedimos a Max que compartilhasse parte de seu lucro de US\$ 300.000 com a comunidade.

Max recusou. Ele disse a seus amigos que, se eles quisessem alguma coisa, poderiam formar um sindicato e negociar com ele.

Em vez disso, formamos a *Red Mountain Tribe*. Sem estrutura, sem burocracia, sem besteira, apenas uma família tribal de iguais, o editor e o servente, juntos comprometidos com as ideias de revolução popular [...] fazendo do *Barb* um jornal melhor.¹⁴⁸

¹⁴⁷ Cf. PECK, op. cit., pp. 188-189. e LEAMER, op. cit., p. 58.

¹⁴⁸ “Capitalist pig Max Scherr has locked us, some 40 members, of the Berkeley Barb staff, out of our office and fired us for trying to turn the Barb into a model of the people's revolution.

Six weeks ago, several members of the staff, some of whom had been with the Barb since it began four years ago, met with Max and asked him for fair wages and mutual respect. We also asked Max to share some of his \$300,000 profit with the community.”

Max refused. He told his friends of four years that if they wanted anything, they could form a union and bargain with him.

Instead, we formed the Red Mountain Tribe. No structure, no bureaucracy, no bullshit just a tribal family of equals, editor and janitor alike, committed to the ideas of the people's revolution [...] making the Barb a better newspaper. **Berkeley Strike**, 11 de julho de 1969, Berkeley, p.3.

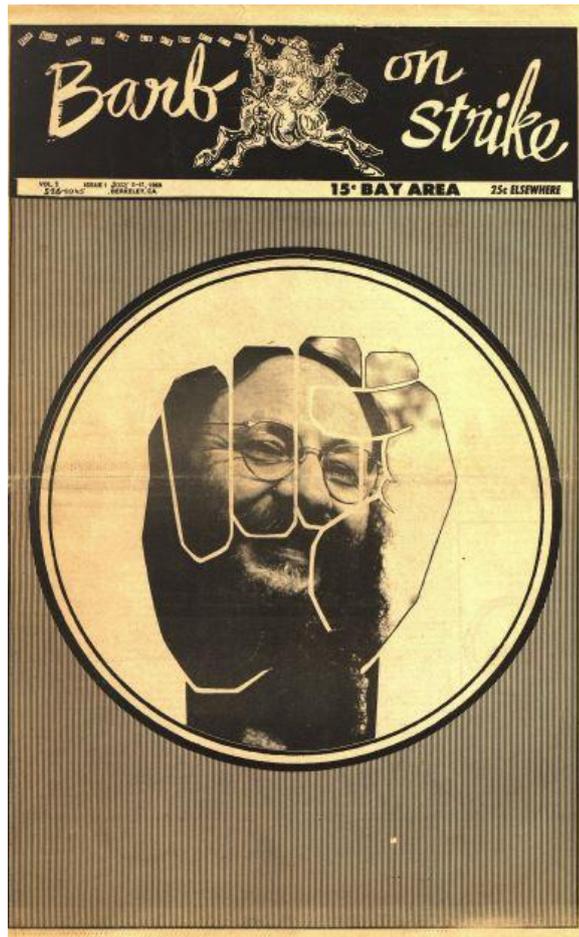


Figura 16: Primeira página da única edição do *Barb on Strike*. **Barb on Strike**, 11 de julho de 1969, Berkeley.

Os grevistas também explicaram como ocorreu a tentativa de compra do jornal, e o porquê de as negociações não terem levado a um acordo entre as partes:

Como Max não conseguiu ser benevolente para dar à *Tribe* salários justos e respeito mútuo, ele concordou em nos vender o *Barb*. Teríamos que comprar o *Barb* nos termos oferecidos por Max ou seríamos demitidos. Mas os termos de Max eram tão rigorosos que não poderíamos repassar qualquer dinheiro à comunidade por dois ou três anos. [...]

Segunda à noite, a *Tribe* recusou o contrato de Max. Nosso advogado e nosso contador nos disseram que era um mau negócio. O contrato de Max exigia responsabilidade individual da *Tribe* em caso de inadimplência. A *Tribe* achou que os membros individualmente só deveriam ser responsabilizados pelo pagamento dos US\$ 140.000 se algo que acontecesse fosse culpa deles. E se Reagan ou os “porcos” fechassem o jornal por motivações políticas, ninguém iria querer ter assinado um contrato dando a sua vida para Max Scherr.¹⁴⁹

¹⁴⁹ “Since Max could not find the humanity to give the Tribe fair wages and mutual respect, he agreed to sell us the Barb. We had to buy the Barb on Max's terms or be fired. But Max's terms were so strict that we could not have given any money to the community for two or three years. [...] Monday night, the Tribe refused Max's contract. Our attorney and our accountant told us it was a bad deal. Max's contract called for Tribal and individual liability in the event of a breach or default. The Tribe felt that individual members should be liable for the \$140,000 purchase price only if we fucked up. If Reagan or the pigs shut us down in a political bust, nobody wanted to sign his life away to Max Scherr.” Ibid.

A não aceitação por Max da contraproposta realizada por eles levou à decisão dos funcionários de entrarem em greve e lançar o novo jornal *Barb on Strike*:

Segunda à noite, escrevemos uma contraproposta para comprar o Barb e a entregamos na terça de manhã. Max respondeu oferecendo-se para vender o Barb, para o *Wall Street Journal*. Terça à noite, Max se recusou a aceitar nosso contrato. Não há base para novas negociações e o *Barb on Strike* nasceu. Se o *Berkeley Barb* for publicado nesta sexta-feira, será uma edição de pelegos. Pedimos aos nossos irmãos e irmãs a apoiarem a *Red Mountain Tribe* em sua luta, pois nós da *Tribe* apoiaremos nossos irmãos e irmãs da comunidade em sua luta. Boicote o Berkeley Barb. Este é o jornal do povo. Poder para o povo!¹⁵⁰

Em resumo, podemos constatar que o *Barb on Strike* manteve as matérias que seriam publicadas no *Berkeley Barb* daquele dia, sem os anúncios contumazes e incluindo o texto com a explicação dos grevistas em relação à disputa que estavam tendo com Max Scherr.

Como previsto pelo *Red Mountain Tribe*, naquele mesmo dia, foi publicada a edição oficial do *Barb*, com a manchete na primeira página: “*Max is a Pig*” (“Max é um porco”), onde o próprio Max informava a seus leitores a sua versão sobre o que estava acontecendo com o jornal. Ele publicou, na primeira página, assinando como “*Max the pig*” (“Max, o porco”), um comunicado resumindo os acontecimentos:

No momento em que o *Barb* está sendo enviado para ser impresso, a gráfica está sendo piquetada por duas a sete pessoas da *Red Mountain Tribe*. Esta gráfica é 100% sindicalizada. O sindicato que representa os trabalhadores da gráfica disse à *Red Mountain Tribe* que não pode reconhecer a validade de seu piquete. O piquete do lado de fora da gráfica é um boicote ilegal. O trabalho que está sendo realizado na chamada “edição de greve” da *Red Mountain Tribe* está sendo feito de maneira pelega [...] Não há disputa trabalhista entre a *Red Mountain Tribe* e o *Barb*, conforme admitido pela própria *Tribe*. A *Tribe* confirmou publicamente, na gráfica, que o que ela está tentando fazer é tomar o controle do *Barb*. Eles estão tentando forçar o proprietário do *Barb* a assinar um contrato para vender o *Barb* para eles - um contrato diferente do que havia sido negociado por dez dias, mas que nunca foi assinado por eles. Eles apresentaram sua proposta de contrato não para negociação, mas como um ultimato. A palavra da *Tribe* era ASSINE OU ENTÃO... O que a *Tribe* está fazendo soa como pura chantagem. Pode ser que um homem não consiga resistir a uma gangue determinada a destruí-lo. Pode ser que você, o público, nunca ouça essa pequena voz, exceto quando já for tarde demais para você vir em auxílio do verdadeiro *Barb*. Pode nem importar. Faça esse apelo para que você possa entender as palavras não ditas, que pesam no coração de um homem quando ele sabe que está certo, mesmo que se oponham a ele. Esse é um momento em que um pequeno grupo pode parecer ser uma massa de pessoas. Não deixe que eles te enganem. Esta *Tribe* se colocou para debater a

¹⁵⁰ “Monday night we wrote a counter-proposal to buy the Barb and delivered it Tuesday morning. Max responded by offering to sell the Barb to the Wall Street Journal. Tuesday night Max refused to accept our contract. There is no basis for further negotiations and "Barb On Strike" is born. If the Berkeley Barb comes out this Friday, it will be a scab edition. We urge our brothers and sisters to support the Red Mountain Tribe in its struggle as we of the Tribe will support our brothers and sisters of the community in their struggle. Boycott the Berkeley Barb. This is the people's paper. Power to the people!” Ibid, p.6.

questão publicamente, mas eles estão tentando me impedir de imprimir meu lado da história em meu próprio jornal. Deixo as suas ações falarem por eles.¹⁵¹

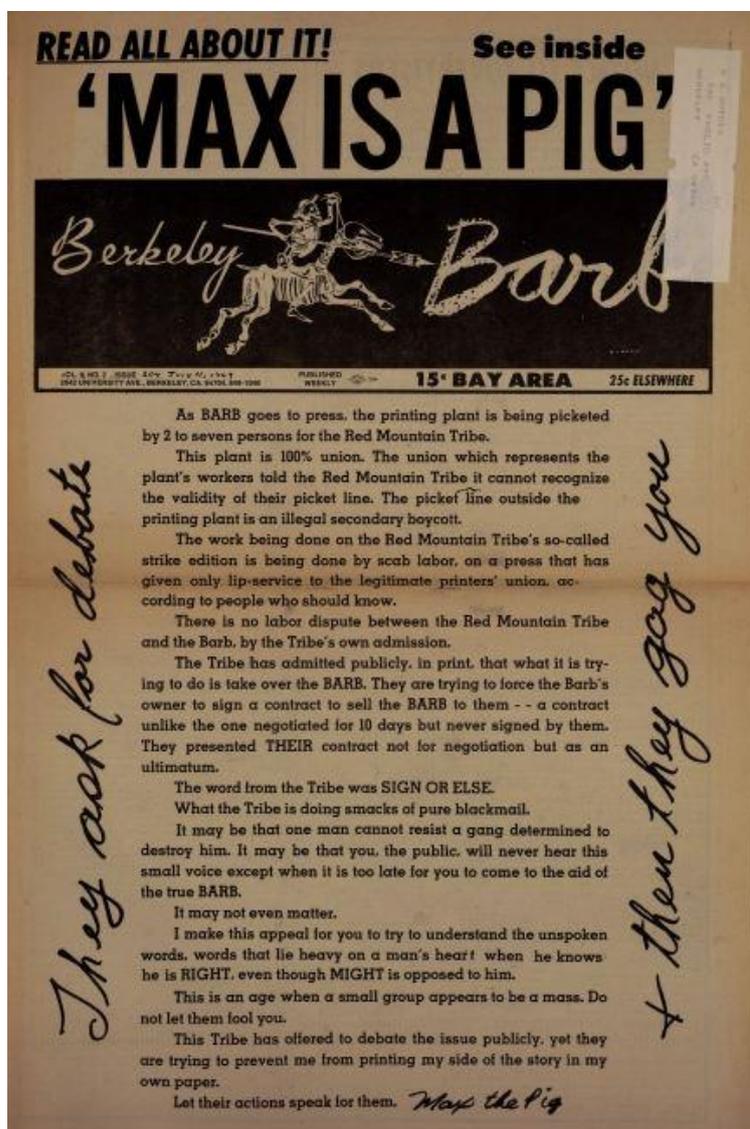


Figura 17: Primeira página da edição. **Berkeley Barb**, 11 de julho de 1969, Berkeley.

¹⁵¹ “As BARB goes to press, the printing plant is being picketed by 2 to seven persons for the Red Mountain Tribe. This plant is 100% union. The union which represents the plant's workers told the Red Mountain Tribe it cannot recognize the validity of their picket line. The picket line outside the printing plant is an illegal secondary boycott. The work being done on the Red Mountain Tribe's so-called strike edition is being done by scab labor[...]. There is no labor dispute between the Red Mountain Tribe and the Barb, by the Tribe's own admission. The Tribe has admitted publicly, in print, that what it is trying to do is take over the BARB. They are trying to force the Barb's owner to sign a contract to sell the BARB to them - - a contract unlike the one negotiated for 10 days but never signed by them. They presented THEIR contract not for negotiation but as an ultimatum. The word from the Tribe was SIGN OR ELSE. What the Tribe is doing smacks of pure blackmail. It may be that one man cannot resist a gang determined to destroy him. It may be that you, the public, will never hear this small voice except when it is too late for you to come to the aid of the true BARB. It may not even matter. I make this appeal for you to try to understand the unspoken words, words that lie heavy on a man's heart when he knows he is RIGHT, even though MIGHT is opposed to him. This is an age when a small group appears to be a mass. Do not let them fool you. This Tribe has offered to debate the issue publicly, yet they are trying to prevent me from printing my side of the story in my own paper. Let their actions speak for them.” **Max the Pig**, 11 de julho de 1969, p.1.

Essa edição do *Barb* tinha somente oito páginas e, devido às circunstâncias, foi editada de uma maneira claramente improvisada. Na segunda página, foi publicado um aviso aos anunciantes, pois, possivelmente, os anúncios que eles haviam pago não seriam publicados naquela edição. Nas páginas internas, Max explicou de maneira mais detalhada todo o caso, e, em certo momento, o espaço acabou servindo para que ele fizesse um balanço da história do jornal. Ele procurou mostrar o quanto o jornal dependeu, em muitos momentos, dos esforços e sacrifícios pessoais dele e que a maioria das pessoas envolvidas na oposição a ele dentro do jornal eram funcionários que estavam a pouco tempo no jornal e não teriam testemunhado seu trabalho. Para Max, a greve e os ataques pessoais a ele, bem como a publicação do *Barb on Strike*, estavam relacionados à recusa dos termos da venda do jornal por parte dos funcionários e não com possíveis discordâncias em relação forma como ele administrava o *Barb*: “Para atualizar esse assunto, essa greve é uma tentativa de forçar a venda do *Barb* à *Red Mountain Tribe* nos termos ditados por eles.”¹⁵² Sem chegar a um acordo e após a improvisada edição do *Barb on Strike*, os grevistas fundaram seu próprio jornal chamado *Berkeley Tribe*. Naquela mesma semana, Max vendeu o *Berkeley Barb* para Allan Coult, um professor de antropologia que, ironicamente, era o dono do jornal satírico *Berkeley Fascist* que acabou sendo o estopim de toda a contenda entre os funcionários e ele, conforme explicamos anteriormente.

Interessante é que, graças a esse balanço sobre a história do *Berkeley Barb* que foi relatado por Max nessa edição do jornal, nós pudemos ter a versão do criador do jornal para alguns momentos da origem de sua publicação. Ao citar o pouco tempo de trabalho no *Barb* que tinham alguns dos grevistas, Max fala sobre o começo do jornal, quando ele editava, publicava e vendia as primeiras edições:

Muito poucos deles, somente alguns lembram-se dos velhos tempos, muito poucos deles, mas alguns deles, lembram-se dos velhos tempos, começando com aquela sexta-feira 13, 1965, quando eu, Max, o Porco, vendi sozinho aquele magro jornal para uma comunidade de Berkeley relutante e questionadora, por 20 semanas, uma média de 1.200 a 1.500 jornais, sozinho. Ninguém queria vender esse jornal comigo. Então, à medida que crescia, as pessoas começaram a embarcar. Em tempo oportuno, ele tornou-se central na economia “hip” dessa área, como meio de subsistência para os vendedores, não para os voluntários da equipe que ajudaram a publicar o jornal; porque voluntários são voluntários, não foram trazidos para o escritório do *Barb* acorrentados.¹⁵³

¹⁵² “To bring this matter to date, this strike is an attempt to force a sale of the BARB to the Red Mountain Tribe on terms dictated by them.” Ibid. p.4

¹⁵³ “Very few of them, but some of them, remember the old days, beginning with that Friday the 13th, 1965, when I, Max the Pig, peddled all alone that thin little paper even thinner than this one to a reluctant and questioning Berkeley community, for 20 weeks, an average of 1,200 to 1,500 papers, all alone. Nobody wanted to peddle that rag with me. Then, as it grew, people began to get on board. It became in due time central to the hip economy in this area, as a means of livelihood to vendors, not to the staff volunteers who helped put the paper out; because they were voluntary volunteers, not brought into the BARB office in chains.” Ibid.

Na edição correspondente à semana do dia 16 de julho de 1969, foi publicada a primeira edição do *Barb* sob a nova direção. Em sua primeira página constava a manchete: “*Barb Sold!*” (“*Barb* vendido!”). Sem Max – e sem muito daqueles que escreviam no *Barb*, uma vez que alguns deles acabaram se juntando ao recém-criado *Berkeley Tribe* –, notamos uma grande mudança no estilo do *Berkeley Barb*, tanto no que tangia a forma, como também em relação ao conteúdo.

O editorial do jornal, escrito por Allan Coult – o novo proprietário do periódico –, comunicava aos leitores que o *Berkeley Barb* estava comprometido com o Movimento, mas, ao mesmo tempo, pontuava o início de uma “Nova Revolução”. No final da apresentação que realizou, mostrando o que seria o novo *Berkeley Barb* depois da venda, ele definiu as diretrizes do jornal:

1. Fim da guerra no Vietnã. Fim do recrutamento. Esvaziamento das prisões militares.
2. Usar o complexo militar-industrial-educacional para fins pacíficos.
3. Destruir o poder dos complexos universitários, estabelecendo verdadeiros centros de aprendizado, a fim de expandir a consciência e fomentar o Zen e a Yoga, e o uso significativo de drogas psicodélicas.
4. Apoiar a completa liberdade sexual entre indivíduos que consentam e fornecer um conhecimento verdadeiro da natureza sexual do homem.
5. Ajudar todas as pessoas oprimidas.
6. Livrar as pessoas da ganância, ódio e corrupção.
7. Livrar as crianças de toda opressão – em casa, na escola e em outros lugares – para que a próxima geração seja saudável, sexualmente saudáveis e esclarecidas.
8. Defender a total liberdade de todas as mídias.
9. Apoiar a revogação das leis de aborto.
10. Trabalhar para fornecer trabalhos significativos, onde as pessoas possam usar seus talentos criativos.
11. Acabar com a tributação injusta e a tributação que favorece os ricos.
12. Livrar o país do parasitismo governamental.
13. Acabar com a hipocrisia.¹⁵⁴

¹⁵⁴ “1. End the war in Vietnam. Stop the draft. Empty the military stockades.

2. Turn the military-industrial-educational complex to peaceful uses.

3. Destroy the power of universities and colleges by establishing real centers of learning in order to expand consciousness and to foster Zen and Yoga and meaningful use of Psychedelic drugs.

4. Support complete sexual freedom between consenting individuals and provide true knowledge of the sexual nature of man.

5. Help all oppressed people.

6. Free people of greed, hate and corruption.

7. Free children from all oppression – at home, at school, and elsewhere – so that the next generation will be healthy, sexual, and enlightened.

8. Support complete freedom of all media.

9. Support the repeal of abortion laws.

10. Work to provide meaningful vocations where people can use their creative talents.

11. End unfair taxation, and the taxation that favors the rich.

12. Free the country from governmental parasitism.

13. End hypocrisy.” **Berkeley Barb**, 16 de julho de 1969, p.4.

Um dos jornalistas que trabalhou no *Barb* durante o período em que Coult era o editor do jornal, Tom Klaber (e que antes havia trabalhado com Coult no *Berkeley Fascist*), afirmou que a intenção do novo dono do *Barb*, a partir da compra do jornal, era a de “remover as questões políticas da Nova Esquerda” e transformar o periódico em um “mensageiro espiritual”.¹⁵⁵ Esse posicionamento acaba transparecendo a intencionalidade de Coult em alinhar o *Berkeley Barb* com pautas mais contraculturais em detrimento das políticas, percurso oposto ao que o *Barb* estava traçando no momento logo anterior a venda do jornal.

Ao compararmos o *Berkeley Barb* sob a direção de Coult com as edições anteriores à venda, ele tinha se tornado irreconhecível. Os textos passaram a ser maiores e mais densos, sendo que muitos dos artigos eram mais reflexivos e argumentativos, se opondo ao caráter de denúncia engajada e participativa que o jornal expunha em suas notícias desde a sua criação até o momento da edição da greve. Mesmo nas notícias ligadas especificamente à violência policial, por exemplo, é nítido que o *Barb* estava muito menos combativo do que outrora, sendo mantido um distanciamento sistemático entre o jornal e os eventos que reportava. Não havia a indignação com os relatos que era demonstrada de maneira explícita nas edições anteriores. Apesar de manter um posicionamento politicamente liberal, defendendo pautas progressistas, o teor dos textos publicados era mais moderado. O *Barb* se tornara um jornal mais burocrático e menos impositivo nas pautas que defendia. Apesar de ter, inicialmente, evocado uma “nova revolução” dentro do Movimento, conseguimos perceber que, com o passar das edições do segundo semestre de 1969, o *Barb* cada vez mais se distanciava das pautas do Movimento. Uma das hipóteses sobre o que causou essa mudança se relaciona a antipatia que o *Barb* acabou gerando após o episódio da greve. Laurence Leamer chegou a afirmar que não só aqueles que trabalhavam no *Barb* logo após a venda do jornal, como também aqueles que vendiam e até mesmo os que liam o *Berkeley Barb*, corriam o risco de serem socialmente excluídos.¹⁵⁶ O *Barb*, assim, passou a ser mal visto dentro do Movimento.

Essa oposição ao novo *Berkeley Barb* ocorreu também por parte do *Los Angeles Free Press*. Segundo artigo publicado nas páginas do *Barb* da semana do dia 5 de setembro, se referindo a respeito de acusações publicadas no jornal de Los Angeles contra o *Barb*, além também de uma denúncia, acusando o *Freep* de atentar contra a liberdade de imprensa, ao usar seu “poder econômico” para impedir a distribuição do *Barb* em Los Angeles:

Há várias semanas atrás, quando assumimos o *Barb*, o *LA Free Press* publicou uma história de Paul Glusman nos acusando de sermos fascistas, antinegro e antisemita. Cerca de uma semana depois, o editor da *Free Press* nos telefonou

¹⁵⁵ MCMILLIAN, op. cit., p.285.

¹⁵⁶ LEAMER, op. cit., p. 59.

e disse que, a partir de uma edição recente do *Barb*, não parecia que éramos fascistas. O editor disse que talvez o *Free Press* tenha cometido um erro. Bem, aqui estava o bom e velho liberal, nosso querido *Free Press*, fazendo o mesmo tipo de merda que eles sempre acusavam o *establishment* de fazer. Eles nos julgaram sem saber quais diabos eram as nossas políticas. E somente depois de dar uma segunda olhada, descobriram que estavam enfiando os pés pelas mãos. Mas não vá embora ainda, pessoal. Tem mais. O velho *Free Press* não apenas decidiu a princípio que não gostava do *Barb*, mas usou seu poder econômico para interferir na liberdade de imprensa. Um dos distribuidores do *Barb* em Los Angeles também distribuía o *Free Press*. Ele distribuía apenas 2 mil *Barbs* e cerca de 39 mil *Free Presses*. Quando o *Free Press* o mandou “foder” o *Barb*, ele parou de distribuí-lo e devolveu as 2 mil cópias à nossa agência. Então aqui estava o velho defensor da liberdade da imprensa livre, entregando-se a jogos capitalistas e fascistas...¹⁵⁷

Apesar das mudanças em muitas das características anteriores, o *Barb* dirigido por Allan Coult manteve algumas outras características, como por exemplo a presença de anúncios com cunho sexual e a publicação de fotografias de nus femininos. As fotos de nus femininos eram publicadas sem ter ligação alguma com as reportagens do jornal. As fotos de nus, diferentemente dos flagrantes captados nas ruas, praias de nudismo e manifestações *hippies* que eram publicadas anteriormente, nesse *Barb* sob nova direção, eram posadas, contando com uma produção de figurino e maquiagem, incluindo também a identificação do nome da modelo que estava sendo fotografada, da mesma maneira como ocorria nas revistas especializadas na publicação de nudez feminina.

Um outro fato que podemos destacar é que não houve nenhuma cobertura do festival de Woodstock que ocorreu entre os dias 14 e 18 de agosto daquele ano. Algumas das poucas menções que encontramos sobre festival foi dentro de uma carta aberta escrita por Jerry Rosenfield¹⁵⁸, datada do dia 30 de setembro e publicada na edição da semana iniciada no dia 3

¹⁵⁷ “A Several weeks ago, when we took over the Barb, the LA Free Press ran a story by Paul Glusman accusing us of being Fascists, anti-Black and anti-Semitic. About a week later the editor of the Free Press called us and said that from a recent issue of the Barb, it didn’t look like we were Fascists. The editor said that maybe the Free Press had made a mistake.

Well here was the good old liberal, loving Free Press indulging in same kind of shit they always accused the establishment of. They had judged us without knowing what the hell our policies were. And only after they had taken a second look did they discover that they had their heads up their asses.

But don’t go away yet folks. There’s more. The old Free Press not only decided at first that it didn’t like the Barb, but it used its economic power to interfere with freedom of the press. One of the distributors of the Barb in Los Angeles also happened to distribute the Free Press. He distributed only 2000 Barbs and 39000 Free Presses. When the Free Press gave him the word to fuck up the Barb, he stopped distributing it and returned 2000 copies to our agency.

So here was the old Free Press champion of freedom, indulging slimy fascistic capitalistic games...” **Berkeley Barb**, 5 de setembro de 1969, p.2.

¹⁵⁸ Jerry Rosenfield é apresentado pelo *Barb* como um veterano do Movimento em Berkeley. Seu nome não é citado em nenhuma das fontes que pesquisamos. A única menção que achamos foi em uma lista de participantes

de outubro de 1969. Na intitulada “Uma carata de dissociação” (“*A Letter of Dissociation*”)

Rosenfield afirmou:

... Eu desejo me dissociar dos traficantes e vigaristas da Revolução, que ficaram ricos ou que tentaram tirar as esperanças e sonhos de outras pessoas. Não condeno ganhar dinheiro oferecendo serviços reais, a partir do trabalho honesto. Eu me dissocio dos promotores de coisas como o Festival de Woodstock, que foi uma tentativa de enriquecer às custas da reputação de Bob Dylan, e ele acabou pagando caro por isso. O que aconteceu em Woodstock, três caras morreram lá: "Quem matou Davy Moore?" Eu me dissocio de me divertir à custa da vida de outras pessoas. [...]

A viagem acabou. É hora de começar a recolher um pouco do lixo que jogamos ao longo da estrada.¹⁵⁹

Podemos perceber nessa carta, que o autor faz uma pequena crítica a uma faceta do Movimento, a partir de erros cometidos, nos mesmos moldes da carta anteriormente citada escrita por Jerry Rubin e publicada no *Barb* em janeiro. Ao contrário de Rubin, Rosenfield tinha um tom menos esperançoso em relação ao futuro

Outra menção sobre Woodstock ocorreu no mês seguinte, na edição publicada no dia 14 de novembro de 1969, em um artigo chamado “Woodstock revisitado” (“*Woodstock revisited*”) que, além de criticar o festival em si, fazia também duras críticas aos artistas da época, citando os exemplos de Joan Baez e de Bob Dylan, que outrora eram saudados como símbolos da contracultura e do Movimento dentro da indústria musical:

As estrelas do rock ajudaram a perpetuar o domínio comercial da música pop, transformando sua música em uma mercadoria a ser vendida para quem tem dinheiro - ao mesmo tempo em que essas mesmas estrelas afirmam fazer parte de um movimento político que se opõe à exploração. Joan Baez insistiu que em seu último show em Nova York que o ingresso não poderia custar menos de dois dólares - se você quiser ouvi-la cantar sobre não pagar seus impostos de renda porque eles financiam a guerra, você deve pagar por isso. E Dylan, que foi importante para o desenvolvimento recente do gênero de “música de protesto”, exigiu 85 mil dólares pela sua aparição n festival da Ilha de Wight – o que seria quase 7 mil dólares por cada música tocada.

Não precisamos de mais festivais de rock de vários dias com ingressos caros - "festivais do amor" que acabam sendo festivais que só visam ao lucro de seus promotores. Em vez disso, precisamos de shows gratuitos, e muitos deles –

do “*Free Speech Movement*” que o caracteriza como um manifestante anti-Guerra do Vietnã que ajudava aqueles que desejavam evitar o recrutamento. Disponível em

<http://texts.cdlib.org/view?docId=kt687004sg&chunk.id=d0e13440&brand=calisphere&doc.view=entire_text>

Acesso em: 28 de julho de 2018

¹⁵⁹ “...I wish to dissociate myself from the pushers and hustlers and con men of Revolution, who have gotten rich, or tried to, off other men’s hopes and dreams. I don’t condemn making money real service, and putting out honest labor. I do dissociate myself from the promoters of things like the Woodstock Festival, which was an attempt to get rich off of Bob Dylan’s reputation, which he paid dearly for. Whatever happened at Woodstock, three guys died there: “Who killed Davy Moore?” I dissociate myself from having good times at the expense of other people’s lives. [...]

The Trip is over. It’s time to start picking up some of the garbage we’ve dropped along the highway. **Berkeley Barb**, 3 de outubro de 1969, p.4.

com música grátis em todos os parques todas as semanas. Contribuições a partir de ingressos baratos podem cobrir as despesas das bandas - elas também precisam sobreviver. Mas o promotor de shows e seus colegas que só pensam em lucrar a todo custo precisam acabar por todo o país. A música é nossa, não deles.¹⁶⁰

Em menos de um mês após a publicação desse artigo no *Barb*, na edição do dia 5 de dezembro, notamos a presença de um anúncio de um concerto gratuito – nos moldes do descrito pelo artigo – que aconteceria em um parque, no dia 6 de dezembro: o concerto dos Rolling Stones no circuito de Altamont, na Califórnia¹⁶¹.

¹⁶⁰ “The stars of rock have helped perpetuate business dominance of pop music, turning their music into a commodity to be sold to whoever has the money—at the same time that these same stars claim to be part of a political movement that opposes exploitation. Joan Baez insisted at her last New York concert that no one be allowed in for less than two dollars—if you want to hear her sing about not paying her income taxes because they go for war, you have to pay for it. And Dylan, who was crucial to the recent development of the protest song, demanded \$85000 for his Isle of Wight appearance—which turned out to be more than \$7000 a song. We don’t need any more multi-day rock festivals with expensive tickets—”festivals of love” that turn out to be festivals of profit for the promoters. Instead, we need free concerts, and lots of them—free music in all parks every week. Contributions of low-priced admissions could cover the expenses of the bands—they have to eat too. But the junior assistant west coast promo man, and his profit-minded counterparts across the country, has got to go. The music is ours, not theirs.” **Berkeley Barb**, 14 de novembro de 1969, p.13.

¹⁶¹ O festival de música de Altamont havia sido planejado com o intento de ser um festival como o de Woodstock, com a diferença de que ele ocorreria no oeste dos Estados Unidos. Além dos Rolling Stones – atração principal que iria ser a última a se apresentar –, o evento teria a participação dos artistas: Santana, Jefferson Airplane, The Flying Burritos Brothers, Crosby, Still, Nash and Young e Grateful Dead. Não haveria cobrança de ingressos, sendo a entrada gratuita para todo o público. Qualquer lucro que fosse gerado pelas transmissões de televisão e cinema seria revertido às vítimas da Guerra do Vietnã. Até o dia 4 de dezembro, o local do evento seria o *Golden Gate Park* em São Francisco. Devido às dificuldades colocadas pela prefeitura e pela polícia, o evento foi transferido para o circuito de corridas *Sears Point International Raceway* na cidade de Sonoma ao norte de São Francisco (local que consta no anúncio publicado no *Barb*). Como não conseguiram chegar a um acordo financeiro com o proprietário do local, ainda na noite do dia 4 de dezembro, os organizadores mudaram mais uma vez o local, dessa vez para o circuito de Altamont, localizado na cidade de Tracy, na Califórnia, na região noroeste do estado. Essa indefinição quanto ao local causou diversos problemas de organização e logística, principalmente considerando o público de 300 mil pessoas que estiveram presentes no festival. O palco havia sido concebido para ser montado em um lugar elevado em relação ao público, de acordo com o relevo do *Golden Gate Park*, o que fazia com que ele tivesse por volta de um metro de altura do solo. A pequena distância entre o público e o palco, fez com que os organizadores contratassem o grupo de motociclistas *Hell’s Angels* (que já possuía um histórico de episódios violentos, inclusive alguns deles publicados no *Barb* anos antes, conforme relatamos) como seguranças do evento. Localizados ao redor do palco, os membros do grupo tinham como principal tarefa impedir o contato da audiência com os artistas. Segundo relatos, a farta distribuição de bebidas gratuitas fez com que vários membros dos *Hell’s Angels* ficassem claramente alcoolizados. Já durante a apresentação de Santana, primeira atração, havia uma tensão entre os *Hell’s Angels* e o público. Conforme as apresentações ocorriam, essa tensão aumentou entre ambos, com objetos sendo atirados pelo público. Os *Hell’s Angels*, munidos de tacos de bilhar e correias de moto, tentavam, de maneira violenta, conter o público. O show do Jefferson Airplane chegou a ser interrompido, pois um dos vocalistas da banda, Martin Balyn, desceu do palco para tentar conter a confusão que ocorria e acabou recebendo um golpe na cabeça de um dos *Hell’s Angels*. Devido a essa situação, o Grateful Dead se recusou a tocar, e deixou o local. Com os ânimos exaltados, logo no início da última atração, os Rolling Stones, brigas generalizadas ocorriam entre a plateia e os *Hell’s Angels*. Durante a sétima música do show, um rapaz de 18 anos chamado Meredith Hunter tentou invadir o palco, sendo contido pelos *Hell’s Angels*. Pouco depois, ele

Na edição seguinte, após o festival, publicada no dia 12 de dezembro, o *Barb* trouxe uma extensa cobertura dos fatos que lá ocorreram, mantendo a mesma linha editorial que se seguiu à venda do jornal em julho. Os repórteres e articulistas repercutiram os fatos ocorridos detalhadamente, mas, ao mesmo tempo, com um distanciamento que já era contumaz nesse período do jornal.

Em dezembro, aproximadamente depois de 5 meses em que havia vendido o *Berkeley Barb*, Max Scherr recomprou o jornal de Allan Coult, sendo a edição da semana iniciada no dia 19 de dezembro a primeira já com Max de volta como dono e editor do jornal. Novamente notamos uma clara mudança na linha editorial do *Barb*, principalmente ao compararmos a maneira como foi coberto os acontecimentos em Altamont e seus desdobramentos. A cobertura de Altamont na edição sob o comando de Max tinha um tom demasiadamente distinto daquele verificado na edição do dia 12 de dezembro, ainda sob a direção de Allan Coult. Max retomou o caráter de denúncia e de combate, ressaltando a violência dos *Hell's Angels* no evento e as falhas dos organizadores, apontados como responsáveis pela tragédia.

O caráter simbólico de Altamont visto como uma metáfora do fim da utopia dos anos 1960¹⁶², coincidentemente serviu como um marco na trajetória do *Berkeley Barb*. A compra do jornal por Max e seu retorno como editor na penúltima edição de 1969, prenunciavam um ressurgimento do jornal, voltando à linha editorial que o jornal teve desde a sua criação. A grande diferença era que o ano não era mais 1965. Naquele momento, no final de 1969 e início dos anos 1970, muito havia mudado. O conjunto de todas as manifestações políticas e culturais que consideramos como pertencentes ao Movimento passava por um momento de autoanálise em que tudo que tinha acontecido até então era colocado sob perspectiva, sendo feita uma autocrítica dos erros cometidos durante aquele momento histórico particular. Havia um sentimento de resignação e de busca de uma ressignificação diante de uma sensação de desesperança e fracasso em relação a tudo que se imaginou poder ser alcançado naquela década e que acabou não sendo logrado. O ano de 1970 iniciaria um novo momento do *Berkeley Barb*, depois de cinco meses em que enfrentou uma crise de personalidade e uma oposição daqueles que um dia tinham no *Barb* uma voz e uma arma para enfrentar as lutas de uma década. O *Barb* teria que se reinventar para sobreviver aos anos 1970.

tentou novamente subir ao palco e sacou um revólver. Um dos *Hell's Angels* ao perceber a arma o esfaqueou. Meredith Hunter acabou morrendo no local.

¹⁶² Todd Gitlin definiu Altamont como “*The End of The Age of Aquarius*”. Cf. GITLIN, op. cit., p.406.

2.6 – Um breve balanço

Ao analisarmos as edições do *Barb* e a forma com ele divulgava e cobria determinados fatos e eventos, podemos afirmar que o jornal era usado como um instrumento daqueles que participavam, de alguma maneira, da organização das manifestações dos diversos vieses do Movimento. Jerry Rubin, uma das lideranças mais destacadas do Movimento chegou a afirmar:

O *Barb* era minha pequena ferramenta. [...] Em 1965-66, às cinco horas nas sextas-feiras, vinte mil manifestantes em potencial compravam seu *Barb*. A questão de o quão eficaz eu era como organizador era ter uma história publicada que faria cada uma dessas pessoas dizer a si mesmas: “vou protestar novamente na próxima semana.” Você só tinha que tirar de Max um sorriso de seu rosto e fazer com que a notícia resplandecesse em seus olhos.¹⁶³

A afirmação de Jerry Rubin, nos deixa claro a importância e a função que o *Barb* tinha dentro da organização das manifestações dentro do Movimento. Aquilo que o *Barb* publicava, influenciava em alguma medida os rumos que o ativismo iria tomar.

O *Barb* era tanto mais desagradável quanto divertido em comparação ao *Freep*. Comícios, a *Sexual Freedom League*, o dia a dia em Berkeley, a comunidade emergente de Haight-Ashbury, as pessoas cada vez mais sexuais – tudo isso fazia os olhos de Scherr cintilar cada vez mais, às vezes a ponto de cobrir um evento de maneira exagerada. Os cômodos da frente da casa antiga de Scherr se tornaram um local de trabalho 24 horas, coberto de sacos de correspondência e de rascunhos. Escritores e artistas do *campus* ou da comunidade, e sua companheira Jane Peters trabalharam lá; presidindo tudo estava Scherr, muitas vezes vestido de pijama e chinelos. “O Hefner do underground”, um escudeiro o chamava. Em torno de Berkeley, ele se tornou “Max”.

“A comunidade foi incentivada às ações, vendo que algo substancial estava sendo feito”, disse Max ao historiador Laurence Leamer. “É isso que um jornal deve fazer. Isso dá a uma pessoa a chance de perceber o que ela estava fazendo, e de como isso era visto por outras pessoas.”¹⁶⁴

O *Barb* fazia um claro proselitismo e tinha o papel de divulgar o Movimento, ele fugia da falácia do jornalismo objetivo, e acaba por fornecer o contraponto às notícias que a grande imprensa veiculava diariamente. Interessante percebemos que havia dentro do *Barb* uma pluralidade de estilos de reportagens e de escrita de colunas e artigos. Obviamente que não havia espaço para posições conservadoras, ou para grandes questionamentos problematizadores referentes às ações que os diversos braços do Movimento tomavam – a exceção se encontra no posicionamento de crítica ao movimento *hippie*, que o jornal passou a exercer em 1967. Em alguns momentos, principalmente nos dois primeiros anos de sua existência, havia a publicação

¹⁶³ PECK, op. cit., p. 31.

¹⁶⁴ Ibid.

de cartas de pessoas que discordavam do posicionamento do jornal a respeito de determinados assuntos, mas, muitas vezes, a carta era publicada como pretexto para que o *Barb* escrevesse uma réplica e pudesse reafirmar o seu posicionamento.

Apesar da relação explícita do *Barb* com o Movimento, Max chega a relativizá-la, apesar de não negar a sua existência. Na visão do próprio Max:

Nenhuma pessoa do Movimento dirá que éramos um “jornal do Movimento.” Tivemos com o Movimento um tipo de relacionamento simbiótico. Dávamos as notícias à comunidade. A comunidade via-se refletida no jornal e começava a agir da maneira que foi incentivada a agir, ao ver que havia feito algo substancial. É o que um jornal faz. Dá a uma pessoa a chance de ver o que ela fez, e de ver também como as outras pessoas reagiam àquilo. Nisso, fomos eficazes de maneira eletrizante. De fato, alguns me dizem que fomos um jornal revolucionário, um jornal que dava às pessoas a chance de abrir suas próprias mentes para ideias que eram revolucionárias e talvez, conseqüentemente, para que agissem de maneira revolucionária.¹⁶⁵

Na edição do *Barb* publicada em 11 de julho de 1969 durante a greve dos funcionários, em que Scherr havia feito um texto em sua defesa, retiramos também uma parte de sua fala que reafirma a sua visão do *Barb* como vetor importante para o Movimento:

Naquela época, o *Barb* havia alcançado uma circulação de 85 mil. De uma pequena semente que começou com 1.200 exemplares em Berkeley, nos tornamos um poderoso espinho que incomodava o *establishment*, uma dor de cabeça para Reagan, um assunto para os colonistas da direita nacional, um flagelo para o “cinturão da bíblia”, uma ameaça para o Partido Democrata e um dos elementos na destruição desse partido. Você percebe que havia muitas forças poderosas do *establishment* que gostariam de levar o *Barb* à beira da destruição. [...]

Você deve se lembrar de quando a *Haight street* floresceu e se nutriu, o *Barb* foi o primeiro a contar a história. Naquela época, os ativistas políticos nos acusavam de sermos muito *hippies* e psicodélicos. Não demorou muito para que os ativistas políticos da esquerda abraçassem os *hippies*, da maneira como o *Barb* defendia que acontecesse, e esse encontro evoluiu para a criação dos *Yippies*, e o *Barb* foi um dos poucos jornais, mesmo entre os *underground*, que apoiava os *Yippies*. [...]

E, finalmente, todos vocês se lembrarão que foi o *Barb* sim, foi o *Barb* que fez do *Peoples's Park* um símbolo da revolução.

O *Barb* não era simplesmente um jornal do Movimento. Ele foi um jorna que sacudiu o Movimento, junto com os outros jornais *underground*.”¹⁶⁶

¹⁶⁵ LEAMER, op. cit., p. 32.

¹⁶⁶ “By that time, the BARB had reached a paid circulation of 85,000. From a small seed beginning with 1,200 sales in Berkeley, we had become a mighty thorn in the side of the establishment, a headache to Reagan, a subject of national right wing columnists, a scourge of the bible-belt, a threat to the Democratic party and one of the elements in the destruction of that party. You see there were many mighty establishment forces who would have wished to bring the BARB to the brink of destruction. [...]

You may remember when Haight Street blossomed and nourished, the BARB was the first to tell it. At that time the politicians accused us of being too hip and psychedelic. It wasn't long before the politicians on the left embraced the hippies, as the BARB advocated, and the Yippies evolved from that, and the BARB was one of the few papers, even in the underground, that candidly supported the Yippies. [...]

3 – OS PROTESTOS ANTI-GUERRA DO VIETNÃ: A COBERTURA DO BERKELEY BARB NA FRENTE DOMÉSTICA DA GUERRA.

No capítulo anterior, caracterizaremos o *Berkeley Barb*, descrevendo aspectos de sua forma, pontuando a sua linha editorial e o modo como realizava a cobertura dos principais assuntos que eram pautas de suas edições nos diferentes momentos pelos quais o jornal atravessou, dentro do período que circunscrevemos a nossa pesquisa. Nesse terceiro capítulo, apresentaremos a cobertura realizada pelo *Barb*, especificamente relacionada aos protestos anti-Guerra do Vietnã. Inicialmente, antes de nos debruçarmos na cobertura do jornal, iremos expor um breve histórico da formação do movimento antiguerra pacifista nos Estados Unidos. Também realizaremos uma breve descrição do envolvimento militar estadunidense no Sudeste asiático e, como consequência, explicaremos o surgimento do movimento antiguerra voltado à oposição à Guerra do Vietnã.

3.1 – As origens do movimento pacifista e antiguerra nos Estados Unidos

As mobilizações e os protestos anti-Guerra do Vietnã são considerados peças chaves no contexto histórico-social das manifestações de contestação político-cultural da década de 1960 nos Estados Unidos. Em relação ao tamanho e ao alcance que atingiu, o movimento antiguerra dos anos 1960 não teve precedentes na história dos Estados Unidos até então, apesar de existir uma longa tradição anterior à década de 1960, em que pessoas e grupos organizados se posicionaram, de alguma maneira, contra as ações beligerantes e em defesa de soluções pacíficas para a resolução de contendas entre as nações.

Algumas posturas individuais de resistência à guerra podem ser localizadas em finais do século XIX, como por exemplo no episódio em que o escritor Henry Thoreau, um dos principais paladinos da “desobediência civil”, sendo o responsável pela popularização desse termo nos Estados Unidos, acabou sendo preso em 1846, ao recusar-se a pagar seus impostos, uma vez que eles serviriam para financiar a Guerra Mexicano-Americana que, para ele, configurava-se em uma guerra injusta. No início do século XX, principalmente após a Guerra Hispano-Americana (1889-1898) há uma multiplicação de organizações pacifistas, que tiveram um aumento ainda maior após o início da Primeira Guerra Mundial. Podemos citar como

And finally, all of you will remember that it was the BARB yes, it was the BARB that made the People's Park a symbol of the revolution.

It has been not merely a movement paper. It has been a paper that has moved the movement together with other underground papers.” **Berkeley Barb**, 11 de julho de 1969, p.4.

exemplo a *Fellowship of Reconciliation* (FOR), criada em 1915, que tinha como membro o ministro protestante A.J. Muste, que se tornaria, posteriormente, um dos mais proeminentes pacifistas dos Estados Unidos. No mesmo ano surgiria também a *Women's International League for Peace and Freedom* (WILPF) formada por mulheres, que também seria relevante no ativismo antiguerra a partir da Primeira Guerra Mundial.

Durante o período entreguerras, ocorreria a adesão de um grande número de pessoas à causa pacifista. Entretanto, com o avanço fascista na Europa e a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, em 1941, a causa antiguerra acabou se desmobilizando, uma vez que o combate ao regimes totalitários dos países do Eixo era uma fato incontestado, e a organização de um movimento de dissenso político baseado em um pensamento antiguerra naquele momento nos Estados Unidos, não era colocado como uma opção plausível.¹⁶⁷ Mesmo assim, ainda havia um grande número de pessoas que se declarava pacifista e se opunha à guerra por uma questão de consciência pessoal. Dos cerca de 10 milhões de homens que foram chamados para se apresentar às forças armadas dos Estados Unidos em razão da Segunda Guerra Mundial, cerca de 42 mil declararam-se objetores de consciência. Somando-se os objetores de consciência e aqueles que foram aprisionados por recusarem-se a participar da guerra, proporcionalmente, os números referentes à Segunda Guerra Mundial quadruplicaram-se, ao se comparar com os números registrados durante a Primeira Guerra Mundial.¹⁶⁸

Após a Segunda Guerra, houve um ressurgimento dos movimentos pacifistas motivados pelo advento do armamento nuclear e o seu potencial destruidor, testemunhado pelo mundo quando os Estados Unidos procederam ataques com bombas nucleares às cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki em agosto de 1945. Junto a isso, e dentro do contexto da Guerra Fria, a confirmação em 1949 de que a União Soviética havia tido êxito nos testes de sua bomba nuclear, criava a possibilidade de um possível conflito entre as superpotências que poderia envolver o uso de armas nucleares e, literalmente, dizimar completamente a população humana. O desenvolvimento e construção de arsenais bélico-nucleares pelas superpotências acabou sendo o principal fator catalizador das mobilizações pacifistas a partir de então. O reagrupamento e a reorganização do movimento antiguerra estadunidense ocorreu especificamente em torno da exigência de uma redução ou até mesmo do banimento dos testes de bombas nucleares realizados ao ar livre, principalmente diante da probabilidade, defendida por grupos de

¹⁶⁷ A ordem cronológica dos principais movimentos pacifistas que se formaram antes da deflagração da Segunda Guerra Mundial, segue o exposto por Simon Hall em: HALL, Simon. **Rethinking the American Anti-War Movement**. Nova York: Routledge, 2012. p.1-2.

¹⁶⁸ Para uma análise mais pormenorizadas desses números ver: WITTNER, Lawrence S.. **Rebels Against War: The American Peace Movement, 1941-1960**. Nova York: Columbia University Press, 1969, p. 41.

cientistas, de que a radiação liberada durante os testes poderia contaminar o ar e causar males às pessoas que fossem expostas a essa radiação. A escalada da corrida armamentista entre as duas superpotências, movia os esforços em propor-se iniciativas em favor do desarmamento e da desmobilização bélica tanto dos Estados Unidos quanto da União Soviética.

O período de ressurgimento do movimento pacifista em meados da década de 1950 também é responsável por cristalizar o movimento antiguerra e, posteriormente, o movimento anti-Guerra do Vietnã. Durante o início desse período até mais ou menos 1963, o movimento pacifista estadunidense era basicamente dividido em duas vertentes: os liberais e os radicais pacifistas. Os liberais defendiam ser possível alcançar a paz através da ação política; defendiam a negociação e a conciliação em oposição ao confronto como forma de resolver as rivalidades entre Estados Unidos e União Soviética. Muitos eram apoiadores de longa data do estabelecimento da Liga das Nações e posteriormente da Organização das Nações Unidas, como órgãos mediadores das nações que teriam como um de seus objetivos evitar os conflitos bélicos. Alguns desses liberais voltavam-se à defesa do pacifismo movidos por valores religiosos, sendo na sua maioria cristãos protestantes. Já os radicais foram assim chamados a partir do sentido primitivo do adjetivo, uma vez que eles defendiam valores relacionados à raiz do pacifismo, ou seja, rejeitavam a deflagração de qualquer tipo de conflito militar, sendo que muitos eram adeptos da não-violência e da desobediência civil. O movimento antiguerra foi marcado por muitos momentos de discordância e oposição entre os liberais e os radicais.¹⁶⁹ Não havia em nenhuma dessas vertentes a formação de um movimento coeso e fortemente organizado. Diversos grupos, muitos fundamentados ao redor de figuras proeminentes na defesa do pacifismo, acabavam tendo uma certa expressão, reunindo em torno de si ativistas que se identificavam com suas ideias, e conseguindo formar grupos que poderiam alcançar certa relevância em sua atuação.

Nesse momento de recomposição do ativismo pacifista, os liberais buscavam inspiração para a formulação de suas ideias e ações através de figuras como Norman Thomas¹⁷⁰ e Norman Cousins¹⁷¹, e também através da leitura de revistas e jornais como por exemplo o *Nation*, o *New Republic*, o *Christian Century* ou o *Bulletin of the Atomic Scientists*. Já entre os pacifistas

¹⁶⁹ Para uma explicação pormenorizada a respeito das características e das diferenças entre liberais e radicais pacifistas, ver: DEBENEDETTI, Charles. **An American Ordeal: The Antiwar Movement of the Vietnam Era**. Nova York: Syracuse University Press, 1990, p.13-26.

¹⁷⁰ Ministro presbiteriano socialista, foi membro atuante do Partido Socialista da América (SPA), se candidatando à presidência dos Estados Unidos por seis vezes, sendo a primeira vez na eleição de 1928 e a última em 1948. Para saber mais, ver: <<https://www.britannica.com/biography/Norman-Mattoon-Thomas>> Acesso em 14 de janeiro de 2020.

¹⁷¹ Jornalista estadunidense e ativista antibelicista, atuou durante a década de 1960, sendo um dos líderes do SANE.

radicais, destaca-se o jornal *The Catholic Worker*, pertencente ao *The Catholic Worker Movement*,¹⁷² e a revista *Liberation* criada por Dave Dellinger e outros editores – entre eles A. J. Muste –, e publicada pela primeira vez em 1956, tornando-se uma das principais divulgadoras do movimento pacifista de viés radical. Podemos definir a imprensa escrita como principal fonte de informação do movimento pacifista nesse período, servindo também como forma de conexão e compartilhamento de ideias entre aqueles que eram, em alguma medida, interessados nos assuntos concernentes ao pacifismo.

Um dos marcos desse momento do movimento pacifista ocorreu em 1956, onde diversos grupos pacifistas defenderam o cancelamento de uma série de testes atômicos que seriam realizados pelos Estados Unidos no Oceano Pacífico. Politicamente, a administração Eisenhower via como necessária a realização desses testes, uma vez que a União Soviética também estava investindo recursos no desenvolvimento de armas nucleares. Para a Casa Branca, só seria possível a implantação de uma política desarmamentista, a partir de acordos mútuos entre estadunidenses e soviéticos, e não a partir de decisões unilaterais.

Posicionando-se a favor do banimento dos testes nucleares, o renomado químico Linus Pauling, organizou em 1957 uma petição internacional, assinada por cerca de 11 mil cientistas de 49 países, demandando o fim dos testes. Políticos estadunidenses, encabeçados pelo senador republicano Lawrence Smith, solicitaram ao Subcomitê de Segurança Interna do Senado um requerimento para que Pauling fosse intimado a fim de determinar possíveis intenções comunistas na petição.¹⁷³ Esse caso especificamente, mostra um comportamento geral que iria estender-se também durante a década de 1960. Muitos políticos e defensores do belicismo buscavam desqualificar os esforços pacifistas, a partir do levantamento de suspeitas em relação aos participantes, os acusando de práticas antiamericanas ou de influência comunista, o que acabava causando instantânea repulsa e oposição por grande parte da opinião pública estadunidense.

Outro personagem de muito relevo na reconstrução do movimento antiguerra a partir da pauta do banimento dos testes nucleares atmosféricos, foi o respeitado pediatra Doutor Benjamin Spock. Conhecido e confiável escritor, Spock dava legitimidade às preocupações em relação a contaminação radioativa que poderia ser causada pelos testes, principalmente entre os

¹⁷² O *The Catholic Worker Movement*, surgiu em 1933, tinha entre suas ideias o repúdio a guerra. O movimento teve grande importância no apoio aos católicos objetores de consciência durante a Segunda Guerra Mundial nos Estados Unidos.

¹⁷³ DEBENEDETTI, op. cit., p.30.

americanos médios, que confiavam no médico a partir do sucesso de suas publicações a respeito da criação dos filhos.¹⁷⁴

Ainda em 1957, dois importantes grupos foram fundados: o *Committee for Non-Violent Action* (CNVA) e o *Committee for a Sane Nuclear Policy* (SANE). As duas organizações, juntamente com o *Acts for Peace*¹⁷⁵, a já estabelecida *Women's International League for Peace and Freedom* e outro grupo protagonizado por mulheres a *Women Strike for Peace* (WSP) de 1961, tomariam a dianteira na organizações de protestos pacifistas durante os últimos anos da década de 1950 e os primeiros da década de 1960.

O início da década de 1960 também foi marcado pela ascensão política da chamada Nova Esquerda americana, através da criação de uma organização do *Students for a Democratic Society* (SDS) e também pelo crescimento do ativismo pelos direitos civis, a partir da fundação do *Student Nonviolent Coordinating Committee* (SNCC). O SNCC era, assim como o SDS formado predominantemente por jovens, é considerado um dos grupos mais ativos dentro do movimento de defesa pró-direitos civis. O posicionamento antiguerra, aliás, era um dos principais pontos de convergência entre o SNCC e a Nova Esquerda – incluindo o SDS.¹⁷⁶ A escalada do envolvimento dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã fez com que a SDS acabasse por abraçar, ainda na primeira metade da década de 1960, a bandeira antiguerra. As pautas pacifistas eram defendidas nos “*teach-ins*” organizados pelo grupo. Em abril de 1965, o SDS foi responsável por organizar na capital do país, Washington, a maior mobilização antiguerra até então.

Mesmo antes da criação do SDS e do SNCC, as ligações entre os movimentos pacifistas e os grupos pró-direitos civis vinham de longa data. O *Congress of Racial Equality* (CORE), fundado em 1942, que defendia a luta contra a segregação racial nos Estados Unidos a partir de ações não-violentas, teve em sua criação a participação de integrantes da FOR. O mais conhecido deles foi James Farmer, pioneiro, ainda na década de 1940, na organização dos “*sit-ins*”. Junto a ele, podemos citar outros proeminentes pacifistas e defensores de ações não-violentas que estavam envolvidos na luta pelos direitos civis dos afro-americanos, como James

¹⁷⁴ Benjamin Spock é autor do livro *The Common Sense Book of Baby and Child Care*, que teve a primeira edição publicada em julho de 1946 e se tornou um dos livros mais vendidos do século XX. Respeitado pelo estadunidense médio, Spock passa a militar em favor da causa pacifista a partir da preocupação que a radiação advinda dos testes nucleares poderia causar nas crianças. Em 1962 ele ingressou no SANE, ocupando cargos de liderança na organização. Para maiores informações sobre a atuação do Dr. Spock no movimento pacifista antiguerra ver: HALL, op. cit. 2012, pp.59-63.

¹⁷⁵ Criado pelo pacifista Robert Pickus em São Francisco, iria posteriormente se transformar na organização *Turn Toward Peace*.

¹⁷⁶ Para uma explicação mais detalhada da inserção do SNCC dentro da Nova Esquerda ver o capítulo “The New Left” em: CARSON, Clayborne. *In Struggle: SNCC and the Black Awakening of the 1960s*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1981, pp 175-190.

Lawson, Bob Moses e John Lewis do SNCC e também o próprio Martin Luther King Junior, fundador da *Southern Christian Leadership Conference* (SCLC).¹⁷⁷

Com o início da administração John Kennedy em 1961, houve um aumento de recursos financeiros destinados às forças militares. Kennedy enfrentaria, em seu curto período de governo, uma série de crises geopolíticas envolvendo as disputas entre Estados Unidos e União Soviética. Uma das principais crises implicou o apoio do governo estadunidense a cubanos opositores de Fidel Castro, na fracassada tentativa desses opositores de invadirem Cuba na Baía dos Porcos. Em junho daquele ano, o líder soviético Nikita Khrushchev se comprometia a apoiar as guerras de libertação nos países do terceiro mundo e, em agosto, a Alemanha Oriental iria construir o muro, isolando a parte ocidental de Berlim. No mesmo período, os soviéticos não cumpririam o tratado de três anos de moratória em relação aos testes nucleares atmosféricos. Ao denunciar essa ação, a Casa Branca retomaria os testes nucleares subterrâneos.

Ao mesmo tempo em que os primeiros anos da década marcaram o surgimento do SDS e o crescimento do ativismo pelos direitos civis, eles também testemunharam um declínio das principais organizações pioneiras do ativismo pacifista antiguerra, entre elas as principais: SANE e o FOR. Alguns atribuem esse declínio ao fortalecimento de outras organizações ou mesmo uma mudança de enfoque do ativismo, que voltava a sua atenção à questão dos direitos civis. Outros acreditam que não há uma causa primária e sim essa decadência ocorreu devido a um esgotamento das próprias organizações¹⁷⁸. Simultaneamente, ocorria uma maior divisão entre os liberais e os radicais dentro do ativismo pacifista, principalmente em relação a forma de atuação. Enquanto os liberais se mobilizavam para a ação através de *lobby* político e de campanhas eleitorais voltadas à eleição de candidatos que se posicionavam favoravelmente ao pacifismo, os radicais rechaçavam o sistema político, acreditando que às questões relacionadas à Guerra Fria e à corrida armamentista não seriam mudadas através das instituições política estabelecidas.

Em outubro de 1962, a Crise dos Mísseis em Cuba acabou por diminuir as esperanças dos pacifistas liberais de eleger candidatos que possuíam uma agenda antiguerra pacifista. A presença de mísseis soviéticos a poucos quilômetros do território estadunidense e a eminência de um confronto militar entre Estados Unidos e União Soviética, acabou infligindo um medo muito grande nos estadunidenses, colaborando para o crescimento de um discurso político favorável ao belicismo em detrimento de um posicionamento de defesa do desarmamento. Um

¹⁷⁷ HALL, Simon. **Peace and Freedom: The Civil Rights and Antiwar Movements in the 1960s**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2006, p.4.

¹⁷⁸ DEBENEDETTI, op. cit., p.59.

exemplo disso ocorreu na eleição para a Câmara dos Deputados em 1962, em que o candidato Harrop Freeman, professor de Direito da Universidade de Cornell que disputava uma cadeira pelo estado de Nova York, sendo fortemente apoiado pelo movimento pacifista, teve menos de 3% dos votos.

Apesar de prejudicial no curto prazo, a Crise dos Mísseis de 1962, acabou por ter uma consequência indireta: em setembro de 1963, Estados Unidos e União Soviética chegaram a um acordo e assinaram um tratado de suspensão parcial dos testes nucleares, como parte de uma tentativa de distensionar a relação entre os dois países. Tanto os pacifistas liberais quanto os radicais viram com otimismo a assinatura do tratado e os sinais de *détente* que Estados Unidos e União Soviética apontavam. Mas, da mesma maneira, os dois grupos antecipavam que essa mudança na relação entre as duas superpotências não afetaria o interesse que ambas já demonstravam em relação aos países do chamado Terceiro Mundo. Para os liberais, a *détente* aparecia como uma tentativa racional, tanto de Moscou quanto Washington, de lidar com novas realidades como o expansionismo chinês e o policentrismo global que se desenhava. Para eles, qualquer imprudência política ao se lidar com os pequenos conflitos militares no Terceiro Mundo, poderia gerar um escalonamento militar que, em última instância, resultaria em uma colisão nuclear entre as potências. Já para os pacifistas radicais e para os ativistas ligados ao SDS, os conflitos no Terceiro Mundo não seriam pequenos e a interferência dos Estados Unidos demonstraria a determinação do país em suprimir a eclosão de revoluções populares nesses países.

3.2 – O envolvimento dos Estados Unidos no Vietnã

A ação direta das forças militares dos Estados Unidos no Vietnã não teve um início ortodoxo, a partir de uma declaração formal de guerra de alguma das partes envolvidas. Ela foi sim, resultado de um escalonamento beligerante inserido dentro do processo de desagregação colonial que trazia consigo um cenário de disputas regionais no Sudeste asiático, após o fim da Segunda Guerra Mundial. O envolvimento dos Estados Unidos nas questões políticas da região não foi um raio em céu azul, a presença militar do país norte-americano nessa parte da Ásia havia acontecido pouco tempo antes em dois grandes conflitos: a guerra no pacífico contra o Japão, durante a Segunda Guerra Mundial, e a Guerra da Coreia (1950-1953).

Ho Chi Minh, líder socialista do Vietnã, após o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, havia declarado a independência do Vietnã, fundando no Norte a República Democrática do Vietnã, com apoio declarado da República Popular da China e da União Soviética. Os

Estados Unidos apoiou timidamente as forças francesas, durante as tentativas do país europeu em manter seu domínio colonial sobre a Indochina. Ho Chi Minh conseguiu expulsar os franceses da região em 1954. O armistício e os acordos firmados na Conferência de Genebra em 1954, determinavam temporariamente a existência de duas repúblicas: ao Norte, a República Democrática do Vietnã, organizada nos moldes socialistas e liderada pelo próprio Ho Chi Minh; ao Sul, o Estado do Vietnã, organizado por líderes vietnamitas anticomunistas. Os dois Estados deveriam existir até a que fossem disputadas eleições em 1956, que iriam reunir o país sob uma única bandeira. A popularidade de Ho Chi Minh no Sul sinalizava sua provável vitória, o que poderia resultar na criação de um Vietnã unificado socialista. Diante disso, foram criadas diversas barreiras para que não fossem realizadas as eleições determinadas pela Conferência de Genebra. Uma das justificativas para a não-realização das eleições era de que não haveria como garantir uma eleição idônea no Norte e que, possivelmente, os resultados que fossem divulgados pelo governo de Ho Chi Minh poderiam ser fraudados. Ngo Dinh Diem (que havia sido apontado como primeiro ministro do Vietnã pelo imperador vietnamita Bao Dai), apoiado pelos Estados Unidos, declarou que o Sul não iria participar das eleições em 1956. Após um referendo em outubro de 1955, acabou sendo fundada a República do Vietnã, tendo Diem como presidente. Em novembro de 1955, a administração Eisenhower enviou o primeiro grupo de conselheiros militares norte-americanos incumbidos de organizar o treinamento do exército sul-vietnamita.

A organização da “Frente Nacional para a Libertação do Vietnã” (Vietcong) em 1960 no Vietnã do Sul, apoiada pelo governo do Norte, demonstrava a intenção de Ho Chi Minh em unificar o país através da luta armada. O apoio chinês e soviético colocava o conflito dentro do tabuleiro geopolítico da Guerra Fria. Assim sendo, conforme a ação dos vietcongues aumentava no Sudeste asiático, o envolvimento dos Estados Unidos crescia proporcionalmente. O governo Kennedy foi responsável por intensificar a presença militar dos Estados Unidos no Vietnã. Ao assumir a presidência, em janeiro de 1961, havia cerca de 800 militares estadunidenses no país asiático, já em novembro de 1963, quando faleceu, cerca de 16 mil conselheiros militares estadunidenses tinham papel ativo dentro das forças sul-vietnamitas. Durante esse período, o Vietcong ganhou terreno no Sul, ao mesmo tempo que o governo Diem, apoiado pelos Estados Unidos, perdia prestígio, tendo sua autoridade colocada em cheque, principalmente em meados de 1963, após os budistas insurgirem contra o governo vietnamita do sul, sendo violentamente reprimidos. Diante disso o governo Kennedy apoiou um golpe de Estado interno, que destituiu Diem no dia 1º de novembro de 1963. A destituição e assassinato de Diem ocorrido no dia logo posterior ao golpe, longe de apaziguar e melhorar as tensões políticas no Vietnã, acabou

trazendo caos ao Sul, facilitando assim o avanço dos vietcongues, que passaram a controlar grande parte das áreas rurais do Vietnã do Sul.¹⁷⁹

Durante os primeiros meses após assumir a presidência dos Estados Unidos em decorrência da morte de John Kennedy, Lyndon Johnson manteve uma abordagem mais sutil em relação ao Vietnã, dando preferência às questões internas dos Estados Unidos, buscando ganhar prestígio entre a população norte-americana, visando às eleições de 1964. As tratativas de Johnson relacionadas ao Vietnã logo passaram de brandas a intensas após a alegação pelas autoridades norte-americanas de que um contratorpedeiro dos Estados Unidos havia sido atacado por forças norte-vietnamitas no Golfo de Tonkin. Graças a esse fato, Lyndon Johnson conseguiu que fosse aprovada no Congresso dos Estados Unidos uma resolução que autorizava o presidente a utilizar força militar convencional no Sudeste asiático, sem que fosse formalizada uma declaração de guerra. Em fevereiro de 1965, após ataques vietcongues a uma base dos Estados Unidos, Lyndon Johnson ordenou a deflagração da operação *Rolling Thunder*, que se constituía em um intenso bombardeio contra o Vietnã do Norte. Algumas semanas depois, foi aprovado o envio de cerca de 40 mil militares, sendo que no fim de julho daquele ano, as forças dos Estados Unidos no Vietnã aumentariam para 120 mil militares, tendo o presidente recebido a autorização prévia de enviar tropas estadunidenses para o combate sempre que necessário fosse.¹⁸⁰

Em julho de 1965, exatamente duas semanas antes da publicação da primeira edição do *Berkeley Barb*, o presidente Lyndon Johnson faria uma conferência à imprensa, explicando as razões que levavam o Estados Unidos a estarem no Vietnã, e também assumindo ao público que os Estados Unidos estava em guerra.¹⁸¹

3.3 – A formação do movimento anti-Guerra do Vietnã

A Guerra do Vietnã desde a sua gênese, apresentou características pouco usuais em comparação às guerras que os Estados Unidos tinham se envolvido até então. Uma delas, e que se transformou em um inesperado obstáculo ao governo norte-americano, foi uma crescente resistência e uma organizada oposição de parte da opinião pública do país à mobilização das forças militares estadunidenses naquela região: “...durante um período de guerra nunca antes

¹⁷⁹ HALL, op. cit. 2012, p.10.

¹⁸⁰ Ibid. p.9.

¹⁸¹ Para a transcrição completa da conferência, ver: Public Papers of the Presidents of the United States: Lyndon B. Johnson (1965, Book II), Disponível em: <<https://www.govinfo.gov/app/details/PPP-1965-book2>> Acesso em: 5 de janeiro de 2020.

tantos cidadãos dos EUA desafiaram seus líderes.”¹⁸² O inesperado para o governo dos Estados Unidos é que a ação beligerante do país ocorria dentro de um contexto sociopolítico interno delicado, o que ocasionou um levante de vozes dissonantes por parte dos próprios estadunidenses. A luta contra as forças vietcongues teria uma nova frente aberta, uma frente doméstica, entre o governo e seus cidadãos, sendo combatida dentro dos Estados Unidos.

Os ativistas responsáveis pela reconfiguração do movimento pacifista entre 1955 e 1963, acabaram sendo a vanguarda da oposição inicial à Guerra do Vietnã, entre eles estavam os já citados: A.J. Muste e David Dellinger. Ainda em 1963, tradicionais organizações como a WSP, o CNVA e o SANE, se manifestavam contra a escalada do conflito entre as forças sul e norte vietnamitas, e também em relação à interferência dos Estados Unidos na região. Ativistas do SDS, por exemplo, fizeram piquetes durante a visita da cunhada de Diem, popularmente conhecida como Madame Nhu, às universidades de Michigan e Chicago, em setembro de 1963. Nhu havia causado controvérsia ao se referir aos budistas que haviam se auto imolado em protesto contra o regime de Diem como “churrasco”.¹⁸³

No início de 1964, a relação entre os Estados Unidos e o Vietnã, bem como a proporção que alcançava o envolvimento militar do país no Sudeste asiático, ainda não estava bem clara para a opinião pública estadunidense. Cerca de um quarto da população não sabia que os Estados Unidos estavam “em combate”, e dois terços dedicavam pouca ou nenhuma atenção a essas questões.¹⁸⁴ Durante aquele ano, ocorreram algumas manifestações contra o envolvimento dos Estados Unidos no Vietnã, ainda que com um pequeno número de participantes, mas que, com o passar dos meses, começaram a atrair a atenção da opinião pública e da imprensa. É nesse período também que alguns pacifistas radicais iniciaram protestos públicos contra o recrutamento militar, que tinham como ação simbólica a queima pública de cartões de recrutamento.

Mesmo antes do ataque ao contratorpedeiro americano no Golfo de Tonkin, que iria mudar o rumo da política do Estados Unidos em relação ao Vietnã como já citamos anteriormente, iniciava-se um importante aspecto do movimento antiguerra que marcaria o período que definimos para a nossa pesquisa: a oposição entre os pacifistas radicais, que eram minoria, e defendiam a imediata e unilateral retirada das tropas estadunidenses do Sudeste asiático, a maioria dos ativistas, incluindo principalmente os liberais, que rejeitavam essa ideia

¹⁸² WELLS, Tom. **The War Within: America's Battle Over Vietnam**. Los Angeles: University of California Press, 2016. Edição Kindle, loc.374.

¹⁸³ HALL, op. cit. 2012, p.10.

¹⁸⁴ DEBENEDETTI, op. cit., p.93.

tratando-a como politicamente inviável, pois feria o comprometimento de Washington em defesa das nações aliadas na região e abriria caminho para o expansionismo da China comunista. Para eles, o conflito no Vietnã deveria ser resolvido a partir de acordos negociados por todas as partes envolvidas e a reconstrução do país deveria ser feita com a supervisão internacional, uma vez que a total retirada das tropas norte-americanas da região poderia ocasionar um massacre dos anticomunistas sul-vietnamitas por parte das tropas vietcongues.

O ataque do Golfo de Tonkin acabou ajudando o governo a ganhar uma base de apoio da opinião pública à sua política no Vietnã. Após o anúncio das medidas tomadas pelo presidente Johnson, pesquisas mostravam que o apoio à forma como o presidente estava tratando das questões relacionadas ao Vietnã havia subido de 42% para 72%, e especificamente sobre as medidas retaliativas ao ataque em Tonkin, 85% dos entrevistados as apoiavam.¹⁸⁵ Podemos considerar que as ações militares e a pronta resposta de Lyndon Johnson aos ataques norte-vietnamitas acabaram por ajudá-lo em sua candidatura na eleição presidencial de 1964.

Ainda em 1964, no mês de julho, A.J. Muste e alguns participantes da revista *Liberation*, publicaram a chamada “Declaração de Consciência”, em que os signatários declaravam a não-cooperação com os esforços de guerra, se comprometendo em apoiar aqueles que se recusassem em cumprir suas obrigações militares no Vietnã. Essa “Declaração de Consciência” seria uma das principais ações catalisadoras dos movimentos que estimulavam a resistência ao recrutamento militar nos Estados Unidos. Já em dezembro, ocorreram dois fatos de grande relevância para o movimento antiguerra. O primeiro deles, no dia 19, consistiu em um protesto organizado por, em sua maioria, radicais pacifistas que conseguiram reunir cerca de duas mil pessoas em nove cidades, manifestando-se a favor do imediato cessar-fogo no Vietnã e pela retirada das tropas estadunidenses do país o mais breve possível.¹⁸⁶ O segundo momento relevante ao movimento antiguerra naquele ano ocorreria no dia 30 de dezembro, em que o SDS, após um debate que durou cerca de sete horas, decidiu organizar um protesto a favor da retirada das tropas dos Estados Unidos do Vietnã em março de 1965, aberto à participação de qualquer pessoa, mas que deveria ser organizado somente pelo SDS, sem a coparticipação de nenhum outro grupo organizado. De certa maneira, essa reunião e a decisão pela organização do protesto, serviu como um marco formal do engajamento da Nova Esquerda diretamente no movimento anti-Guerra do Vietnã, o que mudaria os rumos do movimento a partir de então. De acordo com DeBenedetti:

¹⁸⁵ Ibid., p.98.

¹⁸⁶ DEBENEDETTI, op. cit., p.100. HALL, op. cit. 2012, p. 10.

A decisão do SDS de realizar uma marcha antiguerra na páscoa de 1965, sinalizou o surgimento de um novo estilo de oposição antiguerra, exterior ao movimento pacifista existente até então. A convocação unilateral da organização, antecipava as manifestações a favor da *détente* e do desarmamento que aconteciam anualmente, e a recusa do SDS em dividir a organização da marcha com outros grupos refletia uma rejeição à prática comum até então do movimento pacifista, que impedia a participação da extrema esquerda. Preocupados primeiramente em lutar por mudanças na sociedade americana, os líderes da SDS não estavam interessados em construir um novo movimento pacifista e sim, eles ansiavam superar o que viam como irrelevante, e incentivar a formação de um movimento anti-imperialista no lugar do movimento pacifista que existiu até então. [...] Eles acreditavam que o problema não estava no Vietnã, e sim nos Estados Unidos¹⁸⁷

Mesmo não existindo uma oposição organizada e homogênea à Guerra do Vietnã, havia algumas características em comum àqueles que se engajavam nas ações antiguerra, segundo De Benedetti, podemos enumerar quatro dessas características: a primeira é que, apesar de desorganizado e com poucas pessoas envolvidas, o dissenso se manifestava de maneira ampla, expressando variados sentimentos antiguerra pelo país. A segunda, se relaciona ao movimento pacifista tradicional que estimulava a oposição à guerra, mas não tinha liderança sobre essa oposição, apesar de membros da elite dos pacifistas servirem para a legitimar. A terceira característica está ligada a guinada à esquerda que o movimento antiguerra tomava por diversas razões, entre elas: o declínio do ativismo pacifista liberal após 1962; a convergência da esquerda radical em relação à oposição à guerra em 1964; a necessidade de definir um posicionamento em relação à imediata retirada das tropas dos Estados Unidos do Vietnã e a mudança que os americanos começavam a vivenciar em relação às questões culturais e sociais nos primeiros anos da década de 1960. Por fim, o dissenso antiguerra era fragmentado a partir de divisões que tinham como origem diferenças políticas, ideológicas, e mesmo pessoais e tudo isso era agravado pelo fato de que cada um dos grupos envolvidos possuía também suas razões particulares para protestar contra a guerra¹⁸⁸:

No início, os críticos antiguerra de todas as convicções – liberais, radicais, pacifistas ou não –, enfrentaram um desafio que os unia, mas que também os perseguiu ao longo dos anos da Guerra do Vietnã. Fundamentalmente, eles tinham que convencer o povo americano e seus líderes que os Estados Unidos poderiam aceitar uma derrota; que a nação ganharia mais aceitando suas limitações do que buscando uma vitória ilusória. A “verdadeira tragédia e o verdadeiro dilema” para o povo americano, escreveu um crítico, era que eles estavam “no Vietnã para vencer a guerra. Mas eles não podiam vencer a guerra. Eles só conseguiriam ter êxito em fazer a mesma coisa que os franceses fizeram: prolongar a agonia até que a retirada final ocorresse.”¹⁸⁹

¹⁸⁷ DEBENEDETTI, op. cit., pp.100-1

¹⁸⁸ Ibid., p.101

¹⁸⁹ Ibid., pp.101-2

Nos primeiros meses de 1965, as pesquisas mostravam opiniões “confusas e contraditórias” em relação à ação dos Estados Unidos na guerra. A população estadunidense desejava o êxito da ação militar, mas relutava em aceitar o “preço” a ser pago para alcançar esse sucesso almejado. Em fins de janeiro, pesquisas mostravam que 81% das pessoas eram favoráveis a uma conferência em âmbito internacional que pudesse costurar algum tipo de compromisso pacífico e aceitável para resolver o conflito no Sudeste asiático. Pouco tempo depois, em fevereiro, após Lyndon Johnson determinar o início dos bombardeios aéreos no Vietnã do Norte em resposta ao ataque vietcongue à instalação militar dos Estados Unidos na cidade de Pleiku, as pesquisas mostravam que dois terços dos norte-americanos apoiavam os ataques aéreos. Passadas seis semanas dos bombardeios, novas pesquisas mostraram o quanto a opinião pública estadunidenses oscilava, estando fortemente cindida: 42% das pessoas sinalizavam serem favoráveis ao envio de mais tropas ao Vietnã, enquanto 41% defendiam negociações imediatas para que fosse colocado um fim no conflito. Apesar da divisão apontada nessa pesquisa, as manifestações da população recebidas diretamente pela Casa Branca eram em sua imensa maioria contrárias à guerra. Logo após o anúncio do início dos bombardeios, o governo recebeu cerca de 1500 telegramas relacionados ao assunto, sendo que desses a maioria se posicionava de maneira contrária à ação bélica na proporção de doze contrários a cada um telegrama que demonstrava algum apoio. A partir de então, a Casa Branca continuou recebendo cerca de 1800 mensagens por semana e, da mesma maneira, a maioria delas continuava sendo de manifestações contrárias à guerra. Nesse mesmo momento, semanas antes da manifestação organizada pelo SDS, que ocorreria no final de semana da páscoa, verificamos que grupos envolvidos na causa antiguerra, utilizavam a imprensa – no caso os jornais tradicionais, de circulação ampla –, como instrumentos de divulgação dos assuntos relacionados ao movimento antiguerra, a partir de anúncios pagos.¹⁹⁰

Havia uma grande expectativa da manifestação organizada pelo SDS, não só por parte própria entidade em si, mas pelos participantes do movimento pacifista tradicional. Até então, as organizações pacifistas e antiguerra não tinham conseguido a coesão e o tamanho necessário para organizar protestos com o alcance que o SDS esperava atingir na marcha da páscoa. Antes da marcha do SDS, em março de 1965, ocorreria também o surgimento de um tipo de manifestação que trazia elementos originais dentro do ativismo da época: o “*teach-in*”, que consistia em reuniões no ambiente do *campus* universitário, com a participação de docentes e dissidentes, onde seriam organizados discussões e debates sobre as questões relacionadas à

¹⁹⁰ DEBENEDETTI, op. cit., pp.105-6.

Guerra do Vietnã. O primeiro deles ocorreu na Universidade de Michigan e durou da noite do dia 24 de março até à manhã do dia 25. A cobertura dos *teach-ins* realizada pela imprensa, ajudou a espalhar a ideia para outras regiões. Durante a primavera, ocorreram mais de cem *teach-ins* em diversas universidades dos Estados Unidos:

“Os fatos reais [sobre a Guerra do Vietnã] eram exigidos e as suposições eram expostas”, escreveu um participante. “Naquela noite as pessoas que realmente se importavam, conversavam sobre coisas que realmente eram importantes.” As relações hierárquicas entre os professores e os alunos foram alvoroçadas; estudantes, que nas aulas regulares não costumavam falar, discutiam exaltadamente com os professores. Os que se opunham à guerra receberam um valioso apoio daquele círculo social, os estimulando a planejar futuros protestos. Aos favoráveis à guerra, foi solicitado que explicassem suas posições; alguns começaram a questionar aquilo que acreditavam até então. “Foi um evento poderoso”, recordou Oglesby¹⁹¹. O *campus* estava vivo com o debate sobre o Vietnã.

Um “golpe de gênio vindo de Michigan colocou o debate no mapa para toda a comunidade acadêmica”, disse Oglesby. “E você não poderia ser um intelectual depois dos *teach-ins* e não pensar muito sobre o Vietnã e defender e expressar suas ideias sobre o assunto.”¹⁹²

Apesar da intencionalidade de fomentar o debate conforme exposto por Tom Wells, não podemos deixar de citar a observação feita por DeBenedetti afirmando que “claramente [os *teach-ins*] eram muito mais um protesto do que um debate” ao mesmo tempo que “era uma maneira inteligente de movimentar a universidade, sem ter uma aparência tão disruptiva como tinham as greves.”¹⁹³ O autor também ressalta o fato dos *teach-ins* acabarem por se tornar um local de disseminação de informação:

... os *teach-ins* de 1965 serviram para identificar uma série de especialistas acadêmicos que desafiavam a política nacional [em relação ao Vietnã], facilitando as conexões entre eles e os estabelecendo como fontes alternativas de informação e compreensão.¹⁹⁴

Devemos observar também que a ação dos *teach-ins* acabou por estimular a mobilização daqueles que se posicionavam favoravelmente à guerra. Alguns se manifestavam de maneira violenta, confrontando os manifestantes antiguerra dentro das universidades, enquanto outros organizavam abaixo-assinados ou cartas-abertas, declarando apoio à política dos Estados Unidos no Vietnã. Oficialmente, a Casa Branca tentou patrocinar, dentro do meio acadêmico, a participação de estudantes que eram favoráveis às intervenções estadunidenses no Vietnã. Mas, para o governo, havia uma dificuldade básica: os apoiadores da política governamental

¹⁹¹ Carl Oglesby, presidente do SDS de 1965 a 1966.

¹⁹² WELLS, op. cit., loc. 882.

¹⁹³ DEBENEDETTI, op. cit., p.108.

¹⁹⁴ Ibid., p.109.

em relação à Guerra do Vietnã eram “amplamente silenciosos, não-organizados ou mesmo desorganizados”.¹⁹⁵

À medida que se aproximava a marcha do SDS que ocorreria em abril, aumentava a tensão entre os liberais e os radicais dentro do movimento antiguerra, pelo fato do SDS não querer excluir ninguém da manifestação, nem mesmo aqueles que possuíam opiniões políticas não tão populares entre os demais participantes. Nesse caso, os comunistas. Os liberais argumentavam ao SDS dizendo que aceitar a participação de comunistas e simpatizantes do Vietcong significava validar o argumento da direita de que os dissidentes antiguerra estavam mais interessados na vitória comunista no Vietnã do que em buscar a paz. No sábado de aleluia, dia 17 de abril, 20 mil pessoas (o SDS esperava a presença de 10 mil) se reuniram em Washington, no que foi, até aquele momento, a maior manifestação antiguerra jamais organizada nos Estados Unidos. Um dos discursos mais aplaudidos foi o do então presidente do SDS, Paul Potter que clamava aos participantes para “entender a questão do Vietnã como um sintoma de uma profunda doença e para construir um sólido movimento social em direção de uma reconstrução radical da América.”¹⁹⁶

A grande imprensa ficou impressionada com o tamanho da manifestação e deu uma cobertura nacional aos eventos, o que entusiasmou os líderes do SDS. A grande questão é que, para eles, a pauta antiguerra seria pontual e efêmera, pois essas manifestações da páscoa tinham como alvo aglutinar um maior número de pessoas para a construção de um movimento que lutasse por mudanças sociais mais profundas dentro dos Estados Unidos. Poucos membros do SDS tinham a questão pacifista e antiguerra como interesse principal, conforme posteriormente afirmou Paul Booth, dirigente do SDS e um dos organizadores da marcha: “Nós realmente estragamos tudo. Nós tivemos em nossas mãos a oportunidade nessas manifestações de fazer o SDS o principal instrumento de organização do movimento antiguerra.”¹⁹⁷

Os liberais também se mobilizavam, tentando angariar apoio à causa anti-Guerra do Vietnã, principalmente entre os religiosos e entre os ativistas do FOR. O SANE também conseguiu mobilizar pessoas em torno do movimento pacifista, reunindo em um comício, no dia 8 de junho, 1800 pessoas em Nova York.

Dos *teach-ins* organizados nesse primeiro semestre de 1965, o maior deles ocorreu justamente na Universidade da Califórnia em Berkeley nos dias 21 e 22 de maio, e, a partir deles, foi criado o *Vietnam Day Committee* que se constitui em um elemento de suma

¹⁹⁵ Ibid.

¹⁹⁶ Ibid, p.112.

¹⁹⁷ Ibid.

importância dentro do *Berkeley Barb* no período em que circunscrevemos nossa pesquisa. Além de Jerry Rubin, um dos fundadores do VDC, o *teach-in* contou com a presença de artistas, como o cantor Phil Ochs, e figuras conhecidas do movimento antiguerra, como Benjamin Spock, Norman Thomas, David Dellinger, Paul Krassner – editor da revista *The Realist* e assíduo participante do Movimento –, Bob Moses – líder do SNCC – e o escritor Norman Mailer. Com o objetivo de estimular o debate, que era uma das premissas que serviu como fundamento para a criação dos *teach-ins*, foi feito um convite pelos organizadores do evento em *Berkeley*, mas declinado pelo Departamento de Estado do Governo dos Estados Unidos, para que fosse enviado um porta-voz que explicasse e defendesse a política de Lyndon Johnson em relação ao Vietnã. Frente à recusa do governo, conseguiu-se que dois professores, Robert A. Scaladino e Eugene Burdick, defendessem a política governamental no evento. Ambos cancelaram a participação na última hora. Assim sendo, os organizadores deixavam durante os debates uma cadeira vazia para representar o governo Lyndon Johnson. Robert Scheer, que como dissemos anteriormente, teve uma grande relevância nas edições que analisamos do *Berkeley Barb*, também participou do *teach-in*, especificamente em um dos raros debates em que houve a participação de alguém pró guerra, no caso, o professor Aaron Wildavsky.¹⁹⁸ Cerca de 30 mil pessoas participaram do *teach-in* em algum momento das 36 horas de duração do evento.

DeBenedetti, ao narrar os eventos em Berkeley, ressaltou, mais uma vez, as intenções distintas entre liberais e radicais, mostrando a fragmentação que seguiria o movimento antiguerra:

Durante dois dias, liberais e radicais antiguerra expressaram a necessidade de um movimento antiguerra coordenado, enquanto discutiam a respeito do significado da guerra, da natureza da sociedade americana e sobre as abordagens à mudança social. Os pacifistas radicais e os radicais de esquerda argumentavam que a Guerra do Vietnã era uma guerra de agressão a partir dos Estados Unidos e que só poderia ser encerrada com a retirada imediata dos Estados Unidos. Com o argumento de que a guerra tinha sido iniciada por liberais, os radicais pediam que os que eram contra à guerra deixassem a coalizão “liberal-trabalhista-negra” do Partido Democrata e se juntassem aos ativistas pró-direitos civis, aos estudantes militantes e aos outros defensores de mudanças radicais em um tipo novo de revolução no estilo “faça você mesmo”. O Vietnã só seria salvo através de uma redenção dos Estados Unidos, eles insistiam. Os liberais antiguerra, por outro lado, rejeitava essa análise radical.¹⁹⁹

¹⁹⁸ RORABAUGH, op. cit., p.92.

¹⁹⁹ DEBENEDETTI, op. cit., p116.

Os que se opunham a esse tipo de pensamento, diziam que o objetivo era “mudar as políticas dos Estados Unidos em relação à Guerra Fria e não desafiar o sistema dos Estados Unidos.” Norman Thomas, por exemplo afirmou: “Eu estou interessado na paz, e isso não exige que nós odiemos a América ou que tenhamos que empreender sua transformação radical.”²⁰⁰ Segundo DeBenedetti:

Em um nível mais profundo, a divisão entre pacifistas radicais e liberais envolvia diferenças de longa data sobre o significado da não-violência e a questão de que se as instituições americanas poderiam ou não ser resgatadas. Concluindo que os Estados Unidos eram a principal fonte de injustiça e violência global, os pacifistas radicais procuraram revolucionar o país juntamente com os negros descontentes, os estudantes e outros que rejeitavam a autoridade e procuravam construir uma oposição extraparlamentar por meio de instituições paralelas em sindicatos, novos partidos políticos e, eventualmente, com um novo “Congresso Continental”²⁰¹. Os radicais da revista *Liberation* acreditavam que os Estados Unidos poderiam ser salvos apenas através de uma revolução feita a partir de uma resistência individual não-violenta e da ação democrática coletiva, e que o Vietnã só poderia ser salvo da ação dos Estados Unidos através da resistência dos vietcongues. Os pacifistas liberais argumentavam, por outro lado, que o problema não era tanto os Estados Unidos quanto a própria guerra, e propunham atacar a guerra promovendo a não-violência, e não a revolução.²⁰²

3.4 – A cobertura do movimento anti-Guerra do Vietnã realizada pelo *Berkeley Barb*

Enquanto o *New York Times* estava noticiando a história, a imprensa alternativa estava envolvida em criar a história.²⁰³

Após expormos os antecedentes do movimento pacifista dentro da história dos Estados Unidos, localizarmos, a partir do ano de 1955, a reconstrução que o movimento pacifista e antibelicista vivenciou (configurando o período antecedente mais próximo do movimento anti-Guerra do Vietnã) e demonstrarmos a escalada do envolvimento dos Estados Unidos na guerra, além de relatarmos a formação e os primeiros meses de um movimento focado diretamente nas questões relacionadas à Guerra do Vietnã (que, cronologicamente, coincide com os meses logo anteriores a criação do *Berkeley Barb*), iremos fazer uma análise direta da cobertura realizada pelo *Berkeley Barb* dos protestos anti-Guerra do Vietnã.

²⁰⁰ Ibid.

²⁰¹ Esse novo Congresso Continental é uma referência ao Primeiro Congresso Continental e ao Segundo Congresso Continental, ocorridos dentro do contexto de independência dos Estados Unidos, constituíram-se numa forma de, primeiramente, resistir às medidas coercitivas do governo britânico em relação às Treze Colônias na América e, posteriormente, na declaração da independência do país. O Congresso Continental serviu como governo provisório e ratificou a Constituição dos Estados Unidos.

²⁰² DEBENEDETTI, op. cit., p.117.

²⁰³ MCMILLIAN, op. cit., p.76.

Ao traçarmos as principais características da cobertura realizada pelo jornal em momentos específicos, dentro do recorte cronológico que escolhemos, focaremos também nas principais manifestações consideradas de maior relevância pela historiografia consultada. Ao mesmo tempo que nos concentramos na cobertura em si, acompanharemos *pari passu* alguns acontecimentos relevantes para o desenvolvimento e pelo movimento anti-Guerra do Vietnã e seus resultados.

Conforme abordamos no capítulo anterior, o *Berkeley Barb* foi criado e consolidou sua presença e importância na cidade de Berkeley, alcançando uma visibilidade nacional a partir do contexto sócio-histórico específico do desenvolvimento do que conhecemos como Movimento. Desde a sua criação em agosto de 1965, era a vontade de seu criador, Max Scherr, usar o jornal *underground* como um veículo e um instrumento de propagação de ideias dissidentes, que iria se opor a forma como as notícias eram veiculadas pela grande imprensa estadunidense da época. O exame e a análise da cobertura dos protestos realizados considera a linha editorial do jornal e a intencionalidade em sustentar uma narrativa de apoio aos grupos envolvidos nas manifestações.

Heloísa Cruz e Maria da Cunha Peixoto, ressaltaram a importância dos jornais que, “em diferentes conjunturas e com articulações históricas diversas, desde o século XIX, agindo como força ativa na constituição dos processos de hegemonia social” atuam: no fomento à adesão ou ao dissenso, mobilizando para a ação; na articulação, divulgação e disseminação de projetos, ideias, valores, comportamentos, etc.; na produção de referências homogêneas e cristalizadas para a memória social; pela repetição e naturalização do inusitado no cotidiano, produzindo o esquecimento; no alinhamento da experiência vivida globalmente num mesmo tempo histórico; na sua atividade de produção de informação de atualidade; na formação de nossa visão imediata de realidade e de mundo.²⁰⁴

Da mesma forma que as autoras citadas, dentro dessa compreensão do instrumento de mídia como ator social ativo, ressaltamos as naturezas das formas simbólicas produzidas e transmitidas pelos meios de comunicação e a relação dessas formas com os contextos sociais onde são produzidas e recebidas pelos indivíduos, conforme explicitou John B. Thompson²⁰⁵ Para o autor, os meios de comunicação de massa são capazes de transformar a natureza da interação social nas sociedades modernas, criando novas relações sociais.²⁰⁶

²⁰⁴ CRUZ; PEIXOTO, op. cit., pp.258-9.

²⁰⁵ THOMPSON, op. cit., p.12.

²⁰⁶ Ibid.p.26.

Durante o caminho que percorremos, na observação de nossa fonte primária e na leitura da historiografia a respeito do período, localizamos a todo momento uma preocupação de todos os envolvidos com a opinião pública estadunidense. Não só em relação às questões próprias da Guerra do Vietnã, mas também nas temáticas associadas aos outros assuntos colocados em debate, principalmente das questões relacionadas às transformações culturais políticas e sociais da época. Notamos a presença de um grande campo de batalha onde essa “opinião pública” é disputada, tendo na imprensa um local propício para que essa disputa ocorresse. Interessante notarmos que o próprio conceito de opinião pública advém da imprensa:

Segundo Peter Burke e Asa Briggs, os jornais contribuíram para o aparecimento da opinião pública, tendo o primeiro registro de uso do termo em francês, inglês e alemão no século XVIII. No século XX, o conceito foi reformulado a partir de Jürgen Habermas que, “em vez de falar sobre opinião pública, que parece ter um consenso, ele fala sobre uma arena na qual aconteceram os debates” trabalhando a ideia de “esfera pública”. Ele afirmou que, ainda no século XVIII apareceria uma “argumentação racional e crítica, presente dentro de uma “esfera pública” burguesa liberal, a qual – pelo menos em princípio – estava aberta para a participação de todos.” Ele via a mídia como um sistema no qual elementos distintos (como jornais, cafés, clubes) trabalhavam em conjunto e, no final do século XVIII contribuiu “para o surgimento de atitudes racionais e críticas” ao Antigo Regime francês no século XVIII.²⁰⁷ Habermas reforça a importância da imprensa surgida com o advento da Revolução Francesa:

Disse Habermas: “A Revolução na França criou da noite para o dia... o que na Grã-Bretanha havia levado mais de um século de evolução constante: instituições ... para o debate crítico público de matéria política.” As limitações dessa "esfera pública" francesa têm sido objeto de considerações, principalmente a exclusão virtual das mulheres. No entanto, a mídia francesa desempenhou um papel necessário, tanto na destruição de tradições antigas quanto na invenção de novas, ao tentar criar uma nova cultura política sem igreja ou rei. Não é por acidente que a frase *opinion publique* e o termo “propaganda” se tornaram de uso comum na época.²⁰⁸

No primeiro capítulo, nós citamos a tradição de participação política expressa pelos veículos midiáticos. Dentro disso, podemos citar o papel de panfletos como o *Common Sense* de Thomas Paine na causa da independência dos Estados Unidos, e jornais como “o *New York Journal*, o *Philadelphia Evening Post* e o *Massachussets Spy*, que serviam para incitar a causa revolucionária, descrevendo as atrocidades cometidas pelo exército britânico.”²⁰⁹ Apesar de

²⁰⁷ BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da Mídia**: de Gutenberg à Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p.80.

²⁰⁸ Ibid. p.108.

²⁰⁹ Ibid., p.105.

serem eventos contemporâneos, o processo da Revolução Americana iniciou-se anteriormente à Revolução Francesa. Talvez na análise de Habermas, pode ser discutido se no país norte-americano houve a criação de uma “esfera-pública” nos moldes da ocorrida na França, ou mesmo se nos Estados Unidos houve a partir da imprensa a criação de uma “nova cultura política”, mas é comprovada a influência da imprensa nesse processo de independência das Treze Colônias em relação à Inglaterra, conforme citamos no primeiro capítulo de nossa dissertação:

Um visitante francês na América do Norte, após notar a reimpressão frequente do panfleto “Senso Comum” de Thomas Paine na imprensa periódica, disse: “Sem jornais, a revolução norte-americana não teria sucedido.” Outros viajantes europeus fizeram comentários sobre o número de jornais existentes nos Estados Unidos. Por volta de 1800, havia 178 semanários e 24 diários.²¹⁰

Sendo assim, para podermos realizar uma análise abrangente da relação entre a imprensa e seu papel social dentro dos Estados Unidos é necessário historicizá-la, levando em consideração suas particularidades e principalmente sua influência na formação e consolidação do país enquanto nação independente, e, posteriormente, o histórico da atuação da imprensa em outros eventos particulares, bem como sua atividade política. Dentro disso, entra a questão da luta pela liberdade de imprensa e a criação de uma imprensa dissidente.

Especificamente a imprensa *underground* dos anos 1960 nos Estados Unidos, tem uma ligação muito próxima às diversas vertentes do Movimento, a partir da linha editorial de cada um dos jornais, conforme especificamos no primeiro capítulo. Em alguns desses jornais – entre eles o *Barb* – conseguimos visualizar um constante diálogo com os jornais da grande mídia, em que o jornal *underground*, dentro de suas páginas, procurava ressaltar a falta ou a pouca cobertura dos eventos relacionados ao Movimento, quando não enfatizavam também um tipo de cobertura distorcida, em que os fatos seriam narrados a partir de uma posição enviesada, muitas vezes encobrindo o que realmente havia acontecido, deixando de fazer uma análise crítica daquilo que reportavam. Todd Gitlin, um dos organizadores da marcha do SDS de abril de 1965, fez uma análise da forma como a grande imprensa cobriu o evento. Segundo ele, a marcha chamou a atenção da imprensa e diversos artigos sobre os protestos estudantis – particularmente sobre as atividades da SDS – se tornaram notícias. Repórteres começavam a procurar os líderes da SDS para cobrir os protestos antiguerra. Gitlin cita como exemplo as revistas de notícias *Newsweek* e *Time*, semanários de grande circulação, como a *The New York Times Magazine*, além dos noticiários televisivos. Para ele, o Movimento estava sendo

²¹⁰ Ibid.

amplificado por essas coberturas, mas de uma maneira seletiva pois “ela enfatizava certos temas e restringia outros. Os temas depreciativos surgiam, depois se repetiam e reverberavam.” Gitlin enumerou alguns dispositivos usados para enquadrar a cobertura dos protestos na grande imprensa como:

... a banalização (desdenhavam da linguagem do Movimento, das vestimentas, da idade, do estilo e dos objetivos [dos participantes]); a polarização (enfatizavam as contramanifestações, colocando o movimento antiguerra no mesmo patamar de seus opostos, os grupos ultradireitistas e neonazistas, como se fossem extremistas equivalentes); a ênfase nas divergências internas; a marginalização (mostrando que os manifestantes eram delinquentes ou de pouca representatividade); a depreciação dos números (sub-contagem); depreciação da eficácia do movimento. No outono [de 1965], quando algumas partes do movimento antiguerra se voltaram para táticas mais combativas, novos temas e dispositivos foram adicionados ao primeiro grupo: a confiança nas declarações de funcionários do governo e de outras autoridades; a ênfase na presença de comunistas [nas manifestações]; a ênfase na presença de pessoas portando bandeiras do Vietcong; a ênfase na violência das manifestações; o uso de aspas em termos como "marcha da paz", com o intuito de deslegitimar o movimento; uma atenção considerável à oposição feita pelo espectro político de direita, especialmente por parte do governo e de outros políticos.²¹¹

A partir desse tipo de abordagem realizada pela grande imprensa expressa por Todd Gitlin, fica claro a urgência do movimento antiguerra, bem como do Movimento como um todo, em desenvolver formas de comunicação que expressariam uma visão de dentro do Movimento, a partir daqueles que efetivamente participavam das ações ou que, de alguma forma, simpatizavam com o pensamento e com as atividades dos ativistas. Sendo assim, será muito comum vermos no *Berkeley Barb* (estando presente logo na primeira edição) uma cobertura com um tom de denúncia em relação aos outros órgãos de imprensa, em que o jornalista evidencia a forma como os grandes jornais fazem a cobertura das manifestações, mostrando “aquilo que não foi mostrado por eles”.

Além disso, em relação ao movimento anti-Guerra do Vietnã, a mídia *underground* é considerada a primeira a se opor abertamente à Guerra do Vietnã. Inicialmente, somente nos jornais *underground* é que poderia se conseguir notícias e opiniões de oposição ao conflito militar no Sudeste asiático. “Naquele momento, eles [os jornais] ajudaram a expandir o pequeno movimento de estudantes e radicais a tornar-se uma onda que depois de algum tempo acabou convocando uma maioria do povo americano.”²¹²

²¹¹ GITLIN, Todd. **The whole world is watching: mass media in the making & unmaking of the New Left.** Berkeley: University of California Press, 2003, pp.27-8.

²¹² ARMSTRONG, op. cit., p.27.

3.4.1 – 1965 e 1966: Berkeley Barb e o Vietnam Day Committee

Durante os anos de 1965 e 1966, a presença do *Vietnam Day Committee* era constante em praticamente todas as edições que consultamos. As ligações entre o grupo e o jornal iam além do fato de ambos terem sido criados e serem sediados na mesma cidade. O VDC era formado por: “uma mistura estranha de pacifismo radical, protesto estudantil, ativismo pelos direitos civis, políticos de esquerda e uma peculiar boemia cultural, típica da Baía de São Francisco.”²¹³ Essa caracterização da composição inicial do VDC também poderia servir para caracterizar as pessoas que constituíam o *Berkeley Barb* na época de sua criação. Em meados de 1965, tanto o VDC quanto o *Barb*, tinham diversos pontos de intersecção. Encontramos uma autora que chegou a afirmar que o *Barb* havia sido criado “principalmente como uma maneira de publicizar as ações do Vietnam Day Committee”.²¹⁴

Na primeira página da primeira edição (figura 8), há duas reportagens, que inclusive se estendem a outras páginas desse número, que cobrem um protesto organizado pelo VDC entre os dias 10 e 12 de agosto de 1965 e pela *Women Strike for Peace*, na estrada de ferro de Santa Fé, onde transitava o trem que levavam soldados para a base do exército em Oakland. A partir dessa base, os jovens que haviam sido recrutados eram enviados ao Vietnã. A estrada de ferro passava pela cidade de Berkeley e foi exatamente na altura de Berkeley que foi realizado o protesto. No primeiro dia, foi colocado um grande cartaz escrito “Pare a Máquina de Guerra” (“*Stop the War Machine*”). O trem passou através do cartaz. No dia seguinte, duas composições passariam pela estrada de ferro levando militares. Durante a passagem da primeira composição, cerca de 150 manifestantes tentaram parar o trem, mas a polícia conseguiu afastá-los. Mais tarde, quando a segunda composição passou, por volta de 500 manifestantes se sentaram nos trilhos com a intenção de parar o trem, mas cerca de trinta policiais conseguiram desmobilizar o protesto. No dia seguinte, dia 12 de agosto, entre 500 e 1000 manifestantes apareceram no momento em que o trem passaria por Berkeley, com cartazes com as mensagens: “Por que morrer no Vietnã”, “Exército mata, exército morre no Vietnã” e “Por que” (“*Why Die in Vietnam*”, “*Army Kill, Army Die in Vietnam*” e “*Why*”). Mesmo com a tentativa da polícia de bloquear o acesso à ferrovia, os manifestantes conseguiram quebrar o bloqueio obrigando o

²¹³ DEBENEDETTI, op. cit., p.115.

²¹⁴ MORGAN, Jo-Ann. **The Black Arts Movement and the Black Panther Party in American Visual Culture**. Nova York: Routledge, 2019, p.121. Do vasto material que examinamos e que, de alguma forma, abordava a criação do *Berkeley Barb*, em nenhum momento encontramos uma fonte que afirmasse de uma maneira tão categórica essa intencionalidade primordial de Max Scherr ao criar seu jornal, sendo assim, não incluímos a publicização dos assuntos vinculados ao VDC como uma das causas principais da criação do *Barb* no primeiro capítulo de nossa dissertação.

maquinista a diminuir a velocidade do trem. Vários manifestantes conseguiram subir no trem, alguns foram conversar com os recrutas, inclusive distribuindo panfletos antiguerra, outros escalaram o teto do trem (figura 18). A polícia retirou três manifestante da composição e, quando tentaram retirar outros, estes fugiram. Dois acabaram sendo presos.²¹⁵



Figura 18: Manifestantes antiguerra forçando o trem a diminuir a velocidade em Berkeley. ASHBOLT, op. cit., p.65.

A reportagem sobre esse protesto está em destaque com duas manchetes, acima do próprio título do jornal: a primeira, “Manifestantes feridos” (“Protestors Injured”), e a segunda, “Protestos nos trens são os maiores desde 1916.” (“Train Protests Greatest Since 1916”). Abaixo do título do jornal, o maior dos três títulos das primeiras reportagens que encabeçava as três colunas nas quais o jornal estava dividido era “Ação pela paz” (“Peace Action”), com o subtítulo “Soldados se animam; funcionários ferroviários zombam” (“GI’s Cheer; Trainmen Jeer”). A reportagem cita o fato de que as manifestações foram as primeiras grandes demonstrações de cidadãos americanos a uma guerra em que os Estados Unidos participavam desde 1916. O *Barb* ressaltava que, apesar da relevância do protesto a “imprensa comercial” ignorou um fatos mais reveladores do episódio: a resposta positiva que os soldados deram aos manifestantes que conseguiram entrar no trem. No centro da primeira página do jornal, podemos visualizar um quadro intitulado “12 de agosto - um dia negro para Berkeley.”

²¹⁵ RORABAUGH, op. cit., p.93 e DEBENEDETTI, op. cit., p.123.

(“August 12 --- Black Day For Berkeley”). Nele, era explicada como ocorreu o que o jornal chamou de “um dia de brutalidade em Berkeley”, em que eram listados em sete tópicos o que “realmente teria acontecido” na ocasião. Os tópicos focavam a reação violenta da polícia e as suas consequências, tecendo crítica ao Conselho Municipal da cidade de Berkeley por não tomar uma posição política em relação à questão do Vietnã. Sendo que no sétimo tópico, o jornal marcava uma posição clara em relação à Guerra do Vietnã, responsabilizando diretamente a guerra pela violência que ocorreu durante o protesto:

As características da guerra americana no Vietnã foram o que motivou Berkeley. A Guerra do Vietnã vai além da brutalidade. Ela é obscena. É a imediata e direta responsável pelos presentes eventos que ocorreram nas linhas de trem de Santa Fé em Berkeley.²¹⁶

Observando a cobertura do *Barb* dessa manifestação, podemos usar como exemplo três características emblemáticas notadas na cobertura dos protestos anti-Guerra do Vietnã nesse período que pesquisamos: a primeira é o enfoque do *Berkeley Barb* no fato de que a grande imprensa não cobria da maneira adequada, subtraindo informações sobre o que realmente ocorria, ou distorcendo os fatos, a partir de uma perspectiva enviesada; a segunda refere-se às denúncias da brutalidade da polícia nos protestos que, quase sempre, agia de maneira violenta em relação aos manifestantes; a terceira é o jornal se apresentar como ente participante dos protestos. Um exemplo dessa terceira característica é citada por Rodger Streitmatter que toma essa reportagem da primeira edição do *Barb* como exemplo, ressaltando que o jornal afirmava que haveria um outro protesto, deixando nas entrelinhas uma convocação aos moradores de *Berkeley* que estivessem lido e se indignado com a violência policial relatada pelo periódico:

A intenção do jornal de ser proativo - não apenas divulgaria as notícias, mas também faria os eventos acontecerem - ficou clara pela natureza sugestiva do parágrafo final da história da brutalidade policial: "Mais dois trens de tropas devem chegar a Berkeley na próxima semana. Admitimos por hipótese que mil ou mais cidadãos preocupados de Berkeley forem lá dar uma olhada? " Essa orientação ativista se tornou um elemento característico da abordagem altamente interpretativa do jornal às notícias.²¹⁷

Na segunda edição do *Barb*, a “orientação ativista” ressaltada por Streitmatter era ainda mais evidente, pois, já na primeira página, era publicada toda a agenda com o que iria acontecer no dia 21 de agosto, em um congresso organizado pelo VDC, onde ocorreriam debates, grupos de discussão, bem como um encontro geral do evento, onde seria proposta e assinada uma

²¹⁶ “The quality of the American war in Vietnam rubbed-off on Berkeley. The Vietnam War is beyond brutality. It is obscenity. It is the immediate and direct cause of the present events at the Santa Fe tracks in Berkeley.” **Berkeley Barb**, Berkeley, 13 de agosto de 1965, p.2.

²¹⁷ STREITMATTER, Rodger. **Spirit of Revolt: The Dissident Press in America**. Nova York: Columbia University Press, 2001, p.231.

resolução em nome das “pessoas não-representadas”. Esse grupo dos “não-representados”, foi assim denominado pelo próprio VDC, e se relacionava às pessoas que não se sentiam representadas pelo congressista Jeffery Cohelan representante da região de Berkeley no Congresso dos Estados Unidos²¹⁸ O evento se encerraria às 16 horas, com uma marcha em direção ao escritório de Cohelan. Também estava publicado na primeira página o programa dos grupos de discussão que ocorreriam no encontro. Dos quatro grupos de discussão, dois deles eram diretamente ligados às questões do Vietnã, o primeiro tinha como nome “A Guerra no Vietnã” e o segundo “Efeitos da máquina de guerra na sociedade americana”²¹⁹

Nos dias 15 e 16 de outubro de 1965, ocorreria os “Dias de Protestos Internacionais”, que consistia em uma série de protestos em diversas cidades dos Estados Unidos e do mundo, contra a intervenção estadunidense no Vietnã. O evento foi concebido pelo VDC, que iria organizar o protesto na região da Baía de São Francisco, enquanto outros grupos estariam encarregados da mesma função nas outras localidades. O protesto organizado pelo VDC se iniciaria com um “*teach-in*” e, posteriormente, os manifestantes marchariam em direção a Oakland para encerrar o protesto no terminal do Exército.

No dia primeiro de outubro, a edição do *Berkeley Barb* traria na sua primeira página uma pequena notícia intitulada “Prisões em massa não irão parar a marcha – VDC.”²²⁰ Na notícia eram entrevistados dois líderes do VDC, Marion Steinkeller e Pete Cohn, que afirmavam que eles não desistiriam mesmo se o grupo fosse ameaçado pela polícia com a realização de prisões em massa. Na edição da semana seguinte, publicada no dia do evento, o *Barb* trouxe a programação completa, com os horários determinados, detalhando o nome de todos que iriam participar dos *workshops*, dos artistas diversos que iriam se apresentar, bem como os horários dos discursos que seriam proferidos durante a marcha em direção ao terminal em Oakland.

Os “Dias de Protestos Internacionais” trouxeram preocupação à Casa Branca. Antes da realização das manifestações, o governo dos Estados Unidos demonstrou estarem atentos às possíveis consequências negativas que esse evento poderia causar às políticas de guerra da administração Lyndon Johnson. Esse temor da Casa Branca, foi expresso em memorandos oficiais do governo dos Estados Unidos, tornados públicos anos mais tarde. Em agosto, cerca de dois meses antes dos protestos, foi requisitado pelo poder Executivo ao FBI, informações

²¹⁸ No ano seguinte, Jeffery Cohelan iria tentar ser reeleito para a cadeira que ocupava na Câmara dos Deputados, disputando a eleição com Robert Scheer, um dos líderes do VDC, sendo que a campanha, conforme mostramos no capítulo 2, foi amplamente coberta pelo *Berkeley Barb*, que apoiava abertamente a eleição de Scherr para a cadeira em questão.

²¹⁹ **Berkeley Barb**, Berkeley, 20 de agosto de 1965, p.1.

²²⁰ “*Mass Arrests Won’t Stop March – VDC*” **Berkeley Barb**, Berkeley, 01 de outubro de 1965.

que ligassem os organizadores das manifestações ao comunismo. Ao mesmo tempo o governo desenvolveu planos para “contra-atacar” os protestos através de ações que tivessem uma publicidade positiva sobre a guerra, como por exemplo um programa de televisão que apresentaria diversos convidados, principalmente estudantes e professores universitários, que haviam visitado o Vietnã e eram favoráveis às políticas do governo. Isso demonstra o intuito do governo Lyndon Johnson de usar a imprensa para fazer publicidade positiva de suas ações no Vietnã.²²¹

O primeiro dia dos protestos internacionais – dia 15 de outubro –, contou com a presença de 100 mil pessoas em 80 cidades de todo o mundo.²²² Em Berkeley, os protestos foram iniciados por um *teach-in* na Universidade da Califórnia. Após o *teach-in*, entre 10 e 15 mil manifestantes seguiram em marcha para Oakland. No caminho, depararam-se com cerca de 400 policiais da cidade que bloqueavam a via, impedindo o prosseguimento do protesto. Em uma breve votação, os líderes do protesto resolveram não enfrentar as forças policiais e recuaram, desistindo de seguir caminho em direção ao terminal militar, conforme estava programado inicialmente. Consta que Max Scherr participou da marcha vendendo cópias do *Berkeley Barb* no meio da multidão gritando: “Leia o *Barb*, é um prazer, não um dever.”²²³ No dia seguinte, entre dois e cinco mil manifestantes se reuniram no Parque do Centro Cívico em *Berkeley*, a fim de, novamente, tentar marchar em direção ao terminal militar em Oakland. Ao chegarem no limite entre as cidades de Berkeley e Oakland, se depararam com uma parede de policiais que novamente impediu o prosseguimento da marcha. Atrás dos policiais, um grupo de membros dos *Hell’s Angels* avançou, rasgando a faixa do VDC que alguns manifestantes portavam, aos gritos de “Voltem para a Rússia, malditos comunistas”.²²⁴ A manifestação acabou desmobilizada.

A cobertura do protesto realizada pelo *Barb*, ocorreu na edição publicada no dia 22 de outubro de 1965. A primeira página trazia metade do seu espaço ocupado por imagens, sendo que duas das fotos haviam sido flagrantes de um momento em que um policial enfrentava os *Hell’s Angels* que atacavam a marcha (figura 19). Nas páginas internas do jornal havia duas colunas assinadas por Leonard Lipton, que se auto intitulava um cineasta independente. Na primeira coluna, ele relatava uma pesquisa que fez pelas ruas do centro de Oakland, em que indagou 66 pessoas a respeito das manifestações que haviam ocorrido e que, a partir dessas

²²¹ WELLS, op. cit., loc.1657.

²²² DEBENEDETTI, op. cit., p.125.

²²³ RORABAUGH, op. cit., p.96.

²²⁴ ASHBOLT, op. cit., p. 66 e RORABAUGH, op. cit., p.97.

consultas, ele percebeu que a grande maioria se posicionava de maneira contrária às manifestações. Em sua outra coluna, ele narra o episódio de violência policial que ele havia presenciado, logo após os *Hell's Angels* terem se voltado contra os manifestantes. Em outras colunas não assinadas, o jornal anunciava o fato de 300 manifestantes terem enfrentado os *Hell's Angels*. Em outra página, o *Barb* relatou as dificuldades que Jerry Rubin enfrentou em relação às autoridades de Oakland e Berkeley para conseguir organizar os protestos.²²⁵



Figura 19: Primeira página da edição do *Berkeley Barb* do dia 22 de outubro de 1965, anunciando na manchete “O maior protesto antiguerra”, nas duas fotos menores à esquerda, podemos ver um policial reagindo à investida dos *Hell's Angels* contra os manifestantes antiguerra.

Mais uma vez percebemos o enfoque que o *Barb* dava aos enfrentamentos dos manifestantes com a polícia e a consequente resposta violenta das autoridades. O que notamos dentro dessa edição foi a ausência de uma cobertura mais abrangente dos acontecimentos, com mais informações factuais, para que o leitor pudesse compreender de uma forma clara o que estava as motivações dos protestos, a sequência de fatos que levaram ao confronto, os resultados do protesto, etc. Percebemos também uma ausência de informações sobre o que havia acontecido nas outras cidades que participaram dos protestos. Pelo modo como o jornal tratou os assuntos relacionados aos protestos, nos deu a impressão que o *Barb*, ao cobrir o evento, partia do pressuposto de que as pessoas já sabiam de antemão o que tinha acontecido durante

²²⁵ *Berkeley Barb*, Berkeley, 22 de outubro de 1965.

os protestos, sendo a cobertura realizada muito mais interpretativa dos acontecimentos do que informativa. Duas das revistas de maior circulação nos Estados Unidos, demonstraram hostilidade em relação aos protestos. A revista *Life* classificou os manifestantes como “exibicionistas crônicos”, que erravam ao não perceber que “essa remota e cruel guerra era a última linha de resistência à democracia e à liberdade, e o destino dos Estados Unidos estava em jogo.” A revista *Time* publicou na semana seguinte aos eventos que o modo como os manifestantes²²⁶ se comportavam, confirmava um recente relatório do Subcomitê de Segurança Interna do Senado, que concluía “que o comando do movimento anti-Guerra do Vietnã tinha passado das mãos de elementos moderados, que antes o controlavam, para as mãos de comunistas e elementos extremistas que eram abertamente simpáticos ao Vietcong, e hostis ao Estados Unidos.”²²⁷

Nesses últimos meses de 1965 as discordâncias entre os liberais e os radicais continuavam presentes. Localizamos algumas tentativas de estabelecer alianças entre as duas linhas de pensamento dentro do movimento anti-Guerra do Vietnã. Um dos exemplos dessas tentativas de alinhamento ocorreu quando os liberais do SANE estavam organizando um grande protesto em Washington, anunciando a participação dos radicais na manifestação, mas os proibindo de levantarem a bandeira da “imediata retirada das tropas estadunidenses do Vietnã”. Como o SANE estava imbuído em tentar alcançar os grupos de esquerda, cedendo a algumas exigências dos radicais, bem como havia rumores que Martin Luther King Jr., estava pronto para liderar os ativistas pró-direitos civis em protestos abertamente antiguerra através do SANE e de outras organizações liberais relacionadas a ela, alguns grupos de ativistas radicais através do *National Coordinating Committee to End the War in Vietnam* (NCCEWVN), concordaram em acatar a proibição imposta pelo SANE e apoiar o protesto. A necessidade de organizar esse protesto, levou os liberais antiguerra a definir uma plataforma: o imediato fim dos bombardeios estadunidenses no Vietnã do Norte, um cessar-fogo militar e a abertura de negociações entre todas as partes envolvidas, incluindo o Vietcong. A manifestação ocorreu no dia 27 de novembro de 1965 reunindo cerca de 30 mil participantes que marcharam ao redor da Casa Branca e se dirigiram ao Monumento a Washington onde ouviram os discursos de Benjamin Spock, Norman Thomas, Coretta Scott King (líder do movimento pró-direitos civis e esposa de Martin Luther King) e Carl Oglesby (recém eleito presidente da SDS). A reportagem do *New York Times* sobre o evento dizia que ele havia sido “surpreendentemente sóbrio e contido” e

²²⁶ A revista *Time* usou termo “*Vietniks*” para se referir aos manifestantes.

²²⁷ DEBENEDETTI, op. cit., p.126.

que havia mais “crianças do que *beatniks*” e “mais famílias agrupadas do que grupos de cantores *folks*”²²⁸

Aproveitando a reunião do movimento antiguerra em Washington por ocasião do protesto, os liberais, vivenciando uma posição de protagonismo dentro do movimento, lançaram a *Nation Conference for a New Politics* (NCNP), a fim de buscar uma imediata renovação na confiança liberal na política eleitoral. Também participaram do lançamento do grupo alguns radicais da Nova Esquerda e outros simpatizantes dos liberais provenientes do SDS e do SNCC, bem como representantes do SANE. Os radicais também aproveitaram a ocasião do protesto em Washington para marcar a primeira convenção do *National Coordinating Committee to end the War in Vietnam* para Washington, entre os dias 25 e 29 de novembro. Segundo os ativistas, o comitê constituía uma tentativa de criar “um consciente movimento pacifista da esquerda.”²²⁹ Interessante notarmos que o *Barb* não fez nenhuma cobertura a respeito da manifestação do SANE em Washington, apesar de sua relevância e seu alcance nacional. A única menção publicada sobre algo relacionado a esse protesto foi uma nota que citava a ida de membros do VDC para Washington, durante os protestos, para participar dessa convenção. Esse fato pode ser usado como exemplo do quanto a cobertura das ações anti-Guerra do Vietnã, nessas primeiras edições do *Berkeley Barb*, estava ligada ao VDC.

Na convenção do NCCEWVN, foi decidida a realização de dois protestos em 1966, um no dia 12 de fevereiro, que tinha como alvo conectar o movimento antiguerra e o movimento pró-direitos civis, e o outro nos dias 25 e 26 de março, que seria a segunda edição dos “Dias de Protestos Internacionais”.

Notamos que nas edições publicadas nos dias 4, 11 e 18 de fevereiro de 1966, o *Barb* publicou uma série de três artigos, um em cada das edições, sobre a “crise do VDC”. Os artigos faziam um balanço sobre os primeiros meses da organização, seus acertos e falhas, além de propor planos para o futuro do grupo. Assim como o próprio *Berkeley Barb*, o VDC começou a se empenhar em promover a candidatura de Robert Scherr nas eleições primárias do Partido Democrata para a disputa da cadeira de Jeffery Cohelan na Câmara dos Deputados. Interessante percebemos que nesse momento, dentro do VDC, havia um racha entre aqueles que defendiam “uma ação militante para radicalizar a juventude” e aqueles que defendiam uma “maior organização no âmbito político, a fim de eleger ‘radicais’ para cargos públicos.” Em uma reunião em janeiro de 1966, cerca de duzentos apoiadores do VDC protagonizaram um debate a respeito dessa questão da oposição entre aqueles que defendiam um maior engajamento

²²⁸ WELLS, op. cit., p.18.

²²⁹ DEBENEDETTI, op. cit., pp.131-3.

político e os que propunham uma ação militante mais radical. O primeiro grupo achava necessário que o VDC se empenhasse na campanha para a indicação de Robert Scheer para a disputa parlamentar, a partir de uma plataforma radical antiguerra – entre os que sustentavam essa proposta estava Jerry Rubin. Os outros, principalmente aqueles ligados ao “*Independent Socialist Club*” e ao “*Young Socialist Alliance*” – dois grupos de vertente trotskista –, rechaçavam o apoio eleitoral a candidatos que não concorressem como socialistas. A maioria do VDC decidiu dar apoio eleitoral a Scheer. Além de Rubin, estavam entre os que defendiam o engajamento eleitoral, participantes dos clubes DuBois, comunistas e liberais. Mesmo com a maioria apoiando a candidatura, o VDC se dividiu. Os trotskistas e alguns independentes que não faziam parte de nenhuma vertente política, resolveram organizar ações diretas em nome do VDC. Pouco depois, os comunistas e os liberais acabaram deixando definitivamente o VDC para se dedicar somente à campanha de Scheer, o que deixou o grupo sob o controle e direção dos trotskistas. A partir de então, aos poucos, o VDC começou a se desintegrar.²³⁰

Na edição publicada dia 18 de março, havia uma nota anunciando o segundo evento dos “Dias de Protestos Internacionais” que ocorreria dias 25 e 26 de março de 1966. Na edição posterior a esses protestos, publicada no dia 1º de abril, havia uma pequena coluna cobrindo o evento, sem que houvesse maiores informações sobre a mobilização. O tamanho e o alcance da cobertura do *Barb* foram consideravelmente menores comparados aos das outras coberturas de protestos organizadas pelo VDC, sem que houvesse nenhuma imagem ou relato dos fatos que ocorreram. Outro fato notável é que as manifestações dos dias 25 e 26 são citadas sem que houvesse qualquer menção ao VDC, sendo que a divulgação dos protestos na edição do dia anterior afirmava claramente que o VDC seria o responsável pela organização das manifestações. Na cobertura, foi citado que as 7 mil pessoas marcharam em nome do “Comitê dos Dias de Protestos Internacionais” e não pelo VDC. Mais à frente, numa coluna não assinada intitulada: “O VDC está morto?”, havia uma declaração, que segundo o jornal, havia sido elaborada após uma reunião do VDC de Berkeley:

No final de semana passado, os “Dias de Protestos Internacionais” foram bem-sucedidos em escala mundial, em um grau muito maior do que os que ocorreram nos dias 15 e 16 de outubro. Na Ásia, grandes manifestações eclodiram, no Japão, durante o fim de semana, mais de 825 mil manifestaram-se contra a guerra dos EUA no Vietnã. O *New York Tribune* reconheceu que somente na cidade de Nova York, mais de 75 mil pessoas marcharam. Em Boston foram três mil, em Chicago cinco mil, em Los Angeles duas mil e em São Francisco oito mil.

Nós, em Berkeley, não podemos deixar de nos orgulhar de nossa contribuição ao Movimento. O exemplo dado pelo VDC, apesar de todos os seus defeitos,

²³⁰ RORABAUGH, op. cit., pp.98-9.

inspirou pessoas no mundo todo. Hoje existem VDCs - na verdade grupos que se autodenominam VDCs – não apenas de Vancouver à Los Angeles, mas também em Iowa e em lugares tão distantes quanto a Bélgica ou a Austrália. Não podemos deixar que os problemas e dificuldades de sustentar o VDC nos levem a simplesmente jogá-lo fora, como se fosse um fenômeno passageiro criado em Berkeley. O VDC de Berkeley tem sido simplesmente uma expressão do protesto contra a Guerra do Vietnã e, como tal, é parte de um fenômeno que ocorre em todo o país. O VDC não é uma resposta para todos os problemas. Não pode ser a forma organizacional de protesto para diversas outras questões, porque precisamente, ele teve êxito em nos unir em torno da questão do Vietnã e forneceu uma base de trabalho para pessoas que possuíam muitas abordagens diferentes à questão, e que se uniram em apoio à autodeterminação do Vietnã.

Vamos, neste espírito de unidade, tentar formatar o VDC para o longo prazo. Estruturá-lo de modo que ele possa funcionar efetivamente por um longo período de tempo. O VDC se faz necessário. Devemos entender suas limitações, mas não podemos negligenciar seu valor. A próxima reunião geral de associados será em 12 de abril, na Rua Wheeler, 11, às 7:30. Todos os que se opõem à guerra no Vietnã são bem-vindos.²³¹

Apesar de não deixarem claro na declaração, podemos inferir que os problemas internos do VDC – que acabaram levando a pouca representatividade do grupo nesse último protesto em Berkeley –, sejam resultados das divergências entre aqueles que defendiam e os que repudiavam o engajamento eleitoral do grupo. Pela dedicação do *Barb* na campanha pela candidatura de Robert Scheer e pela ligação do jornal com Jerry Rubin, podemos inferir que possivelmente Max Scherr se posicionou ao lado do grupo majoritário que iria dedicar-se à política eleitoral, em oposição à radicalização e à ação direta proposta pelos grupos trotskistas. Isso explicaria as poucas reportagens sobre manifestações antiguerra no primeiro semestre de 1966 (apesar do VDC, como movimento, continuar sendo pauta do jornal), em comparação com o grande número de notícias relacionadas à campanha eleitoral de Scheer. Dentre as poucas menções aos protestos antiguerra, na edição publicada no dia 15 de abril de 1966, localizamos pela

²³¹ “Last weekend the International Days of Protest succeeded on a world scale to a far greater degree than the Oct. 15 & 16 Days Of Protest. In Asia huge demonstrations broke out, in Japan over the weekend more than 825,000 demonstrated against U. S. war in Vietnam. The New York Tribune admitted that in New York city alone, over 75,000 people marched. In Boston 3,000, in Chicago 5,000, in L. A., 2,000 and in S. F. 8,000.

We in Berkeley cannot but be proud of our contribution to the Movement. The example of the VDC, in spite of all its shortcomings has inspired people all over the world. There are today VDC's - actually calling themselves VDCs, not only from Vancouver to L. A., but in Iowa and as far away as Belgium and Australia.

We cannot let the problems and difficulties of sustaining the VDC lead us to simply throw it away, as though it as a passing Berkeley phenomena. The Berkeley VDC has simply been an expression of the protest against the Vietnam war and as such it is part of the general phenomena throughout the country. The VDC is not an answer to all problems. It cannot be the organizational form for protest on many issues precisely because it has succeeded in uniting us around the question of Vietnam and provided a working basis for people with many different approaches to unite in support of self - determination for Vietnam.

Let us in this spirit of unity try to gear the VDC for the long haul. To structure it so that it can function effectively over a long period of time. There is need for the VDC. We must understand its limitations but we cannot neglect its value. The next general membership meeting is on April 12, in 11 Wheeler, at 7:30. All those opposed to the War in Vietnam are WELCOME.” **Berkeley Barb**, Berkeley, 01 de abril de 1966, p.6.

primeira vez uma divulgação a respeito da realização de um protesto antiguerra não organizado pelo VDC. Era uma nota sobre uma marcha organizada pelo tradicional CNVA que iria ocorrer no *campus* da Universidade da Califórnia em Berkeley, tendo como principal pauta o banimento do uso de napalm pelas forças militares estadunidenses no Vietnã. Em edições posteriores foram publicadas outras notas relacionadas a ações e protestos organizados pelo CNVA, mas sem que houvesse uma cobertura mais extensa.

Ainda na edição do dia 15 de abril, vemos também uma enorme cobertura a respeito da maneira com que a polícia de Berkeley desmobilizou uma pequena manifestação antiguerra realizada pelo VDC (figuras 20, 21 e 22). A cobertura focou a ação da polícia e não a manifestação em si. Com um teor de denúncia, o jornal mostrou a forma brutal que a polícia invadiu à sede do VDC. Sem mandato de busca, os policiais procederam prisões arbitrárias, além de ferir manifestantes. O jornal narrou também a ida dos manifestantes, como uma reação à ação policial, à sede da prefeitura de Berkeley, para protestar contra à polícia. Nessa mesma edição, havia uma reportagem falando sobre outro fato grave que ocorreu na sede do VDC: um atentado a bomba, que acabou não tendo nenhuma vítima mas que, a partir das palavras de um policial: “se a bomba tivesse sido colocada de maneira ligeiramente diferente, o edifício teria sido totalmente destruído e todo mundo que nele estivesse, estaria morto.”²³²

²³² “...if the bomb had been placed slightly differently, the building would have been totally destroyed and everyone in it killed.” **Berkeley Barb**, Berkeley, 15 de abril de 1966, p.5.



Figura 20: Primeira página da edição publicada no dia 15 de abril: Destaque para a manchete e a notícia no lado direito da página: “Novo estilo em Berkeley. Enfrentamento toma uma forma diferente. Esse é o novo contorno das coisas que estão por vir? Terça à noite marcou uma nova etapa no confronto entre o *establishment* americano e sua oposição radical. Pela primeira vez na história do movimento pacifista de Berkeley, as manifestações contra a Guerra do Vietnã desconsideraram completamente as restrições policiais de Berkeley. Um elemento dissidente da sociedade americana se recusou a cooperar com a estrutura de poder que faz e aplica as regras. A estrutura de poder decidiu que esse elemento dissidente tinha que ser confrontado e sufocado. O clima do confronto foi resumido por um espectador como "mais ódio de ambos os lados que eu já vi em qualquer manifestação". **Berkeley Barb**, Berkeley, 15 de abril de 1966, p.1.



Figura 21: Policiais na entrada da sede do VDC. **Berkeley Barb**, Berkeley, 15 de abril de 1966, p.2.

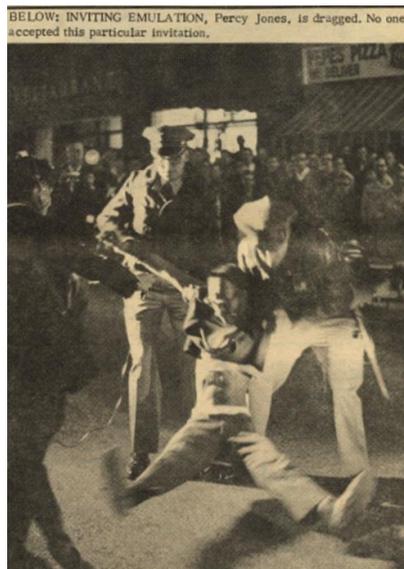


Figura 22: Manifestante identificado como Percy Jones, sendo arrastado por policiais de Berkeley. **Berkeley Barb**, Berkeley, 15 de abril de 1966, p.2.

Nas edições dos dias 6 e 13 de maio de 1966, o *Barb* voltou a anunciar um protesto ligado diretamente ao VDC, que iria ocorrer no dia 21 de maio, comemorando o aniversário de um ano da criação do grupo. Na edição do dia 27 de maio, após o protesto, foi escrito um artigo a respeito da manifestação, intitulado “Aniversário do VDC: frio e tenso”. Nele, havia uma comparação entre o número de participantes, estimado entre 500 e mil pessoas, com as 30 mil pessoas que participaram das manifestações um ano antes, logo após a criação no protesto “*Vietnam Day*” original. Interessante notarmos a reação de Jerry Rubin ao ser indagado pelo

Barb sobre o que ele pensava sobre “o primeiro aniversário de seu bebê (VDC)”. Ele respondeu: “prefiro não ser citado”. Outros ex-membros da direção do VDC, Paul Ivory e Moe Hirsch, também não quiseram se pronunciar sobre o protesto de comemoração ao aniversário citado.²³³ Considerando a proximidade do *Barb* com Jerry Rubin, podemos concluir que, ao mencionar a diminuição do tamanho das manifestações e transparecer um certo descontentamento desses ex-membros, principalmente de Rubin, o jornal estava enfatizando a já citada crise interna pela qual o VDC passava, apesar de estar completando um ano de existência.

Nos meses de junho e julho de 1966, só localizamos a cobertura de um protesto, que foi organizado pelo VDC e que ocorreu no dia 27 de julho. Na pequena notícia, destacava-se o fato de que não havia no local do protesto a presença da polícia e, por consequência, não havia tido casos de agressões ou prisões de manifestantes. Nessa publicação, também começou a divulgação dos protestos que iriam ocorrer entre os dias 6 e 9 de agosto, que corresponderiam a terceira edição dos “Dias de Protestos Internacionais” com a participação de diversos grupos, e, dessa vez, não havia menção a respeito da participação específica do VDC. O *Barb* publicou que “Pela primeira vez, todas as organizações pacifistas na área da Baía de São Francisco, cerca de quarenta em número, participarão de uma manifestação contra a Guerra do Vietnã. Isso acontecerá no sábado, 6 de agosto, dia de Hiroshima.”²³⁴ Notamos que além dessa nota divulgando o protesto, havia um anúncio sobre os protestos na parte do jornal dedicada aos anúncios pagos (figura 23).

²³³ **Berkeley Barb**, Berkeley, 27 de maio de 1966, p.3.

²³⁴ “For the first time, every peace organization in the Bay Area - about forty in number - will join in one all - out demonstration against the Vietnam war. This will happen on Saturday, August 6, Hiroshima Day.” **Berkeley Barb**, Berkeley, 29 de julho de 1966, p.1.

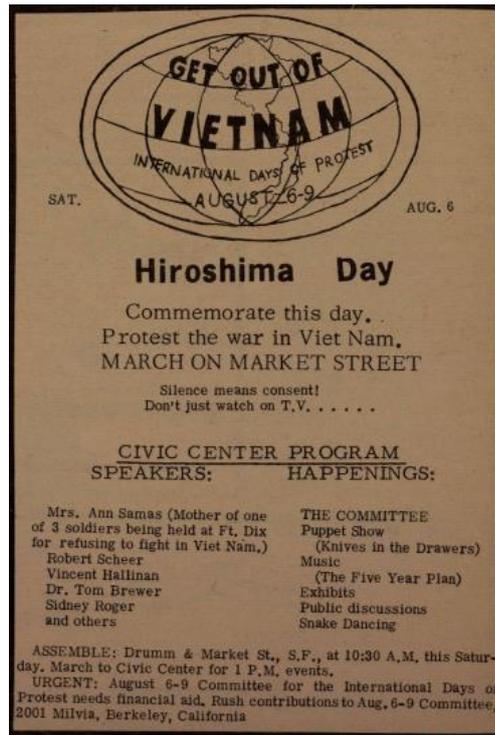


Figura 23: Anúncio divulgando os protestos que ocorreriam entre os dias 6 e 9 de agosto de 1966. **Berkeley Barb**, Berkeley, 05 de agosto de 1966, p.8.

A publicação da cobertura dos protestos ocorridos nesse terceiro “Dias de Protestos Internacionais” foi uma das mais abrangentes que analisamos até então. Percebemos que havia diversos relatos dos acontecimentos, feitos por repórteres a partir de distintos pontos de observação dos fatos, o que acabou dando uma sensação de uma cobertura mais completa, comparativamente àquelas que visualizamos nas edições anteriores. Muitos repórteres detalhavam os acontecimentos dando precisamente o local, a hora, o número de pessoas que estavam envolvidas no fato e, dependendo do caso, o número de manifestantes feridos ou de prisões realizadas pela polícia. Dentre os diversos protestos que ocorreram nesse “Dias de Protestos Internacionais”, o *Barb* focou principalmente na marcha que se dirigiu à Port Chicago, que ficava na Baía de Suisun – próximo à região da Baía de São Francisco –, onde se localizava uma instalação militar estadunidense, que servia como principal ponto de saída de armamentos que se direcionava ao Vietnã. As reportagens focaram a violência que, dessa vez, foi perpetrada pelos fuzileiros navais estadunidenses, responsáveis pela segurança do local. Os manifestantes tentavam bloquear a entrada da instalação militar a fim de impedir que os caminhões, que supostamente transportavam napalm, pudessem adentrar ao porto e, por consequência, impediriam também o envio do napalm ao Vietnã (figura 24). Foram trazidos em detalhes pela reportagem, os caso de prisões arbitrárias de manifestantes, aqueles que tinham sido feridos e,

principalmente, a brutalidade das autoridades que, segundo os depoimentos, tinha sido maior do que em protestos anteriores: “a polícia e os fuzileiros navais trouxeram a brutalidade da Guerra do Vietnã para Port Chicago”.²³⁵ O *Barb* destacou também a presença de vários contra manifestantes, que acabaram obrigando a polícia a se colocar no meio do protesto. Esses opositores às manifestações jogavam sacos de urina, pedras e pneus sobre os participantes do protesto. Os manifestantes que continuaram no local em vigília eram protegidos pelas forças policiais. Em um dado momento, esses policiais retiraram-se e os ativistas foram atacados, inclusive por grupos em que pessoas estavam “vestidas como nazistas”, o que acabou desmobilizando a maior parte dos manifestantes, apesar de que alguns ainda mantiveram a vigília por meses.



Figura 24: Primeira página da edição do *Berkeley Barb* publicada no dia 12 de agosto de 1966. No detalhe da fotografia, manifestantes que tentavam impedir a passagem dos caminhões que se dirigiam às instalações militares em Port Chicago são arrastados por policiais rodoviários e por marines. *Barb*, Berkeley, 12 de agosto de 1966, p.1.

²³⁵ “Police and marines brought home the brutality of the Vietnam war to Port Chicago.” *Barb*, Berkeley, 12 de agosto de 1966, p.1.

Apesar dos meses de agosto e setembro de 1966 terem tido um aumento das questões antiguerra, principalmente graças às ações em Port Chicago, nos meses de outubro e novembro não houve nenhuma cobertura relevante de protestos antiguerra. Em novembro, uma reportagem nos chamou a atenção pois ela noticiava uma “nova tática” adotada pelos grupos pacifistas antiguerra, que seria a de distribuir panfletos. A reportagem concluía que os ativistas que distribuía os panfletos haviam alcançado seus objetivos e que essa nova tática seria positiva aos esforços antiguerra. Vários porta-vozes de grupos afirmaram ao jornal que o movimento pacifista não havia abandonado os protestos em massa em favor da distribuição de panfletos, e sim que, conforme afirmou um dos líderes, “ambos os tipos de tática seriam valiosos” e que ele “gostaria de ver os dois tipos de tática combinados: um grande comício para levar as pessoas às ruas, seguido de uma grande distribuição de panfletos em massa”.²³⁶

Em dezembro as greves estudantis nas universidades acabaram atraindo a atenção do *Berkeley Barb*. Além disso, começamos a perceber uma presença maior de reportagens e artigos que cobriam o movimento negro, conforme sinalizamos no capítulo anterior. A tendência de diminuição da cobertura de protestos antiguerra que já era vista nas semanas anteriores, se consolida no mês de dezembro e também durante o início de 1967.

Como afirmamos anteriormente, assim como a cobertura do movimento antiguerra no *Berkeley Barb* estava intimamente ligada às ações organizadas pelo VDC, observamos também que a diminuição da cobertura em finais de 1966 e início de 1967, também coincide com a decadência da organização. Apesar do *Barb* tratar os problemas internos do VDC de maneira colateral, sem expressar o quão grave esses problemas realmente eram, alguns autores consideram que o grupo já estava em uma crise muito profunda desde abril de 1966, no momento em que foi colocada a bomba em sua sede. O VDC não tem uma data de registro precisa que determinaria quando a organização encerrou as suas atividades. Muitos consideram o insucesso do *teach-in* de maio de 1966 como o evento símbolo do fim do grupo. As contendas internas que já citamos, a desmobilização de alguns dos seus principais líderes (como por exemplo Jerry Rubin, que passou a concentrar seus esforços na formação do *Youth International Party*), o banimento do grupo de dentro da Universidade da Califórnia em Berkeley (a partir do argumento de que a maioria de seus participantes não estudavam na universidade), a formação de novas coalizões, como por exemplo o *National Mobilization Committee to End the War in Vietnam* (que também contava, em princípio, com a atuação de Jerry Rubin), e a participação de grupos ligados aos movimentos dos direitos civis, com maior alcance nacional e com, maior

²³⁶ **Berkeley Barb**, Berkeley, 11 de novembro de 1966, p.10.

experiência na organização de manifestações e na atuação política direta do que o *Vietnam Day Committee*, fizeram com que o VDC perdesse seu apelo inicial o levando, ao poucos, mas de maneira constante, ao desaparecimento²³⁷.

Teach-ins, marchas e campanhas eleitorais não podiam sustentar um grupo radical. Em maio, apenas mil pessoas compareceram ao *teach-in* que marcava o primeiro aniversário do *Vietnam Day*. Jerry Rubin concluiu "Eu acho que o VDC pode ter chegado ao fim."²³⁸

3.4.2 – 1967 – A articulação dos grandes protestos nacionais, as campanhas anti-recrutamento e o crescimento contracultural

No dia 2 de setembro de 1966, a revista *Time* publicara um editorial dizendo que “a extrema oposição” à guerra “havia se tornado menos estridente”, com os grupos de protesto dos *campi* universitários agora “menos barulhentos. “O fato é”, argumentavam eles, “que muitos membros do movimento de protesto dos Estados Unidos, que apenas recentemente foram capazes de produzir ruídos de descontentamento no Congresso, em igrejas e em *campi* em todo o país, começaram a perder o ânimo.”²³⁹ Ao mesmo tempo em que havia uma desmobilização do movimento antiguerra, o movimento negro pró-direitos civis, começava a alçar às pautas relacionadas à oposição à Guerra do Vietnã para uma posição de maior protagonismo dentro de suas atividades. Em julho de 1966, o conselho nacional do CORE, pedia:

a imediata retirada dos Estados Unidos do Vietnã e o SNCC incitava os afro-americanos a se “organizarem em busca do poder” e a evadir-se do serviço militar no Vietnã (uma posição que o SDS concordava). O recrutamento, declarava Stokely Carmichael, não era nada mais do que “pessoas brancas enviando pessoas negras para guerrear contra pessoas amarelas, para defender a terra que eles haviam roubado das pessoas vermelhas.”²⁴⁰

A participação dos grupos pró-direitos civis junto ao movimento antiguerra aumentou de maneira considerável a partir do momento em que, no dia 4 abril de 1967, Martin Luther King Jr. declarou publicamente sua oposição à Guerra do Vietnã, em seu discurso nomeado como “um momento para quebrar o silêncio.”²⁴¹ Anteriormente, Martin Luther King já havia expressado sua contrariedade em relação à interferência estadunidense no sudeste asiático, mas não tinha marcado uma posição clara ou mesmo focado o seu ativismo para essa questão.

²³⁷ Para mais informações sobre a dissolução do *Vietnam Day Committee*, ver: LOWE, Michael. *Radical Action and a National Antiwar Movement: The Vietnam Day Committee*. In: **Western Illinois Historical Review**. Vol. IV, Spring 2012.

²³⁸ BATTERSON, Steve. **Stephen Smale**: the mathematician who broke dimension. Providence: American Mathematical Society, 2011, p.123.

²³⁹ HALL, op. cit. 2012, p.20.

²⁴⁰ DEBENEDETTI, op. cit., p.158.

²⁴¹ HALL, op. cit. 2012, p. 22.

No mesmo período em que havia essa aproximação entre as pautas pró-direito civis e antiguerra, ocorreria uma maior cisão entre os radicais políticos e os culturais dentro do Movimento. Um dos fatos símbolos dessa divisão ocorreu durante o “Encontro das Tribos” no Golden Gate Park, em que parte dos radicais contraculturais tiveram como “atitude” de oposição à guerra, “declarar o fim da guerra” e nada mais, como se o fato de proclamar que a guerra acabara, definiria que o real fim dela estaria consumado. Essa, assim como outras atitudes que ocorreram durante o evento por parte dos ativistas culturalmente engajados, acabaram por irritar demasiadamente os radicais políticos, assim como os ativistas antiguerra que participavam do protesto. O movimento pacifista organizado e ativo percebeu que não teria espaço dentro do *modus operandi* contracultural.

Em abril de 1967, seria organizado o primeiro protesto antiguerra de abrangência nacional em que haveria uma maciça participação do movimento pró-direitos civis. Não tivemos acesso às edições do *Berkeley Barb* subsequentes ao evento (que possivelmente trouxeram a cobertura do protesto citado), mas, devido à importância dele e também pela cobertura dos preparativos realizada pelo jornal, julgamos necessário a sua inclusão em nossa análise. Esse protesto foi anunciado primeiramente na edição do *Berkeley Barb* publicada no dia 3 de fevereiro de 1967, divulgado como “as maiores ações antiguerra”, apresentando como organizador, o *Spring Mobilization Committee to End the War in Vietnam* (SMCEWV), que havia sido criado com “o intuito de juntar todo o movimento antiguerra em uma ação que seria comparada com a marcha em Washington pró-direitos civis ocorrida em 1963.”²⁴² Posteriormente ao protesto, a organização passaria a chamar-se *National Mobilization Committee to End the War in Vietnam* (também conhecido como “The Mobilization” ou MOBE), que acabou tendo vultuosa participação nas principais mobilizações antiguerra até 1969. Inicialmente, o comitê, ainda preparando-se para o protesto de abril de 1967, reuniu diversos dos tradicionais pacifistas antiguerra, liberais e radicais, bem como figuras da Nova Esquerda e do movimento negro. Entre os envolvidos estavam A. J. Muste – que acabara vindo a falecer em fevereiro de 1967 –, Dr. Spock, representantes do SANE, David Dellinger, além de Jerry Rubin e de Martin Luther King Jr.

Nas edições de março e de abril de 1967, o *Barb* trouxe notas e anúncios pagos com as informações do evento. Em algumas dessas notas, havia a comunicação de serviços ligados à manifestação, como endereço dos comitês organizadores e telefones úteis. Especificamente na edição do jornal publicada no dia 17 de março verificamos uma notícia em que Clare Fraenzl,

²⁴² DEBENEDETTI, op. cit., p.174.

um das líderes da divisão oeste do *Spring Mobilization Committee to End the War in Vietnam* havia procurado o *Barb* para denunciar o jornal tradicional da cidade, *Berkeley Gazette*, por estar deliberadamente tentando desqualificar o protesto do dia 15 de abril, difamando o movimento. Fraenzl enfatizou que o SMCEWV não era comandado exclusivamente por “esquerdistas e comunistas”, como o *Berkeley Gazette* havia inferido, e os protestos não buscavam trazer “perturbação ao *campus*”, como o *Gazette* também havia afirmado. A ativista ressaltou que nenhuma greve havia sido planejada para nenhum dos 75 *campi* de universidades que estariam participando dos protestos e as organizações responsáveis pelas manifestações tinham uma política inclusiva em que todos eram bem-vindos a participar da mobilização.²⁴³

A “Mobilização da Primavera” (como foi nomeado os protestos) de São Francisco iniciou-se com cerca de 30 mil manifestantes, chegando ao final da tarde com cerca de 75 mil. Até então, teria sido um recorde em número de pessoas para um protesto antiguerra na costa Oeste dos Estados Unidos (a Mobilização da Primavera em Nova York, teve em torno de 200 mil manifestantes).

A marca desses protestos foi a heterogeneidade dos seus participantes. “Um jornalista notou que o movimento pró-direitos civis estava ‘visivelmente mais representado do que antes’.²⁴⁴ Uma ativista do WSP declarou que ficou espantada pelos elementos diferentes que o protesto pacifista conseguiu reunir, incluindo negros, brancos, *hippies*, membros de igrejas, crianças, avós, militares veteranos e simpatizantes do Vietcong.²⁴⁵ Foi após esses protestos que o crítico social Max Lerner colocou a Guerra do Vietnã como

uma guerra de três frentes: a batalha da opinião pública nos Estados Unidos, a batalha de pacificação no Vietnã do Sul e a luta relacionada às atitudes sino-soviéticas a respeito dessa guerra. [...] A guerra estava voltando-se para casa, sendo disputada no centro político do país. As manifestações de abril deram aos cidadãos um espaço para que eles mostrassem sua insatisfação: as multidões de centenas de milhares eram uma resposta legítima do povo, que os ativistas estimularam, mas jamais poderiam ter forçado.²⁴⁶

Nas edições posteriores aos protestos de março, notamos a diminuição do espaço voltado às ações do movimento antiguerra. As poucas notícias que eram publicadas sobre o assunto, se referiam às iniciativas anti-recrutamento que aumentavam dentro dos grupos que se opunham à Guerra do Vietnã. O assunto geralmente era tratado em pequenas notas, sem

²⁴³ **Berkeley Barb**, Berkeley, 17 de março de 1967, p.3.

²⁴⁴ HALL, op. cit. 2012, p.24.

²⁴⁵ DEBENEDETTI, op. cit., p.176.

²⁴⁶ Ibid.

imagens (figura 25), que, em muitas vezes, serviam para anunciar as próximas ações dos grupos envolvidos.

DOLLARS FOR PEACE FROM...??
 Money for peace? From the...
 (Text continues with details about a peace fund and its goals.)

KING NEARER TO STOKELY?
 By Lee Finkelman...
 Martin Luther King...
 (Text discusses the relationship between King and Stokely Carmichael.)

Anti-Draft Actions

OAKLAND
 The Oakland Draft Board has a new...
 (Text reports on draft board activities in Oakland.)

SANFRAN
 SAN FRANCISCO...
 (Text reports on draft board activities in San Francisco.)

TO DISCUSS FUTURE OF CNP
 The National Council for the...
 (Text mentions a meeting to discuss the future of the CNP.)

MOTHERS' PEACE, MAIL MARCH MINOR MARVEL
 The mothers were...
 (Text describes a mothers' peace march.)

IRV'S SHOE REPAIR
 CUSTOM SANDALS
 2400 Telegraph Avenue
 Berkeley, Calif.
 736-2222

FABULOUS BEADS AND OTHER THINGS
 STEPHEN JEWELRY
 13 SHATTUCK SQUARE
 841-4808

bob jefferson
 CONTEMPORARY JEWELRY
 LEATHER BAGS
 CUSTOM SANDALS
 2400 TELEGRAPH BLVD., BERKELEY, CALIF. 94704

Figura 25: Página 6 da edição do Berkeley Barb publicada no dia 19 de maio de 1967. Exemplo do modo como eram publicadas as ações anti-recrutamento: detalhe na parte de baixo, à direita, para a manchete “Anti-Draft Actions”, com duas colunas, uma sobre os acontecimentos de Oakland e a outra de São Francisco.

A edição publicada no dia 26 de maio continha uma reportagem anunciando um encontro no qual iria ser discutida a organização de uma série de protestos que aconteceria durante o período de verão (no hemisfério norte) denominado “Vietnam Summer”. Assim como na mobilização da primavera, foi ressaltada a heterogeneidade dos participantes, sendo citada como parte da organização do protesto a unidade anti-recrutamento do SDS, além de comissões

anti-recrutamento do SNCC e também a *Alliance for Black Unity* (ABU). A Conferência de imprensa que anunciou o *Vietnam Summer*, havia ocorrido no dia 23 de abril, contando com a presença de Martin Luther King, Benjamin Spock e Robert Scherr. A conferência anunciou planos para “um verão de intensa organização comunitária”, tendo como alvo “os americanos silenciosos” que estava “profundamente preocupados com a guerra”.²⁴⁷ Além disso, mais uma vez, se buscava unir os pacifistas antiguerra liberais e os radicais. Na mesma edição, também era anunciada a realização de uma marcha em Washington no mês de outubro, que buscava reunir um milhão de pessoas. A MOBE, ao optar por essa mobilização de um milhão de pessoas, deixa claro a sua escolha por priorizar a realização um protesto de massa centralizado, ao contrário do *Vietnam Summer* que apostava em várias mobilizações locais menores.

O *Vietnam Summer*, teve uma cobertura discreta dentro do *Berkeley Barb*. Mesmo assim, os protestos que ocorreram dentro do evento conseguiram alcançar números expressivos. Simon Hall ressaltou a dificuldade de alinhamento de grupos e pessoas de vertentes ideológicas distintas que acabou ficando explícito durante o *Vietnam Summer*:

... o *Vietnam Summer* ilustrou as dificuldades de organizar as bases. Concebida como uma coalizão ampla (apoiada por grupos que cobriam o amplo espectro [do movimento] antiguerra, incluindo o AFSC, o SANE, o SNCC e elementos do SDS), as disputas ideológicas frequentemente resultavam em lutas políticas – uma vez que liberais e radicais discordavam sobre uma série de questões (incluindo se fariam campanha para a retirada imediata ou negociações, ou se apoiariam a resistência ao recrutamento). Além disso, a organização era um trabalho árduo (um voluntário reclamou que era "extremamente difícil") e os resultados eram frequentemente menos imediatamente visíveis do que quando se realizava uma manifestação em massa; de fato, alguns ativistas questionavam se seus esforços faziam alguma diferença.²⁴⁸

As edições publicadas nos dias 6 e 13 de outubro anunciavam a marcha em Washington, que já começava a ser referida como “marcha no Pentágono” ou “protesto no Pentágono”, pois seria organizado um massivo *sit-in* na área do prédio do Pentágono em Washington, em uma planejada ação não-violenta contra a guerra. As manifestações anti-recrutamento, que eram noticiadas em praticamente todas as edições do *Barb* que examinamos a partir de junho de 1967, juntamente com a expectativa da grande marcha em Washington, marcada para outubro do mesmo ano, colocavam novamente a questão antiguerra na ordem do dia no *Berkeley Barb*. Outra ação que estava dentro desse contexto, organizada na região da Baía de São Francisco e marcada para a semana anterior ao protesto de Washington foi a *Stop the Draft Week*, que tinha

²⁴⁷ HALL, op. cit. 2012, p.27.

²⁴⁸ Ibid. p.27-8.

como pauta o anti-recrutamento. Na reportagem do *Barb* sobre o *Stop the Draft Week* dizia-se que a meta do protesto seria fechar fisicamente o Centro de Recrutamento de Oakland, a partir da reunião de um número grande de pessoas no local, o que impediria o centro de recrutamento de abrir suas portas.

Na edição do dia 13 de outubro também percebemos, em um dos fatos reportados pelo *Barb*, uma atitude que ia em uma direção contrária aos caminhos que o movimento antiguerra estava tomando desde finais de 1966. Na última hora, a SNCC resolveu não participar dos eventos da *Stop the Draft Week* e, no mesmo dia, decidiram por organizar um protesto próprio. As razões dessa mudança partia do fato de que o centro de recrutamento de Oakland ficava no limite entre o centro da cidade e o chamado “gueto” da cidade de Oakland, onde a grande maioria dos moradores eram negros. Segundo o SNCC, a organização gostaria de participar das ações, mas não queria causar enfrentamento com a polícia, uma vez que qualquer confronto poderia servir como justificativa para a polícia agir de maneira violenta contra a população negra. Nessa edição havia também uma pequena agenda com os eventos que aconteceriam naquela semana, os locais e os respectivos horários, deixando claro o intuito de divulgação do evento (figura 26).

TIMETABLE	
<p>FRIDAY, OCTOBER 13 Anti-war Rock Rally, Lower Sproul Plaza, UC, with bands, lights. 8 pm to 1 am.</p> <p>MONDAY, OCTOBER 16 A. Civil Action Day Committee. 6 a.m. Non-violent sit-in at the Oakland Induction Center (15th and Clay Streets). 6 a.m. - noon. Support demonstration for those who sit-in. 12:30 - 1 pm. Transporting demonstrators from Oakland Induction Center to Federal Building in S.F. Civil Action Day joins with Resistance in anti-war demonstrating. B. The Resistance 10 a.m. - noon. Cars leaving from Durant Dana St., Berkeley will transport demonstrators to S.F. 12 - 1:00 p.m. Rally, Federal Court Building 450 Golden Gate, San Francisco. 1 p.m. mass handing-over of draft cards to Federal Marshall. Demonstration by Civil Action Day Committee and Resistance. 8 pm Rallies: Defremery Park, Oakland -- designed for Blacks, Provo Park, Berkeley -- designed</p>	<p>for whites.</p> <p>TUESDAY, OCTOBER 17 12 midnight - 5 a.m. Demonstrators to spend night at Fruitvale United Church of Christ, Fruitvale and E. 16th St., Oakland or St. Phillip's Lutheran, 42nd and Grove, Oakland. Also Pauley Ballroom, UC student Union Building - Teachin; organizational meetings. 4 a.m. Demonstrators willing to risk almost certain arrest will begin picket of the induction center. When doors open at 6 a.m. they will sit-in. 5 a.m. Bulk of demonstrators move via car and bus to assembly points at 11th and Jefferson. 5:15 a.m. Demonstrators begin moving with monitors in groups of 200 to induction center. 6 a.m. Demonstrators block induction center by sitting in at entrances and around buses. Support demonstration for those not wishing to risk arrest will include a picket of City Hall, a block from induction center.</p>

Figura 26: Agenda dos eventos programados para a *Stop the Draft Week*. *Berkeley Barb*, Berkeley, 13 de outubro de 1967, p.3.

A cobertura realizada pelo *Berkeley Barb* do *Stop the Draft Week* foi a maior realizada pelo jornal, superando mesmo os protestos da época em que o *Vietnam Day Committee* tinha presença constante no jornal. Dentre as razões que podemos considerar como justificativas para uma melhor cobertura do *Stop the Draft Week* devem ser ressaltadas que, em 1967, o *Barb* havia experimentado um grande crescimento e possuía uma maior capacidade de produzir um material jornalístico mais bem concebido tecnicamente falando, se comparado às primeiras edições publicadas em 1965 e 1966. A experiência de Max Scherr e dos jornalistas do *Barb*, o crescimento do jornal em vendagem e, conseqüentemente, a maior entrada de dinheiro resultante, juntamente com a maior capacidade de impressão de edições coloridas e de fotografias, também davam ao jornal a possibilidade de ter uma cobertura de maior vulto em relação às primeiras edições. A *Stop the Draft Week* iniciou-se na segunda-feira, dia 16 de outubro de 1967 com manifestações pacíficas e não violentas na entrada do centro de recrutamento de Oakland. A maioria dos que estavam lá protestando era composta por manifestantes religiosos. Cerca de 124 pacifistas foram presos, de maneira silenciosa, sem confronto com a polícia. Entre os presos estava a célebre cantora *folk* e ativista Joan Baez que acabou permanecendo detida por cerca de um mês (nesse período, Martin Luther King visitou Baez na prisão). Na terça-feira, dia 17, entre dois e quatro mil manifestantes tentaram bloquear a entrada do centro de recrutamento. Algumas centenas de policiais de Oakland, usando equipamento completo para enfrentamento de revoltas foram de encontro com os manifestantes. Muitos acabaram espancados pela polícia sendo feridos enquanto outros foram presos. O tradicional jornal da cidade *Oakland Tribune* observou: “A rua estava manchada de sangue, de cacos de vidro e de roupas rasgadas”²⁴⁹ Na quarta-feira e na quinta-feira, alguns manifestantes se reuniram nas proximidades do Centro de Recrutamento de Oakland, mas sem grandes conflitos ou violência. Na sexta-feira, último e principal dia das manifestações, cerca de 10 mil manifestantes se deslocaram para as imediações do centro de recrutamento, onde eram esperados por cerca de 2 mil policiais, muitos deles eram “‘vice-xerifes’, mal treinados, mal orientados e indisciplinados, ‘civis patrióticos, que trabalhavam somente durante emergências. Alguns eram pouca coisa melhores do que bandidos’”²⁵⁰.

Quando a polícia bloqueou o acesso ao centro de recrutamento, os manifestantes se dirigiram à área comercial do centro de Oakland, causando tumultos das 5 até às 10 horas da manhã. Os manifestantes, ainda irritados com o espancamento da polícia ocorrido na terça-feira, resolveram bloquear a passagem da polícia; cortaram pneus de veículos, empurraram carros para bloquear os cruzamentos e esvaziaram pneus dos ônibus da cidade. Slogans

²⁴⁹ RORABAUGH, op. cit., p.117.

²⁵⁰ Ibid.

eram pintados nas paredes e pregos eram espalhados pelas ruas. Por várias horas o centro da cidade ficou paralisado. As táticas adotadas pela polícia não ajudaram a melhorar a situação. Eles se concentravam em prender os monitores do protesto que usavam braçadeiras. Eles não tinham nenhum plano para dispersar uma multidão que não possuía liderança. Em alguns momentos a polícia avançava sobre os manifestantes pelas ruas, e depois, subitamente, recuava. [...] Embora ninguém tenha sido morto, todo o evento parecia uma batalha militar.²⁵¹

As edições do *Berkeley Barb* publicadas nos dias 20 e 27 de outubro trouxeram toda a cobertura dos fatos citados acima. Com diversas reportagens assinadas, o jornal apresentou muitos relatos dos acontecimentos da *Stop the Draft Week* que ocorreu entre os dias 16 e 20 de outubro. Especificamente na edição publicada no dia 20 de outubro, das suas 16 páginas, excluindo-se duas que se dedicavam especificamente aos anúncios classificados, nove delas traziam reportagens ou artigos relacionados ao evento. A primeira página, trazia uma composição impactante de duas fotografias com imagens de policiais prontos para o enfrentamento acima e os manifestantes na expectativa de um confronto (figura 27). É primordial considerarmos, ao analisar a cobertura do evento e o modo como as notícias foram colocadas no jornal, que o dia de publicação da edição coincidiu com o último dia das manifestações, em que já havia a expectativa de ser o maior dos protestos. Assim sendo, podemos inferir, conforme o modo como ocorria a venda do *Barb* nas ruas, que a edição foi preparada também como o intuito de chegar às mãos dos manifestantes e informá-los dos fatos que haviam ocorrido até então, bem como estimulá-los a participar das ações que aconteceriam naquele dia.

²⁵¹ Ibid., pp.117-8.

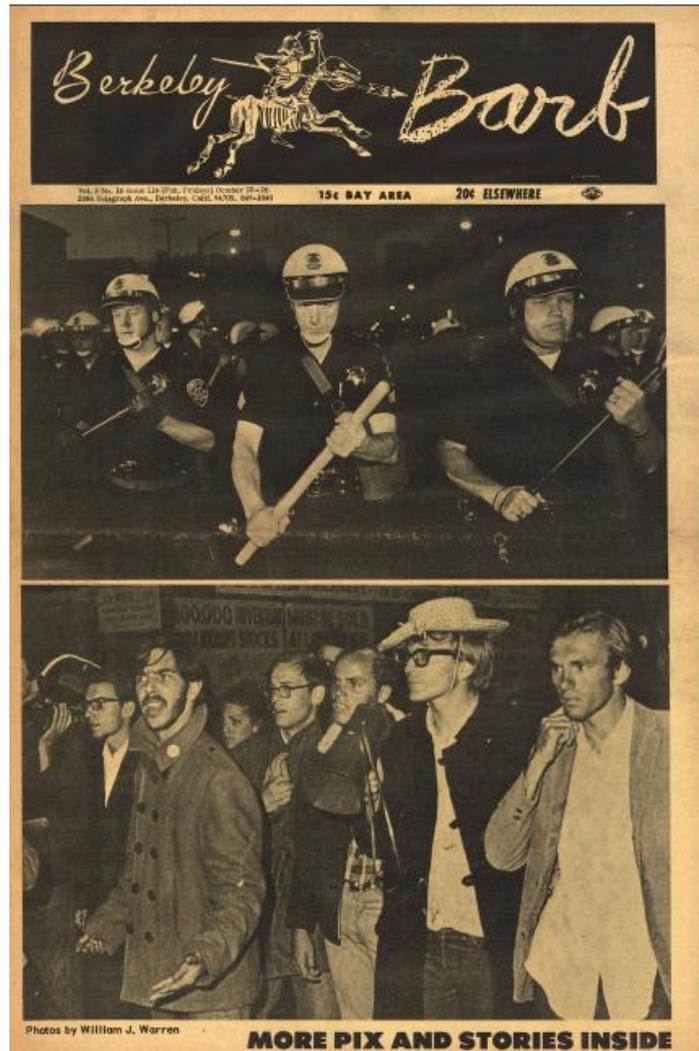


Figura 27: Primeira página do *Berkeley Barb*, edição publicada no dia 20 de outubro de 1967. Policiais e manifestantes antes do enfrentamento que ocorreu durante os protestos da *Stop the Draft Week*.

Grande parte das reportagens sobre a *Stop the Draft Week* foram escritas em primeira pessoa, ressaltando que aqueles que estavam escrevendo haviam estado presentes de maneira ativa nos protestos daquela semana. Os fatos eram narrados de maneira a passar uma proximidade com o leitor, uma certa cumplicidade como entre o emissor e o receptor da notícia, pressupondo, muitas vezes, que ele também havia participado dos eventos daquela semana, ou, caso não tivesse participado, teria uma elevada simpatia por aqueles que lá estiveram. Muitas das reportagens chamavam atenção para a brutalidade policial, como a escrita pelo repórter Russell:

Até o ato de resistência ao recrutamento do dia 17 de outubro, eu pensava que “brutalidade policial” era um fenômeno restrito a lugares como a América Latina e a França. Mas depois de ter os cacetetes dos “homens mais requintados de Oakland”, que balançavam descontroladamente, terem por pouco errado a minha cabeça, e ter vistos esses cacetetes batendo na cabeça de jovens homens e mulheres que não ofereciam qualquer resistência, eu sei

que nossos policiais são tão merdas quanto quaisquer outros no mundo. Só agora eu entendo os homens do *Black Power* que dizem: “Armas, não palavras” - eles tiveram que lidar com esses porretes de merda a vida inteira.²⁵²

Essa relação de cumplicidade e o caráter participativo dos repórteres podem ser exemplificados nessa reportagem em que há o relato de um dos repórteres do *Barb* que foi vítima da “clave”, a arma de gás lacrimogênio da polícia (figura 28):

“Paz! Paz!” Um padre implorava aos estudantes. Em pé, no meio, entre eles e uma sólida linha formada pela polícia de Oakland, na terça-feira de manhã, no Centro de Recrutamento de Oakland, ele pedia que os estudantes falassem de amor.

“Você quer dizer que nós temos que amar esses bastardos?” Um aluno perguntou.

Outros também estavam fazendo a mesma pergunta, incluindo representantes da imprensa e das redes de TV que enfrentaram dois dias de “cuidados amorosos” dos policiais.

Oito casos foram apresentados como queixas na cidade de Oakland e na Patrulha Rodoviária da Califórnia, devido aos ataques com gás lacrimogênio e à perseguição aos meios de comunicação. [...]

Um repórter do BARB também foi agredido com a “clave”, a arma de gás lacrimogênio. Vestido em seu terno (ele é vendedor), tudo o que ouviu mais alto do que os gritos, foram dois assobios e foi imediatamente cegado.

O gás também queimou sua pele e o deixou tonto e enjoado. Ele foi ajudado por dois estudantes que ofereceram seus lenços e foram tentar conseguir água. Dez horas depois, a náusea passou, mas os olhos continuavam irritados. Aparentemente, o policial ocultou a arma na palma da mão e esguichou diretamente nos olhos dele.²⁵³

²⁵² “Until the Oct. 17 draft resistance, I thought “police brutality” was a phenomenon restricted to places like Latin America and France. But after having the wildly swinging clubs of Oakland’s Finest barely miss my head, and seeing those clubs slamming into the heads of unresisting young men and women, I know our cops are as crappy as any in the world. Only now do I understand the Black Power men who say “guns, not words” -- they’ve had to put up with this club-swinging bullshit all their lives.” **Berkeley Barb**, Berkeley, 20 de outubro de 1967, p.2.

²⁵³ “ ‘Peace! Peace!’ A priest was imploring the students. Standing between them and a solid phalanx of Oakland Police Tuesday morning at the Induction Center at Oakland, he asked the students to speak of love. ‘You mean we got to love these bastards?’ A student asked.

Others are asking the same question, too, including representatives of the press and TV networks who faced two days of tender loving care from the cops.

Eight cases are filed in complaints with the city of Oakland and the California Highway Patrol over tear-gas attacks and harassment of the communications media. [...]

This BARB reporter also was single-out for attack with ‘Mace’, the tear-gas gun. Dressed in his usual business-suit (he is a salesman), all he heard above the shouting was two sharp hisses and was immediately blinded. The gas also burned into the skin and made him dizzy and nauseated. He was helped to the side by two students who offered their handkerchiefs and went to get water.

Ten hours later, the nausea is gone but the eyes still sting. Apparently, the police conceal this gun in the palm of their hand and squirt it directly into the eyes. **Berkeley Barb**, Berkeley, 20 de outubro de 1967, p.2.

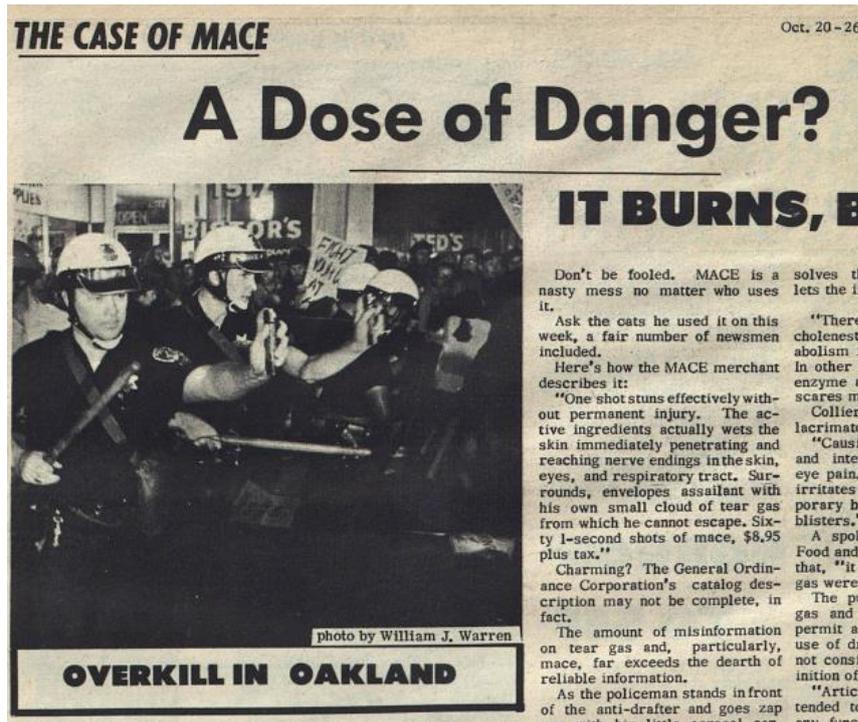


Figura 28: Policiais utilizando a arma de gás lacrimogênio contra os manifestantes e, eventualmente, atingiram também os repórteres que estavam no local, conforme relatado no *Barb. Berkeley Barb*, Berkeley, 20 de outubro de 1967, p.5.

A maioria das reportagens e depoimentos buscava comover e criar uma empatia ao leitor:

A pior coisa é ver os cacetetes subirem e descerem uma vez e de novo, sobre um manifestante que estava caído. Se você vê de longe, você fica com raiva o suficiente para matar, literalmente. Mas se você estiver perto o suficiente para ouvir os gritos e para ver o ódio nos rostos dos policiais, você pode ficar com tanto medo ao ponto de ficar estático. Então você se sente desamparado, paralisado, finalmente enojado de si mesmo e de tudo ao seu redor. A polícia deixa você enojado, devido ao que eles fazem; mas também porque você sabe que eles são humanos como você, e que o que eles fazem qualquer um poderia ter aprendido a fazer.

E você não fez nada para detê-los.

Vi uma garota, Lisa Mandel, ensanguentada e inconsciente, sendo espancada por cinco policiais, porque ela teve a coragem de lembrá-los que eles eram cristãos.

Eu vi um homem, Herbert Jensen, ter a sua cabeça aberta em duas por um cacetete. Ele nem mesmo era um manifestante antiguerra; mas ele recusou-se a ser empurrado para fora de uma cabine telefônica onde ele estava fazendo uma ligação. Ele pensou que vivia em um país livre. Arranjei um médico para ele e ele disse para mim: "Lutei na Coréia e contra os alemães. Fui ferido no quadril e no pescoço. Tenho três medalhas. Agora me responde a esta pergunta: Por que diabos eu lutei?"²⁵⁴

²⁵⁴ "The worst thing is to see the billy clubs rise and fall time and again over the body of a fallen protestor.

Outro fato que marcou a cobertura desses protestos, conforme pudemos perceber já na própria primeira página da edição, foi o uso mais abrangente das imagens. A narrativa contada através da imagem estava presente na primeira página e também nas páginas centrais do periódico, sendo organizadas na forma de um resumo dos acontecimentos nos protestos que tinham acontecido até então (figura 29).

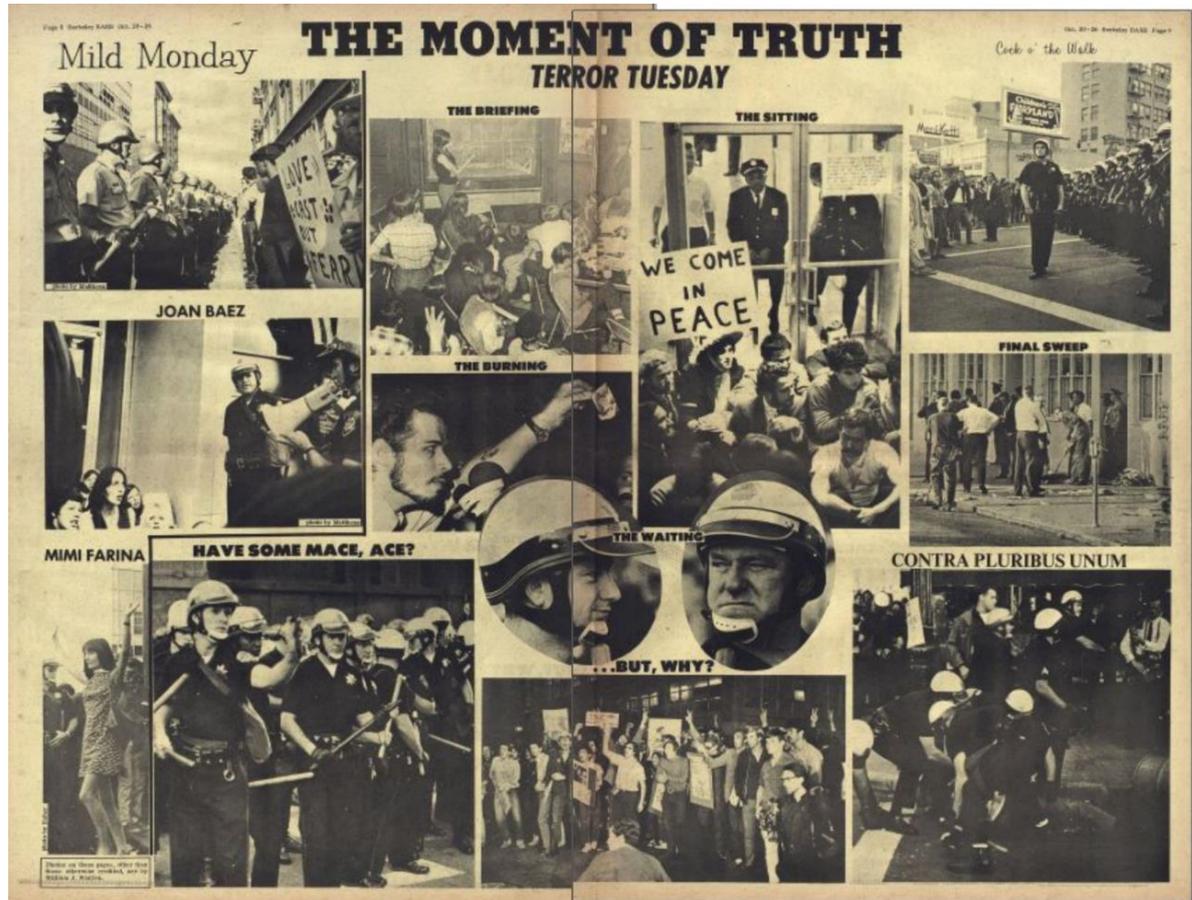


Figura 29: Fotografias que retratavam os acontecimentos da *Stop the Draft Week* até aquele momento. **Berkeley Barb**, Berkeley, 20 de outubro de 1967, pp. 8- 9.

If you see it from far away, you get angry enough to kill, quite literally. But if you are near enough to hear the screams and to see the hate on the faces of the cops, you might get too afraid to move.

Then you feel helpless, paralyzed finally just sick with yourself and with everything around you. The police make you sick, because of what they do; but also, because you know that they are human just like you, and that what they do anyone might have learned to do.

And there was nothing that you did to stop them.

I saw a girl, Lisa Mandel, beaten bloody and senseless by five police, because she had had the courage to remind them that they were Christians.

I saw a man, Herbert Jensen, get his head split open with one blow from a night stick. He was not even a war protester; but he refused to be pushed out of a phone booth where he was making a call. He had thought that he lived in a free country.

I got him a doctor, and he told me, 'I fought in Korea and against the Germans. I got wounded in the hip and in the neck. I got three medals. Now you answer this question for me: What the hell did I fight for?'" **Berkeley Barb**, Berkeley, 20 de outubro de 1967, p.6.

Além dos acontecimentos do último dia dos protestos da *Stop the Draft Week*, a edição publicada no dia 27 de outubro de 1967 também trazia a cobertura da “marcha no Pentágono” em Washington, citada e anunciada anteriormente no *Barb*. Interessante notarmos que, apesar do protesto em Washington ter sido mais relevante nacionalmente falando e mesmo essa edição tendo sido publicada uma semana após os fatos da *Stop the Draft Week*, essa edição possuía mais matérias relacionadas aos eventos de Oakland, do que matérias das ações ocorridas em Washington no dia 21 de outubro de 1967. A marcha no Pentágono trouxe cerca de 100 mil manifestantes a Washington. O evento iniciou-se no Lincoln Memorial onde discursaram representantes do CORE, da WSP e da SNCC. Um dos presentes, Dr. Spock, discursou contra o presidente Lyndon Johnson, para ele, os inimigos não eram os vietnamitas do norte ou do sul, pois

Eles apenas defenderam seu país contra o ataque violento dos Estados Unidos... O inimigo, nós acreditamos, com toda a sinceridade, é Lyndon Johnson, que foi eleito candidato defensor da paz em 1964, e que nos traiu em três meses. [...] Essa guerra que Lyndon Johnson está travando é de todas as maneiras desastrosa para o nosso país, e nós, os manifestantes, somos os únicos que podemos salvar nosso país se conseguirmos convencer nossos concidadãos a pensar e votar como nós.²⁵⁵

Apesar do discurso político, a própria MOBE, juntamente com alguns manifestantes ligados a contracultura dentro do Movimento, como Abbie Hoffman, fizeram com que a marcha tivesse um lado contracultural mais ressaltado que o lado político, mesmo Jerry Rubin que estava como um dos líderes da MOBE, já tinha se transformado de um radical ativista político, fundador do VDC, em um militante contracultural. Antes da marcha, em uma entrevista para o *Barb* ele havia listado alguns dos eventos que iriam acontecer em Washington no dia 21 de outubro. A declaração de Rubin deixava claro a sua mudança e, de certa maneira, prenunciava as ideias que seriam apregoadas pelo *Youth International Party*, que tinha ele como um dos fundadores e uma das figuras mais atuantes. Perguntado pelo repórter do *Barb* sobre a veiculada intenção dos *Diggers* em “expulsar as más vibrações” do Pentágono ele respondeu:

“De acordo com a sabedoria dos índios americanos”, disse Rubin, “o Pentágono é o símbolo do mal. A fim de expulsar o mal, os índios desenharão um círculo ao redor do Pentágono. Bem, vamos fazer um círculo ao redor do Pentágono com pessoas que se opõe à guerra”. Os céticos a respeito da eficácia da magia indígena, também serão livres para utilizar métodos mais convencionais. Espero milhares de pessoas no Pentágono para bloquear as entradas, para fechar o Pentágono o máximo que pudermos”, disse Rubin. “Nós entraremos lá dentro, se pudermos.”²⁵⁶

²⁵⁵ HALL, op. cit. 2012, p.28.

²⁵⁶ “According to American Indian lore”, Rubin said, “the pentagon is the symbol of evil. In order to drive out the evil, the Indians would draw a circle around the pentagon. Well, we’re going to make a circle around the Pentagon

A intenção místico-cultural foi complementada por Abbie Hoffman que prometeu “levitar” o Pentágono, e fazê-lo girar no ar, em um ritual de exorcismo para expulsar os “espíritos maus”²⁵⁷ Essa tentativa de levitar o Pentágono, acabou virando um fato folclórico, usado com desdém pelos detratores do movimento antiguerra, bem como pelos ativistas radicais políticos, que não concordavam com esse tipo de abordagem dentro das ações do Movimento. Assim como a tentativa de levitar o prédio não teve êxito, uma investida de um braço da SDS, o *SDS Revolutionary Contingent*, para invadir o Pentágono também acabou não obtendo sucesso.

A edição do dia 27 de outubro trazia em sua primeira página a manchete: “A semana que vencemos”, comemorando o que o *Barb* via como vitórias nas últimas manifestações em Oakland, no Pentágono e em Port Chicago, tendo abaixo uma colagem de imagens que, novamente, enfatizava a violência policial (figura 30). Em Port Chicago, o *Barb* narrou a violência “totalmente não-provocada” da polícia local contra cerca de 400 manifestantes ocorrida no dia 21 de outubro. “Apesar da declarada natureza não-violenta da ação. Manifestantes foram repetidamente espancados com cacetetes.”²⁵⁸ A cobertura em si dos protestos em Washington foi pequena, sem nenhuma imagem dos eventos. As informações publicadas no *Barb* sobre a marcha no Pentágono foram obtidas através do relato de Jerry Rubin, sendo reproduzidas naquela edição. Segundo Rubin, a marcha sobre o Pentágono: “Foi bonita, foi uma demonstração de Berkeley em Washington DC. Estamos levando a luta antiguerra para as ruas.”²⁵⁹ Ele enfatizou também o fato de que dois policiais do Exército deixaram suas armas e tiraram o capacete para se juntar aos manifestantes. Rubin também relatou alguns casos de violência policial. A cobertura realizada pelo *Barb* da marcha no Pentágono acabou por simplesmente reproduzir a narrativa de Rubin dos acontecimentos. Além dessa entrevista com Rubin, o jornal publicou uma pequena nota com uma crítica às redes de televisão a respeito das informações veiculadas por elas dos acontecimentos em Washington. Segundo o jornal, nenhuma das principais redes estadunidenses de televisão da época, a ABC, a CBS ou a NBC, entraram no ar ao vivo, apresentando imagens do que ocorria na capital do

with people opposed to the war.” Skeptics about the efficacy of Indian magic will also be free to use more conventional methods. I expect several thousand people to block the doors, to close down the Pentagon as long as they can” Rubin said. “We’ll go in if we can.” **Berkeley Barb**, Berkeley, 25 de agosto de 1967, p.3.

²⁵⁷ ISSERMAN; KAZIN, op.cit., p.184.

²⁵⁸ “Despite the avowed non-violent nature of the action, protestors were repeatedly beaten with nightsticks.” **Berkeley Barb**, Berkeley, 27 de outubro de 1967, p.5.

²⁵⁹ “It was beautiful, It was a Berkeley demonstration in Washington, D.C. We’re taking the anti-war struggle to the streets.” **Berkeley Barb**, Berkeley, 27 de outubro de 1967, p.3.

país: “Em seu zelo em proteger o povo da verdade, as três principais redes de televisão conspiraram para manter a maior manifestação de protesto na capital do país escondida dos cidadãos desta república.”²⁶⁰ Apesar da crítica a respeito da cobertura ao vivo dos protestos, de maneira geral, a marcha no Pentágono teve uma das maiores coberturas realizadas por veículos de comunicação da grande imprensa até então. Graças a isso, a marcha suscitou a questão do debate sobre as narrativas a respeito das reportagens sobre as mobilizações da época:

A imprensa *mainstream* e a *underground* simplesmente descreveram a “batalha no Pentágono” de maneira diferente, enfatizando e atribuindo significados àqueles eventos, os ajudando a contar as histórias que desejavam contar. Teóricos que abordam as maneiras pelas quais as estruturas narrativas sustentam a escrita histórica podem nos ajudar a entender como jornalistas poderiam apresentar relatos tão opostos. Como observou Hayden White, “a maioria das sequências históricas pode ser representada de várias maneiras diferentes, de modo a fornecer interpretações diferentes desses eventos e dotá-los de significados diferentes.” Em alguns aspectos, as versões concorrentes apresentadas pelo LNS, por um lado, e pelo *New York Times* e pelo *Washington Post*, por outro, se assemelham à caracterização de White das narrativas contrastantes de Michelet e de Tocqueville sobre a Revolução Francesa. “Não se pode dizer que algum deles tinha uma maior autoridade sobre os ‘fatos’ que registraram; eles simplesmente tinham noções diferentes do tipo de história que melhor se encaixava nos fatos que eles conheciam.”²⁶¹

²⁶⁰ “In their zeal to protect the people from the truth, the three major television networks conspired to keep the largest protest demonstration at the nation's capital from the citizens of this republic.” **Berkeley Barb**, Berkeley, 27 de outubro de 1967, p.3.

²⁶¹ MCMILLIAN, op. cit., p.98.



Figura 30: Primeira página da edição do *Berkeley Barb* publicada no dia 27 de outubro de 1967.

A marcha no Pentágono foi um marco pelo seu tamanho e pela diversidade de manifestantes oriundos de diversos grupos e vertentes do Movimento, bem como pela grande participação de pessoas comuns, sem envolvimento com grupos ou movimentos organizados. Além disso, esse protesto marcou também uma tendência de alinhamento do movimento antiguerra com as pautas contraculturais, o que, de certa forma, acabou por aumentar a cisão entre os diferentes ativistas antiguerra. Essa tendência já era vista antes mesmo do protesto acontecer e provocou a decisão prévia do SANE, do SDS e da WILPF, de não apoiar oficialmente o protesto (apesar de não terem se posicionado contra a sua realização).

A manifestação em Washington reverberou na Casa Branca, uma vez que foi mobilizado um grande contingente militar para acompanhar as manifestações. Seria “a primeira vez desde

a ‘Bonus March’²⁶² em 1932, que o governo federal solicitava a ação das forças armadas para “proteger” a capital de seus próprios cidadãos”²⁶³ Segundo DeBenedetti, sobre a repercussão do protesto:

Alguns analistas defenderam a manifestação observando a diversidade dos dissidentes e a sensação de pura desesperança deles, mas, a maioria dos colunistas, dos críticos e dos políticos, criticou os manifestantes pelas maneiras rudes, pela violência e por terem autorizado a participação de comunistas. Robert Kennedy fez uma leve crítica dizendo que a violência estava destruindo a credibilidade do verdadeiro dissenso, embora ele defendesse a manifestação. Para David Brinkley, comentarista da emissora de televisão NBC, a marcha no Pentágono foi "um episódio vulgar e grosseiro de pessoas que pareciam mais interessadas em se exibir do que exigir aquilo que demandavam"; para Goldwater²⁶⁴, foi uma "revolta violenta vinda de uma gentilha cheia de ódio, antiamericana e pró-comunista". Três deputados republicanos declararam que a marcha havia sido "iniciada em Hanói", uma visão reproduzida como fato pela revista *US News and World*. Os americanos, em uma margem de três para um, concordavam que: as manifestações antiguerra eram "atos de deslealdade contra os garotos que estavam no Vietnã", encorajavam os comunistas a "lutarem com mais empenho" e, cerca de 70%, achavam que prejudicam a causa antiguerra.²⁶⁵

Durante os dois últimos meses de 1967, os protestos antiguerra praticamente desapareceram das páginas do *Barb*, se restringindo a poucos anúncios de manifestações pequenas a nível local. Notamos que na edição publicada no dia 10 de novembro, havia uma reportagem de um protesto no estado de Iowa, que havia sido originalmente e publicada pelo *Barb* através da LNS. Nesse período também, foi publicada, na edição do dia 1º de dezembro uma coluna escrita por Jerry Rubin, que narrava os acontecimentos a respeito de um protesto ocorrido em Nova York na semana anterior, em que ele era um dos participantes. O que se destaca na fala do ativista relaciona-se a uma crítica ao que ele chamou de “esquerda” – que seria os radicais políticos do Movimento. Ele exaltava o protesto ao mesmo tempo em que depreciava as táticas das manifestações politicamente orientadas. Rubin pregava e celebrava o fim “místico” da guerra. Ele atacava diretamente os protestos em massa e as ações políticas, proclamando um novo modo de protestar e construir um movimento antiguerra baseado na ação contracultural, juntamente a ações não-violentas. De certa maneira, essa coluna de Rubin acaba

²⁶² A “Bonus March”, foi um protesto ocorrido em Washington em 1932, quando veteranos da Primeira Guerra Mundial, sofrendo com o desemprego e a carestia decorrentes da Grande Depressão, foram à capital do país solicitar que os títulos de bônus que o governo havia emitido em 1924 para serem resgatados em 1945, tivessem o seu pagamento adiantado.

²⁶³ DEBENEDETTI, op. cit., p.197.

²⁶⁴ Barry Goldwater, senador do Partido Republicano pelo Estado do Arizona, foi o candidato do partido derrotado por Lyndon Johnson nas eleições de 1964.

²⁶⁵ DEBENEDETTI, op. cit., p.198.

por sacramentar esse novo esforço contracultural que já havia sido percebido na marcha no Pentágono:

[...] Esse é o nosso objetivo - liberar as paixões, o espírito, as esperanças e a imaginação do povo americano e demonstrar que uma alternativa é possível. Palavras, discussões e slogans - embora eles tenham seu lugar, não tocam as pessoas emocionalmente. O que toca as pessoas é música, sexo, celebrações, sentimentos humanos e comunhão. Não é muito mais eficaz celebrar o fim da guerra do que fazer uma manifestação protestando contra a guerra? Isso não é muito mais subversivo, por que atinge as pessoas em um nível mais profundo? [...] Através de ações emocionantes e imaginativas, vamos nos tornar parte de um movimento juvenil revolucionário maciço, que se opõe ao governo e proclama um novo espírito romântico na sociedade. Isso significará algumas mudanças importantes na direção da "Esquerda", eu espero. Isso significa que os grupos de "Esquerda" terão que gastar menos tempo debatendo slogans e mais tempo usando sua imaginação para alcançar psicologicamente as pessoas, em um nível humano profundo, liberando energias. A "Esquerda" precisa aprender a se relacionar com o novo espírito de rua anarquista dos jovens pós-hippies que invadiram o Pentágono.²⁶⁶

Apesar dessa tendência ter alcançado o movimento em nível nacional, os protestos divulgados e cobertos pelo *Barb* na região da Baía de São Francisco, seja em Berkeley, em Oakland ou mesmo em São Francisco, não transpareciam esse caráter, pelo contrário, o jornal buscava mostrar um movimento cada vez mais politicamente engajado, não só nas questões antiguerra, mas também nas questões raciais e políticas, com a consolidação da presença do *Black Panther Party* na região, e com a formação do *Peace and Freedom Party*.

3.4.3 – Dos protestos de Chicago ao Vietnam Moratorium Committee: a persistência da Guerra do Vietnã e a transformação do movimento antiguerra.

O ano de 1968 é marcado pelo protesto em Chicago durante a convenção do Partido Democrata. Os eventos que lá ocorreram foram um marco para o Movimento como um todo. A

²⁶⁶ "It was one of those few protest activities that I have participated in that tried to reach people on a sensual, human level, rather than trying to affect people through abstract political slogans or speeches.

[...]That's our goal—to liberate the passions, spirit, hopes and imagination of the American people and demonstrate that an alternative is possible. Words, arguments and slogans —although they have their place don't emotionally move people. What moves people is music, sex, celebrations, human feeling and community. Isn't it much more effective to have a celebration of the end of the war than a demonstration protesting the war? . Isn't it much more subversive because it reaches people on a deeper level.

[...] Through exciting and imaginative actions we are going to become part of a massive revolutionary youth movement opposing the government, and proclaiming a new romantic spirit in the society.

This will mean some major changes in the direction of 'the Left', I hope. It means that the "Left" groups are going to have to spend less time debating slogans, and more time using their imagination in efforts to reach people psychologically, on a deep, human level, liberating energies. The 'Left' must learn to relate to the new anarchistic street spirit of the young post-hippy teenagers and dropouts who stormed the Pentagon." **Berkeley Barb**, Berkeley, 10 de dezembro de 1967, p.5

convenção pode ser considerada um marco do final da administração Lyndon Johnson. Johnson, com sua popularidade baixíssima, decidiu não concorrer à reeleição ao mandato de presidente dos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, o país testemunhava um contínuo aumento das tensões raciais, combinado a um escalonamento de protestos nas universidades do país. O ano também é marcado por uma grande mudança dentro da frente doméstica da guerra. A “Ofensiva de Tet”, mostrava para a opinião pública estadunidense que o país não tinha o controle da situação no Vietnã, e que a realidade era deveras distinta daquela que o governo buscava transparecer à população. As cenas do massacre de My Lai e o depoimento desalentador de Walter Cronkite – um dos jornalistas mais respeitados dos Estados Unidos – contra a guerra, fazia com que a opinião pública dos Estados Unidos questionasse cada vez mais as políticas adotadas pela administração Johnson em relação ao Sudeste asiático. O governo insistia em passar à opinião pública uma ideia de sucesso militar dos Estados Unidos no Vietnã, e enfatizava que a dissidência interna que se posicionava contra à guerra era organizada por simpatizantes do comunismo e tinha como único resultado fortalecer os vietcongues. O FBI e a CIA acompanhavam e investigavam os grupos e as manifestações de dissenso em relação à guerra. Em setembro de 1967, a CIA intensificou sua vigilância a partir da marcha no Pentágono, buscando conexões entre os grupos antiguerra e organizações internacionais. Essa ação foi denominada “Operação Caos”. O relatório chegou à conclusão que:

Com base no que sabemos nesse momento, não vemos evidências significativas que provem o controle ou a direção do movimento pacifista dos Estados Unidos, ou de seus líderes, por comunistas. A maior parte da atividade de protesto relacionada ao Vietnã ocorreria com ou sem a existência do componente comunista.²⁶⁷

Não só em relação ao movimento antiguerra, mas a própria imprensa *underground* passou a ser vigiada pelo FBI em 1968. Em um memorando datado de 5 de novembro de 1968 e enviado para diversos escritórios do FBI pelo país, J. Edgar Hoover, diretor da agência, dava instruções para os agentes inspecionarem detalhadamente “um novo tipo de publicações da Nova Esquerda que estava sendo publicado no país” e copilar toda a informação relacionada às pessoas que faziam parte dos jornais, às gráficas e aos anunciantes.”²⁶⁸ Como parte do programa de contrainteligência da agência (COINTELPRO), o FBI chegou a criar duas publicações *underground* falsas, o *Armageddon Next*, no Estado de Indiana e o *Longhorn Tales* no Estado do Texas, para propagar opiniões mais moderadas dentro do cenário da imprensa *underground*,

²⁶⁷ DEBENEDETTI, op. cit., p.205.

²⁶⁸ MCMILLIAN, op. cit., p.115.

a fim de se contraporem aos pontos de vistas mais radicais, que eram expressos na publicações mais conhecidas.²⁶⁹

Precisamos ressaltar que, a partir de 1969, a interferência direta do FBI, a fim de tentar minar os jornais *underground* passou a ser mais acintosa, e teria resultados desastrosos para as publicações, levando muitas a encerrarem suas atividades na década seguinte. A agência governamental passou a entrar em contato com as grandes gravadoras que anunciavam na imprensa *underground*, com o intuito de dissuadi-las de continuarem veiculando suas publicidades nesses periódicos. Memorandos dos FBI²⁷⁰ revelados *a posteriori* comprovaram que havia recomendações para que agentes convencessem a gravadora Columbia, a desistir de publicar anúncios na imprensa *underground*.²⁷¹

Em 1968, Lyndon Johnson prosseguiu com a estratégia de desqualificar os esforços do movimento antiguerra frente à opinião pública estadunidense, estabelecendo conexões entre o movimento e o comunismo. A questão da guerra passou a ser um ativo político. Dentro do Partido Democrata, crescia um movimento denominado “*Dump Johnson*”, que visava se opor a candidatura de Lyndon Johnson à reeleição. Liberais alinhados, principalmente, a Robert Kennedy, criticavam a postura de Lyndon Johnson em relação à Guerra do Vietnã, enquanto pelo lado dos republicanos, Richard Nixon dizia que só uma nova liderança conseguiria acabar definitivamente com a luta no Vietnã.

O ponto de viragem ocorreu no dia 30 de janeiro de 1968 – dia do “*Tet*”, o ano novo pelo calendário lunar, principal feriado no Vietnã – em que as forças do Vietnã do Norte, lançaram uma ofensiva contra tropas sul-vietnamitas e estadunidenses, levando à morte cerca de 1.100 soldados norte-americanos e cerca de 2.300 soldados sul-vietnamitas, tendo como consequência a fuga de quase um milhão de refugiados civis da região, dos quais cerca de 12 mil foram mortos. A grandiosidade do ataque abalou a credibilidade de Johnson, que sustentava, até então, que as forças inimigas estava enfraquecidas e desorientadas. Pouco tempo depois, um dos fatos mais marcantes do jornalismo nos Estados Unidos durante a guerra do Vietnã aconteceria. Walter Cronkite, considerado pelo público um dos jornalistas mais confiáveis dos Estados Unidos, visitou o Vietnã, pós Ofensiva do Tet, e no dia 27 de fevereiro de 1968, já de

²⁶⁹ MCMILLIAN, op. cit., p.116.

²⁷⁰ Uma das descobertas do envolvimento do FBI dentro da imprensa *underground*, aconteceu em 1971, quando ativistas que já desconfiavam do monitoramento do FBI e de suas tentativas de desmobilizar os jornais *underground*, invadiram um escritório do FBI no Estado da Pensilvânia e tiveram acesso a documentos secretos que revelavam a existência do COINTELPRO. Partes dos documentos obtidos foram publicados em uma reportagem conhecida como “*The Media Papers*” (coincidentemente, a cidade da Pensilvânia onde estava localizado o escritório que havia sido invadido se chamava “Media”). Cf. ARMSTRONG, op. cit., p.143.

²⁷¹ MCMILLIAN, op. cit., p.130.

volta à América, declarou em um editorial no programa jornalístico *CBS Evening News*, o qual era âncora que, para ele a “única saída racional então seria negociar, não como vencedores, mas como um povo honrado que cumpriu sua promessa de defender a democracia e fez o melhor que pôde.”²⁷² Longe dos movimentos organizados dissidentes, da imprensa *underground*, do ativismo político e contracultural, existiam milhões de americanos médios, principal público de Cronkite. Essa imensa camada média, porém silenciosa, dos Estados Unidos, se mostrava um tanto quanto desconfiada do otimismo governamental em relação ao Vietnã.

Dentro do jogo político, o senador Eugene McCarthy, fundamentado em uma plataforma antiguerra, teve uma expressiva votação nas eleições primárias do Partido Democrata no Estado de New Hampshire, no dia 12 março. O senador teve 42% dos votos, enquanto Johnson teve 49%. A pequena diferença fez com que, no dia 16 de março, Robert Kennedy também anunciasse sua pré-candidatura pelo partido à presidência. Kennedy, que também naquele momento se alinhava à pauta antiguerra, passaria a disputar as eleições primárias nos próximos Estados e era visto dentro do partido como um candidato ainda mais forte do que McCarthy. No dia 31 de março, para surpresa da maioria, Lyndon Johnson anunciava eu não iria mais concorrer à reeleição.

O *Barb*, em 1968, por sua vez, com a questão da guerra na pauta do dia, passou a publicar muitas notícias relacionadas ao Vietnã em si, com reportagens que mostravam o que acontecia no campo de batalha no Vietnã. Com o movimento antiguerra ainda sentindo o peso da divisão entre os radicais políticos e os contraculturais, a edição publicada no dia 5 de janeiro de 1968 trouxe uma declaração de duas páginas (nas páginas centrais do periódico) feita por Jerry Rubin em um debate com o então candidato à presidência dos Estados Unidos Fred Halsted do Partido Socialista dos Trabalhadores, em que ele reproduzia o que ele acreditava ser o novo caminho para o movimento antiguerra. Assim como na declaração de dezembro de 1967, Rubin aproveitou o espaço concedido a ele para tecer severas críticas aos movimentos políticos organizados, o que, de certa maneira, mais uma vez, antecipava o surgimento do YIP.

Não existe isso de “movimento antiguerra”. Este é um conceito criado pela grande mídia para “foder” com nossas mentes. O que está acontecendo é uma energia explodindo em milhares de direções e pessoas se declarando livres. [...] Para o Partido Socialista dos Trabalhadores [SPW] organizar um debate chamado: “Qual é a próxima política para o movimento antiguerra?” é uma obscenidade. Isso demonstra mais uma vez que a ideologia é uma doença cerebral. Esse debate baseia-se na suposição de que existe um movimento específico e que ele pode ser controlado. É baseado na suposição de que o movimento precisa de líderes para entender o que está por vir.

²⁷² Editorial de Walter Cronkite para o *CBS Evening News*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Nn4w-ud-TyE>> Acesso em: 14 de fevereiro de 2020.

Mas se houve uma lição aprendida no pentágono e em Whitehall, é que os jovens não se importam com teorias políticas, ideologias, planos, organizações, reuniões ou negociações com a polícia. Os ativistas passaram a agir por conta própria, a partir do que acreditavam ser verdade. A única vanguarda é a vanguarda da ação.

Um movimento antiguerra se auto sabota, além de ser uma perda de tempo devido a sua negatividade. As pessoas querem alguma coisa para ser “a favor” dela, e não contra. Não precisamos de um movimento antiguerra; nós precisa de um movimento de libertação americano.

[...] As grandes questões do socialismo e do capitalismo são válidas, de acordo com os “Trots”²⁷³, nos pequenos fóruns de discussão, nos pequenos jornais e em situações irrelevantes, mas nunca devem ser discutidas seriamente nas arenas de massa, onde elas deveriam ser relevantes. Os “Trots” são pouco inspiradores; falta a eles música, cor, vida. Seu movimento é um cinza pálido. Eles querem ser secretários da revolução de qualquer um; eles não são revolucionários. Enquanto esperam que a classe trabalhadora ou o Exército dos EUA se revolte, eles fazem tudo o que podem de maneira burocrática, para ver que o seu movimento está contido dentro do sistema eleitoral, dentro de marchas e de comícios, da síndrome de "manifestação de massa", dentro do estilo da classe média americana, e por meio de slogans, de discursos e de jornais de pequena circulação.

[...] O conflito político mais importante nos Estados Unidos hoje é o conflito geracional.

[...] Subverter! essa é a tarefa de todo jovem: espalhar ideias que minem o mundo consistente da América e depois, queimando seus símbolos, de cartões de recrutamento a bandeiras e notas de dólar.²⁷⁴

Rubin tecia uma crítica ferrenha a uma “esquerda” política generalizada, dando ênfase aos trotskistas, vertente política que já tinha sido protagonista da oposição a Rubin dentro do

²⁷³ Trotskistas.

²⁷⁴ “There is no such thing as an anti-war movement. This is a concept created by the mass media to fuck up our minds. What's happening is energy exploding in thousands of directions and people declaring themselves free. [...] For the Socialist Workers Party to organize a debate called: "What policy next for the anti-war movement?" is an obscenity. It demonstrates once more that ideology is a brain disease. This debate is hinged on the assumption that there is a specific movement that can be directed. It is hinged on the assumption that the movement needs leaders to figure out what's next.

But if there was one lesson learned at the pentagon and at Whitehall it is that the young people didn't give a hang about the political theories, ideologies, plans, organizations, meetings or negotiations with the cops. the activists came to act out of their own sense of what was real. The only vanguard is the vanguard of action.

An anti-war movement is self-defeating and a waste of time because it is negative. People want to be for, not against. We don't need an anti-war movement; we need an American Liberation Movement.

[...] The big questions of socialism and capitalism are OK, according to the Trots, for small forums, for small newspapers, and for irrelevant situations, but never to be discussed seriously in mass arenas when they might matter. The Trots are uninspiring; they lack music, color, life. Their movement is a pale grey.

They want to be secretaries for somebody else's revolution; they are not revolutionaries themselves. While waiting for the working class or the U. S. Army to revolt, they do all they can bureaucratically to see that the movement is contained within the electoral system, within the march and rally ‘mass demonstration’ syndrome, within the style of middle class America, and through the medium of the slogan and the speech and the small circulation newspaper.

[...] The most important political conflict in the United States today is the generational conflict.

[...] Subvert! that's the task of every young person, spread ideas that undercut the consistent world of America, and then top it off by burning her symbols from draft cards to flags to dollar bills.” **Berkeley Barb**, Berkeley, 5 de janeiro de 1968, pp.8-9.

VDC. O texto de Jerry Rubin servia como um manifesto de suas novas ideias, anunciando seu novo engajamento, dentro de uma visão anárquica contracultural que tinha sido testada dentro da marcha no Pentágono e que iria se concretizar na sua totalidade com a fundação do YIP. Esse manifesto expressado por Rubin e publicado com destaque pelo *Barb*, é essencial para que possamos entender as ações que ocorreram durante a convenção do Partido Democrata em Chicago.

A publicação dessa declaração de Rubin exemplificava uma certa isenção que o *Barb* buscava demonstrar, não se definindo diretamente como um jornal alinhado às vertentes políticas ou às culturais do Movimento. Isenção essa que, como pontuamos desde o princípio de nossa análise, sempre esteve presente no jornal. Enquanto dava espaço para Jerry Rubin divulgar suas ideias disruptivas e iconoclastas a respeito do sistema político-eleitoral dos Estados Unidos, em que ele clamava pela sua total superação e indo mais além, propondo a superação das organizações e ideologias político-partidárias, o *Barb* se contrapunha a um teor mais político que marcava as últimas edições do jornal. Mesmo com a influência de Rubin no *Barb*, a edição seguinte à publicação dessa sua fala, é reproduzida a resposta do candidato Fred Halsted (publicada originalmente no jornal do Partido Socialista dos Trabalhadores, *The Militant*), em que ele rebatia as críticas feitas, ressaltando a importância do movimento organizado e a atuação partidária e destacando que as vitórias do movimento aludidas por Rubin só foram possíveis graças ao movimento antiguerra organizado, a respeito do qual ele havia voltado suas críticas.²⁷⁵

Nos primeiros meses de 1968, o movimento antiguerra teve pouco espaço dentro do *Barb*. A exceção se deu com uma pequena divulgação de protestos pacifistas que ocorreriam nos dias 26 e 27 de abril em São Francisco e Berkeley, que eram anunciados também como uma nova *Stop the Draft Week*. O jornal ressaltava que as ações e protestos marcados para esses dias, teriam a participação do *Peace and Freedom Party*, que buscava no evento promover suas candidaturas para as eleições daquele ano, e do *Black Panther Party*, ressaltando a junção das pautas do movimento negro e do pacifismo antiguerra. A cobertura desses protestos na edição publicada no dia 3 de maio, foi pequena, comparada com outros protestos cobertos pelo *Barb*. Observamos que a cobertura da greve estudantil e dos protestos que aconteciam na Universidade de Columbia podem ter tirado o foco dos protestos dessa nova *Stop the Draft Week*. O *Barb* restringiu sua cobertura da nova edição da *Stop the Draft Week* basicamente ao evento ocorrido em São Francisco. Segundo o *Barb*, inicialmente havia entre vinte e trinta mil

²⁷⁵ **Berkeley Barb**, Berkeley, 12 de janeiro de 1968, p.9.

peessoas que partiram em marcha da ponte Golden Gate até o Centro Cívico de São Francisco. Devido ao calor na cidade, muita gente não aguentou as três horas de marcha, e muitas outras, já no centro cívico, não ficaram para as outras mais três horas de discursos. As poucas pessoas que se mantinham firmes, aguardavam o discurso do boxeador Muhammad Ali, que acabou decepcionando os presentes e recebendo uma pesada crítica do jornal. Sob a manchete: “Ali veio para a luta, mas boxeou as sombras”, o *Barb* ressaltou que ao invés de golpear a guerra, o racismo e a pobreza, o atleta foi para o protesto para pregar os ensinamentos islâmicos. O porquê de não ter sido realizada uma cobertura mais abrangente dos protestos de abril acabou sendo elucidado na página 10 daquela edição em uma coluna assinada por Lee Felsenstein.²⁷⁶ Felsenstein fez um balanço completo dos eventos, aos quais ele denominou “espetacular fracasso.” Nesse texto, ele também afirma que a “Mobilização da Primavera” de 1967, também havia sido um fracasso. O que torna essa coluna mais interessante é que, dentro das edições que examinamos, este texto contenha as críticas em relação às ações antiguerra:

Você tem a sensação de que deve haver algo melhor a se fazer do que comparecer a comícios em vários lugares e chamar policiais de porcos? Bem, eu que o diga! Talvez você tenha percebido que o movimento está passando por uma crise de identidade. O espetacular fracasso da *Stop the Draft Week II* mostra bem isso. Essa ação não foi vítima de organizadores cínicos ou idiotas. Ela estava condenada desde o início pela pobreza geral de pensamento de todo o movimento naquele momento. O próprio conceito da manifestação – esperar repetir a ação que ocorrera entre os dias 17 a 20 de outubro passados – mostra esse fato muito bem. Um dos maiores desastres do movimento tem sido a tendência de tentar repetir um antigo sucesso (“nós teremos outro FSM”).

[...] Também parece haver várias suposições falsas em operação. Uma delas é que apenas as manifestações constroem consciência política. Esta foi a principal justificativa oferecida pelos planejadores do *Stop the Draft Week II*. Infelizmente, ninguém lhes perguntou quanta consciência política havia sido construída por desastres anteriores, como na Mobilização da Primavera.

[...] O que serviu primariamente para criar consciência política em relação às manifestações, foram as respostas vindas do *establishment*. [...] A violência aleatória da polícia foi a principal força para a radicalização dos participantes, e não algum discurso inspirador.

Isso funcionou bem o suficiente quando o *establishment* estava assustado ou vingativo o suficiente para reagir de maneira uniformemente hostil. Você não precisava pensar muito, era só levar as pessoas e o resto acontecia automaticamente.

Agora, no entanto, as condições estão mudando. Os policiais estão preocupados em reprimir a comunidade negra, podendo se dar ao luxo de limitar sua atuação quando confrontados por radicais brancos. A única lição

²⁷⁶ Felsenstein começou a estudar engenharia na Universidade da Califórnia em Berkeley em 1963, sendo um ativo participante do *Free Speech Movement* em 1964. Posteriormente, ele foi reconhecido como um dos principais responsáveis pelas pesquisas e desenvolvimento dos computadores pessoais durante as décadas de 1970 e 1980. Para maiores informações sobre Lee Felsenstein:

<<https://web.archive.org/web/20050825165932/http://opencollector.org/history/homebrew/engv3n1.html>>
Acesso em: 6 de fevereiro de 2020.

ensinada pelo último fiasco foi colocar em dúvida a capacidade do movimento de enxergar além do próprio nariz.

[...] No momento, os Panteras Negras têm o protagonismo na cidade. Aos poucos o foco na guerra será diminuído e, em breve, o foco principal do movimento voltará para onde começou; a luta pela libertação negra.²⁷⁷

Se considerarmos as coberturas tanto dessa segunda edição da *Stop the Draft Week* e das mobilizações da primavera de 1967, percebemos que as coberturas dessas ações pelo jornal não demonstravam o mesmo entusiasmo que outras coberturas, mas, não havia nas reportagens ou nos comentários, alguma crítica mais contundente como essa tecida por Felsenstein. A discussão sobre os caminhos do movimento antiguerra continuariam na edição publicada no dia 31 de maio de 1968, onde o *Barb* abriu espaço para uma crítica aberta de Peter Camejo, representando a *Young Socialist Alliance* contra alguns participantes do *Student Mobilization Committee*, que decidiram que ninguém que pertencesse a grupos políticos como a YSA, o Partido Comunista dos Trabalhadores (SWP) ou o Partido Comunista, poderia trabalhar em seu escritório em Nova York. A principal questão que causava a divisão no grupo se relacionava a membros que defendiam que o SMC deveria se dedicar à militância em diversas pautas, enquanto outros – como Camejo – defendiam que o comitê deveria se dedicar em uma única questão, no caso a guerra. No texto, Camejo também tece críticas a Jerry Rubin, dizendo que os grupos *hippies* antiguerra, como o de Rubin, falharam em ter o alcance que o SMC tinha conseguido construir.²⁷⁸

²⁷⁷ Do you get the feeling that there must be something better to do than hold rallies at various places and call cops pigs"? Well do tell! Maybe you've realized that the movement is undergoing an identity crisis. The spectacular failure of Stop the Draft Week II points it up particularly well. That action was not the victim of cynical or stupid organizers. It was doomed from its inception by the general poverty of thought of the entire movement at this time. The very concept of the demonstration - a hoped-for repeat of last October 17-20-shows this fact very nicely. One of the biggest disasters of the movement has been its tendency to attempt to repeat an old success ("we're going to have another FSM").

[...] There also seem to be a number of false assumptions operating. One is that demonstrations alone build political consciousness. This was the main justification offered by the planners of STDW II. Unfortunately, no one asked them how much political consciousness had been built by previous disasters such as the Spring Mobilization. [...] The thing that has primarily served to build political consciousness in relation to the demonstrations has been the response of the establishment. The injunction brought to block the first STDW was responsible for a very large part of the participation. The random violence of the police was the main force for the radicalization of those participants, not some inspiring harangue or other.

This worked well enough when the establishment was scared or vicious enough to react in a uniformly hostile fashion. You didn't have to think too much; just get the people out there and the rest sort of took care of itself.

Now, however, conditions are changing. The cops are preoccupied with suppressing the Black community and can afford to act with restraint when confronted by white radicals. The only education accomplished by the last fiasco was the calling into doubt of the movement's ability to see beyond its own nose.

[...] Right now, the Black Panthers have got the only game in town. There will be a rapid de-emphasis, on the war soon and the primary focus of the movement will shift back to where it began; the struggle for Black liberation. **Berkeley Barb**, Berkeley, 3 de maio de 1968, p.10-11.

²⁷⁸ **Berkeley Barb**, Berkeley, 31 de maio de 1968, p.9.

É relevante na publicação desse texto de Camejo o fato que *Barb* colocou no começo de seu texto uma observação de que aquilo que estava escrito não era uma posição necessariamente defendida pelo *Barb*, por oposição, o jornal acabou deixando uma margem para que interpretemos que o posicionamento defendido pelo *Barb* era o oposto ao de Camejo, uma vez que em nenhum outro momento em que articulistas publicavam suas opiniões relacionadas ao movimento antiguerra ou a outros assuntos, o jornal fez a observação de que a opinião de quem estava escrevendo não era a “necessariamente a mesma do jornal”, nem mesmo nas diversas publicações que Jerry Rubin escrevia, em que ele claramente assumia e declarava posições pessoais em seus textos.

Nos meses de junho e julho de 1968, até o início do mês de agosto de 1968 – mês que ocorreria a Convenção do Partido Democrata em Chicago –, em que diversas ações de movimentos antiguerra estavam marcadas para serem realizadas, a questão antiguerra ficou em segundo plano. A divulgação e os anúncios de eventos antiguerra também praticamente desapareceram do *Berkeley Barb*, sendo retomados somente quando os protestos em Chicago estavam ficando próximos de acontecer.

As manifestações que ocorreriam em Chicago, durante a convenção do Partido Democrata, entre os dias 26 e 29 de agosto de 1968²⁷⁹, começaram a ser divulgadas no *Barb* como sendo um evento “yippie”, um tipo de “yip-in”, um “festival da vida.” Dentre as ações que o YIP divulgava que iriam acontecer durante a convenção e que o *Barb* anunciava em suas páginas, em nenhuma delas havia a pauta específica antiguerra. Apesar do jornal ter vinculado as manifestações diretamente ao YIP, na edição do *Barb* do dia 23 de agosto, havia uma lista de telefones e endereços indicando aos manifestantes que eles deveriam procurar um dos locais quando estivessem em Chicago. Nesses endereços e telefones, além dos YIP, constava também os contatos da MOBE e do SDS, mostrando que outros grupos também estariam participando da organização dos protestos

A edição publicada no dia 30 de agosto, após os protestos em Chicago, trazia em sua primeira página o nome “Czechago, USA” (figura 31), uma junção dos nomes Czechoslovakia (Tchecoslováquia) e Chicago. A menção ao país europeu era uma referência à invasão de tropas soviéticas na Tchecoslováquia, a fim de conter a chamada Primavera de Praga. Na edição anterior, o *Barb* havia comparado as ações de tropas dos Estados Unidos no Vietnã com aquelas realizadas pelas tropas soviéticas na Tchecoslováquia. Já nessa edição, o jornal comparava a

²⁷⁹ A convenção do partido propriamente dita teria início no dia 26 de agosto, mas a partir do dia 20 já haveria manifestações marcadas relacionadas à convenção.

ação violenta da polícia de Chicago contra os manifestantes que lá protestavam, à repressão das forças soviéticas à população tchecoslovaca que se manifestava em Praga.

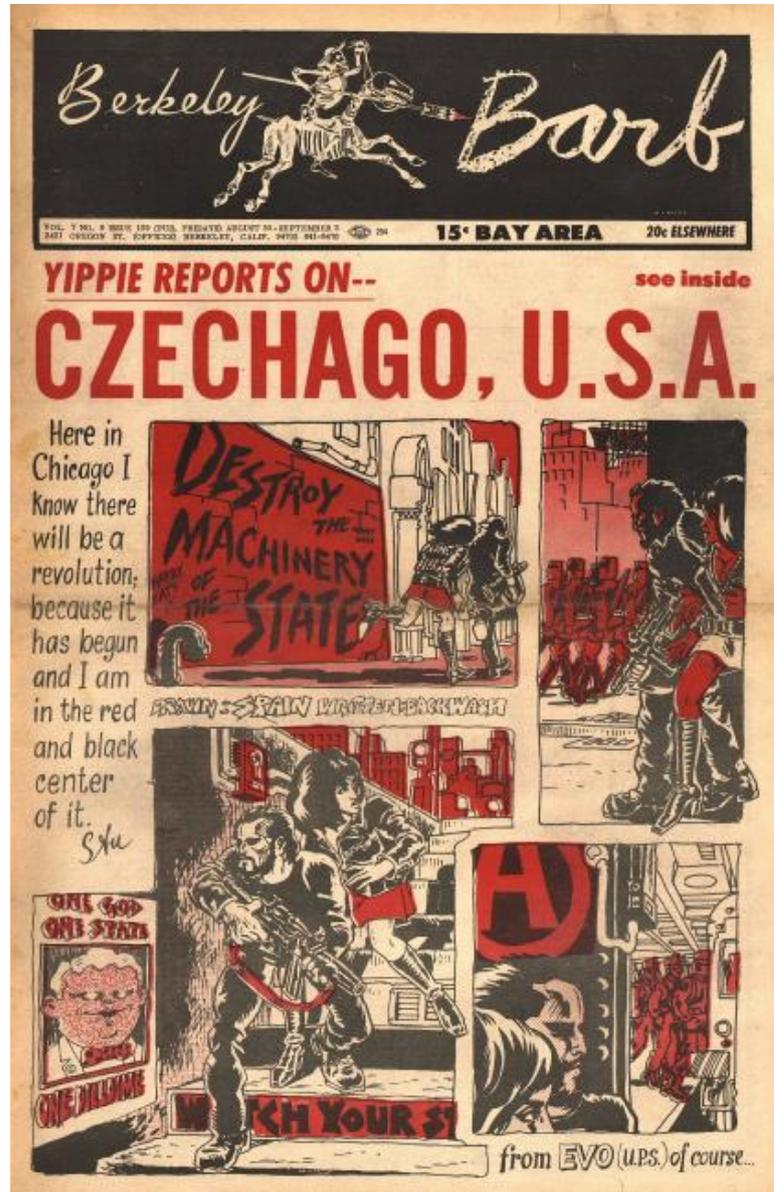


Figura 31: Primeira página da edição do *Berkeley Barb* do dia 30 de agosto de 1968.

A cobertura dos eventos em Chicago, focou, mais uma vez, na violência policial, que foi mostrada principalmente através de fotos e de relatos de jornalistas que estavam *in loco* como Stu Albert e Kathy Williams, que detalharam a experiência vivenciada num ambiente de caos e brutalidade. A responsabilidade pela violência foi imputada ao prefeito Richard Daley, que teria dado a ordem à polícia para reprimir os manifestantes. Um outro detalhe focado pelo *Barb*, sendo colocado logo na primeira página dedicada à cobertura, foi uma citação e, ao mesmo tempo uma crítica em relação a participação dos representantes da grande mídia nos

eventos em Chicago e que, por sua vez, acabaram testemunhando e também sofrendo com a violência policial. A grande mídia, nos momentos em que era citada pelo *Barb*, na maioria das vezes, era criticadas devido ao tipo de cobertura que realizava, pois era comum relativizarem, os casos de violência policial nos protestos, quando não usavam de ironia ao se referir aos manifestantes e suas pautas. Segundo o *Barb*:

Os porretes da polícia abriram as bocas e os olhos da grande mídia esta semana, pela primeira vez desde a *Stop the Draft Week*, no ano passado.

Quando as câmeras e os rostos pertencentes às TVs, jornais e revistas eram esmagados pelos policiais de Chicago, a violência policial tornou-se subitamente importante de costa a costa.

Somente quando os homens de mídia eram atacados pela polícia, que os arrancavam de seus poleiros de classe privilegiada, os espectadores em toda a América foram expostos àquilo que os cabeludos, os negros, e os radicais dizem há tanto tempo.²⁸⁰

Os relatos falavam sobre o espancamento promovido pelos policiais que, segundo os relatos, haviam sido mais violentos do que costumeiramente acontecia nos protestos até então. Segundo noticiado, Jerry Rubin havia sido capturado duas vezes pela polícia e ainda estava preso. Muitas das reportagens eram de exaltação aos protestos, vendo o confronto com a polícia como uma vitória para o movimento, apesar das casualidades e do cancelamento de diversos atos que aconteceriam durante a convenção. Em uma das reportagens não assinadas, localizamos um apoio ao *modus operandi* dos *yippies* e uma crítica ao ativismo politicamente orientado:

Mas Chicago mostrou que há um outro lado nessa loucura dos *yippies*. Cultivamos nossa coragem, podemos lutar, podemos ser durões e podemos conversar com os trabalhadores melhor do que qualquer velha coruja marxista que eu já conheci na Universidade da Califórnia.

Os “berkeleyanos” sabem muito a respeito dos jogos de mídia realizados pelos *yippies*, mas sabem muito pouco sobre os “punhos cerrados” do grupo.

Na edição da próxima semana do *Barb*, quero entrar no significado disso para a revolução americana. Aprendi muito com Chicago, coisas que nunca tinha ouvido da boca de um Hal Draper²⁸¹ ou de um Peter Camejo.

²⁸⁰ “Police clubs opened the mouths and eyes of the mass media this week for the first time since Stop the Draft Week last year.

When TV, newspaper, and magazine cameras and heads were smashed by Chicago cops, the police violence suddenly became important from coast to coast.

Only when the media men found themselves singled out for police assaults, knocking them from their perch as a privileged class, did the spectators throughout America get full exposure to what the long-hairs, the blacks, the radicals have been saying for so long.” **Berkeley Barb**, Berkeley, 30 de agosto de 1968, p.3.

²⁸¹ Hal Draper foi um importante socialista de Berkeley que teve um papel de destaque no *Free Speech Movement*.

Sempre acreditei, como uma questão de fé dialética, que haveria uma revolução na América. Aqui em Chicago eu sei que haverá uma revolução; porque ela já começou e eu estou no centro vermelho e preto dela.²⁸²

A reportagem escrita por Stu Albert nessa mesma edição, ressaltava a heterogeneidade dos protestos, em que havia a participação da classe média branca, padres católicos, gangues de motoqueiros, militantes do movimento negro e representantes da grande mídia, sendo que o que unia todos, segundo ele, era o fato de que, sem exceção, todos os grupos acabaram sendo espancados pela polícia. O *Barb* também divulgou a realização de um comício na cidade de *Berkeley*, em apoio aos manifestantes de Chicago. Os protestos da Convenção do Partido Democrata em Chicago, seja pelo contexto político de 1968, tanto nos Estados Unidos quanto no mundo, seja pela violência decorrida da decisão do prefeito Richard Daley de reprimir os manifestantes a qualquer custo, talvez tenha sido, considerando o período delimitado pela nossa pesquisa, o protesto de maior repercussão nacional nos Estados Unidos. Comparativamente aos protestos que ocorriam na região da Baía de São Francisco, a cobertura realizada pelo *Barb* foi menor.

Apesar da violência policial ter repercutido nacionalmente na imprensa (como talvez não havia acontecido até então em outras coberturas de protestos antiguerra), pesquisas que consultaram a opinião dos estadunidenses a respeito dos fatos ocorridos em Chicago, demonstraram que 56% das pessoas aprovaram a forma como o prefeito Daley conduziu os protestos durante a convenção e 71% dos entrevistados acreditaram que as medidas de segurança tomadas pelas autoridades foram justificadas. Alguns, como por exemplo o então governador do Estado de Maryland, o Republicano Spiro Agnew, culpou os comunistas como responsáveis pela violência ocorrida em Chicago; o FBI anunciou que iria investigar o papel dos *yippies* e do MOBE nos confrontos. Alguns políticos culpam a “imprensa liberal e de esquerda.” O governador do Alabama, George Wallace evocou a existência de uma “conspiração deliberada” entre as maiores redes de televisão para distorcer as reportagens que tratavam do comportamento dos policiais durante os protestos em Chicago.²⁸³

²⁸² “But Chicago has shown that there is another side to this Yippie madness. We have cultivated our courage, we can fight, we can be tough, and we can talk to workers better than any old Marxist owl I ever met on the Cal terrace.

Berkeleyans know a lot about the Yippies media games, but about their clenched fists they know very little. In next week's issue of the BARB, I want to go into the significance of this for the American revolution. I have learned much from Chicago that I never heard out of the mouth of a Hal Draper or a Peter Camejo.

I have always believed as a matter of DIALECTICAL faith that there would be a revolution in America. Here in Chicago I know there will be a revolution; because it has begun, and I am in the red and black center of it.” **Berkeley Barb**, Berkeley, 30 de agosto de 1968, p.10.

²⁸³ DEBENEDETTI, op. cit., p.229.

Após os eventos em Chicago, novamente os protestos antiguerra acabariam praticamente desaparecendo do jornal no restante do ano de 1968 e durante boa parte do ano de 1969. O *Barb* voltaria suas atenções para as eleições presidenciais que ocorreriam em novembro de 1968, dando enfoque às ações do YIP e do *Black Panther*. Após a vitória de Nixon e o fim da era Lyndon Johnson, as páginas do *Berkeley Barb* deram uma maior atenção às greves estudantis, ao protagonismo dos protestos do *Third World Liberation Front*, e ao antagonismo do Movimento ao então governador da Califórnia, Ronald Regan que, para combater as mobilizações do TWL no *campus* da universidade, havia autorizado a intervenção de tropas da guarda nacional, o que gerou diversos confrontos violentos contra os manifestantes. Apesar da pouca cobertura do *Barb*, o início de 1969 é considerado um momento de renovação do movimento antiguerra pós-eleição de Richard Nixon, principalmente entre os liberais. Entre os radicais, a desagregação, devido a divisões internas, basicamente decretavam o fim do SDS, o que abala a Nova Esquerda estadunidense como um todo. Assim sendo, abriu-se o espaço para uma hegemonia liberal com a criação do *Vietnam Moratorium Committee* – ainda em 1968 – por ex-assessores do senador Eugene McCarthy, que haviam trabalhado durante a sua pré-campanha presidencial. O comitê buscava se concentrar em ações efetivas para acabar com a Guerra do Vietnã, sem dar enfoque a outras questões que, segundo o seu presidente Sam Brown, haviam enfraquecido o movimento antiguerra pacifista até então. Para ele, muitos apoiadores da paz no Vietnã, eram desconsiderados como relevantes para a opinião pública dos Estados Unidos graças aos “cabeludos, manifestantes universitários” e por diversos outros tipos de elementos que irritavam aqueles que defendiam “os valores da classe média americana”. Para Brown, ganhar o americano médio, que tinha nas mãos o equilíbrio do poder, era essencial.²⁸⁴ Na edição publicada no dia 10 de outubro de 1969, o *Barb* anunciava para o dia 15 de outubro a realização do primeiro protesto em massa contra a política da administração Nixon, organizado pelo *Vietnam Moratorium Committee*. O evento era organizado por políticos como o senador Fred Harris, do Estado de Oklahoma e o senador George McGovern, do Estado de Dakota do Sul. Toda organização do protesto estava nas mãos dos pacifistas liberais, sem a participação de radicais.

Na edição do dia 17 de outubro, o *Barb* realizou a cobertura dos protestos do *Vietnam Moratorium*, tecendo críticas a eles²⁸⁵:

Usando métodos que já eram comprovadamente inadequados há seis anos atrás, quatro a cinco mil pessoas andaram através das ruas chuvosas de São

²⁸⁴ HALL, op. cit. 2012, p.37.

²⁸⁵ Cabe ressaltarmos que essa cobertura ocorreu após a venda do *Berkeley Barb*, que trouxe consigo várias mudanças na linha editorial do periódico, conforme relatado no capítulo anterior

Francisco ontem, para demonstrar sua oposição à envelhecida Guerra do Vietnã. [...] Para algumas pessoas, a ação do *Moratorium* estava sem dúvida presa à nostalgia. [...] Mas não era como nos velhos tempos, era? Onde estava Norman Mailer? Onde estavam Peter Paul and Mary cantando “Blowin in the Wind”?²⁸⁶

Os protestos antiguerra ocorreram no centro de recrutamento de São Francisco, remetendo àqueles protestos anteriores anti-recrutamento que aconteciam principalmente no centro de recrutamento de Oakland. Sem nenhum caso relatado de violência policial, o protesto se dispersou após um membro da “Guarda Vermelha de Chinatown”, citar Mao Tsé-Tung, dizendo que o único modo de acabar com a guerra seria através de “mais guerra” e que para derrubar armas, você teria que pegar em armas, os manifestantes gritavam “Não, não, não”.²⁸⁷ Em Berkeley, alguns acreditavam que os protestos do dia 15 de outubro trariam o movimento antiguerra de volta. Fazendo parte dos protestos do *Vietnam Moratorium*, uma ação do *Student Mobilization Committee*, iniciou-se com um comício com cerca de 9 mil pessoas. Após o comício, houve uma marcha organizada pela *Radical Student Union*, que se juntou a estudantes secundaristas em direção ao *campus* da Universidade da Califórnia e depois se espalhou ao distrito comercial da cidade, segundo relatado no *Barb*.²⁸⁸

A cobertura das ações relacionadas ao *Vietnam Moratorium Committee*, continuou nas próximas edições, mas de maneira distanciada, relatando alguns fatos, com comentários dos articulistas, sem demonstrar envolvimento com aquilo que estava sendo noticiado, de acordo com a linha editorial que o *Berkeley Barb* passou a ter após a venda e a saída de Max Scherr da edição do jornal. Mesmo assim, retomando a tradição de divulgação das atividades antiguerra, o *Barb* publicou, no dia 30 de novembro, uma página inteira informando as atividades que ocorreriam durante as manifestações antiguerra marcadas para o dia 15 de novembro. Nos surpreendemos pelo tamanho do espaço dado para essas manifestações e por quão completo estavam descritas as ações que aconteceriam naquele dia. Sob a manchete “Acabe com a guerra agora, Sr. Nixon, ou o povo irá acabar com o seu governo”, o jornalista Paul Cantor apresentou de maneira detalhada os eventos, informando endereços e horários das principais ações que iriam ser realizadas na região da Baía de São Francisco, além de informar também sobre o protesto que organizado em Washington (figura 32). Na edição publicada no dia 14 de

²⁸⁶ “Using methods proven to be inadequate six years ago, four to five thousand people tramped through San Francisco's rainy streets yesterday to demonstrate their opposition to the aging Vietnam War. [...] For some people the Moratorium action was no doubt trapped in nostalgia. [...] But it's not like the old days is it? Where's Norman Mailer? Where's Peter, Paul and Mary singing ‘Blowin’ in the Wind’?” **Berkeley Barb**, Berkeley, 17 de outubro de 1969, p.10.

²⁸⁷ Ibid.

²⁸⁸ Ibid.

O *Berkeley Barb* trouxe a cobertura desses protestos na edição do dia 21 de novembro, relatando a presença de manifestantes no *campus* da Universidade da Califórnia em *Berkeley* e também em São Francisco, onde realizou-se uma marcha com um número maior de manifestantes. Nos chamou a atenção uma das reportagens que continha uma descrição mais completa dos fatos que ocorreram naquele dia, com a menção de todos que discursaram e com pequenos trechos de seus discursos, bem como a lista de artistas que se apresentaram nos protestos. Também foi enfatizada a presença de diversos líderes e de participantes engajados no movimento negro. Outro detalhe foi a ausência de casos de violência policial e de confrontos graves entre policiais e manifestantes.

A diminuição de notícias a respeito de grandes protestos antiguerra nos últimos meses de 1969, retratava um certo sentimento de desalento entre os ativistas pacifistas antiguerra, assim como havia ocorrido no Movimento como um todo. No dia 3 de novembro de 1969 foi nacionalmente televisionado um discurso do presidente Nixon, no qual ele defendia “uma paz através de negociações” em relação ao Vietnã, ao mesmo tempo que evocava um patriotismo e criticava os opositores à guerra: “o Vietnã do Norte não pode derrotar ou humilhar os Estados Unidos, só os americanos podem fazer essas duas coisas.” Nixon conseguiu, naquele momento, trazer a frente doméstica da guerra para seu lado. Uma pesquisa apontou que, após esse discurso, 77% dos entrevistados concordavam com a política de Nixon em relação ao Vietnã e seis pessoas em cada sete, acreditavam que os protestos antiguerra acabaram atrapalhando as perspectivas de paz.

O fato que iria mudar o apoio a Richard Nixon em relação à sua política no Vietnã, foi a divulgação do chamado “Massacre de My Lai”. Diversos relatos, denúncias e fotografias mostravam as atrocidades cometidas por um batalhão de soldados de infantaria do Exército dos Estados Unidos. Centenas de idosos, mulheres e crianças da aldeia de My Lai foram executados pelos soldados estadunidenses, causando indignação em boa parte da opinião pública dos Estados Unidos. Os fatos ocorridos em março de 1968 estavam tornando-se públicos em novembro de 1969. Interessante notarmos que a divulgação do massacre de My Lai está intrinsecamente ligada a existência da mídia independente no país. A reportagem sobre as ações das forças armadas estadunidenses na aldeia foram primeiramente publicadas pelo *Dispatch News Service*, uma agência de notícias independente que havia sido criada no ano anterior por alguns jovens jornalistas, buscando cobrir a Guerra do Vietnã e fornecer reportagens sobre o conflito. Seymour Hersh, o autor da reportagem, ex-repórter da *Associated Press*, havia tentado vender sua matéria para as revistas *Look* e *Life*, mas não obteve sucesso. A reportagem passou

meses sem ser publicada, circulando informalmente no meio jornalístico, até que ele conseguiu publicar no *Dispatch News Service*.²⁸⁹

Apesar do governo ter tentado sustentar que o ocorrido era um evento isolado, parte dos estadunidenses começaram a se indagar se o massacre não era a regra na atuação dos Estados Unidos na região e não a exceção. A virada e um ressurgimento do movimento antiguerra como consequência das denúncias relacionadas ao Massacre de My Lai, só seriam sentidos em 1970.

²⁸⁹ ARMSTRONG, op. cit., p.113.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo afirmou Anthony Ashbolt:

O *Barb*, nos breves anos em que foi um dos principais jornais *underground* dos Estados Unidos, desempenhou um papel importante no desenvolvimento da comunidade radical de Berkeley, fornecendo informações e análises, reunindo cultura e política e ajudando a moldar a identidade do radicalismo local.²⁹⁰

A análise do jornal *Berkeley Barb* que procuramos empreender em nossa dissertação, partiu do objetivo de perceber o jornal como um agente ativo dentro do Movimento durante os anos 1960 nos Estados Unidos e, mais especificamente, como ator participativo e protagonista das ações do movimento anti-Guerra do Vietnã. Nosso intento não estava voltado somente ao exame e à apreciação da cobertura realizada pelo jornal a respeito desse assunto em específico e sim, buscamos também apresentá-lo de uma maneira abrangente, caracterizando o cenário da imprensa *underground* estadunidense dos anos 1960, inserindo o *Berkeley Barb* dentro do panorama de mudanças sociais, políticas e culturais que configuraram um momento único na história dos Estados Unidos.

Inicialmente, apresentamos no primeiro capítulo o cenário de composição da imprensa *underground* na década de 1960, fornecendo uma breve explicação do surgimento e da ação de uma imprensa alternativa dentro da história dos Estados Unidos. Na sequência, nós mostramos os antecedentes logo anteriores ao surgimento da imprensa *underground*, apresentando os principais jornais da primeira geração *underground* e, mais especificamente, o *Berkeley Barb*. Nós contextualizamos a criação do *Barb*, dando um panorama da cidade de *Berkeley* que emergia na dianteira das mobilizações vinculadas ao Movimento, a partir do *campus* da Universidade da Califórnia e que, com os estudantes universitários na dianteira, pulsava e reverberava por toda a cidade.

No segundo capítulo, nos dedicamos à análise das edições do jornal, expondo as características do *Berkeley Barb*, sua linha editorial, as escolhas dos aspectos formais pelos quais o jornal se apresentava, o tipo de cobertura que realizava, as posições que expressava em seus artigos, colunas e reportagens, as soluções que escolheu para seus anunciantes, os grupos que ele apoiava e que tiveram maior ou menor espaço no período, etc. No último capítulo buscamos analisar a cobertura dos protestos anti-Guerra do Vietnã, fornecendo um histórico do movimento pacifista antiguerra dentro dos Estados Unidos, que culminou na formação dos

²⁹⁰ ASHBOLT, op. cit., p.65.

grupos que, no seu conjunto, compunham o movimento anti-Guerra do Vietnã. Para entendermos essa formação, demos ênfase no desenrolar dos eventos que tiveram como consequência o escalonamento do envolvimento militar dos Estados Unidos no Sudeste asiático. Ato contínuo, fizemos a exposição e a análise da cobertura que o *Berkeley Barb* realizou dos protestos anti-Guerra do Vietnã, ao mesmo tempo que destacávamos os acontecimentos, fatos, mudanças e principais aspectos dos grupos e dos personagens proeminentes que se dedicavam à oposição à Guerra do Vietnã.

Ao examinarmos as reportagens e artigos contidos no *Berkeley Barb*, invariavelmente surgiam indagações a respeito do porquê o jornal fazia determinadas escolhas em relação a quais notícias, fatos e acontecimentos decidiriam realizar uma cobertura e levar ao público, ou a razão pela qual davam atenção a determinados grupos ou pessoas, como por exemplo o *Vietnam Day Committee* e Jerry Rubin. Dificilmente conseguimos confirmar sem nenhuma dúvida, as justificativas das opções realizadas pelo *Barb* em detrimento a outras, mas, ao mesmo tempo, com a exaustiva apreciação das edições sequencialmente, fomos capazes de mapear um caminho que dava um certo sentido a essas escolhas. Alguns fatos acabavam colocando luz nessa intencionalidade do *Barb*, como por exemplo a opção de não repercutir a morte de Martin Luther King, em um momento que o jornal se dedicava a cobrir as ações do *Black Panther Party* (grupo que tecia abertamente críticas a algumas formas de atuação de King), ou de não abordar eventos vinculados ao ativismo contracultural ou de costumes dos *hippies*, como ocorreu com a ausência de reportagens a respeito do festival de música de Woodstock em 1969, em um momento que o *Barb* se mostrava mais crítico ao ativistas radicais contraculturais.

Durante o transcorrer de nossa pesquisa, percebemos o *Berkeley Barb* como um jornal com um propósito, portador de uma função que estava acima da simples informação ou comunicação dos fatos. Longe de evocarmos uma pretensa objetividade e imparcialidade na cobertura dos fatos, sabendo de antemão que dentro da escrita jornalística ela não existe, havia sim uma questão que perpassou a nossa análise do *Berkeley Barb*: a de nos atentar para o fato de que certas reportagens pudessem ser exageradas ou mesmo ter um conteúdo falso, a fim de melhor colaborar para as pautas e bandeiras do Movimento. Não coube em nossa pesquisa fazer um juízo de valor a respeito do conteúdo publicado ou proceder comparações ou checagem de fatos. O nosso objetivo era a cobertura realizada pelo *Barb* por ela mesma, independentemente se havia a possibilidade de constar em alguma reportagem alguma informação distorcida. Mas, de qualquer maneira consideramos a possibilidade de que o *Barb*, mais comprometido com o ativismo do que com o jornalismo, poderia ter publicado algum conteúdo distorcido. Raymond Mungo chegou a afirmar sobre essa questão da “verdade” dentro da imprensa *underground*, mas

especificamente a agência LNS, “que qualquer um dentro da LNS, poderia conscientemente distorcer os fatos, em uma tentativa de transmitir algum tipo de moral, simbólica ou impressionante verdade.”²⁹¹

O *Berkeley Barb* foi concebido com uma finalidade clara: ele era um instrumento de militância pessoal de Max Scherr. Ativo politicamente, conforme mostramos no segundo capítulo, atuante no ambiente sindical e universitário em outros momentos de sua vida, dentro do cenário dos anos 1960 em Berkeley, Max pensou no *Barb* como uma forma de prosseguir com sua atuação militante, dentro de um outro contexto histórico. Não havia um compromisso de Scherr com um jornalismo formal, ou com uma ética jornalística advinda de teorias da comunicação social. O *Barb* era seu jornal e ele o usava em prol de suas ideias. Max chegou a afirmar em um tom bem humorado:

Nós plantávamos pequenos artigos no jornal dizendo: “Há um rumor que algo acontecerá na *Telegraph Avenue* na sexta-feira às duas horas”. Então as pessoas apareciam na sexta-feira às duas horas para ver o que iria acontecer, daí alguém dizia: “Hey, vamos fechar a rua”, então, alguma coisa acabava acontecendo.²⁹²

Scherr nunca teve a pretensão de atingir o êxito e o alcance que o *Barb* acabou logrando e, mesmo após obter importância e reconhecimento, o jornal continuou intimamente ligado ao seu criador. As tensões decorrentes da centralização editorial do periódico na sua figura, acabaram culminando, no ano de 1969, em uma situação insustentável para aqueles que trabalhavam e colaboravam com o *Barb*, ao ponto de procederem a greve que resultou na saída de muitos participantes que se juntaram e criaram um outro jornal concorrente, o *Berkeley Tribe*. O impacto desse tensionamento entre funcionários e Max Scherr foi tamanho, que acabou resultando na venda do *Berkeley Barb*.

Percebemos, assim, que a intencionalidade de Max Scherr em criar o *Berkeley Barb* em “intervir na vida social” era usar o *Barb* como um instrumento de divulgação e defesa das ideias político-sociais com as quais tinha simpatia. Ao iniciarmos nossa pesquisa, as primeiras observações que tivemos partia do *Barb* como um divulgador das ações do Movimento, como um colaborador a fim de auxiliar na divulgação dos fatos e, posteriormente, reportar os acontecimentos, a partir de um viés alinhado ao Movimento.

A imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social. Partindo desse pressuposto, o historiador procura estudá-lo como agente da história e captar o movimento vivo das ideias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais. A categoria abstrata

²⁹¹ MCMILLIAN, op. cit., p.95.

²⁹² Ibid., p. 76.

imprensa se desmistifica quando se faz emergir a figura de seus produtores como sujeitos dotados de consciência determinada na prática social.²⁹³

O que pudemos perceber com o transcorrer das nossas observações, é que conseguimos definir o *Barb* como responsável por reverberar as ações e fatos ligados ao ativismo naquele período. Em relação aos protestos anti-Guerra do Vietnã, percebemos que mais até do que divulgar e repercutir os protestos, o jornal era um prolongamento das mobilizações, a partir de um ponto de vista privilegiado tendo, como característica adicional, poder denunciar um dos fatos mais presentes em mobilizações: a brutalidade policial.

Além disso, uma das facetas do *Barb*, foi ter estado na vanguarda da comunicação *underground* do período, pois para muitos leitores, o *Berkeley Barb* havia sido o primeiro veículo de comunicação voltado ao pensamento dissidente que tiveram contato nacionalmente. A fama da cidade ajudava a impulsionar a repercussão do jornal:

David Armstrong [...] relembrou um momento de epifania quando era um estudante na Universidade de Syracuse. Ele pegou "um pequeno periódico semanal publicado na costa oeste chamado *Berkeley Barb*". Foi o primeiro jornal que ele leu que cobria fatos como a Guerra do Vietnã, a questão do recrutamento e o Movimento *Black Power* "de uma maneira que se aproximava da intensidade e urgência" que ele e seus amigos sentiam.²⁹⁴

Em sua obra *A Trumpet to Arms*, Armstrong (que chegou a ser editor do *Barb* entre 1975 e 1976), afirmou:

O *Barb* era diferente de qualquer jornal que eu já tinha visto. Em contraste com a grande mídia, que dava certo apoio suspeito aos líderes negros "ajuizados" que esperavam o tempo certo e trabalhavam para alcançar a reforma por meio dos canais convencionais, o *Barb* apoiava o movimento *Black Power*, insistindo que a libertação, e não apenas os direitos civis legais, era o objetivo adequado para as pessoas de todas as raças. O *Barb* também se opôs fortemente à guerra. Os artigos escritos tratavam a respeito dos opositores ao recrutamento, dos soldados que se recusavam a ir à guerra – sendo muitos dos artigos escritos por essas pessoas – em contraste com os religiosos liberais que também eram dissidentes, só que mais "gentis", que apareciam nas principais páginas dos tradicionais jornais diários. O *Barb* não negligenciou a frente cultural. Uma edição anunciou o próximo Festival Pop de Monterey, onde dezenas de milhares de jovens se reuniram pela primeira vez para ouvir músicas raramente tocadas em rádios comerciais e que nunca eram levadas a sério pelos meios de comunicação de massa. A leitura do *Barb* e dos outros jornais *underground*, atestavam o que muitas pessoas, como meus amigos e eu, sentíamos. Eles validavam nossa existência em uma sociedade saturada pela mídia, na qual, para muitos, o significado dos movimentos e das ideias ocupava um espaço mínimo nas colunas dos jornais e nos noticiários da televisão. Como os meios de comunicação de massa retratavam os radicais políticos e culturais sob uma luz nada lisonjeira, a mídia *underground* surgia para preencher uma lacuna de credibilidade jornalística. Os Estados Unidos

²⁹³ CAPELATO, op. cit., p.21.

²⁹⁴ MCMILLIAN, op. cit., p.7.

estavam mudando de uma maneira irresistível, e essas novas mídias *underground* foram catalisadoras dessas mudanças.²⁹⁵

Outro ponto que tomamos cuidado ao proceder nossa pesquisa, foi colocar em perspectiva as consequências e os resultados dos protestos, mobilizações e ações do Movimento em geral. Muitas vezes, diversas obras que versam sobre o tema foram escritas por autores que eram ativos participantes do Movimento. Sendo assim, havia um risco sempre presente de que os resultados e os efeitos dos protestos fossem supervalorizados, a partir da criação de relações de causa e consequência que poderiam não corresponder totalmente aos fatos. Em relação aos protestos anti-Guerra do Vietnã, isso poderia ocorrer de uma forma mais clara, haja vista que havia uma consequência posta que poderia ser atribuída direta ou indiretamente aos protestos e mobilizações: o final da guerra alguns poucos anos após o término do período que estudamos. Além disso, foi facilmente visualizada uma clara mudança de posicionamento da opinião pública estadunidense em relação ao apoio aos esforços de guerra do país. Com o passar do tempo e com a divulgação de alguns fatos, como por exemplo o massacre de My Lai, que citamos no capítulo anterior, era claramente perceptível e também confirmado por pesquisas de opinião, que havia um paulatino aumento de cidadãos estadunidenses que passavam a se opor à Guerra do Vietnã.

Essa relação de causa e efeito, em que, a partir do aumento do ativismo e dos protestos antiguerra há uma mudança de posicionamento da opinião pública é amplamente debatida. Há alguns dados que podem ser usados para corroborar com a tese de que as manifestações influenciaram a opinião pública estadunidense a tomar uma posição contrária à Guerra do Vietnã (figura 33).

²⁹⁵ ARMSTRONG, op. cit., p.17.

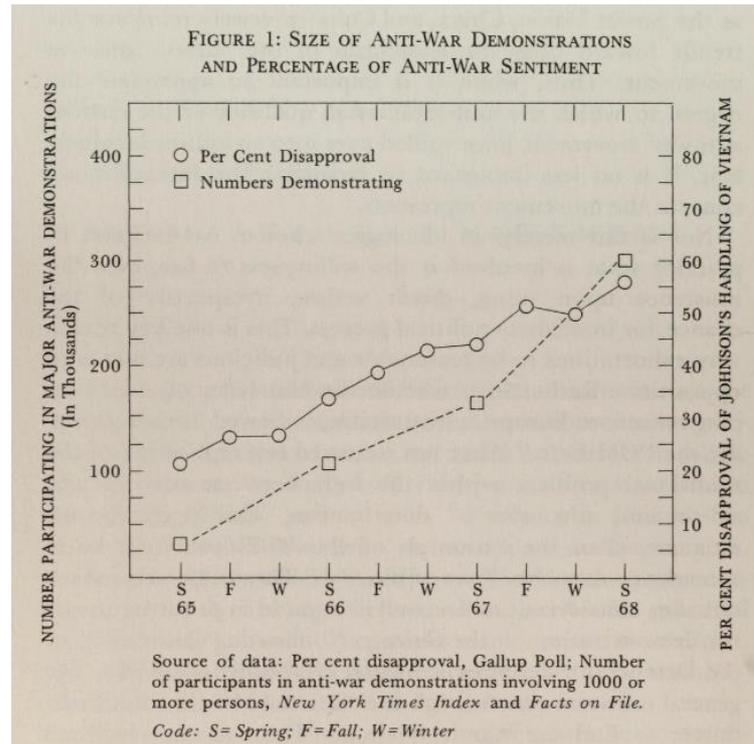


Figura 33: Gráfico que compara o número de participantes em protestos anti-Guerra do Vietnã (linha tracejada, marcada pelos quadrados, com o número de manifestantes em milhares de pessoas na linha vertical à esquerda) em relação à porcentagem de pessoas que desaprovavam a política de Lyndon Johnson em relação à Guerra do Vietnã (linha contínua, com a marcação em círculos e com o número percentual de desaprovação na linha vertical à direita), no intervalo entre o verão de 1965 e o verão de 1968 (linha horizontal). HOROWITZ, Irving Louis. **The Struggle is the Message: The Organization and the Ideology of the Anti-War Movement.** Berkeley: The Glendessary Press, 1970, p.20.

Por outro lado, há aqueles que colocam a rejeição da opinião pública aos protestos e manifestações, e ao Movimento como um tudo, como um fator que prejudicava o crescimento da oposição à Guerra por parte do americano médio. Esse repúdio era alimentado, conforme mostramos anteriormente, por uma assídua associação do pensamento dissidente, ao comunismo e ao antiamericanismo, o que, por si só, bastava para que houvesse um sentimento de reprovação por grande parte dos estadunidenses.

Não nos cabe definirmos quais das duas visões está correta, mas sim que, dentro da complexidade de eventos e formas de pensar que constituiu os Estados Unidos na década de 1960, grande parte de sua população não passou incólume diante dos protestos organizados e das ações do movimento anti-Guerra do Vietnã e, de alguma maneira, acabou tomando algum tipo de posição em relação a eles.

Ao pesquisarmos as edições do *Berkeley Barb* entre 1965 e 1969, conseguimos ter uma visão ampla da representatividade de um meio de comunicação dentro desse complexo contexto sócio-político estadunidense no século XX. A exposição dos assuntos e a correlação com os fatos e acontecimentos da época expressos no jornal através das coberturas que realizava, assim como as paulatinas mudanças na linha editorial e no enfoque dado a alguns assuntos específicos que conseguimos perceber com o passar das edições, nos fez percebermos as diversas nuances e disputas dentro do Movimento, que muitas vezes é visto e analisado de maneira hermética.

Ao focarmos nos protestos antiguerra do Vietnã, oferecendo também uma descrição da complexidade do desenvolvimento que o movimento pacifista antiguerra teve durante décadas nos Estados Unidos, conseguimos identificar também a importância dos meios de comunicação *underground*, utilizando o *Berkeley Barb* como exemplo, dentro da divulgação e da cobertura de protestos, mobilizações e manifestações, se sobrepondo a um tipo de cobertura oferecida pela grande mídia do país, e contribuindo, também, para a expressão de um pensamento dissidente que, em alguma medida, conseguiu lograr êxito no desenvolvimento de um pensamento progressista e na busca por mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais nos Estados Unidos, reverberando a diversos outros países e culturas pelo mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANCHONDO, Gus, "A Three Part Analysis of the Antiwar Movement during the Vietnam War" (2016). **Dissertations, Theses, & Student Research, Department of History**. Disponível em: <http://digitalcommons.unl.edu/historydiss/88/> Acesso em: 11 de julho de 2018
- ANDERSON, David L. **The Columbia Guide to the Vietnam War**. New York: Columbia University Press, 2002.
- ANDERSON, Terry H.. **The Movement and the Sixties: Protest in America from Greensboro to Wounded Knee**. New York: Oxford University Press, 1995.
- ARMSTRONG, David. **A trumpet to arms**. Los Angeles: J. P. Tarcher, 1981.
- ARMSTRONG, Elizabeth. **Forging gay identities: organizing sexuality in San Francisco, 1950-1994**. Chicago: University of Chicago Press, 2002
- ASHBOLT, Anthony. **A Cultural History of The Radical Sixties in The San Francisco Bay Area**. New York: Routledge, 2013.
- BATTERSON, Steve. **Stephen Smale: the mathematician who broke dimension**. Providence: American Mathematical Society, 2011.
- BEEL, Joyce Marie. **The Black Power movement and American social work**. New York: Columbia University Press, 2014, pp. 34-35.
- BOLTON, Kingsley; OLSSON, Jan (Ed.). **Media, popular culture, and the American century**. Lund: Mediehistoriskt Arkiv, 2010.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da Mídia: de Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: História e imagem**. Bauru: EDUSC, 2004.

BURNER, David. **Making Peace with The Sixties**. Princeton: Princeton University Press, 1996.

CALONGA, Maurilio Dantielly. O jornal e suas representações: Objeto ou fonte da história. **Comunicação & Mercado/UNIGRAN** - Dourados - MS, vol. 01, n. 02 – edição especial, p. 79-87, nov. 2012.

CAMPOS, Raquel; SALOMON, Marlon. Do mundo como representação à multiplicidade das formas de representação do passado: uma conversa com Roger Chartier. **História da Historiografia**, v. 22, p. 296-319, 2016.

CAPELATO, Maria Helena. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Uma introdução à História**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

CARSON, Clayborne. **In Struggle: SNCC and the Black Awakening of the 1960s**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1981.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 296.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2015.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

CHATFIELD, Charles. At the Hands of Historians: The Antiwar Movement of the Vietnam Era. **Peace & Change**, Omaha, v. 29, n. 34, p.483-525, July 2004.

CITELLI, Adilson (et al.) (org.). **Dicionário de Comunicação: escolas, teorias e autores**. São Paulo: Contexto, 2014.

COHEN, Allen. “A New Look at The Summer of Love”, 1995. Disponível em:
<<https://web.archive.org/web/20030301191305/http://www.net.info.nl/cohen/>> Acesso em:
25 de julho de 2018.

COHEN, Robert; ZELNIK, Reginald E. (Ed.). **The Free Speech Movement: Reflections on Berkeley in the 1960s**. Berkeley: University of California Press, 2002.

COTTRELL, Robert C. **Sex, drugs and rock 'n' roll: The rise of America's 1960s counterculture**. New York: Rowman & Littlefield, 2015, p. 271.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na Oficina Do Historiador: Conversas Sobre História e Imprensa. **Projeto História**, São Paulo, nº 35, dez. 2007, p. 253-270.

DAVIS, James Kirkpatrick. **ASSAULT ON THE LEFT: The FBI and the Sixties Antiwar Movement**. Westport: Greenwood Publishing Group, 1997.

DEBENEDETTI, Charles. **An American Ordeal: the antiwar movement of the Vietnam era**. Syracuse: Syracuse University Press, 1990.

ENNE, Ana Lucia. Juventude como espírito do tempo, faixa etária e estilo de vida: processos constitutivos de uma categoria-chave da modernidade. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 20, n. 7, p.13-35, nov. 2010.

FARBER, David. **The Sixties: from memory to history**. Chapel Hill: The University Of North Carolina Press, 1994, p. 225

FENDRICH, James Max. The Forgotten Movement: The Vietnam Antiwar Movement. **Sociological Inquiry**, v. 73, n. 3, p.338-358, Aug. 2003.

FERNANDES, Márcia Gomes. **O esquadrão da Morte de São Paulo e a Imprensa paulista: um estudo sobre o Jornal da Tarde, O Estado de São Paulo e a Folha de São Paulo (1968 - 1978)**. 2018. 209 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

FORACCHI, Marialice Mencarini. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo: EDUSP, 1972.

FREEMAN, Jo. **At Berkeley in the sixties: the education of an activist, 1961-1965**. Bloomington: Indiana University Press, 2004.

GITLIN, Todd. **The Sixties: Years of Hope, Days of Rage**. New York: Bantam Book, 1993.

_____. **The whole world is watching** mass media in the making & unmaking of the New Left. Berkeley: University of California Press, 2003.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.

GOSSE, V. **The Movements of the New Left, 1950-1975: A Brief History with Documents**. Boston: Bedford/St. Martin's, 2005, pp. 49-51.

HALL, Mitchell K.. The Vietnam Era Antiwar Movement. **Oah Magazine of History**, Bloomington, v. 5, n. 18, p.13-17, Oct. 2004.

HALL, Simon. **Peace and Freedom: The Civil Rights an Antiwar Movements in the 1960s**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2006.

_____. **Rethinking the American anti-war movement**. New York: Routledge, 2012, p.5.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOROWITZ, Irving Louis. **The Struggle is the Message: the Organization and the Ideology of the Anti-War Movement**. Berkeley: The Glendessary Press, 1970.

INGELHART, L. E. **Press and speech freedoms in America, 1619-1995: a chronology**. Westport: Greenwood Publishing Group, 1997.

ISSERMAN, Maurice; KAZIN, Michael. **America Divided: the civil war of the 1960s.**New York: Oxford University Press, 2000.

JOSEPH, Pat. **Sex, Drugs, Revolution: 50 Years On, Barbarians Gather to Recall the Berkeley Barb.** Disponível em: <<https://alumni.berkeley.edu/california-magazine/just-in/2015-08-11/sex-drugs-revolution-50-years-barbarians-gather-recall>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

KAISER, Charles. **1968 in America: Music, politics, chaos, counterculture, and the shaping of a generation.** New York: Grove Press, 1988.

KIM, Inga. “The 1965-1970 Delano Grape Strike and Boycott”. Disponível em: <<https://ufw.org/1965-1970-delano-grape-strike-boycott/>> Acesso em: 5 de agosto de 2018.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa.** São Paulo: EDUSP, 2003.

LAMPERT, Nicolas. **A people’s art history of the United States: 250 Years of Activist Art and Artists Working in Social Justice Movements.** New York: The New Press, 2015.

LEAMER, L. **The Paper Revolutionaries.** New York: Simon and Schuster, 1972.

LOWE, Michael. Radical Action and a National Antiwar Movement: The Vietnam Day Committee. In: **Western Illinois Historical Review.** Vol. IV, Spring 2012.

LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2005.

LUSTOSA, Elcias. **O texto da notícia.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **Imprensa e cidade.** São Paulo: Editora Unesp, 2006.

MCMILLIAN, John. **SMOKING TYPEWRITERS: The Sixties Underground Press and the Rise of Alternative Media in America.** New York: Oxford University Press, 2011.

MENAND, Louis. It Took a Village: How the Voice changed journalism. **The New Yorker**, New York, 05 jan. 2009. Disponível em:
<<https://www.newyorker.com/magazine/2009/01/05/it-took-a-village>>. Acesso em: 09 de julho 2018.

MOSS, George Donelson. **Vietnam, an American ordeal.** New York: Routledge, 2016.

MORGAN, Jo-Ann. **The Black Arts Movement and the Black Panther Party in American Visual Culture.** Nova York: Routledge, 2019.

OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento social do Século XX.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

PECK, Abe. **Uncovering the Sixties: The Life and Times of The Underground Press.** New York: Citadel Press, 1991.

PITCHER, Michelle. “A brief history of sexual liberation, orgies at UC Berkeley” **The Daily Californian**, Berkeley, 13 de fevereiro de 2015. Disponível em:
<<http://www.dailycal.org/2015/02/13/brief-history-sexual-liberation-orgies-uc-berkeley/>>
Acesso em: 29 de julho de 2018.

PRADO, Maria Lígia; CAPELATO, Maria Helena. **O bravo matutino: Imprensa e ideologia no jornal 'O Estado de São Paulo'.** São Paulo: Alfa-ômega, 1980.

RORABAUGH, W. J.. **Berkeley at war: the 1960s.** New York: Oxford University Press, 1989.

ROSZAK, Theodore. **THE MAKING OF A COUNTER CULTURE.** New York: Anchor Books, 1969.

RUVINSKY, Maxine. **The Underground Press of the Sixties.** 1995. 350 f. Tese (Doutorado) – Philosophy – Comparative Literature Program, McGill University, Montreal, 1995.

SHERMAN, Jake Noah. **THE AMERICAN NEW LEFT AND ITS 'NEW MEDIA'**. 2014. 83 f. Thesis - Bachelor of Arts, The University of British Columbia, Okanagan, 2014.

SCHERR, Raquel. La Japonesa. In: LAFRANCE, Daniele; MERGOLIN, Malcolm (Ed.). **Berkeley! : a literary tribute**. Berkeley: Heyday Books, 1997. p. 74-76.

SHERIEF, Semira. "Berkeley's historic Caffè Mediterraneo changing ownership". **The Daily Californian**, Berkeley, 13 de novembro de 2016. Disponível em: <<http://www.dailycal.org/2016/11/13/berkeleys-historic-caffe-mediterraneum-changing-ownership/>> Acesso em: 10 de julho de 2018.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de jornalismo impresso**. Porto: Letras Contemporânea, 2005.

SOUSA, Rodrigo Farias de. **A Nova Esquerda americana: De Port Huron aos Wethermen (1960-1969)**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

STREITMATTER, Rodger. **Spirit of Revolt: The Dissident Press in America**. Nova York: Columbia University Press, 2001.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.

VIORST, Milton. **Fire in the streets: America in the 1960s**. New York: Touchstone, 1981.

WELLS, Tom. **The War Within: America's Battle Over Vietnam**. Los Angeles: University of California Press, 1994.

WHITE, Dan. **In San Francisco, Where Flower Power Still Blooms**. 2009. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2009/01/09/travel/escapes/09american.html>>. Acesso em: 25 de julho de 2018.

WITTNER, Lawrence S.. **Rebels Against War: The American Peace Movement, 1941-1960.** Nova York: Columbia University Press, 1969.

ZINN, Howard. **A People's History of The United States.** New York: Harper Perennial, 1992.